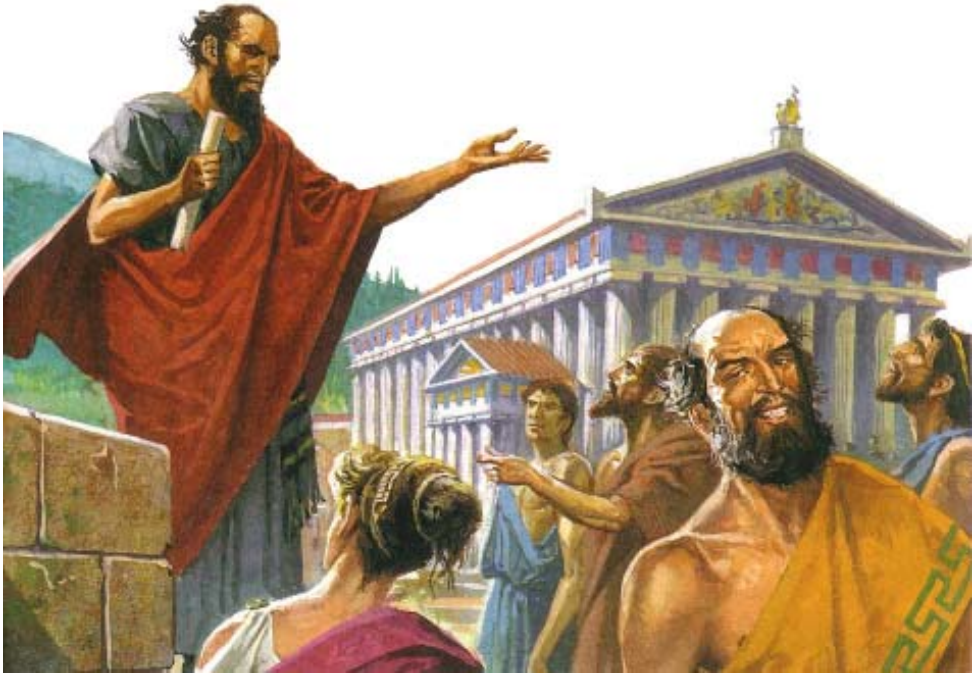
Seitas e Religiões

Livro 14

Edson de Almeida e Franzen



Seitas e Religiões

Livro 14

Edson de Almeida e Franzen

Todos os direitos reservados - Copyright © 1998-2010
É permitida a reprodução de partes ou total deste livro, desde que citados os nomes do Livro, do Autor e do site: www.teologiapelainternet.com.br.

Direitos reservados à
Net Brazil Soluções Globais de Informática e www.teologiapelainternet.com.br
Fone: (41) 9634-4435 TIM e (41) 8486-2264 Oi - BrTelecom - Guaratuba (PR)
E-Mail: pstvirtual@yahoo.com.br ou ainda webmaster@nbz.com.br
Internet: http://www.nbz.com.br ou http://www.nbz.com.br/abibliadoreino

No endereço eletrônico www.teologiapelainternet.com.br, você encontra os índices de todos os livros da coleção que já foram edit ados. Você poderá adquirir através de um pequeno investimento, o **DVD A Bíblia do Reino volume 3** com número não inferior a 35 dos últimos livros da coleção A Bíblia do Reino, além de:
- 62 Bíblias de pesquisa, muitas delas com fotos, mapas e dicionários.
- Mais de 800 cursos variados, como Informática, Administração, Qualidade, História, Fotografia, Violão, Teclado, Artesanato, Educação Ambiental, Marketing, Serigrafia, Normas ABNT, Mágicas...
- 1700 pregações e ilustrações, 4500 estudos bíblicos, 6466 letras de hinos (muitos cifrados).
- 500 outros textos cristãos e de autoajuda, inclusive em Power Pointer ...
- Programas utilitários (SEI - Sistema de Administração Eclesiástica versão 3.96, e o programa EasiSlides Brasil p ara projeção no dat ashow...).
- Mais de 20.000 figuras, das quais mais de 2000 são cristãs, e mais de 200 são mapas bíblicos.
É a Maior Biblioteca Cristã do Brasil. Bast a ir no endereço: http://www.nbz.com.br/abibliadoreino

Colaboração
Rev. Heinz Siegfried Franzen

Arte e Diagramação
Rev. Edson A. Franzen

Primeira Edição - Outubro/1999
Edição Digital - Nov/2003, Mar/2008, Dez/2009 e Nov/2010

Nota: Salvo menção em contrário, as referências bíblicas constam da tradução de João Ferreira de Almeida, versão Atualizada segundo os Melhores Textos Gregos e Hebraicos da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

ÍNDICE ANALÍTICO

1. INTRODUÇÃO 14

1. POR QUE EXISTEM TANTAS RELIGIÕES? 14
2. COMENTÁRIOS INICIAIS 15
3. OPERAÇÃO RESGATE 16
4. APOLOGIA DA FÉ 16
5. TODOS TÊM RAZÃO 17
   Os que Não Trabalham 17
   Os Gordos 17
   Os Negros 18
   Razão Sob Seu Ponto de Vista 18
6. A VERDADEIRA RELIGIÃO 21
7. PORQUE CONGREGAR 22
   1. Para Admoestar os Fracos na Fé 22
   2. Para Conhecer e Livrar-nos dos Homens Perversos 22
   3. Para Conhecer e nos Acautelar dos Falsos Mestres 22
   4. Estimular Uns aos Outros ao Amor e às Boas Obras 22
   5. Conclusão 23

2. RELIGIÕES 26

2.1. SEITAS JUDAICAS 26
   Jerusalém 26
   Judéia e Samaria 26
   Até os Confins da Terra 26
   Listagem das Seitas Judaicas[2] 27
2.2. CLASSIFICAÇÃO DAS RELIGIÕES 28
   1. Religiões primitivas 29
   2. Religiões superiores 29
2.3. ESTATÍSTICA DAS RELIGIÕES 31
   No Mundo 31
   No Brasil 32
   Crescimento das Religiões 33
2.4. A HISTÓRIA DO CRISTIANISMO 35
   Protestantismo 36

3. HERESIA 40

3.1. CONCEITO E ALCANCE 40
3.2. PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES HERÉTICAS 40
3.3. RIGORISMO ANTI-ROMANO 41
3.4. MOVIMENTOS RELIGIOSOS POPULARES DA IDADE MÉDIA 42
3.5. PRECURSORES DA REFORMA 43

3.6. Séculos XVI e XVII 43
3.7. Heresia no Pensamento Contemporâneo 44

4. SEITAS 46

4.1. Seita 46
4.2. Como saber se é uma Seita 46
1. O Líder 46
2. Os Membros 47
3. A Igreja 47
4. A Bíblia 47
4.3. Origem das Seitas 48
4.4. O Que é Uma Seita? 48

5. CLASSIFICAÇÃO DAS RELIGIÕES E SEITAS 52

5.1. Introdução 52
Haja Criatividade! 52
5.2. Listagem das Religiões e Seitas 53
5.3. As Verdadeiras Religiões 55
1. Anabatismo 55
2. Igreja Luterana 56
3. Igreja Anglicana 58
4. Calvinismo 59
5. Igrejas Presbiterianas 62
6. Igrejas Congregacionais 63
7. Igreja Episcopal 64
8. Igreja Batista 65
9. Huguenotes 66
10. Sociedade dos Amigos - Quacres 66
11. Menonitas 67
12. Irmãos Morávios 68
13. Igreja Metodista 69
14. Exército de Salvação 71
15. Promise Keepers - Cumpridores de Promessas 72

6. MOVIMENTOS E FILOSOFIAS 76

6.1. Animismo 76
A teoria animista 76
Críticas e vigência da teoria 76
6.2. Agnosticismo 77
Diferenças entre os termos: Agnosticismo, ateísmo e ceticismo 77
6.3. Ateísmo 78
Ateísmo na filosofia ocidental 78
Conceito filosófico e religioso 79
6.4. Deísmo 79

6.5. GNOSTICISMO 80
6.6. MANIQUEÍSMO 81
Maniqueu *81*
Doutrina *81*
Posteridade do maniqueísmo *82*
6.7. ECUMENISMO 82
Novas tendências *83*
6.8. NOVA ERA 83
Nem Tudo é Nova Era *84*
O que é *84*
A Origem *85*
Doutrina *85*
Conclusão *86*
6.9. REENCARNAÇÃO 86
O uso da Bíblia para Apoio *87*
Outras Passagens Bíblicas *87*
Doutrina *87*
Defendendo a Fé *88*

7. RELIGIÕES MUNDIAIS 90

7.1. CATOLICISMO ROMANO 90
A Contra-Reforma *91*
Funções aos "Santos" *93*
Quietismo *98*
Concílio *98*
7.2. CATÓLICOS CARISMÁTICOS 102
7.3. CATÓLICOS ORTODOXOS 103
História *103*
Doutrina *104*
Igreja Copta *106*
7.4. JUDAÍSMO 108
Judaísmo na história *108*
Período bíblico *108*
Talmude *110*
Sefarditas e Asquenazitas *110*
Doutrina *111*
Deus e o homem *112*
7.5. ISLAMISMO 113
Maomé *113*
Livros sagrados *114*
Preceitos Religiosos *114*
Festas Religiosas *115*
Divisões do Islamismo *115*
Jihad *115*

Corão ou Alcorão *115*
Zoroastrismo *116*
7.6. TAOÍSMO/CONFUCIONISMO 118
Taoísmo Filosófico *118*
Taoísmo Religioso *119*
7.7. SHINTOÍSMO OU XINTOÍSMO 119
Origens *120*
7.8. HINDUÍSMO 120
Hinduísmo Védico *121*
Hinduísmo Bramânico *122*
Reformas e Seitas *122*
Doutrina *122*
Hinduísmo e Casta *123*
7.9. BUDISMO 125
Evolução Histórica *125*
Doutrina *125*
Zen *126*
Budismo no Brasil *127*

8. RELIGIÕES CONTROVERTIDAS 130

8.1. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA 130
Doutrina *130*
Sábado ou Domingo? *130*
Escola *130*
8.2. CONGREGAÇÃO CRISTÃ 131
Assembléia + Congregação Cristã *131*
Doutrina *132*
8.3. TABERNÁCULOS DA FÉ 133
8.4. SÓ JESUS 133
8.5. VOZ DA VERDADE 133

9. RELIGIÕES PSEUDO CRISTÃS 136

9.1. IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS - MÓRMONS 136
A Divisão *136*
Doutrina *137*
Número de Praticantes *138*
9.2. TESTEMUNHAS DE JEOVÁ 138
Doutrina *139*
9.3. CIÊNCIA CRISTÃ 139
Doutrina *139*
9.4. MENINOS DE DEUS (A FAMÍLIA DO AMOR) 139
Doutrina *140*
9.5. IGREJA LOCAL DE WITNESS LEE 140
Doutrina *140*

Watchman Nee *141*
9.6. IGREJA DA UNIFICAÇÃO (MOONISMO) 141
Doutrina *142*
9.7. TESTEMUNHAS DE IEROSHUA 142
Doutrina *143*
9.8. IGREJA UNIVERSAL DE JESUS CRISTO 144
Doutrina *144*

10. RELIGIÕES ORIENTAIS 148

10.1. BRAMANISMO 148
Doutrina *148*
10.2. CONFUCIONISMO 149
Religião? *149*
10.3. FÉ BAHAI 149
Doutrina *150*
10.4. HARE KRISHNA 151
Doutrina *151*
10.5. JAINISMO 152
10.6. MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL 152
10.7. MESSIÂNICA MUNDIAL 153
Doutrina *153*
10.8. RAJNEESHISMO 153
Rajneesh, Bhagwan Shree (1931-1990) *153*
10.9. SEICHO NO-IÊ 153
Doutrina *154*
10.10. SIKHISMO 154
10.11. TANTRISMO 155
Mandala *156*

11. RELIGIÕES ESPÍRITAS 158

11.1. KARDECISMO OU ALTO ESPIRITISMO 158
Origem *158*
Doutrina *158*
Espiritismo no Brasil *159*
Quem é o "Outro Consolador"? *160*
Samuel Apareceu a Saul? *162*
Os Argumentos para I Sm 28 ..... *163*
Conclusão *165*
Como Evangelizar Espíritas *166*
11.2. ESPIRITISMO OU BAIXO ESPIRITISMO 168
11.3. LEGIÃO DA BOA VONTADE (LBV) 168
Doutrina *168*
11.4. RACIONALISMO CRISTÃO 169
11.5. SANTO DAIME 169

Sumário *169*
Enzima *169*
Mercado Negro *170*
Messianismo *170*
Quem Fundou *171*
Crime Passional *171*

12. ESPIRITISMO AFRO-BRASILEIRO 174

12.1. CANDOMBLÉ 174
Canto e Dança *175*
O Barracão Está Pronto: a Festa Vai Começar *176*
O Calendário Litúrgico *176*
Ao Som dos Atabaques, o Santo "Baixa" *177*
Sem Música, Não Existe Cerimônia *177*
As Divindades Têm Defeitos Humanos *178*
Deuses e Homens sob o Mesmo Teto *178*
Sucessão: Guerra à Vista *179*
Por Meses, o Noviço só Come Com as Mãos *179*
A Sabedoria da Morte e da Adivinhação *179*
Reza Para o Santo Católico e Vela Para o Orixá *180*
Da África ao Brasil, Uma Boa Mistura de Tipos *181*
Candomblé não é umbanda *182*
Quem É Quem (e Quem Faz o Quê) na Hierarquia de uma Casa-de-Santo *183*
As diversas fases da iniciação *183*
Os doze orixás mais cultuados no Brasil *184*
O Toque *186*
O Sacrifício *186*
A Oferenda *187*
O Padê de Exu *187*
12.2. QUIMBANDA 187
12.3. CULTURA RACIONAL 187

13. OCULTISMO OU SEITAS SECRETAS 190

13.1. ROSA CRUZ 190
Origem *190*
Doutrina *191*
13.2. MAÇONARIA 191
Origem *191*
Doutrina - Ritos *192*
Atuação política *193*
Maçonaria no Brasil *193*
13.3. TEOSOFIA 194
Origem *194*
No Brasil *195*

13.4. PARAPSICOLOGIA 195
Métodos *196*
13.5. ESOTERISMO 197
Devemos Queimar Ídolos? *197*
Lista dos Esoterismos *197*
A Força do Cristão *198*
Vodu *198*
Cabala *199*
13.6. XAMANISMO 203

14. O CÓDIGO DA BÍBLIA 206

14.1. SALMOS 206
Estrutura numérica *206*
Propósitos e natureza do Salmo *207*
14.2. O CÓDIGO DA BÍBLIA 209
Isaac Newton *209*
O Codificador Americano *212*
Yitzhak Rabin *212*
Guerra do Golfo *213*
Previsões *213*
A ameaça dos asteróides *215*
Jesus no Código da Bíblia *215*
Livro Selado *216*
A Crítica *217*

GLOSSÁRIO 219

BIBLIOGRAFIA 228

ÍNDICE DAS FIGURAS E QUADROS

Quadro - Religiões no Mundo - 1996 ..... *31*
Quadro - Comparativo População 1980/1991 ..... *32*
Quadro - Religiões no Brasil - 1991 ..... *32*
Quadro - Religiões no Paraná - 1991 ..... *33*
Quadro - Denominações Evangélicas no Brasil - 2000 ..... *33*
Quadro - Origem das Principais Religiões Cristãs *35*
Quadro - Características do Verdadeiro Cristianismo *49*
Quadro - Listagem das Religiões e Seitas *53*
Martinho Lutero (1525) *56*
João Calvino e Guillaume Farel *59*

Igreja em Grossmünster, Zurique *62*
David Koresh, na verdade Vernon Howell *73*
Tomas Huxley *78*
Quadro deuses x santos católicos *94*
Quadro dos protetores - deuses x santos católicos *94*
Relação dos Papas *95*
Miguel de Molinos *98*
Concílio do Vaticano II *99*
Tabela - Concílios Ecumênicos *99*
Cerimônia Ortodoxa da Comemoração dos 1000 anos do Cristianismo na Rússia (1988) *106*
Tabela - Os Escritos Rabínicos *109*
Dança tradicional xintoísta *120*
Origem das Religiões Hindus *121*
Templo hinduísta da deusa Durga *124*
Grande Buda de Kamakura *127*
Suicídio Coletivo na Guiana dos adeptos de Jim Jones *127*
Templo sede das Testemunhas de Ieroshua na periferia de Curitiba (PR) *144*
Ideologias Mundiais *145*
Representação do deus Shiva *149*
Templo de culto Bahai em Haifa, Israel *150*
Imagem colossal do santo jainista Bahubali *152*
Procissão de fiéis sikhs *155*
Mandala do templo da LBV em Brasília *156*
Allan Kardec, na verdade Hippolyte Léon Denizard Rivail *158*
Momento da Dança e do "Baixar" dos Espíritos *174*
As cantigas do candomblé baiano *175*
Diploma da Ordem Rosa-Cruz *190*
Quadro - Atividades Místicas e Tratamentos *198*
As cerimônias de vodu *199*
Visão do carro de Ezequiel *200*
Xamã em Java, Indonésia *204*
Código da Bíblia *210*
Doron Witztum *211*
Dr. Eliyahu Rips *212*

Introdução

Pobres mortais! Eles ainda não entenderam que enquanto tentarem alcançar Deus com as mãos, olhos e mentes nunca o encontrarão. Orígenes Telles

1. Introdução

1. Por que Existem Tantas Religiões?

Você já se perguntou isto? Como podemos encontrar a religião certa? Alguém já pensou procurá-la nas páginas amarel as da lista telefônica? Como alguém pode escolher acertadamente em meio a tantas opções? Porque Deus permite que sejam criadas tantas Religiões (são mais de 11.000)? Coincidentemente existem cerca de 12 mil povos no mundo.

Este livro tem a finalidade de auxiliá-lo na escolha do caminho adequado, o Caminho que atenda suas necessidades espirituais, a verdadeira religião, aquela que o levará a ter comunhão aqui na Terra e na eternidade com o Criador.

Existem muitas porque Deus respeita sua vontade, seu jeito, suas manias. Se você não gosta de barulho, existe uma religião assim. Se você gosta de danças, pular, falar, gritar na presença de Deus, existe uma religião assim. Se você gosta de estudar, ler, se especializar no assunto, existe outra religião assim. De tal sorte que, ao chegar no dia do Grande Julgamento, você não terá desculpas.

- Mas eu sou tímido, ou... eu sou extrovertido.... e por isto aquela igreja não era como eu gosto...

Não há desculpas. Existem igrejas, denominações, religiões para todo o tipo de pessoas.

- Mas aquela igreja tem um pastor que faz assim...

Repito: Não se desculpe. Não é o pastor que salva, é Deus, é Jesus. Se você não está se acertando com a doutrina ou com o pastor, se ele está pregando de uma forma que não é como está na Bíblia, mude de igreja, mas não se desculpe e por isto não saia completamente da presença de Deus.

Mude de igreja ou denominação sim! Isto também é bíblico.

Em Gálatas 2:4-5 - Paulo fala que nem ainda por uma hora devemos ceder em sujeição aos que nos apresentam falsas doutrinas. Naquela época que Paulo admoesta os Gálatas a não participar dos falsos ensinos era com relação à circuncisão dos gentios, desnecessária segundo o Cristianismo.

Portanto, se algum evangelho lhe é pregado diferente do que o Evangelho de Cristo, mude de denominação, mude de igreja, mas não mude sua salvação para perdição, desculpando-se e saindo completamente de todas as igrejas!

2. Comentários Iniciais

Gostaria, o quanto for possível, de passar o que cada Religião, dogma, seita, heresia, denominação determina e orienta, sem questionar, deixando isto muito mais a cargo do leitor, que por já estar escolhendo esta coleção, tem os certeza, é suficientemente capaz de analisar e emitir juízo cristão e bíblico encima das informações apresentadas. Evidente que, em muitos casos, a discrepância é tamanha que não conseguimos deixar de emitir opinião.

Se estudarmos somente posições parciais com o é a maioria dos livros sobre Seitas e Heresias, se analisarmos somente um lado, não poderem os aplicar na íntegra o que o texto bíblico de I Ts 5:21 diz sobre colocar tudo à prova e retende o que é bom , e que, para emitir julgamento sobre alguém , precisamos escutar algumas testemunhas[1] [de ambos os lados], sob pena de sermos injustos.

Conhecendo somente parte, poderemos diagnosticar e julgar somente em parte. Um juiz somente pode julgar com total imparcialidade se conhecer todos os argumentos da defesa e da promotoria.

É este o sentido deste livro. Temos o compromisso apenas com a verdade. Nem com a mentira, nem com o exagero, nem com a parcialidade. Não manipulamos informação (pelo menos conscientemente) para que nossa opinião prevaleça. A verdade é que deve prevalecer.

Todavia não somos os donos da verdade. Confesso humildemente que sou limitado e deveria conhecer muito mais para escrever um livro sobre Religiões e Seitas. Todavia as pessoas não podem esperar pelos meus estudos. Elas devem e merecem conhecer mais sobre o assunto agora. Talvez por isso, em algum momento deixei de lado o comentário e apresentei somente os fatos, por não ter total conhecimento de todas as informações ou por ainda estar inseguro - as informações que se nos apresentam são parciais e não conheço todas as doutrinas descritas pelos próprios integrantes da seita ou religião em questão.

Se for obrigado a cometer pecado, prefiro cometer o pecado da omissão do que o pecado da calúnia, exagero ou da mentira.

Portanto, por tentar apresentar ambas as partes, o que determinam as seitas, heresias e religiões, e os que as combatem com seus argumentos, esta é uma obra muito mais de pesquisa do que uma obra de opinião.

Se eu tivesse que estudar sobre este assunto em somente um único livro, eu gostaria que fosse um livro como este, com a forma de apresentação descrita aqui.

[1] Conforme a Bíblia, 2 ou 3 testemunhas eram necessárias: Nm35:30, Dt 17:6, Dt 19:15, Mt 18:16, 2 Co 13:1, I Tm 5:19, Hb 10:28.

3. Operação Resgate

"Amados, não deis crédito a qualquer espíri to: antes, provai se os espíritos procedem de Deus, porque m uitos falsos profetas têm saído pelo m undo afora". (I João 4:1)

Todas as pessoas têm o direito de professar a religião de sua escolha. A tolerância religiosa deve ser aceita por todos.

Existem cerca de 12.000 religiões e seitas no mundo.

Dentro deste universo gigantesco, quais são religiões verdadeiras e quais não são? Estimamos que 2 mil sejam religiões e mais de 10 mil seitas.

Dar a cada pessoa, porém, o direito de escolher a própria religião não significa que todas sejam boas.

Pretendemos sim dar muitas informações para que você mesmo possa avaliar e encontre o seu lugar.

Como Deus odeia o pecado, mas ama o pecador, devemos saber combater os erros e ajudar as pessoas envolvidas nas falsas religiões.

Vamos nos envolver com a **Operação Resgate.** Precisamos impedir que aqueles que estão encima do muro venham a cair do outro lado. E aqueles que já estão do outro lado, precisam ser resgatados, puxados, recolhidos, por amor às suas próprias almas e também para impedir que estes levem os seus e nossos filhos, parentes e amigos.

Devemos saber no que crêem e ensinam, e como tratar com eles, antes de os enfrentar, antes de os ajudar, antes de defender a nossa fé.

Isto se chama Apologia da Fé.

4. Apologia da Fé

Apologia é defesa. Apologia da Fé é a defesa da Fé, é o combate a favor da Fé. Todo o cristão deve ter em conta o que II Coríntios 2:11 e versículos anteriores nos ensinam: "Para não sermos vencidos pelo inimigo é necessário saber como ele pensa".

2 Coríntios 2:10-11: E a quem perdoardes alguma coisa, também eu; pois, o que eu também perdoei, se é que alguma coisa tenho perdoado, por causa de vós o fiz na presença de Cristo, para que Satanás não leve vantagem sobre nós; porque não ignoramos as suas maquinações.

2 Coríntios 2:11 - Bíblia Viva: Outra razão para perdoar é não deixarmos Satanás, com a sua astúcia, obter vantagens sobre nós; pois bem sabemos os que ele está procurando fazer.

Apologia da Fé é ajudar os outros através da defesa do que acreditamos. Aqueles a quem ajudamos, independentemente do que pensam, são pessoas, humanos, com os mesmos sonhos, nece ssidades, lutas e problemas. Não são adversários, inimigos ou demônios. Apenas são mal informados.

5. Todos Têm Razão

Certa vez, ao analisar o empate de um julgamento de trânsito no qual eu tinha certeza que ganharia, comecei a me colocar na situação do outro, e analisar os seus argumentos e como o juiz julgou tudo aquilo. Percebi que todos têm razão. Todos têm a sua razão.

Vendo assim supostamente como Deus enxerga e julga, pelo menos uma fração *Desta visão e Julgam ento*, pude enxergar outras coisas que estavam por mim mesmo obscurecidas. Consegui enxergar razões onde não havia. Por exemplo:

Os que Não Trabalham

Existem pessoas que não trabalham em um emprego fixo, mas atuam de várias maneiras ganhando seu pão. Pessoas que não trabalham não são necessariamente ruins. Elas têm sua razão : não amam o dinheiro. Dinheiro não é tudo, aliás, é nada. Estas pessoas não querem se submeter como empregados a patrões. Desta maneira faz o seu próprio tempo e muitas vezes conseguem dar mais tempo a Deus que um assalariado com hora para entrar e sair do emprego.

Os Gordos

Muitos fazem segregação às pessoas gordas. Quando um gordo entra no elevador, muitos olham a placa de capacidade máxima para ver se o excesso de peso pode derrubar o elevador. Começam a calcular mentamente o peso do número de presentes, cada qual com uns 70 quilos e acrescentam sempre um excesso de peso ao gordo recém-chegado.

Os ônibus fazem as roletas para que pessoas gordas não passem. Quando um consegue passar, depois de muito esforço, e vai se aproximando de um lugar vazio, as pessoas que estão ao lado do lugar vazio, “crescem”, se ouriçam como um gato brigando para parecerem maiores, estica braços e fazem caras feias. Tudo com a intenção de não facilitar o gordo sentar ao seu lado.

Ser gordo é um julgamento, uma comparação. Se todos fossem gordos, não haveria gordo.

Mas o gordo pode ter sua razão para ser assim. Está mais preocupado com as coisas de Deus do que ter um corpinho moldado por milhares de horas “perdidas” em uma academia. Prefere ter uma refeição normal, saborosa, livre de culpas, do que estar gastando em alimentos *diet*, *light*, integrais e outros, sempre de preços elevados e de paladar insípido e “salobro”. Se a pressão sangüínea é normal, se o exame de sangue não acusa anormalidade, se a gordura não está fazendo grandes esforços ao coração, o ser gordo não está fazendo mal. Somente esteticamente, e muito mais aos olhos de algumas pessoas discriminantes.

Conheço muitas pessoas que fizeram "a operação" e estão chatas, só falam de regime, comida, de suas dificuldades em comer... Conheço pessoas que emagreceram depois de uma operação, ou mesmo depois de uma doença, e

estão mais tristes, mais apagadas, mais mau humoradas, mais chatas e até parece que o Espírito Santo fugiu dali.

Portanto vamos parar de julgar as pessoas pela cor, pelo peso, pela condição social, pelo penteado, pelos amigos, pelo grupo ou igreja que pertence.

Jesus só andava com ladrões, odiados cobradores de impostos, pescadores e trabalhadores dos mais pobres, os mais pecadores da época, com Samaritanos (odiados pelos judeus), com mulheres (uma classe inferior na época), com leprosos, com doentes, com viúvas e crianças...

Quer julgar?
Comece seu julgamento por Jesus...

Os Negros

Muita gente negra não gosta de sua cor. Muitas pessoas acham que a raça negra é menos evoluída ou menos "refinada". Será que não perceberam que Adão e Eva podem ter sido negros? E é muito provável que fossem. E como o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, é provável que Deus também seja negro. Já pensou você racista e ao chegar num céu encontra um Deus Negro?

Além do mais normalmente as pessoas negras têm dentes mais bonitos e fortes, corpo mais facilmente modelável, normalmente têm mais força e bom desempenho físico, têm uma melhor voz, e quando estão bem velhinhas, nem aparentam ter envelhecido. Parece que Deus é brasileiro, digo negro... Será que Deus não tem razão de dar todas estas bênçãos aos negros? Será que eles não têm razão de se orgulhar em serem negros?

Razão Sob Seu Ponto de Vista

Aprendi durante estes anos, que independentemente do que pensemos sobre determinado assunto, se nos aprofundar mos neste assunto, teremos uma opinião, que pode ser diferente de outra pessoa.

Acontece que o seu ponto de vista tem a ver com o que você passou, estudou, analisou, viveu. Isto é, onde você está, física e mentalmente. O ponto de vista da outra pessoa tem a ver com o que ela passou, estudou, analisou, viveu. A nossa opinião é certa, sob nosso ponto de vista. A opinião do outro é certa, sob o seu ponto de vista. Todos têm razão, sob seus pontos de vista.

Mesmo que exista somente uma verdade no caso, as opiniões podem variar e ambos podem ter razão, sob seus pontos de vista. Isto é a base de toda a justiça, os tribunais e a legislação.

Exemplo 1

Para uma pessoa que está sob a Terra, o Sol é que dá voltas ao redor da Terra. Para uma pessoa que pudesse estar sob o Sol, a Terra é que dá voltas ao redor do Sol. Sob seus pontos de vista, ambos estão certos. Mas existe somente uma verdade: é a Terra que dá voltas ao redor do Sol.

O Apologista é aquele que defende sua fé. Mas deve fazer isto, respeitando a opinião dos outros, pois ambos têm raz ão, sob seus pontos de vista. O que temos que fazer é, antes de mais nada, entender a razão dos outros, antes de impor a nossa.

Temos que ter as qualidades do Bom Professor:

1. Autêntico
2. Respeitador
3. Empático
4. Cheio do Espírito Santo

1. **Autêntico**: Autêntico vem da palavra *Authós* (automática, sem ajuda externa, autêntico, com autoridade). Ser autêntico é ter autoridade, e ter autoridade é quando você passa a ser o que é para ser - naturalmente, sem esforço, sem perceber, de forma automática.

2. **Respeitador**: Se você respeita seus alunos, não irá ensiná-los sem se preparar, sem estar com uma mente e corpo totalmente direcionado para fazer destes alunos pessoas instruídas e melhores.

3. **Empático**: Do dicionário Aurélio, empatia *é a tendência para sentir o que sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa*. É se colocar na posição de aluno e o tratar como se fosse você o que estivesse aprendendo.

4. **Cheio do Espírito Santo**: Se você é cheio do Espírito Santo, você é autêntico porque o Espírito Santo lhe dá a autoridade.
Você é respeitador porque ama seus alunos como Jesus os ama.
É empático porque não pensa mais só em você, e sim obedece a Palavra de Deus e torna-se servo, servindo os outros, como Cristo.

O Bom Apologista é como o Bom Professor.

Exemplo 2

Rapaz é morto, com 19 anos, na cadeia, por professar livremente sua fé. Morreu como Estevão, um mártir até o fim, sem negar Jesus. Foi preso no final dos seus 17 anos, mas conheceu logo em seguida um verdadeiro amigo que lhe apresentou o mestre, Jesus Cristo. Ele aceitou Jesus na cadeia.

Todavia antes disto era ladrão, assaltante, inclusive a mão armada em sinaleiros, filho mais velho de uma família de mais 6 irmãos, teve seu pai morto pelo tráfico quando ele tinha 6 anos. Sua mãe morreu de doença, pela inanição, quando ele tinha 9 anos. Desde então sustenta todos seus outros 6 irmãos. Até os 17 anos já tinha sido preso 8 vezes, pois tinha um policial que o perseguia.

Na Terra ele não tem razão. As leis estão contra ele e são severas, não dando margem à interpretação, misericórdia e penas alternativas. O juiz o sentenciou a 15 anos de prisão, pena agravada por tentar fugir da cadeia, quando soube que parte de seus irmãos seriam adotados por famílias diferentes. Apesar do advogado de defesa alegar que ele era o pai dos seus irmãos, a lei foi aplicada e ele teve a cadeia que mereceu.

Mas no céu o rapaz terá outro julgamento. Seu advogado de defesa é Jesus Cristo, e todo o sofrimento que passou para educar, dar de comer, ensinar a ler e escrever, colocar na escola, todos os seus irmãos, será levado em conta. Jesus será muito mais severo com as pessoas que não deram emprego para ele quando ele tinha 13 e 14 anos, inclusive alguns ditos evangélicos. Muitos fecharam a porta de suas empresas para o rapaz. Ele queria somente um emprego de office-boy para ajudar na arrecadação que ele tinha com venda de balas e chicletes nos sinaleiros.

O juiz Deus será muito mais justo que o juiz terráqueo, analisando todos os infortúnios pelos quais o rapaz passou. A sua conversão, ajudada pelo fato dele ser responsável pelo salvamento das almas de todos os seus irmãos e de mais 4 presidiários, fez com que a sentença fosse: ***Absolvido com louvor, venha para a comunhão do Reino de Deus desfrutar de seus galardões.***

No céu o rapaz tem razão. Ou pelo menos seu ponto de vista será considerado.

Que Deus nos dê Visão. Visão para enxergar a razão dos outros e trabalhar encima destes argumentos!

6. A Verdadeira Religião

Religião (do latim *religio*, cognato de *religare*, "ligar", "apertar", "atar"), tem a função de ligar, atar, unir o homem a Deus, o nome dado à figura do Criador.

Religião é como o conjunto de relações teóricas e práticas estabelecidas entre os homens e uma potência superior, à qual se rende culto, individual ou coletivo, por seu caráter divino e sagrado. Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações.[1]

[1] ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Mas religião não é uma criação de Deus ou Jesus. É uma criação do homem. Deus criou o Universo, as criaturas e os homens. Não criou a religião. Não precisava. O homem estava ligado a Deus no tempo de Adão. Mas este e sua mulher pecaram, e se lembraram como era boa a união com Deus. Criaram então meios de restabelecer contatos com o Criador, de novamente se unir com Ele. Começou ali a Religião. Deus vendo as tentativas do homem em se unir a Ele, muitas infrutíferas, compadeceu-se dele, e dirigiu em alguns momentos da história estas tentativas . São os planos de salvação . Deus diz então que, para chegar até Ele, é melhor de uma maneira (sacrifício com gado) que de outra maneira (com cereais), que é mais eficiente ter uma lei (os dez mandamentos) do que nenhuma, que é melhor ter profetas a nos orientar que nenhum.

Mas mesmo assim, muitos não conseguem chegar a Deus, unir-se a Ele. Deus acha melhor então usar o Plano que estava previsto já desde o fundamento do mundo. Manda seu Filho para interceder por nós: Jesus.

Mas Jesus não veio na Terra para formar uma religião. Jesus não veio na Terra para construir igrejas. Jesus não veio na Terra para abolir a Bíblia de então, o Antigo Testamento. Pelo contrári o: Jesus veio na Terra para cumprir o que estava escrito na Bíblia. Jesus veio na Terra e não aboliu a lei, mas a cumpriu. Não alterou a lei dos prof etas, mas a sancionou. Não buscou sua própria glória, mas a do Pai que criou as leis.

A Igreja de Jesus por 3 anos tinha somente 12 pessoas. Sua religião não era Saduceu ou Fariseu, mas a religião descrita na Torah. Tinha-se o nome de Judaísmo ou Messianismo, os cientistas é que se preocupem com isto. A Religião de Jesus era a mesma de Seu Pai, Jeová, Iaveh, Deus.

A verdadeira Religião continua até hoje. É a Religião que tem somente um Deus (monoteísta - referência por toda a Bíblia), que tem Jesus como o Salvador, o Messias (messianismo - Isaías 53), o Filho de Deus, Aquele que unicamente suficiente para salvar a humani dade (At 4:12, Jo 8:24, I Co 3:11), e

que tem somente um Consolador (o Espírito Santo - Jo 14:16-17), que é enviado sobre aqueles que glorificam a Jesus - Jo 7:39.

Por isto, talvez seja um contra-senso dizer religiões, uma vez que somente há uma Religião, àquela que consegue levar o homem a Deus, unir o homem a Deus.

Contra-senso ou não, continuaremos adotando o nome *religiões*, muito mais com o conceito de denominação (congregação eclesiástica ou nome de uma congregação), pois é desta maneira que as pessoas estão acostumadas.

7. Porque Congregar

1. Para Admoestar os Fracos na Fé

Além disto, devemos tolerar os fracos na Fé.

Rm 14:1: Ora, ao que é fraco na fé, acolhei-o, mas não para condenar-lhe os escrúpulos.

2. Para Conhecer e Livrar-nos dos Homens Perversos

Não cair no erro dos homens perversos:

2 Pe 3:17: Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que pelo engano dos homens perversos sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza.

Versão Atualizada: perversos - insubordinados. Do grego *athesmos*: um que penetra a restrição de lei e satisfaz as suas próprias luxúrias.

3. Para Conhecer e nos Acautelar dos Falsos Mestres

Fp 3:1: Acautelai-vos dos cães; acautelai-vos dos maus obreiros; acautelai-vos da falsa circuncisão.

4. Estimular Uns aos Outros ao Amor e às Boas Obras

Hb 10:19-25: Tendo pois, irmãos, ousadia para entrarmos no santíssimo lugar, pelo sangue de Jesus, pelo caminho que ele nos inaugurou, caminho novo e vivo, através do véu, isto é, da sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência, e o corpo lavado com água limpa, retenhamos inabalável a confissão da nossa esperança, porque fiel é aquele que fez a promessa; e consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao

amor e às boas obras, não abandonando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia.

5. Conclusão

É mandamento que devamos congregar. A comunhão com os irmãos tem a ver com a necessidade de estarmos preparados para a volta do Senhor, íntegros, puros, lavados, sob pena de sermos enganados quando o primeiro AntiCristo aparecer ou quando o primeiro enganador arrebatar nossa fé.

Mas antes de pensarmos em nós, pois Cristianismo é amor, devemos congregar mais para admoestar os outros, numa verdadeira atitude de servos, assim como Jesus o foi.

Unidade

Todavia é muito difícil a Unidade. Diz o ditado que 5 pessoas numa sala, 6 idéias diferentes. Como podemos congregar com os irmãos sem incorrer em erros de julgamento, blasfêmia, fofoca , mentira, busca por cargos e tanta mesquinhez que pode haver no mundo, e também numa igreja?

Efésios nos dá uma receita da busca da Unidade:

Efésios 4:1-6: Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados,

2 com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor,

3 procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz.

4 Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação;

5 um só Senhor, uma só fé, um só batismo;

6 um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.

7 Elementos do Alicerce do Cristianismo



1. Um Corpo - de Cristo
2. Um Espírito - Santo
3. Uma Esperança - da vossa vocação
4. Um só Senhor, Deus e Pai
5. Uma só Fé
6. Um só Batismo - De Cristo por nós
7. Um só Deus, que é sobre, age no meio e está em todos.

Salmo 133:1: Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!

Os Erros dos Outros

Congregar é difícil. Quando estamos juntos com outros por um bom tempo, começam a aparecer os nossos e os defeitos dos outros. Uma parcela muito grande de crentes acha que, se está na igreja, é necessário ser santo. Quanto mais se for obreiro ou pastor. Quando enxergam defeitos, não admitem e saem da igreja.

Todos, sem exceção, têm defeitos, pecam, e vão continuar a pecar até morrer. *Todos pecaram e carecem da Glória de Deus.* Se nos firmarmos em homens para buscar nossa salvação, seremos amaldiçoados e poderemos perder esta salvação. Ela não está predestinada. *Maldito o que confia no homem.* Portanto temos que nos firmar sim é na *Rocha que é Jesus Cristo*, e não nos homens.

Quanto aos homens temos apenas que ter paciência para que o tempo e Jesus faça a transformação. Enquanto is to, devemos manter o corpo unido, mantendo os membros do corpo unidos na Cabeça, que é Jesus. Mesmo que estes membros estejam um pouco curtos ou tortos, eles ainda são membros deste Corpo.

Religiões

Só nos lembramos de Deus
quando queremos o impossível.
Albert Camus

2. Religiões

A religião judaica originou o Cristianismo. Afinal Jesus antes de mais nada era judeu. Por isto, nada mais natural do que, ao estudar as religiões cristãs e as seitas atuais, analisar primeiramente as religiões e partidos judeus.

2.1. Seitas Judaicas

Atos 1:8: Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.

O Cristianismo iniciou com Abraão (Monoteísmo), cerca de 2.000 anos antes de Cristo, consolidou-se com Moisés e os profetas (Judaísmo), e cumpriu-se com Jesus Cristo, o Messias, na sua vida pública, morte e ressurreição, aproximadamente no ano 30 de nossa era.

Jerusalém

O Cristianismo inicialmente utilizav a as doutrinas do Judaísmo e era essencialmente uma religião para os judeus. Era pregado em Jerusalém e nas suas cercanias de 30 a 44 d.C. A pregação dos cristãos nos primeiros anos era direcionada para os Judeus. (Atos caps 1 a 8).

Judéia e Samaria

No capítulo 8 de Atos, aparece a perseguição do Sinédrio à Igreja. Houve um esparramamento dos cristãos de Jerusalém, que começaram a pregar na Samaria (At 8:5), um povo que não era de puro sangue judeu[1]. Pregaram também por toda a Judéia e também aos gentios (At 10:44 em diante). O eunuco etíope, alto oficial do governo da Etiópia e Cornélio, centurião da corte italiana, foram os primeiros gentios a receberem o Evangelho da Graça.

Nos capítulos 8 a 12 de Atos, o evangelho é pregado à Judéia e à Samaria.

[1] Os samaritanos eram descendentes daquelas 10 tribos que não foram levadas para a Assíria depois da queda da Samaria e dos colonos que os Assírios trouxeram de outras partes do seu império em 721 a.C.

Até os Confins da Terra

Inicia-se no capítulo 13 de Atos, as viagens missionárias. A primeira delas foi para Antioquia. Não demorou para que surgisse uma grande igreja gentia em Antioquia. Aí o termo "cristão", inicialmente empregado com o sentido pejorativo por mordazes antioquenses, tornou-se designação de honra dos seguidores de Cristo (At 11:26).

Antioquia foi o principal centro do Cristianismo de 44 a 68 d.C.

A tarefa de levar o Evangelho aos gentios até os confins da Terra estava apenas começando. Começada por Paulo, esta tarefa continua ainda hoje como a missão inacabada da Igreja de Cristo[1].

[1] Página 48 do livro **O Cristianismo Através dos Séculos**, Uma História da Igreja Cristã da Editora Vida Nova, Autor: Earle E. Cairns.

Listagem das Seitas Judaicas[2]

[2] Bíblia de Estudo Pentecostal - JUERP.

A comunidade cristã foi aceita no seio do judaísmo até o ano 65, aproximadamente, quando se consumou a inevitável ruptura entre as duas facções religiosas (cristianismo e judaísmo), motivada pela condição de Messias atribuída a Jesus por seus seguidores.

Naquela ocasião, os judeus estavam organizados nas seguintes seitas:

Os Fariseus

Sucessores dos hassidim ("os piedosos") do século II a.C., formavam um partido religioso puritano. Caracterizavam-se pela intransigência e a rígida observância das normas

1. Seu principal interesse era a observância da Lei de Moisés.
2. Conferiam igual valor às tradições dos anciãos e às Escrituras Sagradas.
3. Criam na existência dos anjos e demônios.
4. Criam na vida após a morte.
5. Davam grande ênfase aos aspectos práticos de seus ensinamentos, como a oração, o arrependimento e as obras assistências.
6. Embora poucos, em número, sua influência social e política era considerável.
7. A maioria dos escribas pertencia a este grupo.
8. Sua rigidez e separatismo degenerou-se em mero legalismo, e em arrogância e menosprezo pelos demais.
9. Jesus não criticou a ortodoxia de seus ensinamentos, mas a sua falta de amor e orgulho.

Os Saduceus

Em sua maioria, eram sacerdotes e ricos aristocratas. É provável que tenham surgido no período macabeu, por volta do ano 200 a.C.. Segundo a tradição, o nome Saduceu veio de Sadoc, sumo-sacerdote do tempo de Salomão.

1. Não reconheciam a autoridade da tradição oral.
2. Negavam a existência do mundo espiritual (imortalidade da alma, anjos...).
3. Não criam na ressurreição dos mortos nem na vida futura.
4. Aceitavam como canônicos apenas os livros de Moisés (Pentateuco).
5. Interpretavam a Lei de maneira Literal.
6. Eram simpáticos à cultura helenista.
7. Contavam com pouco apoio popular.
8. Eram renhidos adversários dos fariseus.

Os Essênios

Eram uma seita monástica e ascética que vivia no deserto da Judéia, às margens do mar Morto.

1. Eram praticamente desconhecidos at é a descoberta dos manuscritos do mar Morto em 1947. No século XVIII tornou-se corrente a idéia de que o cristianismo se originara da seita dos essênios, a que teriam pertencido João Batista e Jesus. Os historiadores cristãos têm-se oposto a essa tese, que teve um partidário célebre, Ernest Renan[1].

[1] Renan, Ernest (1823-1892) - Filósofo e historiador francês. Livre-pensador, conhecido sobretudo por seus estudos sobre a história das religiões.

2. A seita da Comunidade de Qumran foi organizada por um "mestre de justiça" no século II a.C.
3. Consideravam-se a si mesmo "os filhos da luz".
4. Viviam completamente separados do judaísmo de Jerusalém, o qual consideravam apóstata.
5. Aguardavam o dia da batalha final , quando então haveriam eles de obter a vitória sobre os "filhos das trevas".
6. Esperavam a vinda de dois messias, um sacerdotal e outro real, ou um que combinasse ambas as funções.
7. Eram radicalmente dualistas (bem e o mal) em seus conceitos.
8. Embora sua terminologia seja parecida com a do Cristianismo, o conteúdo de seus ensinamentos é acentuadamente distinto.
9. Observavam a lei de Moisés, o *sabbath* (sábado) e a pureza ritual. Também acreditavam na imortalidade da alma e no castigo ou recompensa futuros. Mas negavam a ressurreição do corpo, rejeitavam o sacrifício de animais, praticavam o celibato - em geral suas comunidades excluíam as mulheres - e não participavam da vida pública.
10. Desaparecem por volta de 73 a.C., quando da conquista da fortaleza de Massada pelos romanos.

Os Zelotes

Eram os fundamentalistas reacionários do povo judeu.

1. Acreditavam que a submissão a Roma fosse traição a Deus.
2. Seita radical, mais rígidos que os fariseus, acreditavam que o reino do Messias se imporia pela violência e fomentaram a rebelião contra Roma do ano 66, que culminou na destruição de Jerusalém em 70.
3. Eram conhecidos também como cananitas.
4. Pelo menos um dos apóstolos, Simão, havia sido zelote.
5. Eram o terror dos soldados romanos, já que as suas incursões eram realizadas sob o manto da noite.
6. Ao que parece, tomaram parte na rebelião de Barcoquebas em 132-135 d.C., ocasionando na saída dos judeus da Palestina.

2.2. Classificação das Religiões[1]

[1] ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Embora não seja fácil elaborar uma classificação sistemática das religiões, pode-se agrupá-las em duas categorias amplas: religiões primitivas e religiões

superiores. Nessa divisão, o qualificativo superior refere-se ao desenvolvimento cultural e não ao nível de religiosidade.

1. Religiões primitivas

A importância do culto aos antepassados levou filósofos e historiadores - como Evêmero, no século IV a.C. - a considerar este culto como a origem da religião. As sepulturas paleolíticas corroboram essa opinião, pois comprovam já haver, naquele período, a crença numa vida depois da morte e no poder ou influência dos antepassados sobre a vida cotidiana do clã familiar. Os integrantes do clã obrigavam-se a praticar ritos em homenagem a seus defuntos pelo temor a represálias ou pelo desejo de obter benefícios ou, ainda, por considerá-los divinizados.

O fetichismo e o totemismo podem ser considerados variantes do animismo. O fetichismo refere-se à denominação que os portugueses deram à religião dos negros da África ocidental e que se ampliou até confundir-se com o animismo. Consiste na veneração a objetos aos quais se atribuem poderes sobrenaturais ou que são possuídos por um espírito. Mais que uma religião, o totemismo seria um sistema de crenças e práticas culturais que estabelece relação especial entre um indivíduo ou grupo de indivíduos e um animal - às vezes também um vegetal, um fenômeno natural ou algum objeto material - ao qual se rende algum tipo de culto e respeito e em relação ao qual se estabelecem determinadas proibições (uso como alimento, contato etc.).

2. Religiões superiores

À medida que o homem passou a organizar sua existência numa base racional, a multiplicidade de poderes divinos e sobre-humanos do primitivo animismo não conseguiu mais satisfazer a necessidade de estabelecer uma relação coerente com as múltiplas forças espirituais que povoavam o universo. Surgiram assim as religiões:

- politeístas,
- panteístas,
- deístas e
- monoteístas.

Estas são expressões das condições sociais e culturais de cada época e das características dos povos em que surgiram.

2.1. Politeísta

As religiões politeístas afirmam a existência de vários deuses, aos quais rendem culto.

Existem duas teorias contraditórias sobre a origem do politeísmo: para alguns, é a forma primitiva da religião, que mais tarde teria evoluído até o monoteísmo. Para outros, ao contrário, é uma degeneração do monoteísmo primitivo. O politeísmo reflete a experiência humana de um universo no qual se

manifestam diversas formas de poder sobre-humano. Politeístas foram a religião grega e a romana.

2.2. Panteísmo

O panteísmo é uma filosofia que, por levar a extremos as noções de absoluto e de infinito, próprias do conceito de Deus, chega a considerá-lo como a única realidade existente e, portanto, a identificá-lo com o mundo. É clássica a formulação do filósofo Baruch Spinoza, no século XVII: *Deus sive natura* (Deus ou natureza). Alguns filósofos gregos e estóicos foram panteístas, doutrina que também é a base fundamental do budismo.

2.3. Deísta

Também uma corrente filosófica, o deísmo reconhece a existência de Deus enquanto constitui um ser supremo de atributos totalmente indeterminados. Essa doutrina funda-se na religião natural, que nega a revelação. O que o homem conhece a respeito de Deus não decorre apenas das deduções da própria razão humana. Se o universo físico é regulado por leis segundo a vontade de Deus, as relações entre Deus e o mundo moral e espiritual devem ser similares, reguladas com a mesma precisão e, portanto, naturais. O período do Iluminismo (séculos XVII-XVIII) proclamou o culto à deusa razão e a revolução francesa ajudou a organizá-lo.

2.4. Monoteísta

As religiões monoteístas professam a crença num Deus único, transcendente - distinto e superior ao universo - e pessoal. Um dos grandes problemas do monoteísmo é a explicação da existência do mal no mundo, o que levou diversas religiões a adotarem um sistema dualista, o maniqueísmo, fundado nos princípios supremos do bem e do mal.

As grandes religiões monoteístas são o judaísmo, o cristianismo - que professa a existência de um só Deus, apesar de reconhecer, como mistério, três pessoas divinas - e o islamismo.

2.3. Estatística das Religiões

No Mundo

Quadro - Religiões no Mundo - 1996[1]

[1] Fonte: Enciclopédia Encarta da Microsoft em CDRom

Religiões	Pessoas	%
Católicos Romanos	**1.000.000.000**	**18,54**
Protestantes	**390.000.000**	**7,23**
Ortodoxos	**180.000.000**	**3,33**
Anglicanos	**40.000.000**	**0,75**
Outros Cristãos	**185.000.000**	**3,43**
Total Cristãos	***1.795.000.000***	***33,27***
Mulçumanos	**930.000.000**	**17,24**
Não Religiosos	**825.000.000**	**15,29**
Hindus	**700.000.000**	**12,97**
Budistas	**300.000.000**	**5,56**
Ateístas	**215.000.000**	**4,00**
Religiões da Nação Chinesa	**180.000.000**	**3,33**
Novas Religiões	**110.000.000**	**2,04**
Religiões Tribais	**60.000.000**	**1,11**
Sikhs	**40.000.000**	**0,75**
Judeus	**40.000.000**	**0,75**
Xamanistas	**40.000.000**	**0,75**
Confucionistas	**35.000.000**	**0,65**
Bahais	**25.000.000**	**0,46**
Jainistas	**25.000.000**	**0,46**
Xintoístas	**35.000.000**	**0,65**
Outros Seitas	**40.000.000**	**0,75**
Total Não Cristãos	***3.600.000.000***	***33,27***
Total	***5.395.000.000***	***100***

Esta estatística das religiões e filosofias mundiais, mais atual (2007), é retirada do site: http://www.cacp.org.br

Cristianismo: 2,1 bilhões
Islamismo: 1,5 bilhões
Secular / Não religioso / Agnóstico / Ateu: 1,1 bilhões
Hinduísmo: 900 milhões
Religião tradicional chinesa: 394 milhões
Budismo: 376 milhões
Cultos Indígenas: 300 milhões
Africano tradicional e diásporas: 100 milhões
Sikhismo: 23 milhões

Filosofia Juche (Korea do Norte): 19 milhões
Espiritismo: 15 milhões
Judaísmo: 14 milhões
Baha'i: 7 milhões
Jainismo: 4,2 milhões
Shintoísmo: 4 milhões
Cao Dai (Filosofia Vietnamita): 4 milhões
Zoroastrismo: 2,6 milhões
Tenrikyo (nascido no Japão): 2 milhões
Neo-Paganismo: 1 milhão
Unitário-Universalismo: 800 mil
Rastafarianismo: 600 mil
Cientologia: 500 mil

Hoje somos mais de 6 bilhões de habitantes no planeta Terra. Desde somente 2,1 bilhões dizem-se crist ãos. Isto porque, muitos englobados pelo Catolicismo e Outros Cristãos, não professam sua religião, apenas foram batizados ou nasceram sob esta influência. Não conhecem Jesus.

Sabendo que a salvação só vem por Jesus, e não há outro em que possamos ser salvos (At 4:12), significa que são mais de 4 bilhões de pessoas que, se morressem hoje, estariam engrossando as fileiras dos atormentados pela eternidade, sem estarem na presença do Criador, e sim do destruidor. Conhecerão que existe o criador, mas nunca irão vê-lo.

Onde está o nosso amor pelas almas perdidas?

No Brasil

Quadro - Comparativo População 1980/1991[1]

[1] 1980 (antes da Universal do Reino de Deus e de todas as novas religiões e seitas).

1980 1991			
População Total	119.002.706	População Total	146.825.475
Total de Homens	59.123.361	Total de Homens	72.485.122
Total de Mulheres	59.879.345	Total de Mulheres	74.340.353

Quadro - Religiões no Brasil - 1991

Total		%	Masculino	Feminino
Católica Romana	105.861.113		52.729.286	53.131.827
Protestante Tradicional	4.022.343		1.871.897	2.150.446
Protestante Pentecostal	3.863.503		1.786.864	2.076.639
Espírita Kardecista	859.516		397.053	462.463
Espírita Afro-Brasileira	678.714		299.614	379.100
Orientais 257.006			120.921	136.085
Judaica 91.795			46.101	45.694
Outras 1.124.280			534.375	589.905
Sem Religião	1.953.096		1.203.819	749.277
Sem Declaração	299.686		152.903	146.783

Quadro - Religiões no Paraná - 1991

Total		%	Masculino	Feminino
Católica Romana	6.689.162		3.389.251	3.299.911
Protestante Tradicional	304.822		147.240	157.582
Protestante Pentecostal	419.105		199.427	219.678
Espírita Kardecista	25.663		12.122	13.541
Espírita Afro-Brasileira	9.628		4.472	5.156
Orientais 24.078			12.018	12.060
Judaica 2.048			1.206	1.202
Outras 71.161			34.517	36.644
Sem Religião	69.979		44.480	25.499
Sem Declaração	13.843		6.830	7.013

Quadro - Denominações Evangélicas no Brasil - 2000

Brasil - Denominações	população em 2000	% do total de evangélicos (2000)
Assembléia de Deus	8.418.140	32,1%
Outras pentecostais	3.647.303	13,9%
Batista 3.162.691		12,1%
Congregação Cristã	2.489.113	9,5%
Universal do Reino de Deus	2.101.887	8,0%
Evangelho Quadrangular	1.318.805	5,0%
Luterana 1.062.145		4,1%
Adventista do Sétimo dia	1.142.377	4,4%
Outras evangélicas	1.269.928	4,8%
Presbiteriana 981.064		3,7%
Outras tradicionais	591.488	2,3%
TOTAL	**26.184.941**	**100,0%**

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 - Análise: Eunice Zillner
MAI - Ministério de Apoio com Informação - www.mai.org.br

Os números da população das denominações hoje, em 2010, acreditamos sejam no mínimo 10% maior que os números do ano 2000.

Hoje - 2010

O Brasil tem 190 milhões de Brasileiro. E 27% da população é evangélica. Isto significa que em algum momento do final do ano de 2009, foi atingido a marca de **50 milhões de evangélicos no Brasil**. Fonte: http://www.mai.org.br

Crescimento das Religiões

Quero agora fazer uma analogia. De cada 100 pessoas:

19 são muçulmanas	E praticantes. Raramente encontramos um mulçumano não praticante.
18 não têm religião ou são atéias	De várias etnias, vários grupos, vários países, várias origens, portanto grupos extremamente heterogênos.
17 são católicas	A maioria não praticante.
17 são cristãs não-católicas (ortodoxos, anglicanos, protestantes, evangélicos, pentecostais)	De várias etnias, vários grupos, vários países, várias origens, portanto grupos extremamente heterogênos, e muitas vezes belicosos entre si.
14 são hinduístas	De várias etnias, vários grupos, várias castas e muitas vezes belicosos entre si.
6 são budistas	De vários grupos e países, e não muito unidos.

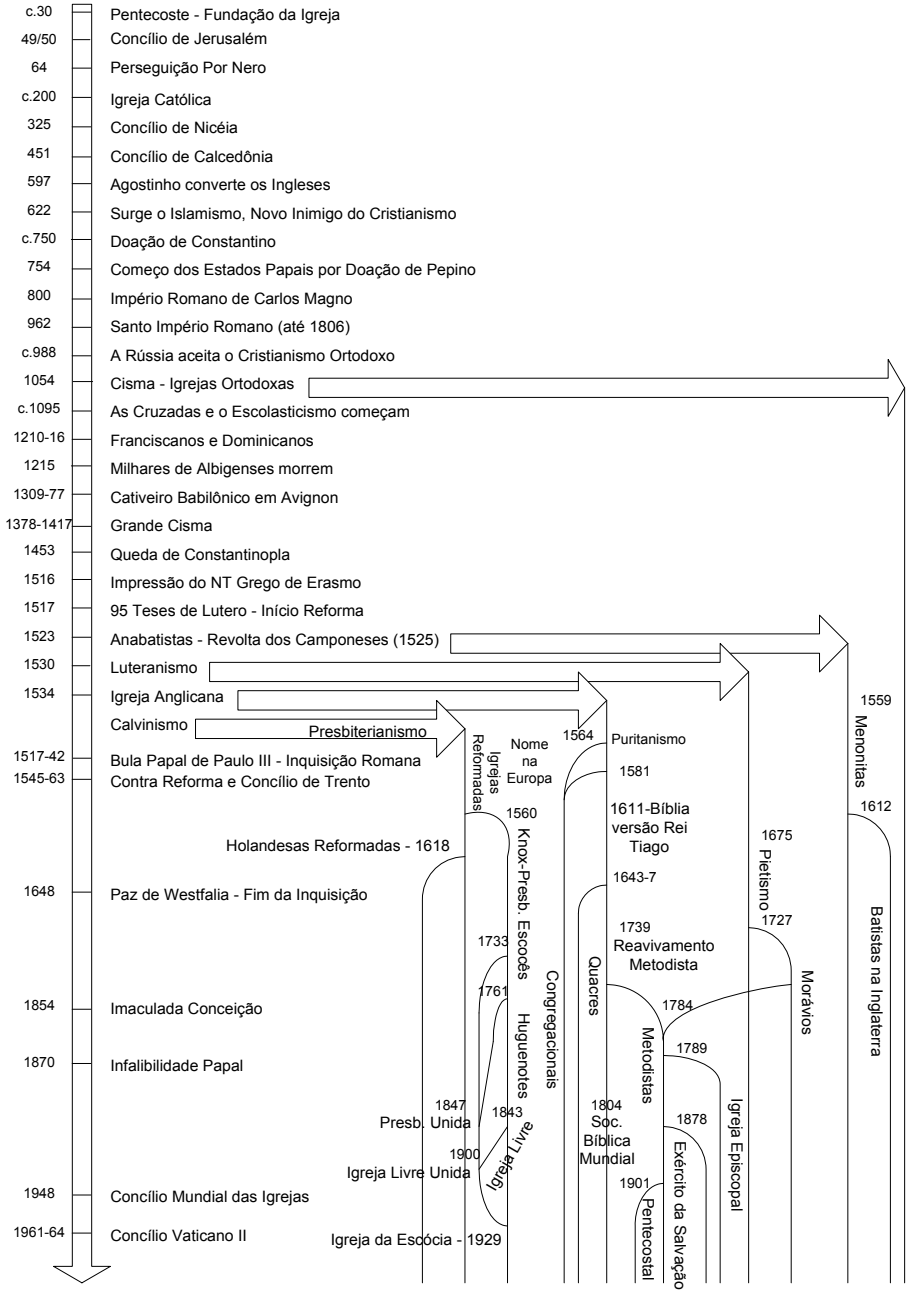
Portanto o grupo religioso mais homogêneo e mais praticante é o mulçumano.

O Budismo cresce 10% ao ano, Hinduísmo 13% ao ano, **Islamismo 16% ao ano** - a religião que mais cresce hoje e o Cristianismo **9% ao ano**.

Levando tudo isto em conta, veja minha conclusão:

Não encontro na Bíblia o que descrevo agora, sendo portanto uma análise extremamente pessoal: "O crescimento do Islamismo assusta. Praticamente todos os locais onde Paulo iniciou a pregação, as igrejas da Ásia, estão tomadas pelos islâmicos (veja mapas no final do livro). Praticamente todos os países do Norte da África e Ásia Central têm mais de 95 % de mulçumanos na sua população. A exceção é o Egito, com 85 %. Nações mulçumanas são os países onde o Cristianismo tem mais dificuldade de entrar. Tanto é verdade que 80% dos muçulmanos nunca ouviram o evangel ho. Alguns fanáticos mulçumanos amarram bombas em si e se explodem, antes afirmando que é em nome de sua religião e Alá que fazem aquilo. Portant o afirmo que muito provavelmente o Armagedon será com os mulçumanos, com os árabes islâmicos. A tensão na Palestina é tanta, que parece que esta Grande Guerra acontecerá a qualquer momento."

2.4. A História do Cristianismo



Quadro - Origem das Principais Religiões Cristãs

Protestantismo[1]

[1] *Enciclopédia* Abril 1997 em CD-ROM e Barsa.

O desejo de reconduzir o cristianismo à pureza primitiva e de livrar a igreja cristã da corrupção e do excessivo poder temporal da hierarquia religiosa de Roma deu origem, ao longo do século XVI, a uma importante cisão no seio da cristandade: o protestantismo, uma decorrência direta da Reforma.

Protestantismo é um termo empregado para designar um amplo espectro de igrejas cristãs que, embora tão diferentes entre si como a Igreja Luterana e as Testemunhas de Jeová, compartilham princípios fundamentais como o da salvação pela graça de Deus mediante a fé, o reconhecimento da Bíblia como autoridade suprema e o sacerdócio comum de todos os fiéis.

O termo "protestante" tem origem no protesto de seis príncipes luteranos e 14 cidades alemãs em 19 de abril de 1529, quando a segunda dieta de Speyer, convocada pelo imperador Carlos V, revogou uma autorização concedida três anos antes para que cada príncipe determinasse a religião de seu próprio território. O termo foi logo adotado, de início pelos católicos e logo a seguir pelos próprios partidários da Reforma, pois seu protesto, entendido como uma rejeição à autoridade de Roma, constituiu um claro sinal às diversas igrejas que se declaravam reformadas.

A liturgia protestante é simplificada e os sacramentos são o batismo e a eucaristia.

Protestantismo no Brasil

Afora a efêmera tentat iva, por parte de huguenotes franceses, para fundar uma colônia no Rio de Janeiro no século XVI, a única manifestação do protestantismo no Brasil, até inícios do século XIX, se deu durante a ocupação holandesa de Pernambuco, no período 1630-1654. Data de 1824 o surgimento das primeiras igrejas luteranas, reflexo da intensificação da imigração alemã. Na década de 1850 instalaram-se no país igrejas congregacionais e presbiterianas, fundadas por missionários americanos. A esses grupos seguiram-se metodistas, batistas e episcopais.

Na segunda metade do século XX difundiram-se sobretudo grupos de caráter pentecostal: Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Evangelho Pleno, Deus é Amor, Brasil para Cristo, Pr esbiteriana Renovada, Batista Renovada, Metodista Renovada e mais recentemente Igreja da Nova Vida, Católica Carismática, Renascer e Universal do Reino de Deus.

Protestantismo Histórico

Corrente do protestantismo que compreende as igrejas formadas a partir da Reforma, como a Luterana, a Presbiteriana, a Anglicana, a Batista e a Metodista.

Protestantismo Pentecostal

Corrente do protestantismo que surge em Los Angeles, Estados Unidos, em 1901 a 1906, e se difunde rapidamente pelos países do Terceiro Mundo. Desenvolve-se a partir de uma dissidência dos metodistas. O pentecostalismo reverencia o Espírito Santo, que concede aos apóstolos o dom de curar e fazer milagres. Os cultos são emotivos e teatrais. Há ênfase na pregação do Evangelho, nas orações coletivas feitas em voz alta e nos rituais de exorcismo e cura, realizados em grandes concentrações públicas.

Divide-se em pentecostalismo tradicional e neopentecostalismo.

1. Pentecostalismo Tradicional

As principais igrejas no Brasil são A ssembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular e O Brasil para Cristo. A Assembléia de Deus é a maior igreja pentecostal do Brasil. Surge em 1911, de uma cisão dos batistas de Belém (PA). Nos cultos, os fiéis cantam e oram em voz alta, com os braços estendidos. A Congregação Cristã do Br asil existe desde 1909. Durante os cultos, homens e mulheres sentam-se em lados separados nos templos. O Evangelho Quadrangular, criada nos Estados Unidos em 1918, chega ao Brasil na década de 40. Enfatiza os dons da cura e de falar em línguas desconhecidas. O Brasil para Cristo é fundada em 1955 pelo brasileiro Manuel de Melo, que foi pastor da Assembléia de Deus e da Igreja do Evangelho Quadrangular. Os cultos são marcados pelas orações espontâneas e pelos testemunhos dos fiéis, que também podem pregar.

No Brasil, o movimento pentecostalis ta começou em 1910 em Belém PA, onde os imigrantes suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren iniciaram cultos pentecostais numa igreja batista (que veio ao Brasil em 1871). Logo depois se gerou um cisma, do qual resultou a Assembléia de Deus , durante muitos anos, principal denominação pentecostalista br asileira. Ocorreram depois cruzadas evangelísticas oriundas dos Estados Unidos, no amplo movimento da Igreja do Evangelho Quadrangular e na Igreja O Brasil para Cristo . Outras igrejas juntaram-se ao movimento, como a Metodista Wesleyana Renovada.

Em 1945 foi fundada a Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, que se ramificou na Igreja Brasil para Cristo em 1955. Na década de 60, a Igreja O Brasil para Cristo, até aquele momento, um a das 4 maiores igrejas pentecostais do Brasil divide-se na Igreja Deus é Amor e na Casa da Bênção.

No início da década de 1970, o bispo canadense Robert McAlister, que aderira ao pentecostalismo nas Filipinas, fundou no Brasil a Igreja da Nova Vida. Em 1977 foi fundada a Igreja Universal do Reino de Deus, que em breve passou a contar com centenas de templos, várias emissoras de rádio e TV e milhões de adeptos no Brasil, além de templos em vários outros países.

2. Neopentecostalismo

Movimento surgido na década de 70 e que dá maior ênfase aos rituais de exorcismo e cura. Segue a Teologia da Prosperidade, que defende que a felicidade e o sucesso devem ser encontrados nesta vida.

Os neopentecostais têm hábitos morais menos rígidos do que os pentecostais tradicionais. A principal igreja é a Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo em 1977. Com 3,5 milhões de membros (1998), a Universal é a igreja que mais cresce no Brasil, onde tem cerca de 2.100 templos, e já se espalhou para 34 países. Considera que o mundo está tomado por demônios e a tarefa dos pastores é exorcizá-los.

Pára-Protestantes

Formam um grupo específico dentro do protestantismo porque acreditam que a própria doutrina foi revelada por uma ação divina especial. As principais igrejas são a Mórmon, a Adventista e a Testemunhas de Jeová.

- Mórmons (1830),
- Adventistas (1831),
- Testemunhas de Jeová (1872).

Dada a conotação algo pejorativa do termo seita e do subjetivismo dessa classificação, essas comunidades passaram a receber mais tarde o nome de igrejas informais [1]. Caracterizam-se por uma interpretação da última vinda de Cristo e por se desenvolverem entre pequenos grupos de gente simples em busca da solidariedade de uma piedosa comunidade local.

[1] Utilizamos neste livro a nomenclatura utilizada pelo ICP - Instituto Cristão de Pesquisas: Pseudo-cristãs e Religiões Controvertidas.

Heresia

"Uma mentira contada mil vezes, torna-se uma verdade." Joseph Goebbels, ministro da propaganda do partido nazista

3. Heresia

A maior parte dos movimentos heréticos que se sucederam ao longo da história tiveram raízes num clima generalizado de insatisfação social e espiritual.

No cristianismo e, por extensão, em di versas outras religiões, considera-se heresia a postulação de idéias contrárias à doutrina adotada e difundida pelas autoridades eclesiásticas.

3.1. Conceito e Alcance

O Código do Direito Canônico - legislação oficial da Igreja Católica - considera hereges os indivíduos batizados que negam de modo pertinaz verdades que a igreja ensina como reveladas por Deus. Define ainda como cismático o cristão que recusa a submissão à hierarquia eclesi ástica e, direta ou indiretamente, ao papa. Qualifica, enfim, como apóstata aquele que renega totalmente sua fé.

Na prática, a figura do cismático e a do herege apresentam grandes afinidades, visto que a negação da autoridade papal já constitui, em si, uma afirmação herética. Ambos diferenciam- se do apóstata pelo fato de continuar considerando-se cristãos. Freqüentem ente relativizam os termos do desentendimento, já que por sua vez acusam de hereges os defensores da doutrina oficial.

Ao se aplicar o conceito de heresia a situações ocorridas no antigo regime da cristandade - sociedade constituída pelo cristianismo - , não é fácil determinar até que ponto as diferenças eram de atitudes religiosas ou de posições sociopolíticas mascaradas por assuntos religiosos. A partir de uma perspectiva histórica, só se podem considerar como heréticos, a rigor, os movimentos que não chegaram a consolidar um sistema teológico e uma autoridade eclesiástica próprios. Assim, embora tanto a Igreja Ortodoxa como a Católica e as diversas comunidades protestantes se tenham qua lificado umas às outras de heréticas durante séculos, na atualidade o movim ento ecumênico evita acentuar as diferenças e, por conseguinte, prescinde do uso da palavra heresia.

3.2. Primeiras Manifestações Heréticas

Por volta do século II da era cristã, os primeiros padres da igreja, como santo Irineu e Tertuliano, condenaram det erminados movimentos dentro do cristianismo que, em sua opinião, atentavam contra a autenticidade dos ensinamentos de Jesus. Entre as tendências heréticas mais difundidas, achavam-se o gnosticismo e o maniqueísmo.

Ainda que a especulação filosófica gnóstica fosse anterior ao cristianismo, encontrou terreno propício nas primeiras re flexões da nova religião. Suas idéias fundamentais eram a salvação mediante o conhecimento e a afirmação de um dualismo antagônico entre matéria e espírito, em virtude do qual entre Deus e o mundo - criado por uma divindade maligna - existiam emanações intermédias. O desprezo pela matéria levou a dois extremos opostos na moral: o ascetismo absoluto e a libertinagem, esta última justificada porque nada de material tinha importância. O dualismo gnóstico encont rou singular expressão na doutrina dos marcionitas, que opunham o Deus do Antigo ao do Novo Testamento.

O maniqueísmo pode ser considerado uma forma particular do gnosticismo, que recolhia elementos do cristianismo e do zoroastrismo persa. Seu fundador, o persa Maniqueu, que viveu no século III, distinguia duas substâncias originárias opostas: luz e trevas. Santo Agostinho, em sua juventude, sentiu-se fortemente atraído por essa doutrina. Todavia depois a rejeitou completamente (ver livro Santo Agostinho - Confissões).

3.3. Rigorismo Anti-romano

Durante os séculos IV e V, que presenciaram a decadência do Império Romano do Ocidente, surgiram divers as seitas que defendiam um acentuado rigorismo moral e constituíam com freqüência movimentos regionais contrários às imposições sociopolíticas da capital do império.

O donatismo, de origem norte-africana, troux e consigo uma reação contra a minoria dirigente romanizada. O rigoris mo dos detentores do poder e da riqueza negava a admissão na igreja daqueles que haviam apostatado durante as perseguições.

Na Espanha, surgiu o priscilianismo, em torno da figura de Prisciliano, bispo de Ávila, executado no ano 385 que, segundo parece, admitiu práticas religiosas ancestrais de origem celta e criticou o clero romanizante.

O pelagianismo, enfim, inspirou-se nas idéias do monge Pelágio, oriundo das ilhas britânicas. Pelágio rejeitava a idéia de pecado original, defendia o poder absoluto da vontade humana e reduzia a importância atribuída à graça de Deus na salvação. Sua doutrina foi condenada pelo Concílio de Cartago, em 418.

O reconhecimento do cristianismo com o Edito de Milão e sua posterior conversão em religião oficial do Império Romano fizeram da igreja um centro de lutas políticas, especialmente entre Ori ente e Ocidente. A primeira ocasião de controvérsia surgiu com a doutrina de Ário, sacerdote que, de sua comunidade em Alexandria, negava a natureza divina de Jesus Cristo. O imperador Constantino convocou o primeiro concí lio ecumênico em Nicéia, no ano 325, e sugeriu a expressão "o Filho é consubst ancial ao Pai". Sufocado militarmente, o

arianismo difundiu-se entre os povos germânicos mas, na Espanha visigoda, chegou a perdurar como doutrina oficial até o ano 589.

Durante o século V, de fato, o problema de como conciliar a natureza divina com a humana na pessoa de Cristo dividiu as duas grandes escolas teológicas:

A de Antioquia, mais racionalista e realista, insistiu no aspecto humano.

A de Alexandria, propensa à especulação mística, no lado divino.

A disputa entre Antioquia e Alexandria sofreu a interferência das flutuações do patriarcado de Constantinopla e do imperador, que temia a fragmentação do império.

Na linha da escola de Antioquia, Nestório defendeu com tal ênfase a tese das duas naturezas de Cristo que o apresentou como duas pessoas, de onde se deduz que Maria não era mãe de Deus (*theotokos*). Essa doutrina (Nestorismo) foi condenada pelo Concílio de Éfeso (431).

Entre os séculos V e VIII a escola de Alexandria, que impusera suas teses em Éfeso, acentuou sua posição até o ponto de defender que em Cristo só havia uma natureza, a divina (monofisistas), ou uma vontade (monoteletas). Essas doutrinas foram condenadas nos concílios de Calcedônia (451) e Latrão (649).

3.4. Movimentos Religiosos Populares da Idade Média

Durante a alta Idade Média, ocorreu uma série de movimentos populares que defendiam a volta à pureza e pobreza evangélicas e pretendiam a reforma do clero. Assim, no século XI surgiram em Milão os patarinos, que logo passaram das propostas de reforma à oposição ao clero, a seus ritos e aos sacramentos.

A ênfase na vinda de um messias libertador que estabeleceria o reino de justiça e paz - que, segundo os milenaristas, duraria mil anos - reapareceu na situação de crise social dos séculos XII e XIII. O abade Joaquim de Fiore, morto em 1202, elaborou uma teologia da história segundo a qual, depois da idade do Pai (Antigo Testamento) e da idade do Filho (a igreja), viria a do Espírito, que suprimiria a hierarquia eclesiástica.

Os valdenses, seguidores do francês Pedro Valdo e conhecidos como os "pobres de Lyon" ou "pobres de Cristo", foram censurados por dedicarem-se à pregação, uma vez que eram leigos e iletrados, e condenados por questionarem a autoridade eclesiástica, o purgatório e as indulgências. Tiveram seguidores nos "pobres da Lombardia".

A heresia de maior importância histórica da época foi a dos cátaros ou albigenses - nome que receberam no sul da França, já que tinham seu centro na cidade de Albi. Professavam um dualismo de origem gnóstica e maniqueísta e defendiam a castidade, o jejum e o veget arianismo. Organizaram-se em dois grupos: os fiéis e os perfeitos. Estes últimos administravam o rito do *consolamentum*, que incluía a imposição de mãos. A igreja tentou fazer-lhes oposição, primeiro por meio do diálogo e logo mediante a "cruzada albigense", que assolou o sul da França durante a primeira metade do século XIII, e a criação da Inquisição. As ordens mendi cantes, dos dominicanos e franciscanos também se originaram do desejo de devolver os hereges ao bom caminho e dar-lhes exemplo de pobreza e humildade.

3.5. Precursores da Reforma

O cisma do Ocidente, que no fim do século XIV e princípio do século XV dividiu a igreja, deixou-a mergulhada num estado de grande desorganização. Apareceram, assim, certas doutrinas religiosas, como as que propugnaram o britânico John Wycliffe e o boêmio Jan Hus , que anteciparam muitas das teses da reforma luterana. Wycliffe partia da idéia do domínio de Deus, segundo a qual todo o poder e todo o mérito vem do Senhor. Ele predestina os homens ao bem (igreja invisível) ou ao mal, portanto a igreja visível perde importância. Wycliffe não aceitava a presença real de Cristo na eucaristia e proclamava o fortalecimento do poder do rei como vigário de Deus para administrar a justiça.

Foi condenado pelo Concílio de Constança, de 1414 a 1418.
Ver Wycliffe, John

O hussismo constituiu tanto uma doutrina religiosa como uma insurreição política. Hus declarou-se a favor da reforma da igreja segundo Wycliffe e, ao mesmo tempo, reivindicou uma Boêmia livre. Foi condenado, também, pelo Concílio de Constança.

3.6. Séculos XVI e XVII

Depois da Reforma protestante, a Igreja Católica permaneceu fiel ao conceito de heresia e condenou como tais diversos movimentos surgidos em seu seio. Entre estes, cabe destacar o iluminismo e o quietismo , aparecidos nos séculos XVI e XVII. Ambas as tendências propugnar am ensinamentos do tipo gnóstico, que situavam os iluminados acima de toda a formalidade externa da igreja, e conseguiram adeptos na Espanha, França e Itália.

Desde meados do século XVII, primeiro nos Países Baixos e depois na França, disseminou-se o jansenismo , inspirado nas idéias do teólogo Cornelius Otto Jansen, de Louvain, que insistia na dupla predestinação, para o bem e o mal, e na absoluta incapacidade humana de decidir seu destino. Aconselhava o

ascetismo e desaconselhava a eucaristia. No mesmo clima espiritual surgiu o galicanismo, impulsionado pelo absolutismo do monarca francês Luís XIV, que tentou governar a igreja de seu país sem contar com Roma, amparando-se na doutrina da supremacia do concílio sobre o papa (conciliarismo). Ambas as concepções perderam força em meados do século XVIII. Com a transformação posterior das estruturas sociais, os movimentos heréticos cederam lugar às agitações revolucionárias.

3.7. Heresia no Pensamento Contemporâneo

As mais recentes formulações sobre o conceito de heresia se devem a Frithjof Schuon, uma das maiores autoridades mundiais em religião comparada. Partindo de uma descrição dos pressupostos metafís icos comuns a todas as religiões, Schuon procura dar um conteúdo objetivo ao conceito de heresia, distinguindo entre heresias "extrínsecas" e "intrínsecas".

Extrínseca	É a doutrina e método que, por motivos de oportunidade histórica, vem a ser condenadas por uma autoridade religiosa dominante, mas que, numa outra época, podem vir a ser aceita, se não como ortodoxa, ao menos como espiritualmente legítima. O protestantismo é um exemplo de heresia extrínseca (em relação ao catolicismo).
Intrínseca	É a doutrina religiosa que atenta contra o próprio núcleo da metafísica universal e que, por isso, não encontra abrigo no seio de nenhuma das grandes religiões universais. O maniqueísmo, por seu dualismo irredutível (a luz e as trevas foram originadas juntas e são contrapostas constantemente), não pode conciliar-se com nenhuma das grandes religiões, e é um exemplo de heresia intrínseca.

Seitas

"Tomem este refresco para que todos juntos possamos abrir a porta para a Nova Vida." Jim Jones, para 913 pessoas que tomaram veneno nas Guianas em 18/11/1978

4. Seitas

4.1. Seita[1]

[1] ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Para a Igreja Católica, a formação de uma seita representa heresia, quando há negação de um dogma, ou cisma, se há desobediência. Entre os protestantes, o termo designa grupos dissidentes ou não-conformistas.

Seita é uma facção de uma religião organizada . O termo adquiriu definição mais precisa e sociológica com os es tudos de Ernst Troeltsch, Reinhold Niebuhr e Liston Pope: seita é todo grupo cismát ico nascido no interior de uma igreja organizada e em oposição a ela. Em obediência a uma autoridade carismática, a seita regula-se por uma interpretação literal dos textos sagrados, com ênfase nas doutrinas desprezadas pela igreja à qual pertencia, e é fortemente mística, missionária, messiânica e escatológica. Sua oposição alcança igualmente os valores culturais e, não raro, os costumes vigentes, em protesto contra a ordem estabelecida.

O desenvolvimento das seitas cristãs contemporâneas iniciou com a Reforma, principalmente entre os grupos dissi dentes alemães (anabatistas) e anglo-saxônicos (puritanos), que não aceitavam as relações e os compromissos estabelecidos entre a igreja e o estado. A base doutrinária das seitas cristãs, sobretudo protestantes, está na afir mação do livre exame da Bíblia e no sacerdócio universal dos crentes.

No Islã, a questão do califado e a predestinação levaram à formação de numerosas seitas, o que cumpria uma previsão de Maomé: "Minha comunidade se dividirá em 72 seitas." No judaí smo, as seitas desempenharam importante papel religioso e político, sobretudo no início da era cristã, com o surgimento dos fariseus, saduceus, essênios, Zelotes etc.

4.2. Como saber se é uma Seita[1]

[1] © AGIR - Todos os direitos reservados, com pequenas alterações do autor.

Muitas igrejas começam dentro da corrente cristã, porém, vão se distanciando paulatinamente da sã doutrina. Apresentamos abaixo uma lista de perguntas a fim de ajudar a discernir se uma igreja tem o potencial de se converter em seita.

1. O Líder

Não é humilde? (Tiago 4:6, 10)
Não é irrepreensível? (I Timóteo 3:2)

Não dá qualquer outro tipo de satisfação de suas ações a um grupo de homens piedosos - junta de anciãos ou algum órgão de supervisão da igreja (qualquer que seja o nome deste)?

Jacta-se de ter uma "unção especial"?

Não admite quando se engana?

Não está aberto a receber sugestões dos membros da igreja?

Não vive livre do "amor ao dinheiro"? (I Timóteo 6:10)

2. Os Membros

O pastor freqüentemente faz referências negativas a ex-membros da igreja?

Existe um medo inexplicável nos membros da igreja?

As mulheres que têm maridos descrentes são instruídas a não se sujeitarem aos seus maridos?

Somente alguns membros da igreja são encorajados a desenvolverem seus dons espirituais?

Existem rumores, fofocas e acusações contínuos contra os membros que não são considerados fiéis?

Condena-se o membro quando este não é dizimista?

É prioritário as necessidades financeiras do grupo em detrimento das necessidades das famílias dos membros?

É ensinado ao membro desenvolver sua própria salvação através de penitências e boas obras?[1]

[1] A Bíblia nos apresenta a salvação mediante a fé em Cristo Jesus, e não por méritos pessoais (Rm 3:1-12; Ef 2:8,9).

3. A Igreja

Diz que só a sua denominação é que salva?

Não mantém comunicação com outras igrejas?

Pede lealdade à igreja e ao líder e não propriamente a Jesus?

Alguém tem que seguir uma lista de regras humanas para ser membro da igreja?

Não se ensina sobre a graça e a misericórdia de Deus em favor dos pecadores?

O seguir a igreja tem prioridade sobre a família?

O dinheiro é administrado de maneira secreta?

Há freqüentes solicitações emocionais visando o dinheiro dos membros?

Dividem a fidelidade entre Deus e a organização? Desobedecer à organização equivale a desobedecer a Deus?

4. A Bíblia

O Grupo adiciona algo à Bíblia. Isto é, possuem outras fontes doutrinárias além da Bíblia, aceitas por seus adeptos como divinamente inspiradas?

O Grupo subtrai algo da pessoa de Jesus Cristo, como sua divindade por exemplo?

Repudiam publicamente o sangue de Jesus? Isto é, negam o ensinamento sobre a deidade de Jesus Cristo e sua obra redentora?

Dizem que crer em Jesus é importante, mas não é tudo?

Usam de falsa interpretação de textos bíblicos não respeitando as regras auxiliares da hermenêutica (Ap 22:18,19)?

Se algumas destas perguntas forem respondidas com um <u>sim</u>, é muito provável que a organização analisada seja uma seita.

4.3. Origem das Seitas

"Amados, não deis crédito a qualquer espírito: antes, provai se os espíritos procedem de Deus, porque muitos falsos profetas tem saído pelo mundo afora". (I Jo 4:1)

O mundo é um ser adorador, já nasce com o instinto de adoração. As sagradas Escrituras, em Gn 3:1-24, nos relata a separação entre o homem e seu Criador, desde então existe no ser humano a necessidade latente de voltar-se para a divindade, dentro deste contexto encontramos a essência da palavra "religião", do latim *religare* ou ligar-se novamente. A verdadeira religião é aquela que leva o homem a ligar-se novamente a Deus, através dos seus ensinamentos, suas doutrinas.

Deus, por não ser um Deus de confusão, dúvidas e incertezas, deixou um manual para orientar, dirigir, guiar todos aqueles que desejarem estar novamente com Ele, a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus. Porém, Satanás tem por principal objetivo fazer com que o homem não volte a ter comunhão com Deus, tem de diversas formas tentado enganar o hom em, desviando-o cada vez mais do seu Criador. Uma das estratégias usadas por ele que muito tem prosperado, é a de não podendo destruir nem contestar as prec iosas verdades contidas na Bíblia, tem procurado desacreditá-la, torcer ou esconder os ensinamentos nela contidos.

O resultado é o que a humanidade tem verificado desde os primórdios dos tempos, o surgimento de inúmeras seitas falsas, fundamentadas em filosofias humanas uma tentativa frenética e absur da de prover ao homem meios para sua redenção, ignorando o fato de que Jesus Cristo é o caminho que nos conduz ao Pai.

4.4. O Que é Uma Seita?

É um sistema ou organização que diverge da opinião geral e é seguido por muitos, ou seja, um grupo de pessoas que se polarizou em torno de alguma

interpretação isolada da Bíblia, caracterizando-se por grandes desvios no que tange as principais doutrinas do cristianismo.

Estão fundamentados em heresias, doutrinas que em matéria de fé sustentam opinião contrária a Palavra de Deus (II Pe 2:1). As seitas, espiritismo e astrologia, são mencionadas por registros históricos e bíblicos como prática de culto entre o povo Egípcio e Babilôni co com data aproximada de 2.613 a.C. Nos dias atuais proliferam-se rapidamente, surgindo de divisão, facção de outras seitas ou Igrejas já existentes. Al gumas pessoas tem apostatado da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e às doutri nas de demônios (I Tm 4:1), caindo no erro, no engano por não conhecerem as Sagradas Escrituras nem o poder de Deus.

Quadro - Características do Verdadeiro Cristianismo

1. Novo Nascimento	Jo 3.5
2. Crescimento	II Pe 3.18
3. Vestes Novas	Is 61.10
4. Vida Radiante	Mt 5.16
5. Caráter em Formação	Mt 7.24
6. Comunhão	Lc 24.32
7. Filiação	Jo 1.12
8. Educação	Jo 8.31-32
9. Serviço	I Tm 6.18
10. Sacrifício	Rm 12.1
11. Andar Novo	Gl 2.6
12. Luta	I Tm 6.12
13. Corrida	Hb 12.1
14. Vitória	I Jo 5.4
15. Certeza da Imortalidade	Jo 17.3

Classificação das Religiões e Seitas

Quantas coisas que, ontem, eram artigos de fé, são hoje meras fábulas. Michel de Montaigne)

5. Classificação das Religiões e Seitas

5.1. Introdução

Haja Criatividade!

Alguns dizem 11.000 outros chegam a dizer que há 22.000 religiões registradas no mundo. E para registrar uma nova denominação, muitos fundadores de igrejas e ministérios se esmeram na criatividade para dar às suas congregações nomes que as destaquem de todas as outras. Às vezes o resultado acaba se situando entre o mau gos to e o bizarro. No entanto, em sua maioria, os nomes são apenas curios os. Confira a seguir alguns nomes de igrejas, extraídos da Revista Vinde, que provam que os pastores estão cada vez mais criativos.

Igreja Pentecostal Florzinha de Jesus (Londrina, PR)
Igreja Pentecostal Trombeta de Deus (Samambaia, DF)
Igreja Evangélica Cenáculo de Oração Jesus Está Voltando (Brasília, DF)
Igreja Evangélica Deus Pentecostal da Profecia (S. Mateus, ES)
Igreja Pentecostal Alarido de Deus (Anápolis, GO)
Igreja Pentecostal Esconderijo do Altíssimo (Anápolis, GO)
Igreja Batista Coluna de Fogo (Belo Horizonte, MG)
Igreja Comunidade Porta das Ovelhas (Belo Horizonte, MG)
Igreja de Deus que se Reúne nas Casas (Itaúna, MG)
Igreja Evangélica Pentecostal Creio Eu na Bíblia (Uberlândia, MG)
Igreja Evangélica a Última Trombeta Soará (Contagem, MG)
Igreja Pentecostal Jesus Nasceu em Belém (Belém, PA)
Igreja Evangélica Assembléia de Deus Ministério Eis-me Aqui (Nova Iguaçu, RJ)
Igreja Evangélica Explosão da Fé (Belford Roxo, RJ)
Igreja Pentecostal do Fogo Azul (Duque de Caxias, RJ)
Igreja Pentecostal o Poder de Deus é Fogo (Rio de Janeiro, RJ)
Ministério Favos de Mel (Rio de Janeiro, RJ)
Igreja Evangélica Pentecostal Labaredas de Fogo (Rio de Janeiro, RJ)
Igreja Evangélica Internacional Soldados da Cruz de Cristo (Rio de Janeiro, RJ)
Igreja a Serpente de Moisés, a Que Engoliu as Outras (Rio de Janeiro, RJ)
Assembléia de Deus com Doutrinas e Sem Costumes (Rio de Janeiro, RJ)
Templo Evangélico da Sétima Trombeta (Rio de Janeiro, RJ)
Igreja Evangélica Universal Jesus Breve Vem (Vilhena, RO)
Igreja Pentecostal Monte da Obra Missionária (Jaru, RO)
Igreja de Jesus Cristo no Universo (Porto Velho, RO)
Assembléia de Deus da Reforma Universal (Porto Alegre, RS)
Congregação de Profetas Jesus Nosso Rei dos Judeus (Taubaté, SP)
Igreja Atual dos Últimos Dias (Araras, SP)
Igreja Despertai Para Jesus (S. Vicente, SP)
Igreja do Evangelho Triangular no Brasil (Sertãozinho, SP)
Igreja Evangélica Ministério Cristão Fé e Palavra Pentecostal (Osasco, SP)
Igreja Evangélica Facho de Luz (S. Bernardo do Campo, SP)
Igreja Pentecostal Barco da Salvação (Mauá, SP)
Igreja Evangélica Pentecostal Cuspe de Cristo (São Paulo, SP)
Igreja Evangélica Pentecostal a Última Embarcação Para Cristo (São Paulo, SP)
Igreja Pentecostal Jesus Vem Você Fica (São Paulo, SP)

5.2. Listagem das Religiões e Seitas

Quadro - Listagem das Religiões e Seitas (somente as mais significativas)

Movimentos e Filosofias
Animismo
Agnosticismo
Ateísmo
Ceticismo
Gnosticismo
Maniqueísmo
Ecumenismo
Nova Era
Reencarnação
O Código da Bíblia

Religiões Mundiais
Catolicismo Romano
Católicos Carismáticos
Ortodoxos
Judaísmo
Islamismo
Taoísmo
Shintoísmo ou Xintoísmo
Hinduísmo
Budismo

Religiões Controvertidas
Adventistas do Sétimo Dia
Congregação Cristã
Tabernáculos da Fé
Só Jesus
Voz da Verdade
Universal de Jesus Cristo

Pseudo Cristãs
Mórmons Ou IJCSUD
Testemunhas de Jeová
Ciência Cristã
Meninos de Deus (A Família)
Igreja Local de Witness Lee
Igreja da Unificação (Moonismo)
Testemunhas de Ieroshua

Orientais
Brahmanismo
Confucionismo
Fé Bahai
Hare Krishna
Jainismo
Meditação Transcendental
Messiânica Mundial
Rajneeshismo
Seicho No-Iê
Sikhismo
Tantrismo

Espíritas
Kardecismo ou Alto Espiritismo
Espiritismo ou Baixo Espiritismo
Legião da Boa Vontade (LBV)
Racionalismo Cristão
Santo Daime

Espiritismo Afro-Brasileiro
Candomblé
Umbanda
Quimbanda
Cultura Racional

Ocultismo ou Seitas Secretas
Rosa Cruz
Maçonaria
Teosofia
Parapsicologia
Esoterismo (Astrologia, Vodu, Superstição, Adivinhação, Bruxaria, Feitiçaria, Magia Negra, Búzios, Demonologia, Cabala...)
Xamanismo

5.3. As Verdadeiras Religiões

Neste momento analisamos as igrejas criadas após reforma iniciada por Lutero em 1517, já que a igreja primitiva dos apóstolos transformou-se e desviou-se dos primeiros ensinamentos e doutrinas de Cristo (veja Catolicismo Romano).

Nós analisamos somente as igrejas mais antigas e não analisamos as denominações recentes, salvo alguma rara exceção que gostaríamos de citar por motivos didáticos ou atípicos. Esperamos que as denominações não citadas aqui neste tópico compreendam que o espaço é extremamente pequeno para citar uma parcela significativa das milhares de religiões que pregam o verdadeiro Cristo.

1. Anabatismo

Uma das primeiras divisões da Reforma, quando esta ainda não se havia definido inteiramente, o anabatismo condenava o batismo infantil, que considerava blasfemo, preconizando em seu lugar o batismo dos adultos.

O anabatismo, que em grego quer dizer "rebatismo", estava incluído no código de Justiniano (ano de 529) como uma das duas heresias a serem punidas com a morte. Mil anos depois, no início do século XVI, surgiu no cantão de Zurique (Suíça) uma doutrina que rejeitava o batismo infantil e afirmava que "a vida cristã não é brinquedo de criança". Só reconhecia como verdadeiro sacramento o que fosse acompanhado de confissão de fé e consciente declaração do propósito de levar uma vida cristã. A denominação "anabatistas" foi dada pejorativamente por seus opositores. Eles não se consideravam rebatizadores, pois repudiavam seu próprio batismo na infância como uma formalidade blasfema. Preferiam ser chamados apenas Brüder (irmãos).

Doutrina

Os anabatistas pregavam também a separação da igreja do estado, condenavam o uso da força e das armas e recusavam-se a prestar juramentos civis. Julgavam que Lutero e Zwingli acomodavam as conquistas da Reforma a conveniências políticas e culturais. Estavam decididos a restaurar as instituições e o espírito da igreja primitiva, pois previam o fim dos tempos e exigiam uma nova sociedade.

O movimento expandiu-se com rapidez na Suíça, passando aos Países Baixos, Frísia, Prússia, Polônia e Lituânia. Em contradição com um dos pontos principais da doutrina, uma minoria radical chegou a pegar em armas na defesa de sua concepção teológica e ética. A perseguição à seita iniciou-se em 1525, quando se proibiram as reuniões dos anabatistas suíços. Em 1529, um edito oficial anunciava que "todo anabatista ou pessoa rebatizada seria morta a espada ou na fogueira". Desencadeou-se uma feroz repressão aos núcleos anabatistas, que redundou na tortura e execução de milhares de pessoas.

Nos Países Baixos formou-se um grupo pacifista liderado por Memno Simons. O termo menonita passou então a designar a principal corrente dos antigos anabatistas. Os menonitas espalharam-se por vários países, como Estados Unidos, Canadá e muitas nações latino-americanas. No Brasil os menonitas chegaram em 1930, estabelecendo-se em colônia agrícola no Rio Grande do Sul e transferindo-se depois para as cercanias de Curitiba (Palmeira), onde em 1964 foi fundada a Associação Evangélica Menonita.

2. Igreja Luterana

É a primeira Igreja saída da Reforma, fundada por Martinho Lutero. A comunidade pode escolher seus pastores e todos os batizados são considerados sacerdotes. Acentua-se a autoridade única da Bíblia, não sendo necessária a interpretação de um sacerdote. Cada igreja é independente e não é submetida a uma hierarquia.

Embora apresentem ligeiras diferenças entre si, as igrejas luteranas mantêm-se na essência fiéis às diretrizes fixadas pelo agostiniano Martinho Lutero[1].

[1] Lutero, Martinho (1483-1546) - Religioso alemão. Líder da Reforma, que levou à fundação do protestantismo no século XVI.



As igrejas luteranas provêm do movimento de que resultou a igreja reformada pela atividade e doutrina de Lutero. Embora este pretendesse denominá-la **Igreja Evangélica**, ela foi logo chamada luterana, por analogia a outras confissões oriundas da Reforma e igualmente evangélicas - calvinismo, anabatismo, anglicanismo. Apesar disso, e da tendência contemporânea à unificação, não existe uma instituição eclesiástica luterana universalmente reconhecida. Por isso se fala mais apropriadamente em igrejas luteranas.

Martinho Lutero (1525)

Princípios fundamentais

A doutrina de Lutero articulou-se em torno de dois elementos fundamentais: a "justificação pela fé " e a autoridade única das escrituras . A primeira foi produto da intuição teológico-religiosa que veio ao encontro das angústias de Lutero sobre sua salvação, ao refletir sobr e uma passagem da epístola de São Paulo aos romanos: "O justo viverá da fé" (Rm 1:17).

Nessa intuição teve origem o preceito fundamental do luteranismo sobre a justificação do homem pela fé - *sola fide*, somente a fé - e da ineficácia das obras humanas como instrumento da salvação. Resultados lógicos de tal preceito foram o desenvolvimento da doutrina sobre a corrupção da natureza humana devido ao pecado original e a convicção de que apenas a graça de Deus,

manifesta nesse dom da fé, poderia conduzir o homem à salvação. Rejeitava-se, assim, o espírito renascentista que preparara a atmosfera ideológica da Reforma. A controvérsia entre Erasmo, que defendia a liberdade do homem (*De libero arbitrio*), e Lutero, que a negava (*De servo arbitrio*), é o exemplo mais significativo.

O segundo elemento fundamental da Reforma luterana foi determinado pela decadência da Igreja Católica no final da Idade Média, com o desprestígio do papado, a administração nepotista, o abus o de contribuições em troca de benefícios e cargos eclesiásticos, o relaxamento dos costumes e a má-formação do clero . A reação adversa que tudo isso suscitava no povo e nos príncipes alemães desaguou no protesto de Lutero. A venda de indulgências foi a centelha que incendiou a contenda entre o agostiniano alemão e o poder de Roma.

Em consonância com sua intuição fundamental, que encontrara novas perspectivas a partir da meditação pessoal sobre um texto da Bíblia, e ante o espetáculo de uma hierarquia eclesi ástica decadente, Lutero concebeu seu segundo princípio básico: *sola Scriptura* (apenas a Sagrada Escritura). Ou seja, a eficácia da graça de Deus - *sola gratia* - realiza-se por meio de sua palavra, acolhida na fé e interpretada com o auxílio do Espírito Santo, sem a mediação da igreja.

Doutrina

Os dois princípios fundamentais do luteranismo continham uma grande carga subjetiva, já que se baseavam na experiênc ia pessoal da fé e do Espírito Santo, mas também serviram de base para um profundo movimento social. Essa dupla condição exigiu que a nova confissão se concentrasse num corpo teológico, numa organização e em atuações práticas, cuja determinação ocorreu de acordo com as circunstâncias históricas dos primeiros momentos do processo.

Nas disputas teológicas com a igreja de Roma, Lutero atacou principalmente a autoridade do papa e as práticas eclesi ásticas que instrumentalizavam sua dominação religiosa.

Admitiu, no entanto, as tradições dos primeiros concílios ecumênicos, com sua doutrina sobre a trindade e sobre Jesu s Cristo. Na estrutura da igreja, admitiu o sacramento do batismo e a pr esença real de Cristo na eucaristia (entendida de forma diversa da explicação católica romana e de outras igrejas protestantes). Admitiu também a in stituição do episcopado, embora com um sentido bastante diferente do católico, já que, de um lado, convidou os príncipes alemães a exercerem as funções episc opais e, de outro, defendeu o sacerdócio de todos os fiéis.

Assim, havia uma distinção entre a "igr eja visível", submetida ao estado, e a "igreja invisível" dos que estavam unidos pela fé.

Essa complexa evolução, ao mesmo tempo doutrinal e política, não foi nem linear nem homogênea. Lutero defendeu, por ex emplo, o direito de rebelião dos príncipes contra o imperador Carlos V, mas condenou a rebeldia dos camponeses contra esses mesmos príncipes. As diferentes concepções em torno da organização da igreja e das questões teológicas, assim como o peso de

determinantes geográficos e históricos, fizeram com que, do tronco inicial do luteranismo, se desprendessem paulatinamente ramos como o calvinismo, o anabatismo e o anglicanismo. Por outro lado, a própria concepção que tinha Lutero da instituição eclesiástica tam bém deu margem à criação de diversas igrejas luteranas, geralmente de caráter nacional.

No século XX, as diversas igrejas luteranas, em linhas gerais, só diferem na organização. Mantêm o episcopado - em certos casos, exercido muito moderadamente -, com caráter temporal e com determinados conselhos ou sínodos que lhe limitam a autoridade. Muit as igrejas luteranas não participam da Federação Luterana Mundial. Todas, porém, se pautam pelos pontos centrais da doutrina tradicional. Nesse sentido, entre as instituições denominadas protestantes, constituem certamente um dos conjuntos de maior homogeneidade, tanto do ponto de vista doutrinário, como administrativo.

Luteranismo no Brasil

Os primórdios do luteranismo no Brasil remontam à imigração alemã, resultado da política imperial de colonização. Os primeiros grupos fixaram-se em Nova Friburgo RJ (1823) e São Leopoldo RS (1824), formando comunidades que hoje constituem a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, com sede em Porto Alegre RS. Outras comunidades luteranas, resultantes de atividade missionária americana, constituem hoje a Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

3. Igreja Anglicana

Igreja da Inglaterra, que nasceu da ruptura do rei Henrique VIII (1491-1547) com o papa Clemente VII em 1534.

Usa como pretexto a recusa do Papa Clemente VII em aceitar seu divórcio de Catarina de Aragão. Com o apoio do Parl amento e do povo, descontentes com os privilégios e poderes eclesiásticos, Henrique VIII se proclama chefe supremo da Igreja Anglicana. Da Inglaterra difunde-se para as colônias, especialmente na América do Norte. No Brasil, é conhecida como Igreja Episcopal. Assemelha-se ao catolicismo quanto à liturgia. O anglicanismo admite mulheres como sacerdotes desde 1994.

"Entre as comunhões nas quais subsistem em parte as tradições e estruturas católicas, ocupa lugar especial a co munhão anglicana". Contida no documento sobre ecumenismo do concílio Vaticano II, essa afirmação não é propriamente uma novidade. Afinal, a Igreja Anglic ana, à diferença de outras, nascidas da Reforma protestante, considera a si mesma "uma parte da igreja una" e seu fundador, o rei Henrique VIII da Inglaterra , estudioso de teologia e refutador de Lutero, recebeu do papa o título de defensor da fé, que os monarcas britânicos ostentam até hoje.

4. Calvinismo

No campo geral do protestantismo, o ramo calvinista distingue-se por levar às últimas conseqüências lógicas a soberania absoluta de Deus e por ter instituído um grau prudente, mas rigoroso de organização humana nas igrejas que o compõem.

João Calvino realizou uma "segunda Reforma". Seus esforços tiveram o objetivo de reunificar as diversas correntes protestantes e conseguiu atrair os seguidores de Huldrych Zwingli [1] no Consensus tigurinus (1549). No entanto, na verdade ele consumou uma ruptura com o luteranismo, formando, ao lado deste e do anglicanismo, o terceiro grande grupo dentro do protestantismo.

[1] Zwingli, Huldrich (1484-1531) - Religioso suíço. Principal líder da reforma protestante no país, suas doutrinas influenciaram as confissões calvinistas.

Na Europa, as igrejas calvinistas recebem geralmente o nome de reformadas, enquanto no resto do mundo são chamadas presbiterianas.



João Calvino e Guillaume Farel

João Calvino em companhia do também reformador Guillaume Farel

Organização das igrejas locais

Rechaçado durante sua primeira estada em Genebra, devido à rigidez da disciplina imposta, Calvino foi chamado de volta pelo conselho municipal em 1541. Com a autoridade que lhe foi outorgada, publicou as Ordenações eclesiásticas, que posteriormente se tornaram de base para a fundação de outras igrejas locais. As ordenações confiavam a atividade eclesiástica a quatro grupos:

- os pastores, que, eleitos pelo povo e encarregados de pregar a palavra de Deus, reuniam-se semanalmente em congregação e mensalmente em sínodo;
- os doutores, que se dedicavam ao ensino;

- os presbíteros, "anciãos" leigos que mantinham a disciplina e
- os diáconos, que cuidavam das tarefas assistenciais.

O consistório - que em Genebra tinha caráter de conselho municipal - era formado por seis pastores e 12 anciãos . Tinha competência para punir deslizes disciplinares ou passar a acusação para os tribunais civis.

A denominação igreja presbiteriana procede precisamente da instituição do presbitério de "anciãos" leigos dotados de autoridade disciplinar, mas que se distingue da autoridade que outras igrejas concedem ao bispo.

A supremacia do poder religioso sobre o civil valeu à Genebra a denominação de "cidade-igreja". O fortalecimento da igreja deveu-se ao zelo da constante pregação de Calvino, à prestigiosa academia teológica que ele fundou - baseada nas humanidades greco-latinas e na exegese (i nterpretação) bíblica - e à rigidez da disciplina, com penas que incluíam o exílio e até a morte. Tratava-se de uma organização democraticamente eleita, mas de princípios de extremo rigor. Em quatro anos, Calvino fez exilar de Genebra 76 descontentes e ordenou a execução de 58 pessoas.

Expansão

Calvino acolheu refugiados franceses de fé protestante e entre eles escolheu missionários que voltaram para fundar outras igrejas locais. De acordo com o princípio da autonomia, estas foram estabelecendo suas próprias bases doutrinárias e institucionais:

- a confissão galicana (1559),
- a escocesa (1560) e
- a belga (1561),
- até que se redigiu de comum acordo a confissão helvética (1566).

Calvino serviu-se do poder civil para a expansão de sua doutrina e das igrejas, mas quando esse poder se mostrou hostil, ele se aliou à oposição. Para Calvino, um príncipe que combatia a igreja perdia automaticamente seus direitos e era lícito fazer-lhe oposição, até mesmo armada. Na França, os calvinistas , conhecidos como huguenotes, tiveram de enfrentar os Guises, poderosa família católica que controlava o fraco rei Francisco II. As resultantes guerras religiosas deixaram na história um marco trágico: a noite de são Bartolomeu (1572), na qual morreram milhares de huguenotes . Essas guerras só chegaram a termo com o edito de Nantes (1598).

Nos Países Baixos, os calvinistas apoiaram a rebelião contra Filipe II da Espanha. Na Escócia, o calvinismo - também conhecido como puritanismo , devido a seu rigor doutrinal - teve desde o início muitos seguidores, graças ao esforço reformador de John Knox, que fez do presbiterianismo a religião oficial. Na Inglaterra, depois do período da revo lução puritana de Oliver Cromwell, a igreja presbiteriana foi proibida pelo anglicanismo oficial e só em 1686 foi novamente liberada.

Os puritanos ingleses exilados leva ram a igreja presbiteriana à Nova Inglaterra, colônia da costa atlântica da América do Norte. Os próprios ingleses e

os holandeses propagaram o calvinismo por diversos países de seu império colonial, sobretudo na futura África do Sul.

Doutrina

O homem sob o peso de Deus. A doutrina de Calvino se polariza na soberania de Deus: "Toda glória a Deus." A justificação e a santificação do homem são obras exclusivas de Deus, que predestina alguns para a salvação "antes de levar em conta seus méritos" futuros e o faz concedendo-lhes graças eficazes e irresistíveis que lhes permitem perseverar até o fim. Qualquer contribuição humana diminuiria a soberani a absoluta de Deus. Assim, Calvino também teve de admitir que os pecadores, os condenados, não haviam escapado à eficaz vontade divina: Deus os havia predestinado à destruição, antes de prever seus pecados e, no calv inismo mais rígido, antes mesmo de prever o pecado original de Adão no Paraíso. Pela doutrina calvinista, só se admitem dois sacramentos: o batismo e a eucaristia, mas seu caráter é meramente simbólico e não proporciona a graça.

O conhecimento do homem nada mais é que as idéias infundidas nele por Deus, que é a "única fonte da verdade" e princípio real das ações humanas. O homem é um tão-somente um instrumento dos desígnios divinos.

A Palavra de Deus

A fonte da verdade é a Sagrada Escritur a, a palavra de Deus, iluminada pelo Espírito Santo e ilustrada pela pregação. Ca lvino aceitava os primeiros concílios e a doutrina de santo Agostinho contra o herege Pelágio - que negava a necessidade da graça divina em favor do livre arbítrio - , mas rechaçava o magistério da Igreja Católica e acusava de idolatria a hierarquia de Roma.

Igreja e sociedade

A igreja tem "poder supremo para submeter todos os cristãos à obediência de Deus e colocá-los a seu serviço, coibindo e corrigindo os escândalos". O cristianismo santificado está nas mãos de Deus e não teme nenhum poder civil. Seu valor é um sinal de sua justificação, da mesma forma que a prosperidade exterior e a riqueza. Essas idéias levaram-no à chamada "ética da economia": "O ouro e a prata são boas criaturas, às quais se pode dar bom uso". O juro, que era então considerado usura, só podia chegar a cinco por cento.

A pequena burguesia da Europa protestante aceitou bem esse arquétipo calvinista do cidadão laborioso e parcimonioso, predestinado por Deus, e sociólogos como o alemão Max Weber analisaram essa circunstância como uma das fontes do capitalismo. No campo político, a doutrina da predestinação levou em certos casos à segregação dos que não eram tidos como "predestinados". Por outro lado, a adoção do sistema de eleições pelos calvinistas favoreceu a instauração de governos democráticos.

Igreja em Grossmünster, Zurique

Onde Calvino começou sua pregação religiosa



5. Igrejas Presbiterianas

Fundada pelo escocês John Knox (1505-1572) , seus princípios fundamentais são enunciados na Confissão de Fé de Westminster, em 1643. Segue a doutrina religiosa do teólogo francês João Calvino (1509-1564), que funda em Genebra uma corrente do protestantismo. Calvino afirma o dogma da predestinação, segundo o qual o homem está destinado à salvação ou à condenação. Salva-se quem santificar a vida cumprindo seus deveres. Defende que a Igreja e o Estado devem estar separados, com predomínio da primeira sobre o último. Enfatiza especialmente a leitura e interpretação da Bíblia e admite os sacramentos do batismo e da eucaristia.

Igrejas presbiterianas são as igrejas protestantes que não admitem hierarquia eclesiástica superior à dos presbíteros, em oposição à organização de tipo episcopal, seguida pela Igreja da Inglaterra, que conserva as três ordens do clero: bispo, presbítero e diácono. Governadas por um presbitério, conselho composto de leigos e pastores chamados presbíteros, as igrejas presbiterianas encontram fundamento teológico no princípio da igualdade de todos os membros da congregação - a qual tem em Cristo seu único senhor e cujos serviços devem ser delegados a membros eleitos pela comunidade. Opõem-se, assim, à autoridade do papa e dos bispos, que a Igreja Católica e outras confissões protestantes consideram sucessores dos apóstolos e depositários da autoridade divina.

Doutrina

Os presbiterianos condenam o aparato litúrgico de católicos e anglicanos. Seu culto prima pela simplicidade: consiste de prédica, leituras bíblicas, canto de hinos e orações. O sermão ocupa a parte principal do serviço religioso. São administrados apenas os sacramentos do batismo e da eucaristia, e esta é considerada como profissão de fé comunitária e não como presença real de Cristo no pão e no vinho. Com relação a outros temas doutrinais, os teólogos presbiterianos tendem, em geral, a afastar-se da teoria calvinista da

predestinação, pela qual a salvação ou a condenação dos homens já está determinada desde antes da criação do mundo.

Principais igrejas presbiterianas

A Aliança Mundial de Igrejas Presbiterianas agrupa 120 confissões independentes, com a maior parte dos fiéis no Reino Unido e nos Estados Unidos. Sua atividade missionária permitiu-lhe estender-se também ao Extremo Oriente, sobretudo por meio de universi dades e hospitais. A Igreja Presbiteriana Britânica foi fundada em 1876 pela fusão da Igreja Presbiteriana Unida com diversas outras congregações presbite rianas da Inglaterra e da Escócia, nascidas de dissidências do anglicanismo. Cabe assinalar, a esse respeito, a importância do reformador escocês do século XVI John Knox [1] que, exilado na França e na Suíça durante o reinado de Maria Tudor, exerceu grande influência sobre o culto presbiteriano. A implantação dessa religião nas ilhas britânicas em geral e na Escócia em particular foi sem dúvida favorecida pela ação de Knox.

[1] Knox, John (1514-1572) - Religioso escocês. Refo rmador protestante, tornou o presbiterianiso a religião oficial da Escócia.

A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos é resultado da fusão, em 1983, dos dois grandes grupos protestantes que se haviam formado no norte e no sul do país em conseqüência da guerra civil. Sua origem remonta aos colonos ingleses, irlandeses e escoceses do século XVII, que preferiram a organização presbiteriana à congregacionista. Divergências doutrinárias provocaram, no século XVIII, a cisão de escoceses e irlandeses, mas as duas tendências se reconciliaram em 1758. Novas divisões se produziram durante o século XIX, provocadas tanto por questões sociais co mo por diferenças teológicas, mas foram finalmente superadas.

6. Igrejas Congregacionais

Dentro do protestantismo de ori entação calvinista, o movimento congregacionista se caracteriza pela total autonomia jurídica e religiosa que atribui às igrejas que o integram.

As igrejas congregacionais surgiram no protestantismo inglês no final do século XVI e início do XVII. Embora di versas denominações modernas admitam a autonomia das igrejas locais, a designação congregacional se reserva tradicionalmente às igrejas cuja caract erística principal é a defesa desse princípio.

O movimento desenvolveu-se como ra mificação do puritanismo. Em 1658, com a morte de Cromwell, defensor dos puritanos, as igrejas congregacionais se separaram e foram proibidas. Exilaram-se então no norte da Europa e nas colônias britânicas, especialmente os Estados Unidos, onde ganharam grande número de adeptos. Readmitidas na Inglaterra no final do século XVII, elas demorariam quase um século para recuperar o vigor. Em 1832 criou-se a União Congregacional da Inglaterra e de Gales. Depois da segunda guerra mundial,

produziu-se um movimento geral de união entre as igrejas reformadas. Nos Estados Unidos foi criada a Igreja Un ida de Cristo, em 1961, com evangélicos e congregacionistas; no Reino Unido, presbiterianos e congregacionistas formaram, em 1972, a Igreja Reformada Unida.

Como muitas outras denominações pr otestantes, os congregacionistas aceitam apenas dois sacramentos, o batismo e a comunhão. Em geral, evitam se prender a um corpo doutrinário, pois entendem a fé como um encontro pessoal com Deus.

7. Igreja Episcopal

A congregação episcopal é herdeira da doutrina da Igreja Anglicana, devidamente adaptada à realidade social e religiosa dos Estados Unidos, país onde vive a grande maioria de seus fiéis.

A Igreja Episcopal é o ramo americano da comunhão anglicana, que se emancipou no tocante à organização e hierarquia em 1789, na cidade de Filadélfia. Conservou, porém, os ensinamentos e o culto originais, sem as rígidas exigências doutrinárias.

História

Em 1607, fundou-se nos Estados Unidos a primeira igreja anglicana, confissão que se expandiu à medida que af luíam novos colonos britânicos. Durante a guerra de independência, no entanto, o juramento de fidelidade à coroa inglesa a que os ministros anglicanos eram obrigados levou a maior parte deles ao exílio. Para que o anglicanismo americano sobrevivesse, o capelão William White propôs a separação constitucional e uma nova categoria jurídica para a Igreja Episcopal. As convenções de 1784 e 1785 estabeleceram o regime interno da igreja.

No século XIX, surgiram dissidênc ias entre a ala episcopal próxima ao catolicismo romano e a de herança protestante. Do mesmo modo, começaram a se registrar influências de novas correntes , como a teologia liberal, o criticismo bíblico, o evangelho social e o movim ento ecumênico, que, com êxito maior ou menor, tiveram desenvolvimento autônomo.

Organização

Cada congregação episcopal - paróquia ou igreja local - elege seus dirigentes leigos encarregados dos assuntos seculares e um reitor para o ministério religioso. As missões são regidas pelo bis po. Os clérigos e leigos eleitos por suas paróquias reúnem-se anualmente numa convenção que se ocupa dos assuntos de toda uma diocese e elege o bispo em caráter vitalício. A assembléia dos bispos e a dos representantes laicos formam a chamada grande convenção, que se reúne a intervalos de três anos. Em 1970, essa instituição aprovou o acesso de mulheres ao ministério.

Existem outras igrejas no Brasil que seguem o modo de organização episcopal. Nestas, os obreiros locais ou diáconos são indicados pelo pastor, o pastor é indicado pela convenção estadual ou nacional e o cargo máximo é o de ministro ou reverendo, que é recebido pela soma de 2 fatores: tempo de atuação como pastor e conhecimento de suas atribuições. Em suma, nestas igrejas há as três ordens do clero: ministro, pastor e diácono. A Igreja do Evangelho Quadrangular é um exemplo desta forma de organização.

8. Igreja Batista

Criada em Londres, em 1611, a partir de um grupo de luteranos liderados por Thomas Helwys (1550-1616). Valoriza o sacramento do batismo e defende a sua realização em idade adulta. Para os batistas, a salvação eterna não está relacionada com a realização de boas obras. Difundida principalmente nos Estados Unidos, a Igreja Batista não utiliza a cruz como símbolo.

Como outros grupos protestantes, os batistas acreditam que somente os fiéis adultos devem ser batizados e por imersão.

A Igreja Batista originou-se dentro do movimento puritano, surgido no século XVII, na Inglaterra, como uma corrente do congregacionalismo, que defendia a plena autonomia das igrejas locais, conforme o modelo das primeiras comunidades cristãs, descritas no Novo Testamento. Embora não constitua uma igreja única, possui uma forma congregacional de governo eclesiástico, e sua expansão internacional, a partir do século XIX, levou à formação em Londres, em 1905, da Aliança Mundial Batista (BWA), que coordena as igrejas afiliadas, promove congressos e mantém um secretariado em Washington, nos Estados Unidos.

De início os batistas se dividiram em duas correntes principais:

- a dos particulares, calvinistas extremados que acreditavam ter Cristo morrido só para os eleitos e
- a dos batistas gerais, calvinistas moderados, que acreditavam numa expiação em favor de todos os homens.

Aderiram à crença de que a salvação se oferece a todos - e por isso Cristo morreu - e que os homens são dotados de liberdade e não predestinados, como prega a corrente dos particulares.

Após um período de decadência, os batistas receberam no final do século XVIII um novo impulso e desenvolveram uma grande obra missionária. Em 1891 os grupos se fundiram na grande União Batista, que alcançou notável influência na vida religiosa e política britânica, até a primeira guerra mundial.

Os batistas se estabeleceram nos Estados Unidos, em meados do século XVIII, em Providence e Filadélfia. Influenciados pelo movimento religioso que pregava a primazia da vivência religiosa sobre a razão, multiplicaram-se e atingiram principalmente os estados sulistas. A atitude diante da escravatura dividiu os batistas em duas igrejas. A Igreja Batista negra, no sul, adquiriu maior desenvolvimento e importância que a do norte e formou suas próprias comunidades e federações. Na década de 1960 a Igreja Batista negra e seus

ministros, sob a liderança de Mart in Luther King, desempenharam um significativo papel no movimento pelos direitos civis.

No século XX os batistas fragmentaram-se num grande número de igrejas independentes, constituídas em seitas fundamentalistas. Estas deram alguns líderes importantes aos movimentos teológicos, porém, de modo geral, os batistas se destacaram mais por suas experiências religiosas e de expressão do que por suas próprias concepções teológica s. A maioria dos núcleos batistas se concentra nos Estados Unidos.

Doutrina

Os batistas reconhecem as Sagradas E scrituras como livros inspirados e autoridade suprema. As igrejas locais são totalmente autônomas, mas podem unir-se em congregações. Seus ministros atuam por delegação da comunidade e os sacramentos têm somente valor simbólico. Os fiéis gozam de liberdade de consciência, sem nenhuma imposição doutrinal.

O culto religioso é centrado na exposição das Sagradas Escrituras, através do sermão. As palavras do pastor são seguidas de meditação e apresentação da experiência religiosa de cada um, acompanhada de cantos entoados durante o ato comunitário.

9. Huguenotes

As guerras de religião convulsionaram a Europa no século XVI e tiveram uma de suas manifestações mais dr amáticas na perseguição desencadeada na França contra os huguenotes, que culminou na matança de milhares de Huguenotes na noite de são Bartolomeu.

A origem do termo huguenote é objeto de discussões, mas é certo que desde meados do século XVI designava os pr otestantes franceses, na maioria seguidores das idéias de João Calvino.

10. Sociedade dos Amigos - Quacres

Nas assembléias dos quacres, como são conhecidos os membros da Sociedade dos Amigos, registram-se grandes períodos de silêncio, só rompidos quando alguém experimenta o impulso interno da palavra.

A Sociedade dos Amigos é uma seita protestante fundada por George Fox, por volta de 1647. Representa uma ala radical do movimento puritano inglês. Seu fundador defendeu a idéia da proximidade, como presença interna, do ensinamento e da liderança de Cristo, o que torna irrelevante a construção de edifícios especiais ou a ordenação de ministros, assim como torna necessária a aplicação do ensino de Cristo a todas as esferas da vida.

Doutrina

Os quacres:

- concedem importância f undamental à palavra interior de Deus, de quem dizem receber inspiração direta;
- não admitem sacramento algum;
- rejeitam as idéias calvinistas sobre a predestinação e
- recusam-se a pegar em armas.

A organização, que se difundiu de início pela Inglaterra e chegou às colônias britânicas da América do Norte, caract eriza-se por excluir todo dogma - com rejeição expressa da predestinação calvinista - e todo sacerdócio ou culto estabelecido. Os quacres não admitem ritos que ministrem os sacramentos, mas acreditam no batismo e na comunhão espi rituais. Reconhecem como autoridade suprema a palavra do Espírito Santo, ouvida reconditamente por cada um. O sistema de governo da igreja permanece igual desde o tempo de George Fox. O centro de união dos seus membros é a assembléia mensal, na qual são discutidas questões gerais de finanças e de bens, assim como adotadas as deliberações relativas a membros da comunidade.

Na vida social, os quacres se distinguem por sua dedicação ao trabalho, pela recusa em prestar juramentos e por um pacifismo que rejeita o serviço militar e mesmo a autodefesa. Essas posições, cont rárias a muitas instituições e costumes sociais, fizeram-nos vítima s de perseguições e alvo da zombaria de seus concidadãos. O elevado nível étic o de sua vida pessoal, no entanto, as instituições educativas que mantêm a sua contribuição científica e social - como a reforma penitenciária implantada pela quacre inglesa Elizabeth Fry, no início do século XIX, e logo estendida a toda a Europa - acabaram por granjear-lhes o reconhecimento e o respeito da sociedade.

A origem da designação "quacre" (quaker , em inglês), comum desde o final do século XVII, pode ser atribuída a duas circunstâncias: à exortação do fundador ante o juiz - "Honrai a Deus e tremei diante de sua palavra" (tremer, em inglês é to quake); ou ao tremor (quake, em inglês) espiritual dos fiéis na assembléia religiosa.

11. Menonitas

O isolamento das congregações menonita s, como estratégia contra as perseguições sofridas ao longo do século XVI, foi substituído por um profundo envolvimento com os problemas so ciais e econômicos do mundo moderno na segunda metade do século XX.

Menonitas são os membros de uma denominação protestante que se originou de uma cisão dos anabatistas, no século XVI, sob a liderança do sacerdote holandês Menno Simons. Seus seguidores estão principalmente nos Estados Unidos e Canadá. A origem dos menonitas, como a dos demais anabatistas, está associada ao surgimento, em 1525, de uma nova congregação, denominada Irmãos Suíços, a partir de um grupo dissidente da igreja reformada de Zurique, dirigida pelo teólogo Huldrych Zwingli. A cisão foi provocada por divergências quanto ao batismo, que, por não incluir um a profissão consciente de fé, era julgado inválido pelos dissidentes . Com base em textos do Novo Testamento, o grupo passou então a preconizar um segundo batismo, no início da idade adulta.

Outro motivo de divergência era a concepção que se tinha da igreja. Para Zwingli, a organização religiosa estava intimamente ligada ao poder civil, ao qual delegou poderes para excomungar. Para os anabatistas, Cristo era o único Senhor e as Sagradas Escrituras e o Espírito Santo, os únicos intérpretes de sua vontade, crença que os tornou perseguidos e os levou a dispersar-se pela Europa.

Menno Simons, que se uniu ao movimento anabatista em 1536, agrupou os anabatistas do norte da Europa em congregações que passaram a ser conhecidas pelo nome de menonitas. A morte de alguns dirigentes anabatistas do sul e o radicalismo de outros líderes, tais como Thomas Müntzer, consolidaram a postura mais moderada dos menonitas. Nesse período forjaram-se as tradições e crenças que separariam essas congregações menonitas dos demais anabatistas.

Vítimas de novas perseguições, os menonitas fixaram-se nos Países Baixos e no norte da Polônia, onde foram obrigados a dedicar-se ao comércio, pois estavam proibidos de desempenhar outras profissões. Passaram então a integrar a burguesia urbana e, durante os séculos XVII e XVIII, seguiram o pensamento iluminista. No fim do século XVIII, alguns grupos menonitas radicaram-se na Ucrânia, onde obtiveram liberdade de organização social, econômica e política e até mesmo isenção do serviço militar, privilégio que mantiveram até o final do século XIX. No século XX, muitos grupos emigraram para os Estados Unidos. O processo de adaptação a diferentes meios sociais determinou a divisão em seitas.

Doutrina

As Sagradas Escrituras são a base da fé menonita, assim como os ensinamentos de Cristo, a Trindade, o batismo como profissão de fé e a separação entre igreja e mundo profano. Sua organização social se baseia na austeridade, no trabalho, na ajuda mútua, no serviço, na piedade, no testemunho, na disciplina interna e no pacifismo antimilitarista.

12. Irmãos Morávios

Numérica e geograficamente restrita, a seita dos irmãos morávios foi a primeira a proclamar a evangelização de pagãos como missão da igreja.

Os irmãos morávios formam uma seita que remonta às primeiras comunidades reformistas e pré-luteranas da Europa central. Originou-se na Comunidade de Irmãos (em tcheco, Jednota Bratrska), formada por volta de 1453 na Boêmia, mediante a união dos valdenses com seguidores de Jan Huss que, contrários ao belicismo hussita, defendiam as idéias do reformador inglês Wycliffe[1] e dos lolardos. No fim do século XVI, mais da metade dos protestantes da Boêmia e da Morávia estavam ligados à Comunidade.

[1] Wycliffe, John (1330-1384) - Religioso e teólogo inglês. Reformador religioso, organizador da primeira tradução da Bíblia completa para o inglês.

Com o apoio dos Habsburgos à Contra-Reforma e o início da guerra dos trinta anos, a oposição aos protestantes re crudesceu e o reerguimento empreendido por exilados em países do norte, liderados por Comenius, declinou com a proibição do protestantismo, em 1627. O movimento ressurgiu a partir dos que, ao saírem da Morávia, cruzaram a fronteira do norte e se estabeleceram na Saxônia, protegidos pelo conde Zinzendorf. A seita institucionalizou-se como Igreja Morávia e fundou missões na América e na África.

Doutrina

Com a sagração de Zinzendorf como bispo, em 1735, o movimento entrou numa fase mística. A teologia do conde, inspirada no pietismo luterano, dava grande ênfase à paixão de Cristo e chegou a influir no metodismo inglês (Wesley converteu-se por influência do moravi ano Peter Boehler), em reavivamentos religiosos nos Estados Unidos e, enfim, no protestantismo liberal. Os morávios dão ênfase à liberdade de consciência e admitem como norma de fé a prática exclusiva da Bíblia. Adotam o batismo infantil e, uma vez por mês, praticam a comunhão.

13. Igreja Metodista

Formada em 1740, a partir da obra do clérigo anglicano John Wesley[1] (1703-1791), tem forte influência calvinista. Wesley passa a fazer reuniões metódicas para exercícios de meditação mística, daí o nome de metodistas. A Igreja Metodista aceita o batismo simbólico das crianças. Defende que a Palavra de Deus é suficiente para a salvação, mas critica a interpretação individual dos textos sagrados. Acredita na cura divina e na manifestação do Espírito Santo. Primeira das seitas protestantes criadas pelos irmãos John e Charles Wesley, na Universidade de Oxford, em 1729. Congregam mais de 30 milhões de membros.

[1] Wesley, John (1703-1791) - Religioso e teólogo britânico. Fundador, com seu irmão Charles, da igreja metodista. Wesley andou mais de 200.000 milhas a cavalo e pronunciou cerca de 42.000 sermões por toda a Inglaterra, Escócia, Irlanda, além de ter escrito cerca de 200 livros. Seu irmão mais novo Charles escreveu mais de 6.000 hinos.

O metodismo provocou uma grande renovaç ão religiosa na Inglaterra e nos Estados Unidos, graças ao entusiasm o pela atividade missionária entre os metodistas ingleses e americanos, que espalharam o movimento por todo o mundo.

Apesar das diferenças de crença e de práticas entre os adeptos do metodismo, eles possuem alguns pontos em comum:

- enfatizam o poder do Espírito Santo de confirmar a fé e transformar a vida de cada um;
- insistem em que a essência da religião repousa na relação pessoal com Deus;
- adotam a parceria de ministros ordenados e leigos na administração da igreja e no exercício do culto religioso;
- formam pequenos grupos destinados ao encorajamento mútuo e à edificação e
- partilham o devotamento a John Wesley.

Em 1738, durante uma reunião em Aldersgate Street, Londres, o clérigo anglicano John Wesley, conforme relato em seu Journal (Diário), sentiu "o coração estranhamente aquecido" durante a leitura do prefácio de Lutero à epístola de Paulo aos romanos, e experimentou uma certeza da própria salvação que jamais tivera antes. Passou então a dirigir um movimento de volta às origens da Reforma, com a cooperação de George Whitefield e de seu irmão Charles Wesley. Organizou para isso grandes manifestações ao ar livre, onde pregava sobretudo para os que estavam à margem da sociedade e se sentiam negligenciados pela Igreja da Inglaterra. Embora não pensasse em romper com esta, mas tão-somente renovar e reativar a vida espiritual de seu povo, Wesley acabou tendo conflitos sérios com a igreja oficial. A separação se consumou em 1795, quatro anos após sua morte, e o metodismo passou a constituir uma denominação à parte.

A combinação de forte autoridade cent ral, efetiva organização local e admissão de pregadores leigos permitiu que o movimento se expandisse rapidamente durante todo o século XIX, sobretudo nos Estados Unidos, onde já em 1790 contava com 150.000 adeptos. A Igreja Episcopal Metodista foi organizada em 1784 como corpo autônomo, sob a direção de Francis Asbury e Thomas Coke. Em meados do século XIX os metodistas eram mais numerosos do que qualquer outra denominação americana. Tal avanço foi temporariamente sustado em 1844 pela divisão entre os ramos norte e sul em relação à escravatura. Depois da guerra civil ambas as ramificações continuaram a crescer em número de adeptos e em recursos materiais. Os dois ramos voltaram a se unir em 1939.

O metodismo provocou uma grande renovaç ão religiosa na Inglaterra e nos Estados Unidos, graças ao entusiasm o pela atividade missionária entre os metodistas ingleses e americanos, que espalharam o movimento por todo o mundo.

Doutrina

Movimento religioso fundado no século XVIII pelo pregador e teólogo inglês John Wesley no seio da Igreja Anglicana, o metodismo tira seu nome da ênfase dada por seus seguidores ao estudo metódico e à devoção. Apesar das diferenças de crença e de práticas ent re os adeptos do metodismo, eles possuem alguns pontos em comum:

- enfatizam o poder do Espírito Santo de confirmar a fé e transformar a vida de cada um;
- insistem em que a essência da religião repousa na relação pessoal com Deus;
- adotam a parceria de ministros ordenados e leigos na administração da igreja e no exercício do culto religioso;
- formam pequenos grupos destinados ao encorajamento mútuo e à edificação e
- partilham o devotamento a John Wesley.

Em 1738, durante uma reunião em Aldersgate Street, Londres, o clérigo anglicano John Wesley, conforme relato em seu Journal (Diário), sentiu "o coração estranhamente aquecido" durante a leitura do prefácio de Lutero à

epístola de Paulo aos romanos, e experimentou uma certeza da própria salvação que jamais tivera antes. Passou então a dirigir um movimento de volta às origens da Reforma, com a cooperação de George Whitefield e de seu irmão Charles Wesley. Organizou para isso grandes manifestações ao ar livre, onde pregava sobretudo para os que estavam à margem da sociedade e se sentiam negligenciados pela Igreja da Inglaterra. Embora não pensasse em romper com esta, mas tão-somente renovar e reativar a vida espiritual de seu povo, Wesley acabou tendo conflitos sérios com a igreja oficial. A separação se consumou em 1795, quatro anos após sua morte, e o metodismo passou a constituir uma denominação à parte.

A combinação de forte autoridade cent ral, efetiva organização local e admissão de pregadores leigos permitiu que o movimento se expandisse rapidamente durante todo o século XIX, sobretudo nos Estados Unidos, onde já em 1790 contava com 150.000 adeptos. A Igreja Episcopal Metodista foi organizada em 1784 como corpo autônomo, sob a direção de Francis Asbury e Thomas Coke. Em meados do século XIX os metodistas eram mais numerosos do que qualquer outra denominação americana. Tal avanço foi temporariamente sustado em 1844 pela divisão entre os ramos norte e sul em relação à escravatura. Depois da guerra civil ambas as ramificações continuaram a crescer em número de adeptos e em recursos materiais. Os dois ramos americanos voltaram a se unir em 1939.

Igreja Episcopal Metodista

Igreja fundada em 1784, como corpo autônomo, sob a direção de Francis Asbury e Thomas Coke, segundo os princípios do movimento metodista inglês.

14. Exército de Salvação

Movimento cristão internacional, religioso e filantrópico, organizado de forma paramilitar, com uniformes, oficiais e praças, o Exército de Salvação funciona em mais de oitenta países, prega o Ev angelho em mais de cem línguas e opera cerca de três mil instituições de bem-estar social.

O Exército de Salvação foi fundado na Inglaterra pelo pastor metodista William Booth, em 1865, com finalidades f ilantrópicas e para pregar as doutrinas evangélicas nas ruas. Só em 1878, porém, foi adotado o atual nome. O movimento difundiu-se logo pela Grã-Br etanha e depois internacionalmente. As doutrinas do Exército de Salvação incluem os postulados básicos das principais seitas evangélicas protestantes. A s ede da organização fica em Londres e a principal fonte de renda são os donativos.

Sua unidade básica é o corpo de exército, comandando por um oficial, responsável perante um quartel-general de divisão. As divisões são agrupadas em territórios - cada território é um país, exceto os Estados Unidos, onde há quatro territórios. Os oficiais são equiva lentes aos ministros de outras igrejas protestantes. Seu treinamento consiste numa residência de dois anos em escola

da associação, seguida de cinco anos de estudos avançados. A igualdade entre homens e mulheres é absoluta.

O Exército de Salvação opera regularm ente no Brasil. Suas atividades se destacam nos estados do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Pernambuco, Paraíba e no Distrito Federal.

15. Promise Keepers - Cumpridores de Promessas



Essa organização cristã fundada em 1991 pelo ex-técnico de futebol americano Bill McCartney. Está relacionada aqui, juntamente com as outras igrejas históricas, por se tratar de uma organização diferente e nada convencional, apesar de pregar a tradição. É uma religião formada praticamente por homens (as mulheres freqüentam, juntamente com seus maridos e parentes, mas não assumem nenhum cargo ou posição de destaque).

Eles acham que os problemas existentes hoje em dia, como promiscuidade generalizada, grande número de divórcios, a instituição do casamento praticamente falida, alta taxa de adulté rios no casamento, educação dos filhos relegada a um plano inferior dentro do lar, excesso de violência, de roubos e de assassinatos, é tudo originário da perda da posição do homem como administrador do lar e da perda da submissão da mulher em relação ao marido, além é claro da não colocação de Jesus Cristo como cabeça deste lar. “Basta ver o tempo de nossos avós, quando os valores eram outros e a sociedade comportava-se de maneira bem diferente.”

Foi tema de capa da revista Time de 6 de outubro de 1997. A Time destacou o número de integrantes do Promise Keepers em outubro de 1997: cerca de 1.100.000, espalhados pelo país inteiro.

Doutrina

De características interdenominacionais, o movimento prega o reconhecimento da crise moral e espiri tual pela qual os cristãos norte-americanos do sexo masculino têm passado, e aponta como única solução para o problema um relacionamento mais profundo com o Senhor Jesus Cristo, assumindo o cumprimento de sete promessas (daí o nome do grupo Cumpridores de Promessas):

1. Honrar a Jesus Cristo pela adoração, oração e obediência à palavra de Deus no poder do Espírito Santo.

2. Desenvolver relacionamentos de compromisso com outros homens, entendendo suas necessidades e ajudando-os a cumprirem as suas promessas.
3. Por em prática a ética moral, espiritual e a pureza sexual .
4. Constituir um casamento forte e famílias em amor, proteção e valores bíblicos.
5. Apoiar sua igreja honrando e orando por seu pastor, dedicando seu tempo e seus recursos.
6. Derrubar barreiras raciais e denominacionais demonstrando o poder da unidade em torno da Bíblia.
7. Influenciar o mundo, sendo obediente ao grande mandamento (Mc 12:30-31), e à grande comissão (Mt 28:19-20).

Para saber mais sobre o Promise Keepers, que no Brasil são chamados de Homens Íntegros, leia **Sete promessas de um homem de palavra** (v ários autores), da editora Betânia.



David Koresh, na verdade Vernon Howell

"Se a Bíblia está certa, sou o Cristo." Depois de se intitular profeta, este lunático apocalíptico se refugiou em uma casa e levou 86 pessoas à morte, entre as quais 25 crianças, 17 com menos de 10 anos.

Movimentos e Filosofias

O primeiro requisito da felicidade dos povos é a abolição da religião. Karl Marx

6. Movimentos e Filosofias

6.1. Animismo

Estágio primitivo do espírito religioso que consiste em atribuir alma a objetos e fenômenos naturais. Descrito pelo antr opólogo Edward Tylor no século XIX. O fetichismo e o totemismo podem ser considerados variantes do animismo.

O deus sol, a divindade lunar, o trovão, a montanha sagrada, os espíritos da água, do fogo, do vento... A crença de que fenômenos e forças da natureza são capazes de intervir nos assuntos hum anos constitui o fundamento de todas as idéias religiosas consideradas animistas.

A teoria animista

Em sentido mais técnico, conhece-se por esse nome a teoria formulada pelo antropólogo inglês Sir Edward B. Tylor em sua obra Primitive Culture (1871; A cultura primitiva). O animismo, segundo essa teoria, é a primeira grande etapa da evolução do pensamento religioso, que indefectivelmente continua pelo politeísmo até culminar no monoteísmo. Para Tylor, a origem da noção de alma está nas experiências do adormecimento, da doença, da morte e, sobretudo, dos sonhos, que levam a imaginar a existência de um "duplo" insubstancial do corpo. Esse princípio da vida e do pensamento pode atuar com independência e até sobreviver ao corpo depois de sua morte. A crença em que a alma perdura explica o culto aos mortos e aos antepassados.

Mais tarde, por analogia com os seres humanos, começa-se a considerar dotados de alma os animais e as plantas. Desde o momento em que, dando um passo além, se alcança a concepção de espíritos independentes que podem encarnar-se nos mais diversos objetos, aparece o fetichismo e, com ele, o culto à natureza, isto é, a rios, árvores, fenômenos atmosféricos etc. Quando se chega a venerar um só deus dos rios, outro das árvores etc., alcança-se a etapa politeísta, própria dos povos "s emicivilizados", em que são cultuadas personificações das forças da natur eza, das quais dependem a prosperidade e até a sobrevivência do grupo.

Por fim, a transição para o monoteísmo pode produzir-se de vários modos; o mais simples deles é atribuir a suprem acia a um dos deuses, diante do qual os outros acabam empalidecendo.

Críticas e vigência da teoria

Por sua clareza, sugestibilidade e gr ande simplicidade evolutiva, a obra de Tylor exerceu grande influência. Contudo, os estudos posteriores abalaram quase todas as suas teses. Em primeiro lugar, não se pode afirmar hoje que todas as religiões se tenham constituído seguindo a pauta que ele propõe. E mais: existem comunidades arcaicas em que surge a crença num ser supremo

sem que tenha havido a fase do animismo. Também não é certo que o fetichismo esteja sempre ligado ao animismo. Muitas vezes, aparece unido à magia. Por outro lado, existem crenças segundo as quais os homens possuem não só uma, mas várias almas, fenômeno em que Tylor nunca reparou. Isso sem mencionar a objeção prévia da inexistência de um procedimento certo que permita conhecer as primeiras crenças dos homens.

Apesar de tudo, reconhece-se na teoria de Tylor o grande valor de ter mostrado a conexão entre o animismo e o culto aos mortos, o xamanismo etc., e sobretudo de ter iniciado uma forma de abordar as crenças dos povos primitivos, as quais ele viu como uma tentativa de racionalizar a experiência, e não como manifestações de uma mentalidade pré-lógica ou como meras representações simbólicas da ordem social.

6.2. Agnosticismo

Doutrina filosófica que nega ao homem a possibilidade de conhecer o absoluto, o que inclui a idéia de Deus.

A identificação do agnosticismo com o ceticismo filosófico, de um lado, e com o ateísmo religioso, de outro, deu ao adjetivo "agnóstico", um uso muito amplo, uma pluralidade de significados que induz à confusão.

O termo "agnosticismo" apareceu pela primeira vez em 1869 num texto do inglês Thomas H. Huxley, Collected Essays (Ensaios reunidos). O autor criou-o como antítese ao "gnóstico" da história da igreja, que sempre se mostrava, ou pretendia mostrar-se, sabedor de coisas que ele, Huxley, ignorava. E foi como naturalista que Huxley usou do vocábulo. Com ele, aludia à atitude filosófica que nega a possibilidade de dar solução a todas as questões que não podem ser tratadas de uma perspectiva científica, especialmente as de índole metafísica e religiosa. Com isso, pretendia refutar os ataques da igreja contra o evolucionismo de Charles Darwin, que também se havia declarado agnóstico.

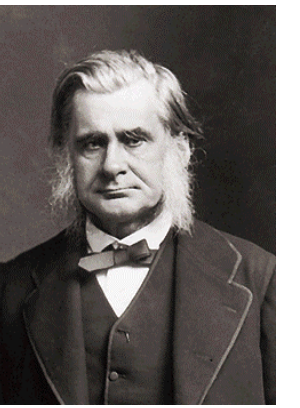
Diferenças entre os termos: Agnosticismo, ateísmo e ceticismo

Como se vê, a rigor não se pode falar de agnosticismo, mas de agnosticismos e, melhor ainda, de agnósticos, já que existe notável variedade tanto no processo intelectual pelo qual se chega às teses agnósticas, como na formulação dessas teses.

Em essência, o agnosticismo emana de uma fonte profundamente racionalista, isto é, da atitude intelectual que considera a razão o único meio de conhecimento suficiente, e o único aplicável, pois só o conhecimento por ela proporcionado satisfaz as exigências requeridas para a construção de uma ciência rigorosa. E isso tanto no caso de doutrina que se mostre claramente racionalista, como no caso de filosofias nas quais o racionalismo oculte-se sob a aparência de positivismo ou materialismo.

Ainda que admita a possível existência de um ser supremo, ordenador do universo, sustenta que, cien tífica e racionalmente, o homem não pode conhecer nada sobre a existência e a essência de tal ser. É isso que distingue o agnosticismo do ateísmo, pois este nega radicalmente a existência desse ser supremo.

Por outro lado, o agnosticismo se distingue também claramente do ceticismo, que, segundo a formulação clássica do grego Sexto Empírico (século III a.C.), não se limita a negar a possibilidade do conhecimento metafísico ou religioso, mas também a de tudo aquilo que vá além da experiência imediata. A ssim, o cet icismo, pelo menos em seu grau extremo, não é compatível com a ciência positiva.



Tomas Huxley

primeiro autor a empregar o termo agnosticismo

Tomas Huxley é um dos pioneiros da negação de Deus. Foi o primeiro responsável pela teoria de Darwin ser propagada pelo mundo, teoria esta que por si só tem criado uma legião de ateus, e contra a qual escrevemos o livro 20 - Teoria da Semeadura Extraterrestre.

6.3. Ateísmo

Designação genérica das diferentes doutrinas e atitudes religiosas e filosóficas que negam a existência de Deus.

Ao longo da história, o qualificativo "ateu" foi com freqüência empregado de modo pejorativo contra pessoas ou comunidades que em nada correspondiam ao conceito moderno de ateísmo. A ssim, Sócrates, cujas concepções influenciaram decisivamente o desenvolvim ento da espiritualidade ocidental, foi acusado de ateu por não acreditar nas divindades atenienses. Sob outra perspectiva, o fato de uma pessoa que não admite a existência de um Deus único, livre e pessoal afirmar sua crença em alguma outra realidade transcendente, Deus ou Ser Supremo, muito possivelmente não abalará, no crente de uma fé monoteísta, a convicç ão de que essa pessoa é atéia. Portanto, a compreensão do ateísmo exige uma anális e do significado histórico do termo, de suas relações com outras posturas - filosóficas ou religiosas - com as quais se identificou ou a que se opôs e, em indissolúvel ligação com isso, das diferentes formas de ateísmo.

Ateísmo na filosofia ocidental

Platão achava que a pior forma de ateísmo é a das pessoas más, que esperam poder propiciar a divindade mediante doações e oferendas que lhes

justifiquem os descaminhos. Entre os ateus materialistas da antiguidade, foram particularmente radicais os gregos Demócrito e Epicuro, assim como o romano Lucrécio. De Epicuro é o célebre argumento: se Deus quer suprimir o mal e não pode, é impotente; se pode mas não quer, é invejoso; se não quer nem pode, é invejoso e impotente; se quer e pode, por que não o faz? Para os estóicos, Deus, Razão, Destino e Natureza constituem uma mesma coisa. Mas seu panteísmo fundamenta uma calorosa e profunda religiosidade.

Deus criou o homem e lhe deu a liberdade e a possibilidade de resolver por si só as suas questões, de acordo com sua vontade e finalidades. De forma reduzida, esta é a definição de livre-arbítrio, aceita pela maioria das religiões ditas evangélicas.
O primeiro homem - Adão, com o nós, era dotado de inteligência, consciência e livre arbítrio. Era superior à criação animal e estava capacitado para manter comunhão com Deus. A faculdade do homem de escolher entre o bem e o mal envolvia a possibilidade de eleger este e não aquele, desobedecendo assim ao Criador. Em virtude de sua inteligência, o homem era responsável por todos os seus atos. Lc 12:47,48; Js 24:15.
Jesus quer que conheçamos a verdade salvadora. Quer que decidam os entre Ele e o mundo. Mas Ele não arromba a porta com violência - Ele bate a porta, e aquele que lhe abre, Ele entra e ceia com ele.
Ap 3:20: Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.

Conceito filosófico e religioso

Tipos de ateísmo. Muito concisamente, pode-se dizer que o ateísmo é constituído por todas as doutrinas ou atitudes que negam a existência de Deus. Quando se trata apenas de atitudes, temos um ateísmo prático. Quando se prescinde totalmente de Deus para elaborar uma teoria sobre o homem e o universo, temos um ateísmo teórico negativo. Quando se nega explicitamente sua existência, como fazem os materialistas, trata-se de um ateísmo teórico positivo. Esta última concepção, que nega não só a existência de Deus, mas a de qualquer realidade que não seja a meramente física, é aquela que em geral se associa ao conceito de ateísmo, e portanto constitui a melhor referência para assinalar as diferenças entre essa e outras doutrinas filosóficas.

6.4. Deísmo

Segundo Louis de Bonald, pensador francês que se opôs à revolução de 1789, deísta é quem não teve tempo de chegar a ser ateu. Mais de um século depois, seu compatriota Paul Hazard afirmaria que é quem não quis chegar a ser ateu. As duas opiniões ilustram a controvérsia em torno do deísmo.

Deísmo é a denominação genérica dada às doutrinas filosóficas e religiosas, surgidas sobretudo no fim do século XVII, que afirmavam a existência de Deus

como exigência da razão, independentemente de qualquer revelação, histórica e positiva, e a partir da identificação da razão com a natureza. O conceito coincide com o teísmo no fato de admitir a existência de um Ser Supremo, criador do mundo e diferente dele. Mas difere do teísmo ao considerar que a responsabilidade desse deus em relação ao mundo é unicamente a de lhe haver dado leis: uma vez realizado o ato de criação, não se ocupa do mundo - abandonado a suas próprias leis físicas - nem pede nenhum culto por parte dos homens. Tais formulações, contudo, não são comuns a todos os pensadores que foram chamados deístas. Nem se pode dizer que estes elaboraram um corpo doutrinário específico.

6.5. Gnosticismo

A progressiva divulgação no mundo romano, a partir do século I da era cristã, de doutrinas religiosas orientais - dentre as quais o cristianismo não foi a primeira, e sim apenas mais uma - e o apogeu de uma série de escolas filosóficas helenísticas de perfil acentuadamente místico, como o neopitagorismo e o neoplatonismo, estabeleceram o clima espiritual em que brotaram as concepções gnósticas.

A palavra gnose (do grego gnosis, "conhecimento") emprega-se, ao se tratar do movimento filosófico e religioso a que deu nome, para designar o conhecimento adquirido não por aprendizagem ou observação empírica, mas por revelação divina. À gnose, privilégio dos iniciados, opõe-se a pistis, ou mera crença. Os eleitos que recebiam a gnose experimentavam uma iluminação que era regeneração e divinização, e conheciam simultaneamente sua verdadeira natureza e origem. Reconheciam-se em Deus, conheciam a Deus e apareciam diante de si mesmos como emanados de Deus e estranhos ao mundo. Assim, adquiriam a certeza definitiva de sua salvação para toda a eternidade.

As escolas gnósticas empregaram diferentes métodos de especulação. A maior parte dos estudiosos tende a considerar a existência de uma gnose não cristã, que englobaria movimentos como o hermetismo e o maniqueísmo, e de uma gnose cristã, herética. Esta última, formulada no século II por Basilides e Valentim, afirmava a realidade de um Deus transcendente e desconhecido, enquanto identificava o demiurgo (deus da natureza, messias, natureza divina e humana) criador do mundo físico com o Javé bíblico. Os ataques a essa tese por parte de teólogos cristãos dos séculos II e III, como Hipólito e santo Irineu, fizeram com que o gnosticismo tenha sido considerado um desvio do cristianismo.

Por fim, alguns autores opinam que as teses enunciadas por Orígenes de Alexandria (séculos II-III), segundo as quais o objetivo da encarnação e morte de Jesus teria sido trazer o conhecimento ao homem enganado por seus sentidos, constituíram na realidade uma tentativa de assimilar a gnose à ortodoxia cristã.

6.6. Maniqueísmo

Considerado durante muito tempo uma her esia cristã, possivelmente por sua influência sobre algumas delas, o maniqueísmo foi uma religião que, pela coerência da doutrina e a rigidez das instituições, manteve firme unidade e identidade ao longo de sua história.

Denomina-se maniqueísmo a doutrina religiosa pregada por Maniqueu - também chamado Mani ou Manes - na Pérsia, no século III da era cristã. Sua principal característica é a concepção dualista do mundo como fusão de espírito e matéria, que representam respectivamente o bem e o mal.

Maniqueu

Maniqueu nasceu em 14 de abril do ano 216, no sul da Babilônia, região atualmente situada no Iraque, e na juv entude sentiu-se chamado por um anjo para pregar uma nova religião. Pregou na Índia e em todo o império persa, sob a proteção do soberano sassânida Sapor (Shapur) I. Durante o reinado de Bahram I, porém, foi perseguido pelos sacerdotes do zoroastrismo e morreu em cativeiro entre os anos 274 e 277, na cidade de Gundeshapur.

Doutrina

Maniqueu se acreditava o último de uma longa sucessão de profetas, que começara com Adão e incluía Buda, Zo roastro e Jesus, e portador de uma mensagem universal destinada a substituir todas as religiões. Para garantir a unidade de sua doutrina, registrou-a por escrito e deu-lhe forma canônica. Pretendia fundar uma religião ecumênica e universal, que integrasse as verdades parciais de todas as revelações anteriores, especialmente as do zoroastrismo, budismo e cristianismo.

O maniqueísmo é fundamentalmente um tipo de gnosticismo, filosofia dualista segundo a qual a salvação depende do conhecimento (gnose) da verdade espiritual. Como todas as formas de gnosticismo, ensina que a vida terrena é dolorosa e radicalmente perversa. A ilu minação interior, ou gnose, revela que a alma, a qual participa da natureza de Deus, desceu ao mundo maligno da matéria e deve ser salva pelo espírito e pela inteligência.

O conhecimento salvador da verdadeira natureza e do destino da humanidade, de Deus e do universo é expresso no maniqueísmo por uma mitologia segundo a qual a alma, enredada pela matéria maligna, se liberta pelo espírito. O mito se desdobra em três estágios:

- o passado, quando estavam radicalmente separadas as duas substâncias, que são espírito e matéria, bem e mal, luz e trevas;
- um período intermediário (que co rresponde ao presente) no qual as duas substâncias se misturam e
- um período futuro no qual a dualidade original se restabeleceria.

Na morte, a alma do homem que houvesse superado a matéria iria para o paraíso, e a do que continuasse ligado à matéria pelos pecados da carne seria condenada a renascer em novos corpos.

Posteridade do maniqueísmo

Embora não haja dados que permitam estabelecer uma vinculação histórica direta, o pensamento maniqueísta inspirou na Europa medieval diversas seitas ou heresias dualistas surgidas no seio do cristianismo. Entre elas, cabe citar a dos bogomilos, na Bulgária (século X) e, sobretudo, a dos cátaros ou albigenses, que se propagou no sul da França no século XII. Este último movimento foi uma das mais poderosas heresias da Europa, sufocada de modo sangrento no início do século seguinte.

6.7. Ecumenismo

A necessidade de união das igrejas cristãs na luta pelos princípios comuns de paz, caridade e fraternidade constitui o fundamento do ecumenismo.

Ecumenismo, segundo o decreto *Unitatis redintegratio*, aprovado pelo papa Paulo VI, é o conjunto de atividades e iniciativas para favorecer a unidade dos cristãos. Seus princípios básicos são a eliminação de palavras, juízos e ações que apresentem uma visão distorcida dos cristãos não-católicos. E o diálogo permanente com as diversas igrejas ou comunidades, para que cada um possa explicar mais profundamente a doutrina de sua comunhão e assim se disponham todos a uma avaliação adequada e a uma colaboração mais ampla em vista do bem comum.

Ao abordar as igrejas e comunidades eclesiais separadas da sé romana, o decreto analisou isoladamente as igrejas orientais e as protestantes. Sobre as primeiras, exaltou a solicitude e o cuidado de conservar as relações fraternas e reconheceu a herança delas recebida pela Igreja Católica na liturgia, tradição espiritual e ordenação jurídica. Sobre as igrejas surgidas da Reforma (as protestantes), lembrou os laços de afinidade, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento de Cristo como Deus e senhor e único mediador entre Deus e os homens, e ao fortalecimento dessa fé pela graça comum do batismo.

Em outro documento, a declaração *Nostra aetate*, também assinada por Paulo VI, a Igreja Católica definiu sua posição frente às diversas religiões, cristãs ou não-cristãs. Assim, reconheceu que todas as religiões buscam responder os profundos enigmas da condição humana por meio de doutrinas e regras de vida, seja através das sutis explicações filosóficas do hinduísmo, seja pela busca de um estado de suprema iluminação, como no budismo. Sobre o islamismo, mostrou as afinidades decorrentes do monoteísmo, da veneração a Jesus, reconhecido como profeta, e da honra a Maria; e exortou a todos que, esquecidas as dissensões do passado, pratiquem a mútua compreensão. Em relação ao judaísmo, relembrou que do povo judeu nasceram Cristo, Maria e os apóstolos, recomendou o mútuo conhecimento e apreço e condenou os ódios e perseguições contra os judeus.

Novas tendências

O século XX assistiu a uma explosão dos conceitos religiosos tradicionais. As bases das grandes religiões viram-se abaladas pela proliferação de um novo ecumenismo, surgido principalmente nas gerações mais jovens e nos países recém-libertados da Ásia e África. Todas as religiões cristãs, das quais partiu com mais vigor o movimento ecumênico, tiveram de dar-se conta da nova realidade cultural e religiosa do mundo e tomar posição.

Grosso modo, pode-se falar de três posições em relação ao novo ecumenismo:

1. Exclusivismo

A primeira é a do exclusivismo, para a qual só há salvação no cristianismo. Combatida e criticada no Concílio Vaticano II e em todos os encontros ecumênicos das diversas religiões cristã s, sobrevive hoje apenas nas alas mais tradicionais[1].

[1] Para as igrejas tradicionais, o que importa é o que a Bíblia determina como regra de fé. Nela está escrito que a salvação é somente por Jesus: At 4:12: E em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos. João 8:24, I Co 3:11.

2. Inclusivismo

A segunda posição é antítese da antecedente, e defende o inclusivismo, na afirmação de que embora a salvação seja, por definição, em Cristo, está à disposição de todos os seres humanos, sejam ou não cristãos.

3. Pluralismo

A terceira posição é a do pluralis mo, segundo a qual todas as grandes religiões da humanidade, inclusive o cristianismo, são esferas válidas de salvação, em diferentes formas.

6.8. Nova Era

II Tes. 2:3-12: Ninguém de modo algum vos engane; porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição, aquele que se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, de sorte que se assenta no santuário de Deus, apresentando-se como Deus.

Não vos lembrais de que eu vos dizia estas coisas quando ainda estava convosco?

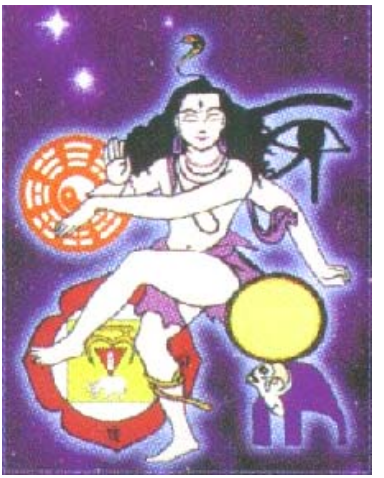
E agora vós sabeis o que o detém para que a seu próprio tempo seja revelado.

Pois o mistério da iniqüidade já opera; somente há um que agora o detém até que seja posto fora; e então será revelado esse iníquo, a quem o Senhor Jesus matará como o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda; a esse iníquo cuja vinda é segundo a eficácia

de Satanás com todo o poder e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para serem salvos.

E por isso Deus lhes envia a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, antes tiveram prazer na injustiça.

Nem Tudo é Nova Era



É muito difícil ler hoje em dia um livro sobre Nova Era e entender completamente o que significa o movimento. O Movimento Nova Era é amplo, e esta amplidão é descrita pelos autores do assunto. Isto faz com que o leitor fique perdido no emaranhado de filosofias, sinais, símbolos e personagens.

Neste tópico não pretendemos de nenhuma forma esgotar o assunto, mas pretendemos tomar os primeiros passos para acabar com a confusão. O que pretendemos é apresentar o movimento na sua forma mais simples. Quem começou, quem atua agora para o continuar, quais as doutrinas.

Se descrevermos todos os envolvidos, todas as doutrinas, centenas de páginas serão necessárias, e o leitor fatalmente voltaria a se confundir.

Utilizamos um outro livro da Coleção A Bíblia do Reino para tentar colocar uma luz nesta grande farsa do diabo que é a Nova Era: o livro 42 - A Verdade sobre Nova Era e Misticismo Evangélico. Neste livro analisamos muitos dos símbolos e sinais do movimento, o que não é a intenção aqui.

O que é

O movimento Nova Era nasceu da Bíblia. O milênio esperado pelos cristãos e judeus, onde o Messias irá reinar com bondade e sabedoria é o que também almejam os simpatizantes da Nova Era. Uma Nova Era de paz, onde as doenças, a falta de dinheiro, a falta de alimento e as guerras não mais terão vez. E os simpatizantes do movimento acham que esta Nova Era já começou, independentemente de Cristo voltar, estar reinando ou não.

Eles não esperam o Messias, mas um homem que possa governar todo o globo de forma sábia e com firmeza. Para que este homem suba no poder há necessidade de haver caos. Como na grande tribulação antes da vinda de Cristo. Então os ativistas da Nova Era querem o caos. E planejam isto ardilosamente pelo menos nos últimos 100 anos.

Este homem da iniquidade será produzido pela apostasia do mundo contra Deus. Ele não será apenas um chefe de estado ou governador mas será também uma pessoa mundialmente adorada (Ap 13:4) . Para que isso aconteça, e em todo mundo, o sistema religioso, econômico e político terá que ser unificado de uma maneira tal que possa prestar essa adoração ao homem da iniquidade, o anticristo.

Toda essa unificação em todos os níveis da sociedade humana é o que propõe o movimento Nova Era.

O movimento se espalha pelo mundo todo como uma teia através das milhares de organizações que apoiam o mo vimento. O seu objetivo principal é instituir uma nova ordem mundial que deve ser caracterizada pela consciência de grupo e espírito de cooperação mundial (sinergia).

Esse governo mundial estará submi sso numa hierarquia a qual encabeçam seres espirituais (mestres cósmicos) que também governarão o mundo.

A Origem

O movimento Nova Era tem as suas ra ízes na Teosofia. Essa filosofia foi fundada em Nova York em 1875 pela russa Helena Petrovina Blavatsky. Ela foi uma mulher casada com um militar russo e logo o deixou e possuía um gênio de ferro. Era médium espírita e aprendeu muito de sua crença no oriente aonde morou e visitou inúmeras vezes. Ela durante dez anos ficou sob a influência de um espírito maligno que lhe passou as bases do chamado Plano.

Esse mesmo Plano foi reforçado e passado para outras mulheres que encabeçaram o movimento depois da morte de Blavatsky. Alice Bailey também foi uma das que montou a base do movimento teosófico e montou a base do Plano e hoje é tida como uma suma sacerdotisa da Nova Era. Ela também ficou muito tempo possessa recebendo mensagens de um mestre da sabedoria chamado Djawal Khul que a transmitiu os detalhes do Plano. Ele foi publicado em vários livros secretos.

Por orientação demoníaca todo esse plano foi mantido em segredo por cem anos para que durante esse tempo a doutrina fosse penetrada em diversas camadas da sociedade para que quando fosse manifestada publicamente não houvesse um choque grande.

Doutrina

A Base da Teosofia

Uma das doutrinas básicas é que todas as religiões tem verdades comuns. Por isso não é justificada qualquer separação ou mesmo fanatismo em uma determinada religião. A teosofia é muit o parecida com o espiritismo em sua doutrina apesar deles em si não admitirem.

A Base da Nova Era

É baseada na teosofia que diz que todas as religiões são boas e tem realidade básica e que levam a Deus. A Nova Era é em síntese uma mistura de religiões orientais, gnose e espiritismo, baseada em doutrinas esotéricas.

Conclusão

É muito difícil hoje em dia não usar um produto, escutar uma rádio, ver programas de televisão sem encontrar a influência da Nova Era. Todavia a Bíblia nos diz que devemos comer (usar) de tudo sem perguntar a procedência (Rm 14, I Co 8, I Co 10:25-33), desde que santificquemos e agradeçamos a Deus. Se todavia alguém nos avisar que é coisa sacrificada a demônios, deixai de lado, não pela tua, mas pela consciência do outro.

Portanto eu prefiro não saber se é da Nova Era, ou se é sacrificado a ídolos, ou se o dono da empresa é maçônico ou adorador de satã. Ao abençoar, Jesus nos deu poder para derrubar todo o mal que possa haver em um objeto ou alimento (Mt 28:18, Jo 14:12-13).

6.9. Reencarnação

A crença no renascimento da alma em sucessivas encarnações constitui o fundamento básico de muitas religiões ocidentais e orientais.

Reencarnação é, essencialmente, a possibilidade que tem a alma de voltar a habitar um corpo seja humano, animal ou vegetal. Crença oriunda do Oriente, foi adotada pelos gregos no orfismo, maniqueísmo e gnosticismo, e por movimentos religiosos mais recentes, como o espiritismo.

Em religiões animistas é comum a crença em múltiplas almas e na transmigração ou reencarnação. Algumas tribos do sul da África acreditam que quando alguém morre, a alma permanece ao lado do túmulo à espera de um novo corpo ou de um novo local de descanso. Entre os antigos gregos, os órficos sustentavam que a alma existia antes do corpo e sobrevivia à morte física. Reencarnava, então, sucessivamente, até se libertar do ciclo da vida e morte e retomar seu primitivo estado de pureza. Platão, assim como os gnósticos e maniqueístas, acreditava na reencarnação como explicação para a imortalidade da alma. Segundo o espiritismo, principal doutrina que aceita a reencarnação entre os movimentos religiosos do Ocident e, os espíritos chegam a esse estado de pureza pela evolução intelectual e moral.

As maiores religiões asiáticas originárias da Índia - hinduísmo, jainismo, budismo e sikhismo - aceitam a reencarnação. Têm em comum a doutrina do karma, lei de causa e efeito pela qual o que se faz no presente tem conseqüências na vida futura. No hinduísmo, o processo de nascimento e renascimento só termina quando a alma atinge o moksha, ou salvação, realizando a verdade libertadora, ou seja, quando a alma individual e a alma absoluta se tornam uma só. Para o jainismo, o karma é afetado pelas boas ou más ações da pessoa. Assim, o karma de existências passadas é aliviado ou

sobrecarregado com o karma da existência presente, sucessivamente, até que alma se liberte pela prática da disciplina religiosa, especialmente pelo ahimsa, ou não-violência, e se eleve ao lugar destinado às almas libertas, no topo do universo.

O budismo, embora negue a existência de uma alma inalterável e substancial, acredita na transmigração do karma da alma. Para os budistas, a alma se compõe de um conjunto de cinco elementos e estados psicofísicos, ou skandhas - corpo, sensações, percepções, impulsos e consciência - que cessam com a morte. O karma do morto, no entanto, s obrevive e se transforma em vijñana, germe de consciência no ventre da mãe. A disciplina e a meditação são os meios de que dispõe o indivíduo para libertar-se da roda do nascimento e renascimento, ou samsara, e atingir o nirvana, estado de paz e plenitude em que os desejos estão extintos. O sikh ismo prega uma doutrina da reencarnação baseada no hinduísmo, mas acresc enta que, depois de sucessivas reencarnações e do juízo final, as almas finalmente se unem a Deus.

O uso da Bíblia para Apoio

Querendo justificar a teoria da reencar nação como meio de purificação, Allan Kardec (AK) alega que essa doutrina encont ra apoio bíblico. Afirma então: "O princípio da reencarnação ressalta, aliás, de muitas passagens das Escrituras, encontrandose especialmente formulado, de maneira explícita, nos evangelhos".

Sabendo-se que a palavra reencarnação não se encontra na Bíblia, como também não se acha nas Escrituras S agradas tal ensino, de primeira grandeza para os espíritas, AK declara que a r eencarnação foi ensinada entre os judeus com o nome de ressurreição. Diz ele: "A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição". Kardec não se acanha ao afirmar: "O ponto essencial é que o ensinamento dos espíritos é eminentemente cristão".

Outras Passagens Bíblicas

Não se pode dialogar com um espírita o qual julgue entender de Bíblia, sem que mencione ser João Batista a reencarnação de Elias (Mt 11.14) e o encontro de Jesus com Nicodemos (Jo 3:5), entendendo que o novo nascimento mencionado por Cristo refere-se à reencarnação.

Doutrina

Fica assim resumida a doutrina espírita sobre a reencarnação:

- Que a pluralidade de existência se faz necessária para a purificação;
- Que esse ensino acha-se formulado de modo explícito no Evangelho de Jesus Cristo;
- Que embora a palavra reencarnação não se encontre nos evangelhos, a doutrina é encontrada sob o nome de ressurreição; e
- Que Jesus referiu-se à reencarnação nas passagens de Mateus 11:14 e João 3:5.

Defendendo a Fé

João Batista era a Reencarnação de Elias?

Esta é fácil. Elias foi arrebatado e não morreu (2 Rs 2:11). Se não morreu também não podia reencarnar. Além disto perguntaram se João Batista era a reencarnação de Elias e ele responde que não era (Jo 1:21).

Nascer de Novo

"Nascer de novo" ou nascer de cima nada tem a ver com a reencarnação, mas com a regeneração, a qual implica em mudança das disposições íntimas da alma dentro do mesmo corpo nesta vida. Reencarnação é nova existência em outro corpo, mas nunca no mesmo.

Nascer de novo significa a mudança do coração do homem de pedra para o de carne (Êx 36.26), e isso se dá por ouvirmos a Palavra de Deus (a água) e pelo convencimento do Espírito (Jo 16.7).

Assegurou-nos o apóstolo Pedro: "Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre" (1 Pe 1.23).

Declarou Tiago: "Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas" (Tg 1.18).

Disse o apóstolo Paulo: "Assim que; se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.17).

Religiões Mundiais

A fé consiste em crer no que não vês: a recompensa da fé é acabares por ver o que crês.
Agostinho

7. Religiões Mundiais

7.1. Catolicismo Romano



A Babilônia Antiga é o símbolo da idolatria, depravação, orgia, astrologia, ocultismo, esoterismo. Os profetas de Baal, um deus babilônico, e de Astorete (outra deusa) eram assassinos oficiais de criancinhas. Nas escavações do templo do impiedoso rei Acabe, as ruínas dos templos dos dois deuses não ficavam muito longe. e no meio havia um cemitério para enterrar as criancinhas sacrificadas. As escavações encontraram jarros contendo despojos de crianças sacrificadas nos templos. Isso esclarece a razão da matança dos profetas de Baal pelo profeta Elias.[1]

[1] H. H. Halley , Manual Bíblico, Livraria Editora Evangélica, São Luis - MA, 1963, pág. 93.

A Babilônia moderna de hoje é a Igreja Católica, como nos veremos comparações ao longo deste capítulo. Este material foi retirado do excelente e imperdível livro de Abraão de Almeida, Babilônia, Ontem e Hoje, da Editora CPAD.

Há 15 pontos em que o Shintoísmo, o Catolicismo Romano e o Babilonianismo são idênticos:

adoração de imagens,
. línguas mortas nos rituais,
. velas e incenso,
. missas pelos mortos,
. rosário de contas,
. vãs repetições na oração,
. celibato dos clérigos,
. freiras,
. adoração de relíquias,
. sistemas de mérito pelas penitências,
. cúrias sacerdotais,
. procissões,
. adoração de santos,
. adoração de flores,
. mariolatria com sua correspondente no Shintoísmo na adoração de Kw anyian, deusa da graça e Asterote (nos Babilônicos).

O Tibete possui a mais pura forma de idolatria babilônica. Com a queda da Babilônia, os seus soldados levaram a sua idolatria ao Tibete. Visitantes modernos surpreenderam-se de que embora nenhum missionário fosse

permitido, em toda a história do Tibet e, ainda assim eles têm água benta, incenso, adoração de uma virgem e um m enino, monges, freiras, mosteiros, vestimentas clericais exatamente iguais às católico-romanas.[1]

[1] J. R. Stevens, Ob. cit., págs. 46 e 47.

A Contra-Reforma

No ano 312 A.D., Constantino, filho de Constâncio Cloro, marcha com um insignificante exército contra Maxênc io, seu concorrente ao trono imperial que lhe declarara guerra. Admitindo-se sem quaisquer condições de vencer um inimigo muitas vezes mais poderoso, el e invoca o Deus dos cristãos, pedindo o milagre da vitória. Enquanto se preparava para a batalha, consta ter aparecido a ele e aos seus legionários uma cruz no sol, sobre a qual lia-se: "in hoc signo vinces". Durante a renhida luta, Maxênc io afogou-se no Tibre e seus soldados foram derrotados. Para Constantino essa vitória devia-se à ajuda de Cristo e, agradecidamente, nesse mesmo ano publica um edito, em Milão, onde declara: "Queremos que todo aquele que deseja seguir a religião cristã possa fazê-lo sem temor algum de ser inquietado." (E. B. de Lom énie, A Igreja e o Estado, Livraria Editora Flamboyant, S. Paulo, 1958, pág. 20. 108)

Essa medida não encontrava precedentes na história de Roma, e dessa data em diante o Imperador torna-se cada vez mais protetor do cristianismo, chegando mesmo a convocar e presidir um Concílio ecumênico cristão em Nicéia, no ano 325. Contudo, longe de viver os ensinos de Cristo, ele preocupou-se mais em conciliar as filosofias greco-romanas com a doutrina cristã, deixando-se batizar somente às vésperas da sua morte, em 337 A.D.

Não erraremos, portanto, se consi derarmos o ano 312 A.D. como o marco principal na paganização da igreja romana. Esta, àquela altura, já estava desviada do princípio bíblico da justific ação pela fé, e por isso era chamada, desde o ano 251 A.D., igreja irregular, juntamente com outras que haviam adotado as heresias da regeneração batismal e batismo infantil (J. S. Carroll, O Rastro de Sangue, Casa Publicadora Batista; Rio de Janeiro, pág. 14).

Com a suposta conversão do Imperador, inúmeras crenças pagãs foram admitidas na igreja, pois a multidão dos novos adeptos não regenerados forçou a cristianização de práticas e costumes estranhos ao Novo Testamento. Em poucos anos a apostasia transformou a igreja numa poderosa organização religiosa aliada ao Império e a serviço deste.

Quando a Bíblia diz que "um abismo chama outro abismo" (Salmo 42.7), está ela confirmando uma experiência milenar: Um erro exige sempre um outro erro, numa interminável seqüência que só pode conduzir à confusão total. Assim começou a acontecer no IV século, a despeito da peremptória advertência apostólica: "... ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema."(Gálatas 1.8)

Vejamos algumas inovações aceitas pela Igreja de Roma, a partir de meados do século IV:

- O Imperador Valentiniano, em 366, decreta a supremacia da Jurisdição Eclesiástica de Roma.

- Nectário, bispo de Constantinopla, institui, em 390, a "Confissão Auricular".
- Em 397 o Concílio de Cartago, no Cânon 29, estabelece que o sacerdote deve realizar o "culto" em jejum.
- No ano 400, no Concílio de Toledo, é dado ao bispo de Roma, pela primeira vez, o titulo de "papa".
- No ano 500 começa a ser tolerada as imagens dos santos nas igrejas.
- Em 528, Felix IV, bispo de Roma, institui o rito da "extrema-unção";
- Neste mesmo ano Benedito de Mursa funda a ordem dos beneditinos.
- Por essa mesma época, transformou-se na festa de Purificação de Maria a festa das Lupercálias, do paganismo, na qual em Roma se levava a efeito uma marcha de archotes ao Palatino, com o intuito de suplicar a colheita de frutas.
- Começa-se também o costume de deixar nos templos os presentes votivos em prol da cura de enfermidades ou pela realização de desejos.
- No ano 600, Gregório I introduziu o nome da "Virgem" nas "litanias" com " *ora pro nobis* ". Compôs o ofício da missa, uniformizou o culto nas igrejas ocidentais e estabeleceu o uso universal da língua latina.
- De todas essas regulamentações, surgiu o uso do incenso, das relíquias dos santos, das velas e a oficialização das imagens através de quadros e estátuas.
- A obra de Gregório é consumada em 610 por Bonifácio III, ao substituir no "panteom de Roma" as divindades do Paganismo pelos chamados "santos".
- Em 615 é instituída a tonsura sacerdotal.
- Em 709 começou o costume de beijar os pés do papa.
- Em 740, Gregório III recomenda a absolvição do penitente após a confissão.
- Em 752, Estêvão II, bispo de Roma, foi o primeiro papa a ser conduzido processionalmente sobre um andor.
- Em 754 o Concílio de Constantinopla condena a adoração de imagens e a invocação da virgem e dos santos.
- Em 769 o Concílio de Roma anatematiza o Concílio de Constantinopla e manda que se venerem as imagens.
- Em 871 o sino é oficializado nas igrejas do Oriente.
- Em Roma era ele usado desde o ano 604.
- A água benta surgiu em 850.
- Em 884, Adriano III institui a "canonização dos santos".
- Em 965, João XIII institui o costume de batizar os sinos.
- O papa Gregório VII, em 1075, ordenou a todos os bispos, prelados e demais clérigos que abandonassem suas mulheres e filhos.
- O Concílio Leterenense confirma a "lei do celibato" para os sacerdotes, decretada por Calixto II.
- Em 1227, Honório III faz modificações no culto ordenando a "elevação e adoração da hóstia".
- A proibição da leitura da Bíblia pelos leigos foi decretada em 1229, no Concílio de Toulosa.
- Em 1230, foi introduzido nas igrejas o uso do rosário, usado na Índia e no Islã como corrente de preces.
- No século XIII São Domingos introduz a reza do rosário.
- Em 1231 o papa Gregório IX ordena o uso da campainha no culto.
- O Concílio de Leão, em 1245, prescreve aos cardeais o uso de capas escarlates, bem como chapéus encarnados, para demonstrarem que estão prontos para verter o próprio sangue.
- Em 1264 o papa Urbano IV, institui a festividade de "Corpus Cristi" e a respectiva oitava, fundamentando-se em uma revelação obtida por uma freira. Com isso teve início a evolução da doutrina conhecida com o nome de "eucaristia".
- Em 1414, O Concílio de Constança estabelece a proibição de que se dê aos leigos o cálix na santa ceia. Por isso o fiel católico-romano passou a comungar numa só espécie: a hóstia, simulacro do pão.
- O Concílio de Florença, em 1439, estabelece que são sete os sacramentos da Igreja Romana.
- Nesse mesmo ano, o Concílio de Basiléia declarou ser contrária à fé cristã a doutrina da Imaculada Conceição.
- A Igreja de Roma condenou formalmente esse Concílio.
- Em 1476, por ordem do papa Sixto IV, foi solenemente festejada, pela primeira vez, a "Imaculada Conceição" de Maria.

- O mesmo papa, em 1478, teria autorizado a instituição da "Santa Inquisição", atendendo conselho do arcebispo de Sevilha.
- Entre 1515 e 1517, por ordem de Leão X, foi oficialmente instituída a venda de indulgências, que deu origem à Reforma Protestante.
- Em 1545, no Concílio de Trento, pela primeira vez a Igreja Romana coloca a Tradição em pé de igualdade com a Escritura Sagrada, e junta a esta os sete livros apócrifos (não inspirados por Deus).
- Depois de uma ligeira pausa, em virtude das fortes críticas protestantes, o papa Pio XI, em 1854, decreta o dogma da "Imaculada Conceição" de Maria.
- Em 1870, o Concílio do Vaticano aprovou e decretou a doutrina da "infalibilidade do papa". Veja o livreto da coleção A Bíblia do Reino n. 51 - Infalibilidade Papal, com o discurso de um verdadeiro representante de Deus, um bispo condenando a Infalibilidade do Papa.

O quadro cronológico exposto acima representa apenas uma síntese daquilo que a História apresenta. O assunto, com mais detalhes, pode ser encontrado no livro "Libertação", de Thomaz Moldero. Convém acrescentar ainda a origem de pelo menos mais dois costumes romanistas: as quatorze cenas da última paixão de Cristo nas igrejas, sobretudo nas ruas , têm a sua origem no culto egípcio de Ísis, deusa correlata à Semíramis de Babilônia, a auréola dos santos, dos anjos e de Cristo já existia, séculos antes de Cristo, na Índia, na Pérsia, no Egito e em Babilônia. (Wladimir Lindenberg, Mistério do Encontro, Melhoramentos, S. Paulo, 1962, págs. 87 e 88)

A palavra de Deus previu o apareciment o das inovações na Igreja Cristã: "Mas o Espírito expressamente diz nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios..." (I Timóteo 4.1.)

E no Apocalipse, ao tratar da condenação da falsa igreja, faz Jesus esta solene admoestação: "Sai dela, meu povo, para não serdes cúmplices dos seus pecados, e para não vos atingir parte das suas pragas; porque os seus pecados se amontoaram até atingirem o céu, e Deus se lembrou das suas iniqüidades." (Apocalipse 18.4,5 - Frei Mateus Hoepers)

Funções aos "Santos"[1]

[1] Retirado do Livro Babilônia Ontem e Hoje, de Abraão de Almeida, da Editora CPAD.

Um costume romano, herança do velho paganismo babilônico, é o de distribuir funções aos seus santos (ou deuses), prática levada ao extremo com a eleição de "santa" Edwiges como a padroeira ou protetora dos endividados!

De um excelente periódico português (Novas de Alegria, Lisboa, Portugal, julho de 1948), transcrevemos um paralel o interessante entre as funções dos deuses pagãos e os "santos" cristãos, para provar a existência, hoje, no seio do romanismo, das mesmas práticas ant igas, tão condenadas pelos profetas do Velho Testamento:

Quadro deuses x santos católicos

Mitologia Greco-romana	Igreja Católica
Júpiter F ulgor presidia aos relâmpagos de dia e Sumano aos da noite	Santa Bárbara e São Jerônimo têm esta incumbência
Eolo, deus dos ventos	São Lourenço, advogado dos ventos
Mab, divindade doa sonhos	Santa Helena, revela em sonhos os acontecimentos
Lye, divindade das expiações	São Teodoro, divindade da penitência
Hymem, divindade que presidia ao casamento	Santo Antonio casa as novas e São Gonçalo as velhas
Juno e Prosa, divindades aos partos	Senhora do Parto e do Bom Sucesso, prestam-se para este fim
Chera, deusa das viúvas	Santa Brígida, protetora das viúvas
Parnasso, filho de Neptuno, inventor da arte dos agoureiros	São Cipriano, agoureiro e feiticeiro

Quadro dos protetores - deuses x santos católicos

Mitologia Greco-romana	Igreja Católica
A cabeça estava sob a proteção de Júpiter	São João é o protetor da cabeça
Os olhos, de Cupido	Santa Luzia, dos olhos
O peito, de Neptuno	Nossa Senhora das Espadas, do coração e Santa Águeda, dos peitos
Os ouvidos, de Memória	São Manuel, dos ouvidos
As mãos, de Fé	Santo André, dos braços
Os pés de Mercúrio	Santa Filomena, dos pés, e São Dimas, das pernas
A indúatria, de Mellona	Santo Inácio, dos tecelões
Os rebanhos, de Mellofora	São Pastorzinho e Santa Germana, dos criadores de gado
Os cereais, de Ceres	Senhora de Março, dos semeadores de cereais
A lavoura, de Oro	Santo Izidro, dos lavradores
Os pescadores, de Liminites	São Francisco, dos pescadores
A música, de Apolo	Santa Cecília, dos músicos

E Dédalo era o advogado dos artífices em geral,
São Crispim, dos sapateiros,
São José, dos carpinteiros,
São Vicente Ferraz, dos pedreiros,
São João Evangelista, dos tipógrafos,
São Cosme e São Damião, dos médicos e cirurgiões
E comparando tudo isto, se conclui que a Mitologia é a mesma, mas sob um outro disfarce.

Relação dos Papas[1]

[1] Retirado do site: http://www.geocities.com/MadisonAvenue/Boardroom/2316/Biblio/papas.htm

1978 - ....: João Paulo II (Karol Woityla)
1978: João Paulo I (Albino Luciani)
1963 - 1978: Paulo (VI Giovanni Battista Montini)
1958 - 1963: João XXIII (Angelo Giuseppe Roncalli)
1939 - 1958: Pio XII (Eugenio Pacelli)
1922 - 1939: Pio XI (Achille Ratti)
1914 - 1922: Bento XV (Giacomo Marchese della Chiesa)
1903 - 1914: Pio X (Giuseppe Sarto)
1878 - 1903: Leão XIII (Giocchino Vincenzo de Pecci)
1846 - 1878: Pio IX (Giovanni Conte Mastai-Ferretti)
1831 - 1846: Gregório XVI (Bartolomeo Cappellari)
1829 - 1830: Pio VIII (Francesco Saverio Castiglioni)
1823 - 1829: Leão XII (Annibale della Genga)
1800 - 1823: Pio VII (Luigi Barnaba Chiaramonti)
1775 - 1799: Pio VI (Giovanni Angelo Conte Braschi)
1769 - 1774: Clemente XIV (Lorenzo Ganganelli)
1758 - 1769: Clemente XIII (Carlo Rezzonico)
1740 - 1758: Bento XIV (Prospero Lambertini)
1730 - 1740: Clemente XII (Lorenzo Corsini)
1724 - 1730: Bento XIII (Pietro Francesco Orsini)
1721 - 1724: Inocêncio XIII (Michelangelo Conti)
1700 - 1721: Clemente XI (Giovanni Francesco Albani)
1691 - 1700: Inocêncio XII (Antonio Pignatelli)
1689 - 1691: Alexandre VIII (Pietro Ottoboni)
1676 - 1689: Inocêncio XI (Benedetto Odescalchi)
1670 - 1676: Clemente X (Emilio Altieri)
1667 - 1669: Clemente IX (Giulio Rospigliosi)
1655 - 1667: Alexandre VII (Fabio Chigi)
1644 - 1655: Inocêncio X (Giambattista Pamphili)
1623 - 1644: Urbano VIII (Maffeo Barberini)
1621 - 1623: Gregório XV (Alessandro Ludovisi)
1605 - 1621: Paulo V (Camillo Borghesi)
1605: Leão XI (Alessandro Ottaviano de Medici)
1592 - 1605: Clemente VIII (Ippolito Aldobrandini)
1591: Inocêncio IX (Giovanni Antonio Facchinetti)
1590 - 1591: Gregório XIV (Niccolo Sfondrati)
1590: Urbano VII (Giambattista Castagna)
1585 - 1590: Sisto V (Felici Peretti)
1572 - 1585: Gregório XIII (Ugo Boncompagni)
1566 - 1572: Pio V (Michele Ghislieri)
1559 - 1565: Pio IV (Giovanni Angelo de Medici)
1555 - 1559: Paulo IV (Gianpetro Caraffa)
1555: Marcelo II (Marcelo Cervini)
1550 - 1555: Júlio III (Giovanni Maria del Monte)
1534 - 1549: Paulo III (Alessandro Farnese)
1523 - 1534: Clemente VII (Giulio de Medici)
1522 - 1523: Adriano VI (Adriano de Utrecht)
1513 - 1521: Leão X (Giovani de Medici)
1503 - 1513: Júlio II (Giuliano della Rovere)
1503: Pio III (Francesco Todeschini-Piccolomini)
1492 - 1503: Alexandre VI (Rodrigo de Bórgia)
1484 - 1492: Inocêncio VIII (Giovanni Battista Cibo)
1471 - 1484: Sisto IV (Francesco della Rovere)
1464 - 1471: Paulo II (Pietro Barbo)
1458 - 1464: Pio II (Enea Silvio de Piccolomini)
1455 - 1458: Calisto III (Alfonso de Bórgia)
1447 - 1455: Nicolau V (Tomaso Parentucelli)
1431 - 1447: Eugênio IV (Gabriel Condulmer)
1417 - 1431: Martinho V (Odo Colonna)
1410 - 1415: João XXIII (Baldassare Cossa>
1409 - 1410: Alexandre V (Pedro Philargi de Candia)
1406 - 1415: Gregório XII (Angelo Correr)
1404 - 1406: Inocêncio VII (Cosma de Migliorati)
1389 - 1404: Bonifácio IX (Pietro Tomacelli)
1378 - 1389: Urbano VI (Bartolomeo Prignano)
1370 - 1378: Gregório XI (Pedro Rogerii)
1362 - 1370: Urbano V (Guillaume de Grimoard)
1352 - 1362: Inocêncio VI (Etienne Aubert)
1342 - 1352: Clemente VI (Pierre Roger de Beaufort)
1334 - 1342: Bento XII (Jacques Fournier)
1316 - 1334: João XXII (Jacques Duèse)
1305 - 1314: Clemente V (Bertrand de Got)
1303 - 1304: Bento XI (Nicolau Boccasini)
1294 - 1303: Bonifácio VIII (Bento Gaetani)
1294: Celestino V (Pietro del Murrone)
1288 - 1292: Nicolau IV (Girolamo Masei de Ascoli)
1285 - 1287: Honório IV (Giacomo Savelli)
1281 - 1285: Martinho IV (Simão de Brion)
1277 - 1280: Nicolau III (Giovanni Gaetano Orsini)
1276 - 1277: João XXI (Pedro Juliani)

1276: Adriano V (Ottobono Fieschi)
1276: Inocêncio V (Pedro de Tarantasia)
1271 - 1276: Gregório X (Teobaldo Visconti)
1265 - 1268: Clemente IV (Guido Fulcodi)
1261 - 1264: Urbano IV (Jacques Pantaleon de Troyes)
1254 - 1261: Alexandre IV (Reinaldo, conde de Segni)
1243 - 1254: Inocêncio IV (Sinibaldo Fieschi)
1241: Celestino IV (Gaufredo Castiglione)
1227 - 1241: Gregório IX (Hugo, conde de Segni)
1216 - 1227: Honório III (Censio Savelli)
1198 - 1216: Inocêncio III (Lotário, conde de Segni)
1191 - 1198: Celestino III (Jacinto Borboni-Orsini)
1187 - 1191: Clemente III (Paulo Scolari)
1187: Gregório VIII (Alberto de Morra)
1185 - 1187: Urbano III (Humberto Crivelli)
1181 - 1185: Lúcio III (Ubaldo Allucingoli)
1159 - 1180: Alexandre III (Rolando Bandinelli de Siena)
1154 - 1159: Adriano IV (Nicolau Breakspeare)
1153 - 1154: Anastácio IV (Conrado, bispo de Sabina)
1145 - 1153: Eugênio III (Bernardo Paganelli de Montemagno)
1144 - 1145: Lúcio II (Gherardo de Caccianemici)
1143 - 1144: Celestino II (Guido di Castello)
1130 - 1143: Inocêncio II (Gregorio de Papareschi)
1124 - 1130: Honório II (Lamberto dei Fagnani)
1119 - 1124: Calisto II (Guido de Borgonha, arcebispo de Viena)
1118 - 1119: Gelásio II (João de Gaeta)
1099 - 1118: Pascoal II (Rainério, monge de Cluny)
1088 - 1099: Urbano II (Odo, cardeal-bispo de Óstia)
1086 - 1087: Vítor III (Desidério, abade de Monte Cassino)
1073 - 1085: Gregório VII (Hildebrando, monge)
1061 - 1073: Alexandre II (Anselmo de Baggio)
1058 - 1061: Nicolau II (Geraldo de Borgonha, bispo de Florença)
1058 - 1059: Bento X (João de Velletri)
1057 - 1058: Estevão IX (Frederico, abade de Monte Cassino)
1055 - 1057: Vítor II (Geraldo de Hirschberg)
1049 - 1054: Leão IX (Bruno, conde de Egisheim-Dagsburg)
1048: Dâmaso II (Poppo, conde de Brixen)
1046 - 1047: Clemente II (Suidgero de Morsleben)
1045 - 1046: Gregório VI (João Graciano Pierleone)
1033 - 1046: Bento IX (Teofilato de Túsculo)
1024 - 1032: João XIX (conde de Túsculo)
1012 - 1024: Bento VIII (conde de Túsculo)
1009 - 1012: Sérgio IV (Pietro Buccaporci)
1003 - 1009: João XVIII (João Fasano de Roma)
1003: João XVII (Giovanni Sicco)
999 - 1003: Silvestre II (Gerberto de Aurillac)
996 - 999: Gregório V (Bruno de Carínthia)
985 - 996: João XV (?)
983 - 984: João XIV (Pedro Canipanova)
974 - 983: Bento VII
972 - 974: Bento VI
965 - 972: João XIII (João de Nardi)
964: Bento V
963 - 965: Leão VIII
955 - 964: João XII
946 - 955: Agapito II
942 - 946: Marino II (ou Martinho III)
939 - 942: Estevão VIII
936 - 939: Leão VII
931 - 935: João XI
928 - 931: Estevão VII
928: Leão VI
914 - 928: João X (João de Tossignano, arcebispo de Ravena)
913 - 914: Lando
911 - 913: Anastácio III
904 - 911: Sérgio III
903 - 904: Cristovão
903: Leão V
900 - 903: Bento IV
898 - 900: João IX
897: Teodoro II
897: Romano
896 - 897: Estevão VI
896: Bonifácio VI
891 - 896: Formoso
885 - 891: Estevão V
884 - 885: Adriano III
882 - 884: Marino I (ou Martinho II)
872 - 882: João VIII
867 - 872: Adriano II
858 - 867: Nicolau I
855 - 858: Bento III
847 - 855: Leão IV
844 - 847: Sérgio II
827 - 844: Gregório IV
827: Valentim
824 - 827: Eugênio II
817 - 824: Pascoal I
816 - 817: Estevão IV
795 - 816: Leão III
772 - 795: Adriano I
768 - 772: Estevão III

757 - 767: Paulo I
752 - 757: Estevão II
752: Estevão [II] (pontificado de apenas 4 dias)
741 - 752: Zacarias
731 - 741: Gregório III
715 - 731: Gregório II
708 - 715: Constantino
708: Sisínio
705 - 707: João VII
701 - 705: João VI
687 - 701: Sérgio I
686 - 687: Cônon
685 - 686: João V
683 - 685: Bento II
682 - 683: Leão II
678 - 681: Agatão
676 - 678: Dono
672 - 676: Adeodato II (ou Deusdedite II)
657 - 672: Vitaliano
654 - 657: Eugênio I
649 - 655: Martinho I
642 - 649: Teodoro I
640 - 642: João IV
638 - 640: Severino
625 - 638: Honório I
619 - 625: Bonifácio V
615 - 618: Adeodato I (ou Deusdedite I)
608 - 615: Bonifácio IV
606 - 607: Bonifácio III
604 - 606: Sabiniano
590 - 604: Gregório I Magno
579 - 590: Pelágio II
575 - 579: Bento I
561 - 574: João III
556 - 561: Pelágio I
537 - 555: Vigílio
536 - 537: Silvério
535 - 536: Agapito (ou Agapeto)
533 - 535: João II
530 - 532: Bonifácio II
526 - 530: Félix III
523 - 526: João I
514 - 523: Hormisdas
498 - 514: Símaco
496 - 498: Anastácio II
492 - 496: Gelásio I
483 - 492: Félix II
468 - 483: Simplício
461 - 468: Hilário (ou Hilaro)
440 - 461: Leão I Magno
432 - 440: Sisto III
422 - 432: Celestino
418 - 422: Bonifácio I
417 - 418: Zózimo
402 - 417: Inocêncio I
399 - 402: Anastácio I
384 - 399: Sirício
366 - 384: Dâmaso I
352 - 366: Libério
337 - 352: Júlio I
336: Marcos
314 - 335: Silvestre I
310 - 314: Melcíades
308 - 310: Eusébio
307 - 309: Marcelo I
296 - 304: Marcelino
282 - 296: Caio
274 - 282: Eutiquiano
268 - 274: Félix I
260 - 268: Dionísio
257 - 258: Sisto II
254 - 257: Estevão I
253 - 254: Lúcio I
251 - 253: Cornélio
236 - 250: Fabiano
235 - 236: Antero
230 - 235: Ponciano
222 - 230: Urbano I
217 - 222: Calisto I
199 - 217: Zeferino
189 - 199: Vítor I
174 - 189: Eleutério
166 - 174: Sotero
154 - 165: Aniceto
143 - 154: Pio I
138 - 142: Higino
125 - 138: Telésforo
116 - 125: Sisto I
107 - 116: Alexandre I
101 - 107: Evaristo
90 - 101: Clemente I
79 - 90: Anacleto (ou Cleto)
64 - 79: Lino
33 - 64: Pedro Apóstolo

Quietismo

Doutrina de origem visivelmente iluminista, o quietismo teve grande repercussão por toda a Europa no século XVIII e foi condenado como herético.

Quietismo foi um sistema místico que afirmava a inutilidade do esforço humano para a salvação e a santificação. Embora seus elementos principais estejam presentes em vários movimentos religiosos cristãos e não-cristãos, o termo é usualmente aplicado à doutrina difundida na Europa a partir do Guia espiritual (1675) do padre espanhol Miguel de Molinos, cujos preceitos opunham-se ao rigor da ascese jansenista.

Todos os atos de piedade eram considerados dispensáveis e a alma deveria se manter em absoluta passividade para se comunicar com Deus e alcançar a perfeita contemplação. O desejo de agir era visto como ofensa a Deus, pois só a inatividade poderia trazer a alma de volta a seu princípio divino. Somente aqueles que experimentassem tal anulação mística poderiam sentir a vontade de Deus, pois sua própria vontade teria sido destruída.

Molinos foi condenado pela bula de Inocêncio XI Coelestis pastor (1687), após ingerência de Bossuet, defensor intransigente da ortodoxia cristã. Apesar de sua retratação pública, morreu nove anos depois nos cárceres da Inquisição em Roma. Na França, formas moderadas de quietismo foram defendidas pela mística Jeanne-Marie Bouvier de la Motte Guyon, com o apoio do arcebispo e escritor François de Salignac de la Mothe-Fénelon, o qual concebeu uma doutrina de puro amor.

Em 1697 Bossuet publicou, sobre o assunto, suas *Instructions sur les états d'oraison*, a que Fénelon respondeu com as *Maximes des saints*, obra que Bossuet considerou herética e que seria condenada em Roma, em 1699. Depois disso o quietismo reapareceu de forma esporádica. Ainda no fim do século XIX surgiu no Reino Unido uma comunidade que integrava doutrinas budistas com as idéias de Molinos.



Miguel de Molinos

Ideólogo do quietismo

Concílio

O Concílio Vaticano II, realizado em Roma no início da década de 1960, com a presença de grande número de religiosos católicos de todo o mundo e de membros das outras principais igrejas e movimentos cristãos, representou uma mudança na trajetória centralista que a Igreja Católica adotara desde o Concílio de Trento.

Define-se como concílio, no catolicismo, uma assembléia de bispos ou prelados e outros religiosos convocados para deliberar e decidir acerca de questões que interessam à doutrina ou à vida da igreja. Na história eclesiástica, houve várias espécies de concílios: provinciais, regionais, nacionais, plenários e ecumênicos. Estes últimos, convocados pelo papa, têm suas conclusões reconhecidas por Roma como normas de fé para a igreja universal.



Os concílios provinciais, chamados sínodos, são historicamente os mais antigos. Protótipo de todos eles é a reunião dos apóstolos com os presbíteros, realizada em Jerusalém nos primórdios da história da igreja, no ano 49 da era cristã (At 15). No fim do primeiro século da era cristã, os bispos, autônomos em suas igrejas, comunicavam-se entre si por meio de cartas exortatórias ou doutrinais. No século II, sentiu-se a necessidade de tomar decisões que atingissem áreas mais amplas. Convocados por bispos das sedes mais antigas (Jerusalém, Cesaréia, Antioquia, Alexandria, Constantinopla), realizaram-se concílios provinciais ou regionais. Afirma-se, então, o poder colegial dos bispos. O consenso unânime desses bispos, baseado no sentimento de fé dos fiéis, passou, aos poucos, a constituir norma válida para toda a cristandade.

Concílio do Vaticano II

Conciliou as novas correntes do pensamento aos dogmas da igreja

No Brasil, o primeiro concílio nacional da Igreja Católica - o Concílio Plenário Brasileiro - realizou-se no Rio de Janeiro, em 1939, com a presença de 104 prelados.

Tabela - Concílios Ecumênicos

Ano	Local	Papa	Tema
Anos 50	Jerusalém	Pedro ou Tiago?	Nome dado à assembléia de apóstolos. Conduzida por Pedro e Tiago, tratou da aplicação da lei mosaica por cristãos não-judeus.
138 Usha		Higino	Convocado pelos Judeus. Reorganizou a vida judaica, após as perseguições de Adriano.
251-256	Cartago - África	Cornélio, Lúcio I e Estevão I	Presididos por são Cipriano. Houve vários concílios em Cartago do séc. III ao séc. V. Os principais estão nesta tabela.
Início anos 300	Elvira	?	Nome dado ao primeiro concílio cristão realizado na Espanha, no início do século IV, em Elvira,

			nas imediações de Granada.
314	Arles, na Gália	Menquiades e Silvestre I	Convocado por Constantino, com a presença de representantes de 43 dioceses, para discutir o donatismo, heresia então ascendente no norte da África.
325	Nicéia I	Silvrestre I	Realizado na cidade de Nicéia, hoje Iznik, na Turquia. Condenou o arianismo e promulgou o credo conhecido como Símbolo de Nicéia. Proibição da celebração do Sabath no Sábado.
381	Constantinopla I	Dâmaso I	Encontro ecumênico convocado pelo imperador Teodósio I. Reafirmou as doutrinas do Concílio de Nicéia sobre a consubstancialidade das três pessoas da Santíssima Trindade (dogma do Espírito Santo) e estabeleceu o caráter herético do arianismo e outros movimentos similares.
392-419	Cartago	Sirício, Anastácio I, Inocêncio I, Zósimo, Bonifácio I	Presidido por santo Aurélio.
431	Éfeso	Celestino I	Presidido por Cirilo, bispo de Alexandria. Foi condenada a "heresia" de Nestório, que negava à Virgem Maria o nome de Mãe de Deus, admitindo apenas o título de Mãe de Cristo.
441	Orange	Leão I Magno	Questões Disciplinares.
451	Calcedônia	Leão I	Condenar o monofisismo e reconhecer a dupla natureza de Cristo.
529	Vaison	Félix IV	Determinou, entre outros quatro cânones, que o kyrie eleison fosse cantado nas matinas, nas missas e nas vésperas.
529	Orange	Félix IV	Refutou doutrinas heréticas, como o semipelagianismo.
553	Constantinopla II	Virgílio	Encontro ecumênico realizado sobre a presidência de Eutíquio, patriarca de Constantinopla. Rejeitou o nestorianismo e insistiu na unidade da pessoa de Cristo, em sua natureza divina e humana.
500 a 700	Toledo	?	Série de reuniões de caráter político e religioso ocorridas durante o reinado dos visigodos.
681	Constantinopla III	Leão II	Encontro ecumênico convocado pelo papa Agatão. Condenou o monotelismo, que professava haver em Cristo uma única vontade, a divina, que absorvia a humana.
787	Nicéia II	Adriano I	Convocado para resolver a controvérsia Iconoclasta, iniciada em 726, disciplinou o sentido da veneração das imagens.
870	Constantinopla IV	Adriano II	Condenou o patriarca Fócio (cisma do Fócio) e encerrou temporariamente o primeiro cisma oriental.
1095	Clermont-Ferrand	Urbano II	Promover reformas na Igreja Católica. Pregou a libertação da Terra Santa e lançou a I Cruzada contra os infiéis.
1123	Latrão I	Calisto II	Encerrar a questão das Investiduras.

1139	Latrão II	Inocêncio II	Cisma de Anacleto e declarar obrigatório o celibato para o clero na igreja ocidental.
1179 Latrão	III	Alexandre III	Questão império-papado e determinar algumas leis relativas à eleição papal.
1184	Verona	Lúcio III	Objetivo: tomar severas medidas contra os heréticos. Foram decretadas penas de banimento, confisco, demolição de casas, declaração de infâmia e perda de direitos civis. Marcou o início das atividades da Inquisição.
1215 Latrão	IV	Inocêncio III	Obrigou todos os cristãos à confissão e à páscoa anuais, além de condenar a heresia albigense.
1245 Ly	on I	Inocêncio IV	Depôs o imperador romano-germânico Frederico II, perseguidor da Igreja e do papado.
1274	Lyon II	Gregório X	Objetivo frustrado de tentar uma reconciliação com Bizâncio e a Igreja Ortodoxa.
1311-1312	Vienne	Clemente V	Suprimir a ordem militar dos templários, pressionado por Filipe o Belo, da França.
1414-1418	Constança	Martinho V	Pôs fim ao Grande Cisma do Ocidente e condenou as doutrinas heréticas de Jan Hus (hussita).
1431-1442	Basiléia	Eugênio IV	Encontro ecumênico com o objetivo de combater a heresia hussita e discutir a soberania papal. Transferindo-se para Ferrara e Florença.
1438-1445	Ferrara - Florença	Eugênio IV	União com os ortodoxos
1512-1517	Latrão V	Júlio II e Leão X	Desarmar o anticoncílio de Pisa, que era contrário aos pontífices. Promulgou decretos preparatórios da grande reforma eclesiástica.
1545-1583	Trento	Paulo III	Contra-reforma: importante por suas decisões sobre os dogmas e a legislação eclesiástica.
1869-1870	Vaticano I	Pio IX	Condenados o ateísmo, o racionalismo, o materialismo, o naturalismo e o modernismo. Proclamou o dogma da infalibilidade do papa em questões doutrinárias
1962-1965	Vaticano II	João XXIII e Paulo VI	Renovação da Igreja: Determinou a adoção pela igreja de uma tendência pastoral, ecumênica e descentralizadora.

Anglicanismo

A Igreja Anglicana realiza concílios aproximadamente de dez em dez anos - as conferências de Lambeth, residência do arcebispo de Cantuária (Canterbury) em Londres. A primeira conferência, de 1867, reuniu 76 bispos de vários países.

Outras confissões protestantes

As igrejas oriundas da Reforma herdaram e cultivaram a doutrina e a prática da forma sinodal, em quase todas as s uas denominações. Algumas, como as congregacionais e batistas, adotam a forma conciliar na própria estrutura local. As igrejas luteranas, presbiterianas e metodistas , afora a manutenção de concílios regulares nos países onde se implantaram, possuem estruturas continentais e internacionais per manentes, reunindo periodicamente representantes de todas as partes do mundo em assembléias de estudo e de

recomendações, tais como a Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (fundada em 1875), o Concílio Metodista Mundial (1881) e o Concílio Congregacional Internacional (organizado em 1948). A tendência para reunir as várias confissões protestantes ampliou-se com o movimento ecumênico, de que surgiram vários órgãos permanentes, destacando-se, no plano internacional, o Conselho Mundial de Igrejas, fundado em 1948 e com sede em Genebra.

Judaísmo

A vida judaica foi reorganizada com o Concílio de Usha (c. 138 da era cristã), após as perseguições de Adriano. De 1150 a 1160, na França, novos concílios debateram os problemas provenientes das cruzadas, que afetavam a religião judaica. Em Valladolid, em 1432 foram discutidos problemas de educação e de organização. A ameaça católica de estabelecer a censura prévia dos livros judaicos foi motivo do Concílio de Ferrara, em 1554. Os princípios do judaísmo reformista foram estabelecidos em 1889, em Pittsburgh, Estados Unidos.

Alguns concílios católicos ocuparam-se da relação com o judaísmo, sobressaindo o de Elvira, Espanha, em 312, que procurou estabelecer formas de impedir quaisquer relações entre cristãos e judeus. O Concílio de Nicéia (325) proibiu a celebração do sabath no sábado. O Vaticano II, no entanto, criou comissão para estudar novo relacionamento dos católicos com os judeus, medida também adotada pelo Conselho Mundial de Igrejas.

Budismo

Depois da morte de Buda (c.483 a.C.), monges budistas realizaram um concílio em Rajagriha, com a finalidade de estabelecer a doutrina budista. Em 377 (ou 367) a.C., um segundo concílio realizou-se em Vaiçali e um terceiro em Pataliputra, quando se discutia a cisão entre Mahasanghika e os Sthavira. O quarto concílio se deu em 249 (ou 242) a.C., em Pataliputra, para debater questões relativas aos dogmas. Em 89 a.C., no Sri Lanka (Ceilão), adotou-se em concílio o uso da língua páli nos textos budistas. O cânon sânscrito dos Sarvastivadin foi decidido no século II, também num concílio.

7.2. Católicos Carismáticos

Temos acompanhado alguns padres carismáticos da igreja católica na mídia secular. Seus cultos trazem centenas e em alguns casos milhares de pessoas. A liturgia é praticamente a mesma, mas aparecem cânticos animados típicos das igrejas evangélicas e dá-se ênfase na oração e em alguns momentos da liturgia no Batismo com o Espírito Santo (veja Pentecostalismo e glossolalia) e o falar em línguas.

A Igreja Católica nos países da Europa, e também aqui no Brasil, perde um número muito grande de fiéis. Segundo a Revista Isto É em 12 de maio de 1993, este número no Brasil era de 600 mil a cada ano. Nesta época, em 1993, seis cardeais, 378 bispos e arcebispos, 7630 padres e milhares de leigos começaram

a se movimentar em busca do território perdido. Começava nesta época, em Copacabana no Rio de Janeiro, na Comunidade Bom Pastor, a Renovação Carismática. “O segredo está na oração a todo momento e deixar o Espírito Santo agir.” “São um pouco fanáticos, admit o, mas os mantemos sob controle.”, afirma um bispo que prefere o anonimato.

Mas o Espírito Santo não se mantém sob controle. Ele vai aonde quer. Além disto, a própria cúpula resolveu deixar o movimento expandir-se, como resultado da guerra santa travada com os evangélicos.

7.3. Católicos Ortodoxos

A denominação "ortodoxa" (isto é, de doutrina reta) tornou-se corrente, mesmo entre católicos e protestantes, par a designar as igrejas cristãs orientais que, em 1054, se separaram da igreja de Roma.

Chamam-se igrejas ortodoxas as que representam a fé historicamente preservada pela cristandade oriental e se consideram depositárias da doutrina e dos ritos originais dos padres apostólicos. Dividem-se em três grupos:

- a Igreja Ortodoxa do Oriente, de ori gem bizantino-eslava, e que reúne o maior número de fiéis;
- as igrejas orientais dos nestorianos e monofisistas, sem qualquer comunhão com as demais e
- as igrejas orientais que "retornaram a Roma", mas se mantiveram distintas em rito e disciplina.

História

Nascido na Palestina, o cristianismo difundiu-se rapidamente em todo o Império Romano, principalmente no Orient e, onde os apóstolos e seus primeiros discípulos criaram comunidades cristãs em Antioquia, Alexandria, Corinto, Salonica e outras cidades. As igrejas ortodoxas e a Igreja Católica tiveram história comum até a Paz de Constant ino, no ano 313, e a divisão do império entre Oriente e Ocidente (395). As primeiras divergências políticas entre latinos e gregos, que desfizeram a comunhão entre as igrejas, manifestaram-se desde a transferência, em 330, da sede do império para Constantinopla.

A decadência da velha capital sob o domínio dos bárbaros, a divisão do império e as pretensões do imperador de Bizâncio, que se considerava o herdeiro único do império - de toda a cristandade - acentuaram o antagonismo entre as igrejas, e iniciaram um proce sso de crescente afastamento, do século V ao século XI, em meio a fracassadas tentativas de reunificação.

O conflito político e a diversidade de idioma, costumes e ritos litúrgicos sublinharam as divergências teológicas, que passaram a ser resolvidas, nos concílios ecumênicos, com a participação dos bispos do Oriente e do Ocidente. No ano 867, Fócio, patriarca de Const antinopla, suscitou grave ruptura, ao condenar o papa Nicolau I pelo acréscimo da expressão Filioque ("e do Filho") na versão ocidental do credo de Nicéia, para indicar que o Espírito Santo

procede do Pai e do Filho [1], e por sua determinação em tornar a sede episcopal de Roma cabeça de todas as igrejas cristãs.

[1] O Espírito Santo vêm do Pai (João 14:16) por glorificar o nome do Filho (João 7:39).

Deposto a pedido de Roma, o patriarca foi reintegrado depois no posto e, finalmente, confinado num mosteiro armêni o. A ruptura decisiva, o cisma entre Oriente e Ocidente, deu-se no século XI, quando o patriarca Miguel Cerulário reproduziu as acusações de Fócio c ontra Roma, e desafiou o papa Leão IX, sendo por ordem deste excomungado (1054).

As cruzadas, organizadas pela crist andade latina, e especialmente a tomada de Constantinopla pelos cruzados, em 1204, além do estabelecimento do império latino de Constantinopla, consumaram a separação entre as igrejas oriental e ocidental. Missionários da igreja oriental converteram os búlgaros no século IX, os sérvios e os russos nos séculos X e XII, e criaram novos patriarcados. Numerosas tentativas de união foram feitas. Entre os atos de reunificação, todos com resultados efêmeros, foram import antes o Concílio de Lyon (1274) e o de Ferrara-Florença (1438-1439).

Com a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, por falta de ajuda militar substancial do Ocidente, a união ta mbém se tornou politicamente inviável. Nos últimos séculos, a Igreja Ortodoxa, cuja ação se concentrava na Ásia e na Europa oriental, expandiu-se para o Ocidente e incluiu o continente americano e a Austrália. No século XX, os ortodox os participaram do movimento ecumênico para a restauração da unidade cristã, e para a orientação da ação evangélica e social comum. A partir da fundação do C onselho Mundial de Igrejas, em 1948, foram organizados estudos conjuntos e formas de cooperação para descobrir caminhos que possam expressar a unidade ent re ortodoxos e anglicanos e entre ortodoxos e católicos.

O patriarca de Constantinopla (em Istambul), no fim do século XX guiava dois milhões de fiéis, dos quais um milhão na Turquia, Grécia, outros países europeus e Austrália, e um milhão nos Estados Unidos.

- Os patriarcas de Alexandria, Antioquia- Damasco, Moscou, Sérvia, Romênia e Bulgária são independentes.
- As igrejas da Grécia, Chipre, Sinai, Geórgia, Polônia e Albânia são autocéfalas, ou seja, independentes e sem patriarcas.
- Já as igrejas da F inlândia, República Tcheca, Hungria e Uc rânia são autônomas e seus arcebispos, eleitos, são confirmados pelo patriarca de Constantinopla.
- A igreja do Japão está ligada à dos Estados Unidos.

No Brasil, o maior número de igrejas ortodoxas pertence ao patriarcado antioquino.

Doutrina

As igrejas ortodoxas definem-se co mo "igreja una, santa, católica e apostólica". Suas doutrinas apóiam-se nos livros do Novo Testamento, nos decretos dos sete primeiros concílios ec umênicos e nas obras patrísticas. Como

a Igreja Católica, aceitam a tradição e a Bíblia como fontes paralelas de doutrina, mas diferem dos católicos principalmente do ponto de vista litúrgico.

A principal divergência entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa reside na própria concepção da igreja. Para os ortodoxos, a totalidade da igreja realiza-se em cada comunidade cristã que celebra a eucaristia presidida por um bispo. Em sua comunidade, o bispo é a máxima autoridade de origem divina, e nenhuma outra existe acima dele. Sucessor dos apóstolos, deles procede sua autoridade.

Não há, religiosa ou dogmaticamente, diferença entre bispo, arcebispo, metropolita e patriarca: todos são iguais na única e invariável sucessão apostólica. Apenas haverá primazia de bondade, sabedoria, idade e ordem hierárquica. A autonomia das igrejas não significa isolacionismo, dada a exigência de comunhão com o sínodo dos bispos, claramente expressa no fato de ser indispensável, na consagração dos novos bispos, a presença dos bispos regionais.

Os ortodoxos, assim, não reconhecem o primado e a infalibilidade do papa, a que concedem uma primazia de honra e a quem só consideram primus inter pares ("o primeiro entre iguais"). Diversamente da doutrina católica, o Espírito Santo procede do Pai, mas não do Filho (pois rejeitam o filioque). Negam a doutrina do purgatório e o dogma da Imaculada Conceição de Maria, mas aceitam a assunção da Virgem Maria, com base na afirmação formal dos livros litúrgicos. Outra distinção significativa é que, na Igreja Ortodoxa, só os bispos devem manter-se celibatários.

Ritos das igrejas orientais

A liturgia das igrejas orientais caracteriza-se sobretudo por sua variedade, riqueza e esplendor. A missa é sempre solene. Os ritos litúrgicos constituem o centro da vida ortodoxa, seja para a expressão da fé, seja para a educação dos fiéis. Sua vitalidade está muito ligada à tradição do monasticismo, cujo centro é a chamada "montanha santa", no monte Atos, na Calcídica. Na ornamentação, é proibido o uso de imagens esculpidas, mas são permitidas as pinturas; veneram-se os santos e admitem-se os ícones que representam santos, Jesus Cristo ou Maria. Não são usados instrumentos musicais, e cabe ao canto coral lugar de grande relevo no culto.

Em função da autonomia das diferentes igrejas e patriarcados, desenvolveram-se diferentes liturgias, que correspondem antes a diferenças lingüísticas e a tradições locais do que à diversidade de conteúdo doutrinário. Os cinco ritos principais são o bizantino (adotado pela maioria dos ortodoxos), o alexandrino, o antioquino, o armênio e o caldeu.



Cerimônia Ortodoxa da Comemoração dos 1000 anos do Cristianismo na Rússia (1988)

Igreja Copta

A tradição atribui a são Marcos o surgimento do cristianismo no Egito. Fortalecido pela pregação dos eremitas santo Antônio e são Pacômio, no século V já era a religião majoritária naquele país, onde desenvolveu características próprias.

A expressão Igreja Copta designa as comunidades cristãs do Egito e da Etiópia, que professam o monofisismo, ou seja, admitem para Jesus Cristo uma única natureza (somente a divina e não a humana). A deposição do patriarca de Alexandria pelo Concílio de Calcedôni a, no ano 451, deu origem ao cisma monofisista, que se difundiu também na Etiópia. Após um período de predomínio, a invasão árabe do século VII freou seu desenvolvimento e destruiu muitas das obras de arte dos coptas, que passa ram a sofrer perseguições dos conquistadores, e muitos se converteram ao islamismo. Os que permaneceram fiéis adotaram ritos muçulmanos.

O bispo copta Atanásio, monofisista, c onverteu-se ao catolicismo romano em 1741 e com isso a igreja voltou à comunhão com Roma. Em 1895, o papa Leão XIII dividiu os católicos romanos coptas em três dioceses dirigidas por um administrador, que mais tarde foi nomeado "patriarca de Alexandria e de toda a pregação de são Marcos".

A partir do século XIX, os membros da Igreja Copta passaram a se chamar coptas ortodoxos, para se distinguirem dos católicos romanos coptas e dos ortodoxos orientais egípcios, predom inantemente gregos. Exceto na questão do monofisismo, os coptas ortodoxos c oncordam em matéria de doutrina com os orientais.

A situação dos coptas no Egito melhorou com a ocupação britânica. Em 1908, houve um primeiro-ministro copta e a igualdade entre coptas e muçulmanos foi sancionada por lei. Na Etiópia, a religião copta tornou-se oficial e o próprio imperador é sagrado (colocando no trono) segundo o rito copta. A partir da década de 1950, tornou-se independente de Alexandria e ganhou seu próprio patriarca.

A Igreja Copta usa a língua árabe na pregação da Bíblia e em vários hinos, mas os livros santos, com liturgia atribuída a são Marcos, são Cirilo e são Gregório Nazianzeno, são escritos em copta, com o texto árabe em colunas paralelas. O clero copta é sujeito a severa disciplina. Pratica-se a circuncisão e os fiéis não comem carne de porco nem de animais mortos por estrangulamento. Os sacramentos são raramente ministrados.

A arte copta, cujo apogeu se registrou entre os séculos IV e VI, caracteriza-se pela pluralidade de tendências e pelo afastamento progressivo dos modelos gregos. Sua iconografia religiosa (desenhos, esculturas, entalhes, pinturas...) busca fontes de inspiração nos evangelhos apócrifos e na forma monofisista de interpretar o cristianismo.

7.4. Judaísmo

Das grandes religiões monoteístas existentes no mundo, o judaísmo é a de raízes mais antigas. De seu seio surgiu o cristianismo, enquanto o islamismo adotou vários elementos judaicos e reconheceu Abraão e Moisés como profetas.

Judaísmo é, em sentido restrito, a religião dos antigos hebreus, hoje chamados judeus ou israelitas, e, num sentido mais amplo, compreende todo o acervo não só de crenças religiosas, como também de costumes, cultura e estilo de vida dessa comunidade étnica, mantido com constância e flexibilidade ao longo das vicissitudes de cerca de quarenta séculos de existência.

Judaísmo na história

Para o povo judeu, o conceito de história não se limita a uma sucessão de eventos e seu relato. A história judaica, em seus primórdios, é uma história sagrada, que começa com a escolha do povo por Deus (Iavé) e se orienta para o cumprimento da promessa divina de que, por meio desse povo, Deus beneficiará todas as nações. No decurso dessa história, os sábios judeus incorporaram aos livros sagrados um amplo corpus de textos que atualmente constituem o fundamento de sua religião.

Período bíblico

A Bíblia hebraica - que, à exceção de alguns livros[1], coincide essencialmente com o Antigo Testamento cristão - narra os fatos fundamentais da história do povo judeu, a partir do momento transcendental de sua eleição e da aliança com Deus. Os judeus dividem sua Bíblia em três partes: a Lei (Torá), os Profetas (Neviim) e os Hagiógrafos (Ketuvim).

[1] O Antigo Testamento Católico tem algumas diferenças. Todavia o Velho Testamento da Bíblia Protestante é exatamente igual à Bíblia Hebraica, em alguns casos somente alterado a ordem dos livros.

Tabela - Os Escritos Rabínicos

Escritos	Divisões	Datas	Contribuidores	Conteúdo	Comentários
MIDRASH (1)	Halakal (2) Haggadah (3)	100 a.C.-300 d.C.	tanaim (4)	Seções legais com comentários somente sobre a Torá Narrativas e sermões sobre Todo o AT	A Halakah é a parte legal da Gemara, geralmente derivada do AT. A Haggadah engloba interesses não-legais (como história, folclore, parábolas e conhecimentos científicos como medicina e astronomia) raramente encontrados na Mishnah.
TOSEFTA (5)		100-300 d. C.	tanaim Ensinamentos não Encontrados na Mishnah		
TALMUDE PALESTINO	Gemara (5)	200 d.C.	amoraim (6)	Comentário sobre a Mishnah	
TALMUDE BABILÔNICO	Mishnah (8) Gemara	200 d.C. 500 d.C.	tanaim amoraim	Porções legais comentando a Torá Comentário sobre a Mishnah	A Mishnah era dividida em seis seções: **- Sementes:** leis rituais que tratavam do cultivo do solo. **- Festivais**: regras e regula-mentos sobre o Sábado e dia santos. **- Mulheres:** sobre casamento, divórcio e outras questões familiares. **- Danos:** tratando principalmente de indenizações por danos causados. **- Coisas sagradas:** regras e leis sobre sacrifícios e outras questões relacionadas ao antigo Templo e seus rituais. **- Purificações:** concernente à questão da limpeza e pureza.

Talmude

O longo período rabínico, que os histori adores situam entre os séculos II e XVIII, caracterizou-se pela elaboração, pel os rabinos (mestres de judaísmo), do Talmude.

Na primeira época, chamada dos professores (tanaim), surgiram figuras como Judá ha-Nasi, da Palestina, que no início do século III fixou por escrito a lei oral: coleção de regras, comentários, interp retações e paradigmas baseados na Torá, preparada pelos rabinos Akiva, Meir e outros. Essa compilação escrita constitui a Mischná, cuja autoridade, diziam os sábios, como a da própria Torá, remonta ao Sinai. Na época seguinte, a dos intérpretes, ou dos amoraim, foram feitos comentários à Mischná, chamados Guem ará. Juntas, a Mischná e o Guemará formam o Talmude.

Houve duas versões do Talmude, de acordo com a procedência do Guemará: o Talmud Ierushalmi (de Jerusalém) e o Talmud Bavli (babilônio). Esta última versão, que teve seu auge nos séculos V e VI, exerceu grande influência durante a Idade Média e é a adotada pelo judaísmo atual. O Talmude constitui fundamentalmente um esforço dos rabinos para adaptar os preceitos da lei à vida cotidiana de comunidades extremament e dispersas. Seus ensinamentos e conteúdo dividem-se em duas partes: Halaká, essencialmente normativa, e Hagadá, que inclui narrativas, parábolas etc., destinadas a inspirar e a fortalecer o povo.

Sefarditas e Asquenazitas

Sobre uma base religiosa comum, a cultura judaica viu desenvolverem-se na Europa, durante a Idade Média, dois grandes ramos: sefarditas e asquenazitas.

Os sefarditas, ou sefaraditas (sefaradim) seguiram a tendência babilônica e receberam a influência dos muçulmanos, com quem conviveram na Espanha. Do século XI ao XIII, quando se restabeleceu o cristianismo, os judeus da península ibérica gozaram de boas posições e pres tígio, contribuindo como conselheiros, poetas, cientistas e filósofos para o florescimento econômico e cultural da chamada idade de ouro. Após as convers ões forçadas (os judeus convertidos eram chamados cristãos-novos, ou marranos, que significa "porcos"), durante a Inquisição, os judeus acabaram expul sos da Espanha, em 1492, e de Portugal, em 1497.

Os asquenazitas (ashkenazim), radicados na França e na Alemanha, adotaram o Talmud Ierushalmi e mantiveram estreito contato com a cultura cristã. Dos asquenazitas surgiram duas correntes místicas: a cabala (provavelmente de origem hispânica), desenvolvida nos séculos XII e XIII e relacionada com o esoterismo ocidental. E o hassidismo, no século XVI, que buscava uma forma de crença mais espontânea, mais liberta dos rigores do estudo e dos rituais, servindo assim aos judeus mais desfavorecidos das pequenas cidades e aldeias da Europa central e oriental. O hassidismo prolongou-se até a época contemporânea, pr econizando a fé piedosa, o fervor

(hitlaavut), a priorização da "intenção" (kavaná) sobre o rito e a importância do "aqui e agora" na experiência religiosa.

De um modo geral, a Idade Média foi para os judeus um período de perseguições e massacres. Acusados de envenenarem poços, causando a peste negra, de fabricarem o pão ázimo da Pá scoa com o sangue de jovens cristãos, estereotipados como malditos, demônios e judeus errantes, foram obrigados ao batismo, ou então perseguidos e mortos pelos cruzados, queimados no interior de sinagogas - como em York, na Inglaterra, em 1190 - e expulsos de seus lares e de seus países. Imbuídos de uma fé radicada em sua identificação com o destino comum e com a prática judaica baseada na aliança, muitos judeus resistiram à pressão crescente de assim ilação, muitas vezes preferindo morrer a abjurar sua fé. Morriam Al kidush haShem, pela santidade do nome de Deus, proferindo a antiga oração de uma frase só que é até hoje a síntese da fé judaica: Shemá Israel, Adonai Eloheinu Adonai echad (Ouve, ó Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é Um).

A esperança de redenção levou a muitos caminhos, como o hassidismo, o misticismo da cabala e, no século XVII, ao messianismo, a crença na vinda imediata do Messias, então personificado num judeu de Esmirna, Shabetai Tsevi. Multidões histéricas acreditaram que a redenção era iminente, e desfizeram-se de seus bens para seguir o "messias" em sua jornada à Terra Santa. Mesmo a desmistificação do falso Messias, que se converteu ao Islã, não abalou seus seguidores, que acreditavam ser este o caminho de sofrimento pelo qual ele traria a redenção.

O fim da Idade Média, o advento de idéias libertárias, do racionalismo, dos direitos do homem, trouxe esperanças de emancipação que acabaram traídas pelo surgimento de um anti-semitismo doutrinário e ideológico.

Doutrina

Maimônides, teólogo judeu-espanhol do século XII, resumiu a fé judaica em 13 artigos, que foram incorporados aos livros de oração e que são os seguintes:

(1) Creio firmemente que o Criador, abençoado Seu Nome, é tanto o Criador como o Governante de todos os seres e que somente Ele fez, faz e fará todas as obras da Natureza;

(2) Creio firmemente que o Criador, abençoado Seu Nome, é Um, e que nenhuma Unidade é como a dele, sob nenhuma forma, e que somente Ele é nosso Deus que foi, é e sempre será;

(3) Creio firmemente que o Criador, abençoado Seu Nome, não é corpóreo, e que nenhuma relação corpórea a Ele se aplica, e que nada existe que se assemelhe a Ele;

(4) Creio firmemente que o Criador, abençoado Seu Nome, foi o primeiro e também será o último;

(5) Creio firmemente que o Criador, abençoado Seu Nome, é o único a ser adorado e que nenhum outro ser é digno de nosso culto;

(6) Creio firmemente que todas as pal avras dos profetas de Israel são verdadeiras;

(7) Creio firmemente que a profecia de Moisés era verdadeira, e que ele foi o mais importante dos profetas;

(8) Creio firmemente que a Lei que possuímos agora é a mesma que foi dada a Moisés;

(9) Creio firmemente que essa Lei não será modificada, e que não haverá outra Lei (ou dispensa dela) dada pelo Criador, abençoado Seu Nome;

(10) Creio firmemente que o Criador, abençoado Seu Nome, conhece todas as ações do homem e todos os seus pensamentos;

(11) Creio firmemente que o Criador, abençoado seja, recompensa os que cumprem seus mandamentos e castiga os que os transgridem;

(12) Creio firmemente na vinda do Messias, e ainda que demore, esperarei todo dia sua vinda;

(13) Creio firmemente que haverá a ressurreição dos mortos quando aprouver ao Criador, abençoado seu Nome, e exaltada sua Memória para todo o sempre."

O sublinhado é nosso , e é onde vai de encontro às doutrinas das igrejas evangélicas. Quanto ao item 11, Deus é soberano. Soberano significa que Ele faz como quer. Castiga ou não a seu gosto. A Palavra de Deus em Isaías 45:7 diz que de Deus procede o bem e o m al. Em Apocalipse 3:19 afirma que Deus castiga e repreende a todos quanto am a. Portanto todos nós precisam os de tribulação para crescer. Paulo na sua traj etória evangelística passou m uito mais tribulação do que glória. A glória ele esperava obter na outra vida.

Deus e o homem

Para o judaísmo, a humanidade constitui uma grande família, toda ela oriunda de um só casal: Adão e Eva, ambos cr iados por Deus. A expressão hebraica para "ser humano", ou "gente", é ben adam, que significa "filho de Adão". Os rabinos dizem que Deus tomou o barro com que plasmou Adão de diversas partes do mundo, a fim de que o homem se sentisse em qualquer país como em seu lar.

O homem é imagem de Deus, e está dotado de liberdade. Se peca, pode obter o perdão divino com o arrependimento e a reparação do mal que causou. A recompensa ou o castigo tem lugar na vida terrena e depois da morte.

No final dos tempos a humanidade irá conhecer uma feliz era messiânica, em que todos os homens viverão em concór dia. Os mandamentos de Deus estão resumidos no Decálogo (os Dez Mandamentos) transmitido a Moisés, mas os adeptos de outras religiões se salvarão se observarem os mandamentos dados por Deus a Noé, que incluem o repúdio à idolatria e à imoralidade.

7.5. Islamismo

Religião monoteísta baseada nos ensi namentos de Maomé, chamado “O Profeta”, contidos no livro sagrado islâmico, o Corão . A palavra Islã significa submeter-se, e exprime a submissão à lei e à vontade de Alá (Allah, Deus em árabe).

Seus seguidores são chamados mu çulmanos – muslim, em árabe – que significa aquele que se submete a Deus. Fundada onde hoje é a Arábia Saudita , estima-se que seja professada por mais de 935 milhões de pessoas, distribuídas principalmente no norte da África, no Oriente Médio e na Ásia (centro, sul e sudeste). Na Europa é a segunda religião, depois do cristianismo.

Maomé

O nome Maomé (570 - 632) é uma alteração hispânica de Mohamad, que significa digno de louvor. Nasce em Meca, numa família de mercadores. Teve 18 esposas, das quais casou com 8 delas.

Começa sua pregação aos 40 anos quando, segundo a tradição, tem uma visão do arcanjo Gabriel, que lhe revela a existência de um Deus único. Na época, as religiões da Península Arábica são o cristianismo bizantino, o judaísmo e uma forma de politeísmo que venera dive rsos deuses tribais. Maomé passa a pregar publicamente sua mensagem monot eísta, encontrando uma crescente oposição.

Perseguido em Meca, é obrigado a emigrar para Medina (a 400 km), em 622. Esse acontecimento, chamado Hégira (Emigração) é o marco inicial do calendário que os muçulmanos usam até hoje. Em Medina, ele é reconhecido como profeta e legislador, assume a aut oridade espiritual e temporal, vence a oposição judaica e estabelece a paz entre as tribos árabes.

Quase dez anos depois da fuga, Maomé e seu Exército ocupam Meca, sede da Caaba, centro de peregrinação dos muçulmanos. Maomé morre em 632, como líder de uma religião em expansão e de um estado árabe em vias de se organizar politicamente.



Livros sagrados

Segundo os muçulmanos, o Corão (do árabe qur' ãn, "leitura") contém a mensagem de Deus a Maomé, mediada pelo arcanjo Gabriel. Seus ensinamentos são considerados infalíveis . O Corão é a coletânea das diversas revelações recebidas por Maomé de 610 a 632. É dividido em 114 suras (capítulos), ordenadas por tamanho. A mais curta contém três versos e a mais longa, 281. Os ensinamentos centrais são a onipotência de Deus, a necessidade de bondade, generosidade e justiça nas relaç ões entre as pessoas. Neles estão incorporados elementos fundamentais do judaísmo e do cristianismo, como a história das revelações de Deus aos pr ofetas Adão, Abraão, Moisés e Jesus, além de antigas tradições religiosas árabes. Segundo o islamismo, Maomé é o último e o mais importante da sucessão de profetas que se inicia com Adão. A segunda fonte de doutrina do Islã, a Suna, é um conjunto de preceitos baseados nos ahadith ("ditos e feitos do profeta "). A Suna, segundo a tradição, contém o que o Profeta disse ou fez em relação a diversas questões.

Preceitos Religiosos

A vida religiosa do muçulmano tem prátic as bastante rigorosas. As preces cotidianas (slãts) são feitas cinco vezes ao dia. Nelas, o fiel deve voltar-se à direção de Meca , ajoelhar-se e prosternar-se.

Festas Religiosas

São definidas segundo o calendário lunar, e no calendário gregoriano têm datas móveis a cada ano. As festas mais importantes são o Ramadã, Eid el Fitr, Eid el Adha, ano de Hégira e a comemoração do nascimento do profeta Maomé. Elas acontecem nessa ordem no decorrer do ano. No Ramadã, os muçulmanos celebram, durante um mês, a revelaç ão do Corão a Maomé. Neste período os adultos fazem jejum completo entre o nascer e o pôr do sol, não devem fumar e nem manter relações sexuais. Também costumam pagar o zakat (imposto anual de 2,5% do lucro pessoal) como forma de purificação. No Eid el Fitr, é comemorado o fim de Ramadã, com orações coletivas.

Eid el Adha é a grande festa islâmica: rememora o dia em que o profeta Abraão aceita a ordem divina de sacrificar um carneiro em lugar de seu filho, Ismael. Na época de Eid el Adha também acontece a grande peregrinação a Meca, feita pelo menos uma vez na vida por todo muçulmano dotado de condições físicas e econômicas. O ano de Hégira é o Ano Novo islâmico, comemorado no dia 1 do mês Muharram. O ano em curso (1996/97) é o 1417º da Hégira. O marco inicial é o ano de 622, quando o profeta Maomé deixa Meca.

Divisões do Islamismo

Os muçulmanos estão divididos em dois grandes grupos, os sunitas e os xiitas. Os sunitas subdividem-se em quatro grupos menores: hanafitas, malequitas, chafeitas e hambanitas. Os sunitas são os seguidores da tradição do profeta, continuada por All-Abbas, seu ti o. Calcula-se que 85% dos muçulmanos sejam sunitas. Para eles, a autoridade espiritual pertence à comunidade como um todo. Os xiitas são partidários de Ali, marido de Fátima, filha de Maomé. Seus descendentes teriam a chave para interpretar os ensinamentos do Islã. São líderes da comunidade e continuadores da missão espiritual de Maomé. A rivalidade com os sunitas é exacerbada com a revolução iraniana liderada por Ruhollah Khomeini .

Jihad

Traduzido comumente como “guerra santa”, significa batalha por meio da qual se atinge um dos objetivos do islamismo, que é “reformar o mundo”. Não é excluído o uso dos Exércitos nacionais como meio de conquistar o poder político e difundir os princípios do Islã. Segundo a doutrina muçulmana, as guerras, porém, não podem visar a expansão territorial nem a conversão forçada das pessoas.

Corão ou Alcorão

Significa Recitação. O corão tem aproximadamente 350 páginas no formato A4. São 114 capítulos de uma linguagem muito semelhante ao nosso livro de

Provérbios, porém dando ênfase a uma lavagem cerebral para que aceitem Alá e o Corão como verdades únicas, custe o que custar.

Pequeno Trecho[1]

[1] Tradução da Enciclopédia Abril em CD-Rom.

(...)

Vosso Senhor mandou-vos não adorarem senão Ele e serem bondosos para com os pais. Se um deles ou ambos atingirem a velhice a teu lado, não os maltrates nem os repreendas, mas dirige-lhes palavras generosas.

E, por compaixão, abaixa-te diante deles com humildade e dize: "Senhor meu, sê misericordioso para com eles como o foram para comigo desde pequenino."

Vosso Senhor bem sabe o que tende na alma. Se sois justos, Ele sempre perdoa aos que voltam para Ele, contritos.

E dá a cada parente o que lhe for devido. E ao necessitado, e ao viajante. E nunca esbanjes:

Os esbanjadores são irmãos dos demôni os, e o demônio foi sempre ingrato para com seu Senhor.

(...)

Teu Senhor derrama os bens sobre quem Lhe apraz e os restringe quando Lhe apraz. Ele conhece e observa Seus servos.

E não mateis vossos filhos por temor à indigência! Nós os proveremos, e a vós. Matá-los é um grande pecado.

E não vos aproximeis do adultério. É uma ignomínia e um mau caminho.

E não mateis os seres que Deus proibiu matar, exceto com justo motivo. Quem for morto injustamente, damos poderes a seu parente mais próximo para vingá-lo: que não se exceda, e será vitorioso.

E não vos aproximeis dos bens do órfão, a não ser da maneira mais eqüitativa, até que atinja sua plenitude. E honrai vossos compromissos. Sois responsáveis por eles.

E quando medis, medi com retidão e usai balanças corretas. É mais justo assim e de melhores conseqüências.

E não sigas o que ignoras: o ouvido, a vista e o coração também serão interrogados.

E não caminhes com jactância: pois jamais fenderás a terra e jamais atingirás a altura das montanhas.

Em tudo isso há um mal detestável aos olhos de teu Senhor.

(...)

Zoroastrismo

Dois princípios supremos, o bem e o mal, caracterizavam o zoroastrismo. Substituído pelo islamismo , o zoroastrismo reduziu-se a grupos de guebros no Irã e de parses na Índia, mas deixou traços nas principais religiões, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Zoroastrismo é um antigo sistema religioso-filosófico que repousa no postulado básico de uma contradição dualista, a do bem e do mal , inerente a todos os elementos do universo. Os pressupostos do sistema foram estabelecidos por Zoroastro, ou Zaratustra, que, nascido na Pérsia no século VI a.C., que parece ter sido um reformador do masdeísmo ou mazdeísmo, antiga religião da Média. A doutrina de Zoroastro foi transmitida oralmente e recolhida nos gathas, os cânticos do Avesta, conjunto de livros sagrados da religião.

As reformas de Zoroastro não podem ser entendidas fora de seu contexto social. A sociedade dividia-se em três classes: a dos chefes e sacerdotes, a dos guerreiros e a dos criadores de gado. Essa estrutura se refletia na religião, e determinadas deidades (daivas), estavam associadas a cada uma das classes. Ao que parece os ahuras (senhores), que incluíam Mitra e Varuna, só tinham relação com a primeira classe. Os servos, mercadores, pastores e camponeses eram considerados insignificantes demais para ser mencionados nas crônicas e estelas, embora tivessem seus próprios deuses.

O zoroastrismo prescreve a fé em um deus único, Ahura Mazda, o Senhor Sábio, a quem se credita o papel de criador e guia absoluto do universo.

Dessa divindade suprema emana seis espíritos, os Amesas Spenta (Imortais Sagrados), que auxiliam Ahura Mazda na realização de seus desígnios:

- Vohu-Mano (Espírito do Bem),
- Asa-Vahista (Retidão Suprema),
- Khsathra Varya (Governo Ideal),
- Spenta Armaiti (Piedade Sagrada),
- Haurvatat (Perfeição)
- Ameretat (Imortalidade).

Juntos, Ahura Mazda e esses entes travam luta permanente contra o princípio do mal, Angra Mainyu (ou Ahriman), por sua vez acompanhado de entidades demoníacas:

- o mau pensamento,
- a mentira,
- a rebelião,
- o mau governo,
- a doença e
- a morte.

Como fruto dessa noção, há no zoroastrismo uma série de exortações e interdições destinadas a dirigir a conduta dos homens, para reprimir os maus impulsos. Através do combate cotidiano a Angra Mainyu e sua coorte (que se manifestam, por exemplo, nos animais de presa, nos ladrões, nas plantas venenosas etc.), o indivíduo torna-se merecedor das recompensas divinas, embora tenha liberdade para decidir-se pelo mal, caso em que será punido após a morte. Enquanto religião, o zoroastrismo reduziu sensivelmente a importância

de certos rituais indo-arianos, repelindo alguns elementos cerimoniais correntes no Irã, como as bebidas estimulantes e os sacrifícios sangrentos.

7.6. Taoísmo/Confucionismo

Ao lado do confucionismo, e em oposição a ele, o taoísmo modelou o caráter do povo chinês ao longo de mais de dois mil anos. As camadas cultas da sociedade chinesa desprezaram a religião taoísta, considerada supersticiosa, mas cultivaram sua filosofia. O taoísmo popular foi a força inspiradora de inúmeras sociedades secretas e movimentos políticos. No século XX, o governo comunista criou obstáculos à religião, mas o taoísmo manteve-se florescente nas comunidades chinesas dispersas pelo mundo, sobretudo em Formosa, onde conta com cerca de mil templos.

Taoísmo é um sistema filosófico-religioso que abrange um ramo da tradição filosófica chinesa e a religião taoísta, com doutrina e culto formalizados e liderança institucional. As duas formas de expressão do pensamento taoísta são inequivocamente interligadas, embora apresentem pontos de tensão. Aspectos do sistema taoísta foram assimilados por culturas da Ásia oriental sob influência da China, sobretudo Coréia, Japão e Vietnam.

Taoísmo e confucionismo diferem diametralmente. A tradição taoísta enfatiza a liberdade individual e a espontaneidade, um governo liberal, a experiência mística e técnicas de autotransformação. O confucionismo, pelo contrário, insiste nos deveres morais do homem, na importância dos costumes sociais e nas responsabilidades da autoridade pública. Em contraste com o programa de reforma social confucionista por meio de princípios morais, rituais e leis governamentais, o taoísmo aponta o abandono da sabedoria como o verdadeiro caminho. Não propõe, no entanto, uma vida inativa, mas sim uma atitude espontânea, não controladora, livre de metas e objetivos.

Taoísmo Filosófico

Atribui-se a criação do taoísmo a Laozi (Lao-tsé), suposto autor do Daode jing (Tao-te Ching) ou Livro da razão suprema, compilado provavelmente por volta do ano 300 a.C. Essa é a principal fonte do taoísmo, além do Zhuangzi (Chuang-tzu) e do Liezi (Lie-tzu), que reúnem fragmentos datados dos séculos IV-I a.C. O Daode jing é um pequeno tratado de cerca de cinco mil palavras, concebido como um guia para os governantes, que oscila entre os extremos da introspecção meditativa e da aplicação política de seus princípios. Para interpretar seu texto criptográfico e hermético foram escritos numerosos comentários.

O dao ou tao é o conceito fundamental tanto do taoísmo quanto do confucionismo. Dao significa "caminho", termo que, como em outras culturas,

designa também um método ou estilo de vi da. No confucionismo, o dao tem um caráter basicamente ético, enquanto que no taoísmo adquire um significado metafísico. Dao é o princípio universal, origem e fim de todas as coisas; é a unidade imutável subjacente à plura lidade dos fenômenos, é a síntese dos opostos, do yin e do yang, ou pólos contrários. O dao existe por si só, não tem forma, mas é perfeito; não é uma coisa, mas se encontra em todas as coisas; dele se pode dizer que "não é", em comparação com as coisas que conhecemos. O dao é o absoluto, experimentado apenas em êxtase místico. De ou te é a manifestação do dao em todas as coisas.

O objetivo a que se propõe o filósofo t aoísta é tomar consciência do dao por meio da contemplação e situar-se em sint onia com ele pela experiência mística, acomodando-se ao ritmo da própria natureza e do universo. Desse modo, o filósofo consegue a verdadeira libertação e escapa do mundo ilusório para alcançar a imortalidade. Para isso, deve renunciar à complexidade social, a seus próprios desejos, a seu orgulho e ao am or próprio. De acordo com Zhuangzi (Chuang-tzu), que viveu no século IV a.C., o indivíduo em harmonia com o dao compreende o curso da constante mutação da natureza e não teme o ciclo da vida e da morte. Assim como ocorre na morte, também em vida o homem deve retornar à pureza e simplicidade originais do dao.

Taoísmo Religioso

Por volta do século II da era cristã, começaram a organizar-se na China comunidades religiosas preocupadas com questões ligadas à imortalidade. Embora esse objetivo entrasse em conflito com os princípios taoístas, os textos da tradição filosófica aludiam à extensão da vida e à proteção usufruída por aqueles em harmonia com o dao.

A vida desses homens perfeitos - ou imortais, como passaram a ser conhecidos - tornou-se o principal paradigma do taoísmo religioso. Laozi foi divinizado como autor da grande revelaç ão. Entre as práticas que tinham por objetivo alcançar a imortalidade, incluí am-se meditação, disciplina sexual, alquimia, exercícios respiratórios, dietas, uso de talismãs e a busca da legendária ilha de Bliss.

7.7. Shintoísmo ou Xintoísmo

Conjunto de crenças e práticas expr essas em manifestações sociais e atitudes individuais, o xintoísmo preser vou seu espírito ao longo dos tempos embora não tenha fundador, escrituras sagradas oficiais ou dogmas.

Xintoísmo é a religião nacional do Japão, que se constitui de crenças e práticas religiosas de tipo animista. De origem chinesa, o termo xinto significa "caminho dos deuses". O xintoísmo re conhece um poder sagrado cuja natureza

não pode ser explicada em palavras, o kami, e que se acha difundido na natureza sob a forma do Sol (Amaterasu), da Lua (Tsukiyomi), da tempestade (Susanoo) e muitas outras. Os espí ritos dos antepassados também são considerados deuses tutelares da família ou do país, motivo pelo qual os ritos fúnebres possuem grande relevo.

Origens

A tradição religiosa do xintoísmo formou-se no período anterior ao budismo, que ganhou força no Japão no século VI. A partir de então, contatos entre o xintoísmo e o budismo modificaram ambas as religiões. Os budistas adotaram divindades dos xintoístas, e estes, que consideravam seus deuses espíritos invisíveis e sem formas precisas, aprenderam com o budismo a erigir imagens e templos votivos. Houve quem proclamasse que as duas religiões eram manifestações diferentes da mesma verdade, o que originou uma tendência sincretista.



Dança tradicional xintoísta

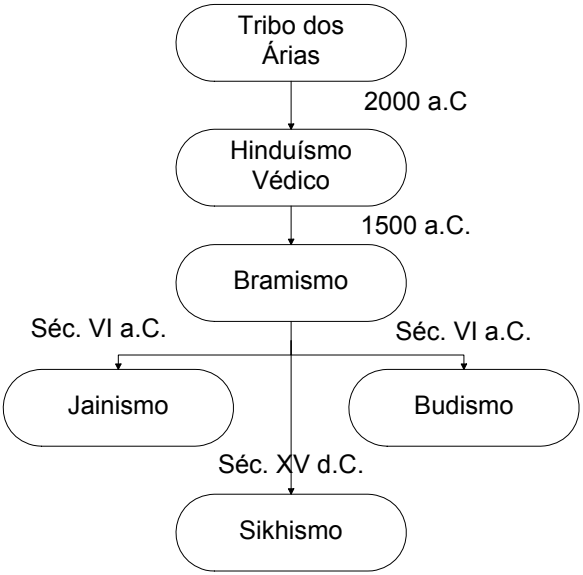
7.8. Hinduísmo

Dentre todas as religiões orientais, o hinduísmo, que compreende grande variedade de elementos heterogêneos, é a de mais difícil apreensão pela mentalidade ocidental. Sua expressão ultrapassa os limites da religião e percorre toda a estrutura social, dos atos comuns da vida diária até a literatura e a arte.

Hinduísmo é um termo genérico usado para designar a religião dos hindus , uma das mais antigas do mundo. Baseado nos "princípios eternos" (vaidika dharma) da doutrina dos Vedas (sabedoria divina), é também chamado *saratana dharma* (religião eterna). O hinduísmo estabel eceu as bases para muitas outras correntes religiosas e filosóficas e passou por várias etapas, desde o hinduísmo védico, bramânico e filosófico , até certos movimentos sectários e reformadores, entre os quais se incluem o budismo e o jainismo, surgidos no século VI a.C.

Em sua forma atual, o hinduísmo pode ser visto como terceira fase do bramanismo. Sem um corpo de doutrinas, cultos ou instituições comuns, o hinduísmo abrange uma infinidade de seitas e de variações, monoteístas ou politeístas.

O hinduísmo é disseminado na Índia, no Paquistão, em Sri Lanka e Myanmar, e há adeptos dessa religião na África do Sul, Bali, Trinidad e ilhas Fidji.



Origem das Religiões Hindus

Hinduísmo Védico

Por volta do ano 2000 a.C., os árias estabeleceram-se no Irã e na Índia. Sua herança religiosa consistiu nas divi ndades dos antepassados. Além de deuses tribais, os indo-europeus veneravam deus es cósmicos: Dyeus ou Dyaus-Pitar (em sânscrito, "deus do céu", corre spondente ao grego Zeus-Pater e ao Dies Piter ou Júpiter romano), consorte da "mãe-terra", é o deus supremo, doador da chuva e da fertilidade e pai (mas não criador) dos outros deuses e dos homens. O Sol (svarya), a Lua (mas) e a aurora (em grego, heos) são os deuses da luz. Divindades menores e locais são as árvores, as pedras, os rios e o fogo.

A fim de obter a bênção dos deuses, o homem devia satisfazer, no pensamento e na ação, as exigências dos deuses. O ritual foi transformado em princípio moral, sobretudo mais tarde, no zoroastrismo e no budismo. A base da "religião védica", no entanto, já existia entre os árias, antes mesmo de invadirem a Índia. Constituída de princípios otimistas e de amor pela vida, não incluía a idéia de existência após a morte. Os cantos sagrados revelavam uma organização social estável, abundância de alimentos, famílias grandes e sucesso nas guerras. Os cultos, antes uma ativ idade familiar, tornaram-se com o tempo cada vez mais complexos, com elaborado ritual, confiado a sacerdotes.

Desenvolveu-se ainda a idéia de um poder criador: Prajapati (em sânscrito, "Senhor das criaturas"), descrito nos Vedas, depois transformado em Brahma.

Hinduísmo Bramânico

A segunda fase do hinduísmo veio com a decadência da antiga religião védica. Brahma (em sânscrito, "absoluto"), um dos deuses da tríade hindu (*trimurti*), integrada também por Vishnu e Shiva, tornou-se o deus principal. Brahma é a manifestação antropomórfica do brahman, a "alma universal", o ser absoluto e incriado, mais um conceito da totalidade que envolve todas as coisas do que um deus. O cerimonialismo enriqueceu-se notavelmente sob a direção dos brâmanes (sacerdotes). Os cultos adquiriram poder mágico. As idéias de samsara (transmigração das almas a reencarnações sucessivas) e karma (lei segundo a qual todo ato, bom ou mau, produz conseqüências na vida atual ou nas encarnações posteriores) surgiram nessa época, assim como as especulações filosóficas sobre a origem e o destino do homem. O sistema de castas converteu-se na principal inst ituição da sociedade indiana, sendo a casta dos brâmanes a mais elevada.

A visão bramânica do mundo e sua aplicação à vida estão descritas no livro do Manusmristi (Código de Manu), elaborado entre os anos 200 a.C. e 200 da era cristã, embora também contenha material muito mais antigo. Manu é o pai original da espécie humana. O livro trata inicialmente da criação do mundo e da ordem dos brâmanes; depois, do governo e de seus deveres, das leis, das castas, dos atos de expiação e, finalmente, da reencarnação e da redenção. Segundo as leis de Manu, os brâmanes são senhores de tudo que existe no mundo.

Reformas e Seitas

As várias tendências surgidas depois do longo período de elaboração filosófica e de decadência do hinduísmo bramânico produziram, no século VI a.C., o jainismo e o budismo como religiões distintas, embora alguns especialistas as considerem como gr andes seitas heréticas do hinduísmo. Vardhaman Mahavira, o Jaina, e Siddharta Gautama, o Buda, seus fundadores, rejeitavam os dogmas védicos-bramânicos e anunciavam a auto-suficiência do homem para uma vida plena. O homem não precisa de um deus para realizar seu destino. A preocupação social do budismo, que condenava o sistema de castas e o monopólio religioso dos brâmanes, transferiu-se mais tarde para o hinduísmo. O renascimento do hinduísmo e a invasão islâmica produzida entre 1175 e 1340, que acabou por impor-se a quase toda a Índia, limitaram a expansão do budismo ao seu país de origem.

Doutrina

As muitas diferenças e divisões doutrinárias produziram enorme diversidade de cultos e de sistemas no hinduísmo. O paraíso hindu abriga 330 milhões de

deuses, expressões de um brahman único que encerra em si mesmo o universo todo. Acima de todas as expressões, está a superioridade de Deus, identificado com o antigo mito do primeiro homem, Parusa. O despedaçamento de seu corpo, que produziu o nascimento do universo, é a base da doutrina hinduísta de um Deus simultaneamente criador e destruidor da realidade.

O deus universal está acima do panteão de deuses locais, que nem mesmo têm o título de Senhor (isvara). Posteriormente, Brahma foi superado por Shiva e Vishnu, em torno dos quais os demais deus es foram agrupados. A coexistência de tantas formas e manifestações relig iosas criou os mais extraordinários símbolos: deuses com mil olhos, como Indra, e Kali, que se popularizou principalmente por um de seus filhos, Ganesha, com vários braços e cabeça de elefante.

O destino do homem, entretanto, não depende de nenhum desses deuses, mas de seu próprio esforço. O homem pode condenar-se ou salvar-se dos sofrimentos, causados pela samsara, a roda da vida que gira sem cessar, produzindo nascimentos e renascimentos sucessivos. A alma de todas as criaturas (e não somente dos homens) está sujeita a um novo nascimento (punajarman). É a reencarnação sucessiva, sacralização da vida trágica de longos períodos de fome, guerras, doenças e cataclismos. A realidade social é predestinada e em geral desgraçada, mas o karma, a repetição da vida por meio de vários nascimentos, é a esperança de atingir uma casta mais elevada. A salvação consiste na liberação desse ciclo e na fusão final com Deus.

Na cosmologia hindu, Brahma está além de toda ação ou inação e acima do bem e do mal. A energia latente que existe dentro de Brahma, quando liberada na criação do universo, toma a forma de maya (ilusão), que assim é captada por nossos sentidos. Qualquer universo, como projeção de Brahma, tem a existência limitada a 4,32 bilhões de anos solares. No final desse ciclo, as chamas ou as águas destroem esse universo e maya retorna a Brahma, repetindo-se o processo indefinidamente.

Hinduísmo e Casta

Os hindus atribuem caráter religioso a todas as atividades, o que faz do hinduísmo uma ordem social-religiosa que influi diretamente na vida toda, desde a moral até a economia e a gramática. De certa maneira, isso supera o pessimismo da desilusão e confere a cada momento da vida uma dimensão religiosa. São imperiosas as obrigações impostas pelo sistema de castas. Atuar de acordo com a casta a que pertence é, para o hindu, conseqüência da doutrina enraizada na ordem do universo.

A ordem social divide as pessoas em castas, assim como a vida se manifesta em formas inferiores e superiores. O si stema de castas surgiu na Índia com os árias e começou a desenvolver-se por volta de 850 a.C. Sua origem parece proveniente da divisão entre o imigrante ária , de pele clara, e os nativos (dasya),

denominados escravos (dasas), que se distinguiam pela pele escura. Com o tempo, o sistema de classificação evoluiu para o plano político-social-religioso.

Em sua estrutura mais antiga, o sistema era constituído de quatro castas:
- os brâmanes (sacerdotes),
- os xatrias (guerreiros),
- os vaixás (burgueses) e
- os sudras (artesãos).

Cada casta tem suas próprias normas e está rigorosamente separada das outras. Não é permitido o casamento mist o, nem a refeição em comum, nem a participação conjunta em atividades pr ofissionais. A quebra de qualquer dessas obrigações implica a exclusão da casta, pelo que o indivíduo fica privado de todo direito social e se torna um pária, sem casta.

Mais tarde esse número aumentou e chegou a mais de três mil castas e subcastas, divisão que ainda influi poderosamente na sociedade indiana, apesar da extinção legal das castas em 1947. Nessa época, o sistema dividia a população hinduísta indiana em cerca de 17 milhões de brâmanes, vinte milhões de membros das outras três castas e mais de sessenta milhões de outras categorias, entre as quais a dos intocáveis (harijans, povo de Deus).



Templo hinduísta da deusa Durga

A inacessível, sécs VI e VII - Durga é uma das principais formas assumidas por Sakti, a esposa de Shiva

7.9. Budismo

Fundado na Índia por volta do século VI a.C., e inspirado nos ensinamentos de Siddharta Gautama, cognominado o Buda, o budismo é a denominação dada pelos ocidentais ao sistema religioso que visa à realização plena da natureza humana e à criação de uma sociedade perfeita e pacífica. Aberto a todos os grupos sociais, etnias, culturas e nacionalidades, desenvolveu-se por todo o Extremo Oriente.

Desde sua origem, o budismo imbuiu-se de elementos éticos, filosóficos e religiosos. Para se compreender a extensão desse sistema, é necessário que se conheça a literatura canônica do budismo, que se divide em três coleções: o cânon páli, conservado pelos budistas do sudeste asiático, o cânon sino-japonês e o tibetano . Uma visão mais completa exige a leitura de outros textos em sânscrito, manchu, mongol e em vários dialetos da Ásia central, como o tangut.

Evolução Histórica

Siddharta Gautama, convencido de que a vida é cheia de sofrimentos e sacrifícios, resolveu buscar a iluminação religiosa. Chamado de Buda, que significa "o iluminado", percorreu o nordeste da Índia durante seis anos. Sua pregação se baseava na crença de que a existência é um ciclo contínuo de morte e renascimento. Assim, a posição e o bem-estar na vida decorrem da conduta nas vidas anteriores. Um elo liga a vida presente à passada.

Doutrina

O desligamento dos bens materiais, a paz e a plenitude levam a um estado de ausência total de sofrimento a que Buda denominou nirvana. Para atingi-lo, é preciso seguir a doutrina das Quatro Nobres Verdades e da Senda Óctupla. As Quatro Nobres Verdades são:

- a constatação de que o sofrimento é fator inerente a toda forma de existência;
- de que a origem do sofrimento é a ignorância;
- de que se pode dominar o sofrimento por meio da extinção da ignorância;
- de que o caminho que leva ao domínio do sofrimento, caminho médio entre a automortificação e o abandono dos prazeres, consiste na Senda Óctupla.

A Senda Óctupla abrange:

- compreensão correta,
- pensamento correto,
- palavra correta,
- ação correta,
- modo de vida correto,
- esforço correto,
- atenção correta e
- concentração correta.

Difícil sempre foi definir o que é correto.

Após a morte de Buda, seus ensinamentos foram codificados pelos discípulos que os conservaram, a princípio por tradição oral e mais tarde por escrito. Em seus 2.500 anos de história, o budismo deu origem a muitas escolas e correntes, com muitas variações doutrinárias, mas todas baseadas em elementos pan-indianos. Para os budistas, o universo é formado por infinitos sistemas, cada um tendo como centro uma enorme montanha de nome Sumeru, em torno dela giram o Sol e a Lua. Os budistas acreditam que acima do mundo material, por eles desprezado, existem planos imponderáveis, habitados por seres divinos e felizes. Os sistemas de número infinito es tão sujeitos a destruições e recriações periódicas, o que leva a uma concepção cíclica do tempo. Ao contrário dos sistemas bramânico-hinduístas, o budi smo não admite a existência de um Ishvara, "Deus Criador".[1] As criações e destruições são estabelecidas por uma lei eterna e o processo não tem nem fim nem começo.

[1] A não existência de um Deus criador, classifica muito mais o budismo como uma filosofia do que uma religião. Se for classificada como religião, é uma religião politeísta, pois nos planos superiores descritos por eles, há seres divinos e felizes.

Zen

Zen é uma escola do budismo que tem por objetivo chegar à iluminação, ou satori, entendida como resultado inexorável de uma prática bem conduzida. Tem por base o autoconhecimento e a autoconf iança, e ensina que a natureza de Buda, ou seja, a potencialidade para atingi r a iluminação, é inerente a todas as pessoas, mas a ignorância faz com que fique adormecida. O despertar dessa consciência não acontece pela prática de rituais ou de boas ações, mas por rompimento dos limites do pensamento lógico.

Segundo o escritor Alan W. Watts, tentar definir o Zen é como tentar prender o vento numa caixa. O Zen não explica nada e por isso mesmo desafia qualquer explicação lógica. Embora visto por muit os como uma escola mística, é, na verdade, um budismo acentuadamente prático e, às vezes, até humorístico. Não recomenda nem o abandono das coisas terrenas nem a dedicação a elas. Não é nem contemplativo nem ativista, porque é as duas coisas ao mesmo tempo. Foi organizado com a finalidade de pôr a salvação ao alcance de todos, para que cada um realize sua natureza de Buda e conquiste a iluminação.

O Zen exerceu grande influência no espírito e na cultura japoneses. A cerimônia do chá, a arte do arco, do manejo da espada, a jardinagem e a pintura empregam os princípios básicos do Zen. Nos séculos XIV e XV foi adotado como religião oficial, mas a partir do século XVII começou a ser perseguido e abandonado. Atualmente, desperta grande interesse na Europa e na América, e tem como um dos principais centros de divulgação o Zen Mountain Center, ao sul da cidade californiana de San Francisco, nos Estados Unidos.

Budismo no Brasil

No Brasil, na década de 1920, formou-se um primeiro grupo de budistas, radicado no Rio de Janeiro, liderados por Lourenço Borges. Murilo Nunes de Azevedo, em 1955, reavivou-o, juntamente com o escritor Nelson Coelho, mais ligado ao budismo Zen. Após a segunda guerra mundial os budistas imigrantes se organizaram no Brasil, com centros de atuação em São Paulo e Rio de Janeiro.



Grande Buda de Kamakura



Suicído Coletivo na Guiana dos adeptos de Jim Jones

Religiões Controvertidas

Se as doutrinas de Jesus sempre tivessem sido pregadas como a pureza de quando saíram de seus lábios, todo o mundo civilizado seria atualmente cristão. Thomas Jefferson

8. Religiões Controvertidas

8.1. Adventistas do Sétimo Dia

Doutrina criada nos Estados Unidos por William Miller (1782-1849), que anunciava a volta de Cristo à Terra em 1844. Apesar de não realizada a profecia, continua a incorporar novos fiéis. Divide-se em vários ramos, como Cristãos Adventistas União da Vida e Advento; e Adventistas do Sétimo Dia, que consideram o sábado dia sagrado. Os adventistas acreditam que a volta de Cristo está próxima e que os mortos dormem até a ressurreição.

Doutrina

Têm os escritos de Ellen White por inspirados tanto quanto os livros da Bíblia. Declaram: "Cremos que: Ellen White foi inspirada pelo Espírito Santo, e seus escritos, o produto dessa inspiração, têm aplicação e autoridade especial para os adventistas do sétimo dia. (...) Negamos que: A qualidade ou grau de inspiração dos escritos de Ellen White sejam diferentes dos encontrados nas Escrituras Sagradas".'

Entre os adventistas existe o ensino que os cristãos protestantes estão vivendo a época da igreja de Laodicéia (Ap 3:15-16), cuja característica era a mornidão espiritual. São exclusivistas. Só eles, os quentões, é que serão salvos.

Sábado ou Domingo?

Atos 20:7: Nas notas da Bíblia Vida Nova aparece que o Domingo substitui o Sábado devido a ressurreição acontecer no Domingo (Celebração). Além disto precisam diferenciar do culto dos judeus por 2 motivos:

1- Eles iam nas sinagogas nos sábados pregar para os judeus, e

2- Aos Domingos tinham um culto no lar só Cristão, podendo ter mais comunhão, fazer a ceia e a liturgia como Jesus ensinou. Se fizessem isto nas sinagogas seriam expulsos e até apedrejados.

Escola

"Santa ingenuidade" de certos pais evangélicos é a de mandarem seus filhos estudar em escolas adventistas. Não pensam eles no conflito que terão ao defrontar um ensino diferente daquele que têm na escola bíblica dominical.

Começa com o problema da alimentação: não se deve comer carne (principalmente a de porco), tomar café, afora outras restrições ensinadas pelos adventistas. É a confusão religiosa na cabeça das nossas crianças, e o adventista dando risada da nossa falta de percepção doutrinária.

8.2. Congregação Cristã

Surgida na cidade de Chicago, Illinois, como Igreja Presbiteriana Italiana, inicialmente, modifica-se quando Louis Francescon (1866-1964), batizou-se por imersão em 07/09/1903. Em 18 de abril de 1910, Francescon foi para Santo Antonio da Platina, no Paraná, c hegando lá em 20 de abril de 1910, deixando estabelecido ali um pequeno grupo de crent es pentecostais, o primeiro grupo desse segmento no Brasil. Ao retornar em 20 de junho para São Paulo, após um contato inicial com a Igreja Presbiteriana do Brás, onde alguns membros aceitaram a mensagem pentecostal, bem como alguns batistas, metodistas e católicos romanos, surge a primeira "Congregação Cristã" organizada em nosso país. Já, no mês de setembro, Francescon segue novamente para o Panamá, deixando ali a nova igreja sem maior respaldo ou assistência.

A partir daí, o trabalho da Congregação Cr istã espalha-se por onde existem colônias italianas, notadamente na região sudeste do país, principalmente nos Estados de São Paulo e Paraná, onde at é hoje se concentram. Seu fundador, o ancião Louis Francescon, faleceu em 7 de setembro de 1964, na cidade de Oak Park, Illinois, USA.

Assembléia + Congregação Cristã

O que teria levado, então, no aspecto histórico, a impedir que essas duas igrejas pentecostais juntassem suas fo rças, e, por conseguinte, a decisão da Congregação Cristã quanto às demais denominações fossem diferentes do exclusivismo hoje existente? Por que não ocorreu aqui o mesmo que nos Estados Unidos, onde o grupo original de pentecostais italianos, a "Assemblea Cristiana" ou Igreja Inorganizada, foi aos poucos assimilando e sendo assimilada por outros grupos?

Primeiramente, devemos ter em mente que a Congregação Cristã tem origem num ambiente teológico, onde a predestinação domina, tendo vindo seu fundador, assim como boa parte de seus primeiros membros, da igreja presbiteriana. Isso, somado ao fato de que algumas profecias davam conta de que lhe seriam enviados os que haveriam de se salvar, além do fato de o ancião Francescon não ficar continuamente junto aos novos grupos, mas, como ele mesmo escreveu, esteve em nosso paí s cerca de dez vezes, em períodos intercalados. Isto com certeza causou grande vácuo na interpretação e orientação da liderança nacional, levando a su rgir uma interpretação extremista dos conceitos calvinistas.

Ao lado disso, tornando ainda mais difícil uma futura convivência pacífica com a outra representante do movimento pentec ostal (a Assembléia de Deus), em 1928 ocorre um cisma dentro da Congregação, e a parte insatisfeita desliga-se dela e passa a fazer parte da Assembléia de Deus, que nesse momento está se instalando na capital paulista. Tal fato, inclusive, serviu de base para o boato difundido pelos membros da Congregação, de que as Assembléias de Deus teriam sido fundadas por ex-membros de sua igreja, história até hoje contada entre eles. Tal atitude acirrou os ânimos, somando-se às diferenças doutrinárias

quanto à salvação, predestinação (livre-arbítrio), às diferenças de costumes (uso de véu e ósculo santo) e a ferrenha oposição à organização humana, sendo que "a recusa à organização humana" é o ponto mais forte de separação entre as Congregações e as Assembléias de Deus. Não se trata apenas de uma diferença eclesiástica, mas de uma questão de princípios. Tais fatos podem ter impedido o relacionamento da Congregação com o único grupo que também defendia o pentecostalismo em nosso país naquela época.

O modelo da Congregação Cristã, segundo Nélson, é o *de parentesco,* ou *o patriarcal.* A burocracia é mantida no mínimo absoluto, e não há pastores, mas somente anciãos não remunerados. Provavelmente a figura de Francescon ajudou a solidificar esse modelo: ele representava uma autoridade incontestável, mas quase sempre ausente. Outro fator é a estrutura familiar italiana. A liderança é por antigüidade (uso capião) mais do que por carisma ou por competência. A dependência da tradição oral fortalece essa liderança. O modelo é reforçado pelo imaginário de uma família extensa: a igreja é conhecida como "irmandade". Apesar disso existe claramente grande importância dada ao ancião responsável por assumir os trabalhos da sede da igreja localizada no bairro do Brás, em São Paulo, mas não podemos definir seu papel como de um presidente de convenção, talvez mais como de um mediador entre iguais.

Doutrina

1. Só existe salvação na gloriosa Congregação. Ela é a verdadeira graça, o tronco principal, as demais são apenas ramos.
2. O Espírito Santo dirige tudo: não é necessário se preparar, examinar ou meditar nas Escrituras Sagradas. Não se pode estudar a Bíblia, pois a Bíblia não foi feita para ser estudada, mas para ser obedecida.
3. Só o batismo efetuado pela Congregação é verdadeiro.
4. Está espiritualmente acima de qualquer outra denominação, porque é a única igreja em que as mulheres observam a prática do véu no culto, conforme I Co 11:1-16.
5. A irmandade deve saudar com "a Paz de Deus", e nunca com "a Paz do Senhor", porque existem muitos senhores, mas Deus existe um só.
6. Está espiritualmente acima de qualquer outra denominação, porque é a única igreja que observa a prática do ósculo santo.
7. É pecado dar o dízimo, porque o dízimo está na lei, e nós estamos na graça.
8. Só existe um pastor da Igreja: Jesus Cristo. Os demais pastores são homens carnais.
9. Não devemos pregar o evangelho, porque o evangelho não pode ser escandalizado: só se deve pregar se Deus mandar.
10. Só podemos orar de joelhos.

A base essencial do exclusivismo religioso da Congregação está resumido nesses dez itens acima citados, e a crença inflexível nesses pontos é que faz

que ela rejeite e condene todas as demais igrejas cristãs diferentes do seu ensino.

8.3. Tabernáculos da Fé

Fundado por William Marrion Branham (1906-1965), chamado por seus adeptos de "o profeta do século e mensageiro do Apocalipse", William Marrion Branham, como os demais fundadores de seitas, arroga para si a mesma autoridade dos profetas e apóstolos da Bíblia e nega a doutrina bíblica da Trindade. Seus adeptos são modalistas, pois seguem o ensino de seu líder, e o batismo nas águas é realizado só em nome de Jesus.

8.4. Só Jesus

Fundada por John S. Schepp em 1913, ensina que o batismo salva, igual à doutrina da Congregação Cristã no Brasil, e deve ser realizado só em nome de Jesus. Seus adeptos não seguem a fórm ula batismal de Mateus 28.19: "Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". Essa seita provocou muìtas divisões nas igrejas evangélicas da época. Ela mesma depois se dividiu em várias facções, entre as quais a Igreja Pentecostal Unida do Brasil, presente em outros países, que também é modalista e batiza só em nome de Jesus. (Não confundir com a Igreja Unida.)

8.5. Voz da Verdade

Igreja que utiliza o mesmo nome do conjunto Voz da Verdade. Suas músicas são cantadas sem restrição alguma na maioria de nossas igrejas. A grande maioria das letras dos hinos estão em conformidade bíblica.

Mas são uma seita e atacam a doutri na bíblica da Trindade, e seu batismo nas águas é realizado em nome de Jesus. Seus hinos que enfatizam a divindade de Jesus constituem a doutrina unicista, e estão "sacrificando o Pai", como disse Tertuliano, dos modalistas de sua época.

Religiões Pseudo Cristãs

O Cristianismo, com sua doutrina de humildade, de perdão, de amor, é incompatível com o Estado, com sua altivez, sua violência, sua punição, suas guerras. Tolstoi

9. Religiões Pseudo Cristãs

9.1. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias - Mórmons

Também chamada de Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Último Dia, é fundada em 1830 pelo americano Joseph Smith (1805-1844). Mórmon é o nome do livro que o fundador teria recebido das mãos de um profeta.

No fim do século XX, cerca de oitenta por cento dos seis milhões de seguidores da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ou mórmons, viviam nos Estados Unidos, mas a religião também tem adeptos no Canadá, na América Latina, na Europa e na Oceania.

A religião foi fundada em 1830 nos Estados Unidos por Joseph Smith Junior. Segundo seu próprio testemunho, Smith, guiado por uma revelação do anjo Moroni, encontrou e traduziu em 1827 o Book of Mormon (O Livro de mórmon), que constitui o principal texto sagrado da seita. Em termos de estilo e temas tratados, o livro se assemelha ao Antigo Testamento e reconta a história das tribos de Israel.

Smith emigrou, com seguidores, para Kirtland, Ohio, onde se uniu ao pregador Sidney Rigdon e fundou uma sociedade do tipo coletivista que se estendeu também ao estado de Missouri. As peculiaridades do grupo, porém, provocaram a hostilidade de vizinhos, que perseguiram os adeptos, surraram o profeta e queimaram as propriedades da comunidade. Apesar do repúdio dos não-mórmons, das rivalidades internas, do não-cumprimento de algumas profecias e de reveses econômicos, a religião cresceu. Conflitos armados levaram milhares de mórmons a deixarem Independence, embora a cidade de Missouri tivesse sido designada de Sião por Smith. No estado de Illinois, foi fundada uma nova cidade, Nauvoo, cujo gover no o próprio Smith assumiu. Mais uma vez manifestaram-se dissensões inte rnas e hostilidades externas, as quais provocaram uma intervenção militar que resultou na prisão e morte de Smith em junho de 1844.

Smith casou cerca de 85 vezes.

A Divisão

Com a morte de Smith, produziu-se a divisão entre seus seguidores. Uma minoria mórmon fixou-se em Iowa e em Illinois, junto com a primeira esposa de Smith e seu filho, Joseph Smith III, e fundou, em 1852, a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, posteriormente sediada em Independence. Outros grupos também se desmembraram, sob a liderança de alguns dos primeiros discípulos de Smith, mas a maioria seguiu Brigham Young, presidente do Concílio dos Doze Após tolos, que em 1847 fundou Salt Lake City,

em Utah, e assumiu seu governo em 1851. Young promoveu a expansão missionária, sobretudo no Reino Unido e na Escandinávia, e estabeleceu a poligamia em 1852. Sua pretensão de organizar uma comunidade autônoma teocrática, porém, levou a um choque com a autoridade federal, sob a presidência de James Buchanan. Após a deposição de Young e a chamada guerra de Utah, em 1857, teve fim o domínio mórmon na região. Em 1890, a igreja renunciou à poligamia.

Doutrina

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é uma seita religiosa que proclama uma nova revelação, a restauração do sacerdócio e dos rituais da "verdadeira igreja", além da possibilidade de seus seguidores atingirem o estágio da divindade. Embora a designação da igreja faça referência explícita a Jesus Cristo, a doutrina mórmon difere das crenças das igrejas cristãs tradicionais principalmente por ser politeísta. Para os mórmons, Deus é uma evolução do homem e os homens podem evoluir e se tornarem deuses. Além disso, crêem em Deus Pai, em Jesus Cristo e no Espírito Santo como pessoas distintas.

Afirmam crer no sacrifício expiatório de Jesus, mas sem o cumprimento das leis estipuladas pela sua igreja não haverá salvação. Outro requisito foi exposto pelo "profeta" Brigham Young, que disse: "Nenhum homem ou mulher nesta dispensação entrará no reino celestial de Deus sem o consentimento de Joseph Smith". Daí o apego que eles têm a Smith.

Sua Própria Tradução

Os mórmons aceitam a Bíblia como transmissora da palavra divina, "desde que corretamente traduzida" [por isto , eles tem sua própria tradução da Sociedade Torre de Vigia]. Smith não chegou a concluir sua tradução inspirada da Bíblia, na qual incluiu profecias sobre sua própria vinda e sobre o *Book of Mormon*, principal obra sagrada da religião. O livro *Doctrines and Covenants* (1835 - Doutrinas e alianças) é uma sele ção das revelações feitas a Smith e inclui uma feita a Young, além do decreto de abolição da poligamia. A versão da Igreja Reorganizada omite algumas reve lações das últimas décadas da vida de Smith. O ivro de Mórmom é mais perfeito que a Bíblia segundo eles.

Fraude

O *Book of Abraham* (Livro de Abraão) e o *Book of Moses* (Livro de Moisés), dados a conhecer por Smith, foram re conhecidos por especialistas como traduções de textos funerários egípcios . Em 1983, decidiu-se acrescentar ao *Book of Morm on* o s ubtítulo " *Another Testam ent of Jesus Christ* " ("Outro Testamento de Jesus Cristo"), como medida destinada a reforçar a identidade da igreja como religião cristã.

A divergência essencial entre a doutrina dos mórmons e as doutrinas cristãs consiste em seu politeísmo e na concepção de um processo evolutivo entre Deus e o homem. Os mórmons aceitam que Cristo veio à Terra para que todos possam se salvar e ressurgir dos mortos, mas defendem que o futuro de uma pessoa é determinado por seus próprios atos. A salvação se produz mediante a prática da fé e da obediência às ordens da igreja, do arrependimento, do batismo por imersão e da imposição de mãos para que se manifestem os dons do Espírito Santo, inclusive a profecia, a revelação e a glossolalia (capacidade de falar línguas desconhecidas). A volta de Cristo inaugurará a primeira ressurreição e o chamado milênio, quando se empreenderá o "trabalho do templo", especialmente o batismo em nome dos mortos. Após o milênio haverá a segunda ressurreição, quando a Terra se tornará uma esfera celeste e todas as pessoas receberão seus reinos eternos.

Normas de Conduta

Em suas normas de conduta, os mórmons praticam um certo rigor - álcool, fumo, chá e café são proibidos - e uma ética de trabalho e de atividade mercantil, cívica e assistencial, mas incentivam valores culturais como a educação, o esporte, a dança e outras diversões. O culto se realiza em parte de forma pública, mas também de modo secreto, com rituais que Smith tirou da maçonaria.

A estrutura eclesiástica combina o igualitarismo com uma estrita hierarquia:

- um presidente
- dois conselheiros: o Conselho dos Doze Apóstolos, o Conselho dos Setenta Discípulos - dedicado às missões,
- bispos e
- patriarcas.

Número de Praticantes

Uma conferência geral permanece aberta a todos os mórmons. No fim do século XX, quando o número de mórmons ultrapassava seis milhões, havia, nos Estados Unidos e em outros países, mais de 1.600 *stakes*, ou dioceses. O trabalho dos jovens missionários fez do mormonismo uma das religiões que mais crescem no Ocidente.

No Brasil, estabeleceu-se um núcleo mórmon em Joinville SC em 1928. Sete anos depois foi instalada oficialmente a primeira missão brasileira.

9.2. Testemunhas de Jeová

Igreja formada em 1875 pelo americano Charles Russel (1852-1916), resulta da fragmentação da Igreja Adventista. Os fiéis rejeitam as noções de imortalidade da alma e de inferno. Acreditam que religião e governo são criações do diabo. Defendem a moral rígida e recusam-se a prestar o serviço militar. Seus locais de encontro chamam-se salões do reino.

Doutrina

- Crêem que sem o "corpo governante" (grupo formado por 10 homens, nos EUA), a Bíblia jamais será entendida. Declaram: "Meramente ter a Palavra de Deus e lê-la não basta para adquirir o conhecimento exato que coloca a pessoa no caminho da vida".

- Outra declaração: "A menos que estejamos em contato com este canal de comunicação usado por Deus, não avançaremos na estrada da vida, não importa quanto leiamos a Bíblia".

- Para os TJ, Jesus é um anjo, a primeira criação de Jeová.

- Não deixe o Testemunha de Jeová entrar em sua casa para, como eles dizem, "fazer um culto no lar e orar por vocês". A não ser que você esteja preparado para horas e horas de discussões vãs ou então para pregar para eles.

Os TJ pregam e ensinam de casa em casa porque: "Jeová não se esquecerá de seu trabalho, mas o recompensará ricamente" (livro *Poderá viver para sempre no paraíso na terra* , p. 253, # 9-11). Quanto mais se dedicar a esta atividade, mais peeminente será a posição que se terá no futuro paraíso.

- Só quem pertence à organização TJ será salvo e receberá sua bênção de vida eterna (mesmo livro, p. 255, # 14).

9.3. Ciência Cristã

Fundada no final do século passado por Mary Baker, após a cura dela própria, dita "milagrosa". Escreveu o liv ro Ciência e Saúde. Casou-se com Asa Baker (terceiro casamento).

Doutrina

Criou o conceito de Mente Mortal - existe em oposição a Deus e ao Bem. Esta mente está repleta de erro e todo o mal deve ser atribuído à ela. O mal é mental então deve ser retirado da mente.

A trindade: Deus, o pai-mãe. Cristo, a idéia espiritual de filiação. Divina Ciência ou Santo Consolador.

A expiação de Jesus Cristo não existe.

Distorce as Escrituras para fazer valer suas "teorias". Para aceitar as idéias da Ciência Cristã, é necessário abandonar as Escrituras.

9.4. Meninos de Deus (A Família do Amor)

David Brandt Berg, também conhecido co mo Mo, Moisés David e Pai David, fundou a seita Meninos de Deus na década de 60, num ambiente hippie, de paz, amor, drogas, sexo e rock.

Doutrina

Dizem que é melhor ler o que escreveu David Berg, seu fundador, do que ler a Bíblia. David Berg profetizou:

1. O fim dos tempos dos Gentios em 1969
2. A destruição da América do Norte, em 1974, pelo cometa Kohoutek.
3. A vinda de Cristo em 1993.

Nada ocorreu.

A partir de 1968 começou a utilizar a prostituição como isca para recrutar novos adeptos e como meio de aumentar os proventos econômicos da Família do Amor. A assim, como diz a Bíblia, “um abismo chama o outro” (Salmo 42:7), de passo em passo, todas as formas pervertidas de sexo tomaram lugar na seita:

- Entre membros abertamente
- Com outros fora da seita
- Adultério com consentimento
- Homossexualismo
- Sexo com crianças
- Sexo grupal
- Incesto
- Nudismo...

Com a Bíblia dizemos que a Família do Amor nada mais é do que uma repetição da história, pois diversos cultos antigos incluíam na sua celebração a assim chamada “prostituição sagrada”.

A orientação de Deus que Mo pensa estar recebendo na verdade vem dos demônios babilônicos que bem sabem o que fazer com uma mente desocupada e cheia de bebidas e drogas.

9.5. Igreja Local de Witness Lee

Produz o Jornal Árvore da Vida.

O nome igreja local é dado pelo ICP - Instituto Cristão de Pesquisas, e não é bem aceito pelos próprios adeptos. Preferem chamar de “A Igreja dos Irmãos”, “A Igreja que está em São Paulo”, “A Igreja que está em Curitiba” etc.

Doutrina

Trindade

Cada um deles é um passo ou um estágio sucessivo na revelação de Deus aos homens. “O Espírito que estamos recebendo é o Deus Triúno Processado”. Um Deus processado é um Deus que passa por alterações e mudanças. Em Ml 3:6 e Hb 13:8 a Bíblia afirma que Deus não muda, é o mesmo.

Esta posição tem o nome de sabelianismo modal, e foi condenada pela Igreja primitiva.

Bíblia

Dizem que não é necessário estudar as escrituras. Somente Orar-ler. Orar-ler consiste em tomar um texto da Bíblia, repetindo várias vezes suas palavras sem procurar entendê-las.

Expiação dos Pecados

Nossos pecados foram levados por Satanás. É ele que expia nossos pecados.

Satanás Não Habita Entre Nós mas Em Nós

Adão o ego está na nossa lama. satanás o diabo está em nosso corpo. E Deus, o Deus Triúno, está em nosso espírito. (*A Economia de Deus*, Witness Lee, pp 189-191).

Batismo

"O Batismo faz-nos ter os pecados per doados e receber o Espírito Santo". (Lições da verdade, Witneess Lee, p. 79).

A Bíblia nos afirma que o crer no nome de Jesus como nosso salvador, o Messias, e arrepender-se dos pecados é que faz os pecados serem perdoados. O Espírito Santo entra no Cristão neste momento, no momento da fé. Pois é impossível dizer que Jesus Cristo é o Filho de Deus sem que estejamos com o Espírito Santo.

Watchman Nee

Não confundir Watchman Nee com Witness Lee. Lee de Local, de Igreja Local. Witness aproveita a semelhança do nome e cita Watchman Nee (um grande pregador e escritor) constantem ente para corroborar suas doutrinas profanas.

9.6. Igreja da Unificação (Moonismo)

A Igreja da Unificação, fundada e di rigida pelo coreano Rev. Sun Myung Moon, representa um novo tipo de influência religiosa bastante popular nos Estados Unidos na atualidade.

Yong Myung Moon (dragão brilhante) nasceu em um lar cristão a 6 de janeiro de 1920, em Pyungan Buk-do, na região que hoj e é a Coréia do Norte. Existem evidências de que ainda jovem ele se envol veu com práticas espíritas. Ele próprio narra que aos 16 anos teve uma visão na qual Jesus Cristo lhe apareceu pessoalmente, e He disse que o mundo seria transformado por intermédio dele, Moon.' Contudo seus estranhos ensinos e práticas doutrinárias, bem como sua singular posição de líder e autoridade espiritual, só se cristalizaram na década de 1940.

O jovem Moon continuou a ler e interpretar a Bíblia sozinho. Depois foi estudar no Japão, completando a estruturação de seu sistema religioso em 1945.

O livro oficial da igreja, *Divine Principle* (Princípio divino), contém a mais completa apresentação de seu sistema doutrinário. Após a Segunda Grande Guerra, de volta à Coréia do Norte, Moon esteve associado com um grupo de pentecostais dissidentes que adotavam algumas crenças estranhas.

> "Após a Segunda Grande Guerra, na Coréia do Norte, ele se associou com um grupo profundamente envolvido em revelações místicas, que aguardava o aparecimento iminente de um novo messias. Eles criam que a Coréia era a Nova Jerusalém bíblica, e que o messias nasceria nesse país. Esses elementos acham-se presentes na doutrina de Moon e no livro *Divine Principle."*

Em 1945, ele recebeu a revelação que deu origem à Igreja da Unificação. Nessa experiência visionária foi declarado que Moon seria aquele por meio de quem o mundo iria ser salvo.

> "Depois de nove anos de busca e muita luta, a verdade de Deus foi selada nas mãos dele [de Moon]. Naquele momento, ele se tornou o grande vitorioso do céu e da terra.
>
> Todo o mundo espiritual se inclinou diante dele nesse dia de vitórias, pois além de ter-se libertado completamente da acusação de Satanás, Moon agora podia acusá-lo diante de Deus. Nesse dia, então, Satanás se rendeu totalmente a Moon, pois ele atingira a posição de verdadeiro filho de Deus. Desse modo, a arma que poderia derrotar Satanás foi colocada à disposição de toda a humanidade."

Para que seu nome se tornasse um símbolo de seu domínio espiritual, em 1946 ele modificou-o para Sun Myung Moon (sol e lua brilhantes).

Doutrina

- Atrai principalmente jovens instruídos de classe média;
- Utiliza inúmeros pseudônimos ou opera anonimamente, em particular quando faz aliciamento de adeptos;
- Apresenta uma ocidentalização de idéias das religiões orientais;
- Distorce as Escrituras para tentar convencer aqueles que se lhe opõem que sua linha de pensamento oriental é compatível com o Cristianismo bíblico, afirmando ser o cumprimento dele.
- Julga ser seu Princípio Divino de inspiração mais elevado que a Bíblia.

Outra característica da Igreja da Unificação, bem como de outras seitas semelhantes, é a clara utilização de uma ampla e vigorosa pressão psicológica sobre seus adeptos, para que se mantenham ligados ao grupo e se conservem leais a ele a qualquer preço.

9.7. Testemunhas de Ieroshua

Fizemos um levantamento sobre esta nova seita, pesquisamos seu material (algumas apostilas) e entrevistamos, vi a telefone, o fundador da nova religião. O movimento foi fundado em 1987, em Curitiba, PR, por Ivo Santos de Camargo.

O fundador não possui formação teológica acadêmica (a evidência disso está no fato de que o próprio nome da seita é grafado de modo incorreto: escreve-se Ierrochua [como se pronuncia] no lugar de Iehoshua). E ainda diz que estudou hebraico durante dois anos, após a suposta revelação.

Atualmente dirige a seita de aprox imadamente 100 membros, segundo ele. Afirma que seu movimento está do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte.

Doutrina

O fundador afirma nunca ter pertencido a uma igreja evangélica, mas diz haver visitado algumas delas. Diz que recebeu uma revelação de Deus sobre a pronúncia exata do tetragrama (nome divi no, as quatro consoantes [YHWH]) e que esse nome é o mesmo do Salvador. Segundo o fundador, o nome "Jesus" é uma abominação, é o paganismo do catolicismo romano. O nome que veio do céu, diz, é **Iehoshua**.

Ele afirma ainda "ser filho direto da revelação"; portanto sua ordenação é direta com Deus. É contra todas as igrejas evangélicas. Admite que a salvação depende do conhecimento e da revelação do nome **Iehoshua**.

Os adeptos do referido movimento, sob a orientação de seu fundador, negam a doutrina da Trindade, embora defenda a deidade absoluta de Jesus. É o sabelianismo modal, como a Igreja Local, de Witness Lee, a Igreja Voz da Verdade, do conjunto musical do mesmo nome, o Tabernáculo da Fé, a Igreja Pentecostal Unida do Brasil. São sabatistas, defendem a guarda do sábado, como os adventistas do sétimo dia. De fendem duas categorias de salvos, mais ou menos como as Testemunhas de Jeová: Os cristãos salvos vão para o céu, exceto os judeus, assírios e egípcios (estes herdarão a terra).

São exclusivistas como as demais seitas pseudocristãs.

São proselitistas. Estão preocupados em arrebanhar os cristãos evangélicos, pois são pescadores de aquário.



Templo sede das Testemunhas de Ieroshua na periferia de Curitiba (PR)

9.8. Igreja Universal de Jesus Cristo

Retirado da Internet de uma igreja em Portugal. Não confundir com Igreja Universal do Reino de Deus do autodenominado bispo Edir Macedo.

É uma denominação que está mais próxima à lei, ao judaísmo que propriamente à graça e ao protestantismo.

Doutrina

- Aceita os 10 mandamentos como lei

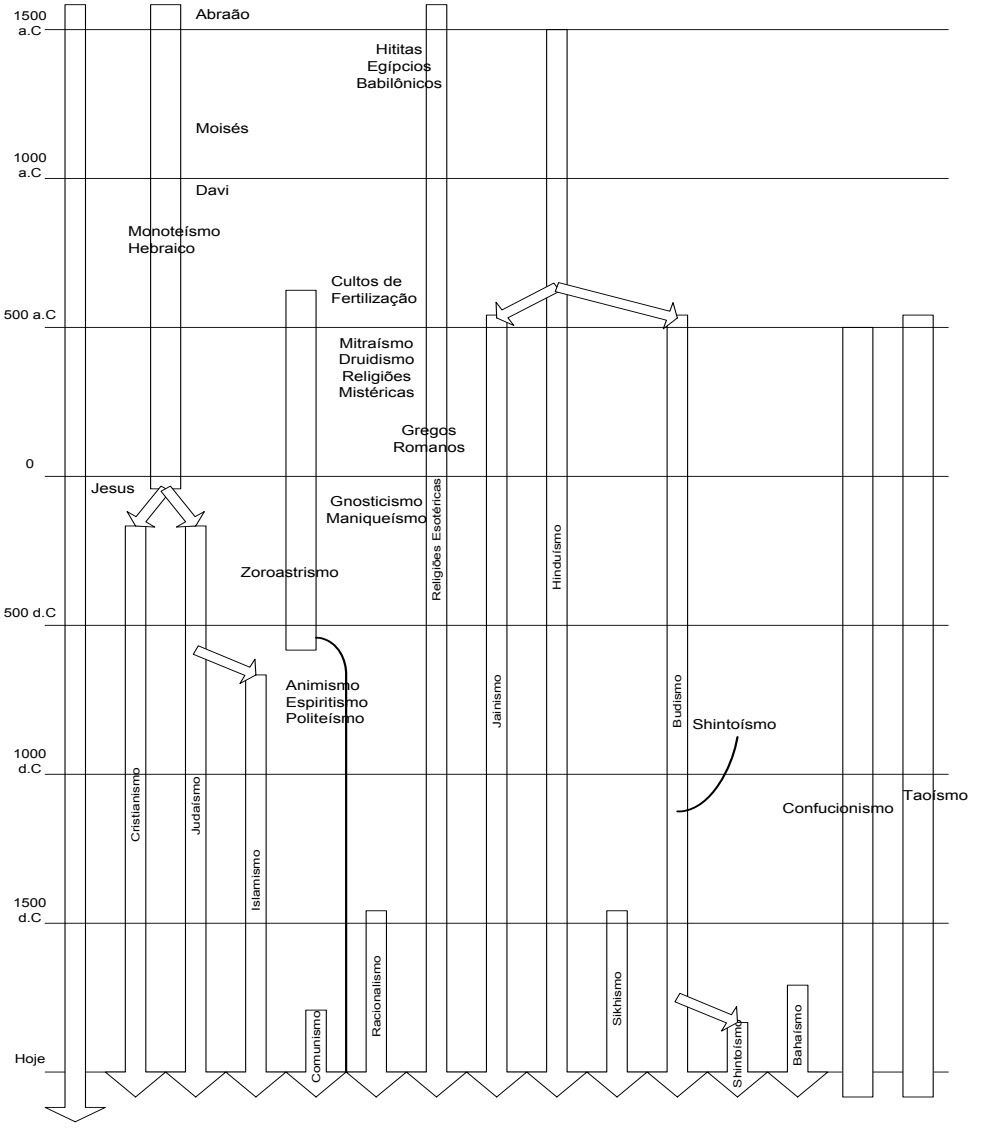
- Aceita o sábado como santo

- Abstém-se de animais imundos (segundo Deuteronômio.14.1-21), Álcool, Tabaco, Estimulantes e Estupefacientes, tudo o mais vicioso e destrutivo.

- Não aceitam profecias

- Pregam costumes no trajar e no comportamento.

Ideologias Mundiais



10. Religiões Orientais

Volta teu rosto sempre na direção do sol e, então, as sombras ficarão para trás. Provérbio oriental

10. Religiões Orientais

10.1. Bramanismo

Visceralmente integrado à existência da Índia, o bramanismo engloba não só uma tradição de doutrinas e práticas religiosas, mas também uma série de regras para o comportamento social, orientadas pela divisão da sociedade em castas.

Dá-se o nome de bramanismo à fase mais remota da religião hindu, que se estende de meados do segundo milênio a.C. até inícios da era cristã, quando essa religião foi substituída pelo hinduísmo. O nome bramanismo relaciona-se:

- a Brama ou Brahma, forma masculi na que designa o deus criador, parte da trindade completada por Vishnu e Shiva;
- à palavra neutra brahman, realidade últi ma do universo, que corresponde, grosso modo, ao absoluto e
- à classe sacerdotal dos brâmanes, em torno da qual se constitui essa tradição.

Doutrina

A religião védica (derivada dos text os denominados Vedas - conhecimento) consiste principalmente numa mitologia muito elaborada. Os deuses descritos no Rio Veda intervêm a todo instante nas atividades humanas. São favoráveis às pessoas quando invocados e cumulados de presentes. Caso contrário, podem ser-lhes hostis.

A tradição bramânica abrange 33 deuses, divididos em divindades terrestres, atmosféricas e celestes. Suas funç ões são tríplices, correspondentes a uma tríplice divisão da sociedade. Existem deuses soberanos , associados à casta sacerdotal, deuses guerreiros e deuses patronos de atividades humanas, como a agricultura, a criação, o artesanato.

A ação ou karma depende do espírito e da palavra e confere a cada indivíduo seu destino, que, se não for realizado na ex istência presente, se realizará numa vida futura. A dissolução do corpo não acarreta a dissolução do espírito que, marcado pelas ações praticadas dur ante a vida que findou, experimentará existências futuras, em que viverá as conseqüências boas ou más dessas ações.

Esse processo de vidas sucessivas (samsara) prosseguirá indefinidamente, a menos que a individualidade consiga a liber tação (moksha) do domínio dos atos, tomando consciência de sua identidade original com o absoluto. A origem dessa doutrina de transmigração ou reencarnação é obscura, mas talvez seja uma influência de cultos primitivos de natureza totêmica e da Índia pré-ariana.

Uma noção introduzida pelos Upanishads (textos de caráter filosóficos) é a do despertar (bodhi) ou tomada de consciência da verdadeira natureza de si mesmo, que é o conhecimento (jnana) por excelência. Ensinam-se técnicas psicofísicas de meditação e contempl ação para se chegar a esse conhecimento (Yoga), bem como a meditação sobre a sílaba sagrada om ou aum, símbolo do



Absoluto, que tem grande importância no hinduísmo. Muitas vezes o Absoluto é expresso de maneira negativa, neti neti (não é isso, não é isso), para indicar a impossibilidade de defini-lo através do intelecto e da linguagem conceitual.

Representação do deus Shiva

Arte indiana do séc. XI (Museu de Rietborg, Zurique)

10.2. Confucionismo

Confúcio nasceu como Chiu King, o mais novo dentre onze irmãos, cerca de 550 A.C., no principado de Lu, Xantung, China. Ele foi contemporâneo de Buda, tendo vivido imediatamente antes de Sócrates e Platão.

Morreu em 479 a.C. Foi o mais importante mestre da cultura chinesa.

Religião?

Visto que o confucionismo aborda primariamente a conduta moral e uma sociedade ordeira, geralmente é classificado como um sistema ético, e não como uma religião. Mas apesar do confucionismo tratar exclusivamente da vida na terra, e não da existência ulterior, leva em conta as preocupações finais da humanidade.

Precisamos lembrar a atitude das pessoas nos dias de Confúcio. Os antepassados mortos exerceriam poder sobre os vivos, sacrifícios oferecidos ao céu eram uma ocorrência comum, e a prática dos augúrios, mediante a observação de sinais do céu (trovões, relâmpagos, o vôo das aves etc.), prevalecia por toda a parte.

Veja mais informações em Taoísmo.

10.3. Fé Bahai

Os adeptos da fé Bahai, credo de intenção ecumênica, derivado do Islamismo, acreditam na fraternidade universal e dedicam-se a abolir os preconceitos de raça, classe e religião.

O movimento Bahai foi fundado em meados do século XIX por Mirza Husayn Ali Nuri, conhecido como Baha Allah (Glória de Deus). Seguidor do Bab, ou Mirza Ali Mohamed de Shiraz, que em 1844 afirmou ser o Bab (Porta) para o imam (encarnação perfeita da fé islâmica), Baha Allah reivindicou a liderança de sua comunidade em 1867 (ou 1863) ao proclamar-se publicamente "aquele através de quem Deus Se manifestaria", o espírito divino profetizado por Bab. Os Bahais

consideram Baha Allah a mais recente de uma série de manifestações divinas que incluem Jesus, Maomé, Zoroastro e o Buda.

Doutrina

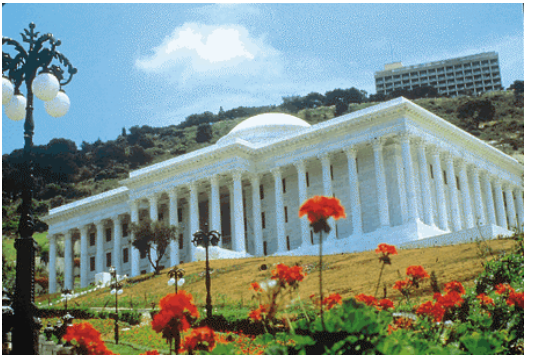
A fé Bahai baseia-se na convicção de que o Bab e Baha Allah são manifestações de Deus. A terceira figura de importância na fé é Abdul-Baha (Servo da Glória), primogênito de Baha Allah. As palavras, orais e escritas, dessas três figuras formam a literatura sagrada da fé Bahai. O legado de Baha Allah, de mais de uma centena de obras, inclui:

- Kitab i-Aqdas (O mais sagrado dos livros),
- Ketab-e Iqan (O livro da certeza),
- As palavras ocultas,
- Os sete vales e
- A Epístola ao filho do lobo.

A participação na comunidade Bahai está aberta a todos os que creiam em Baha Allah e lhe aceitem os ensinamentos. Não há cerimônias iniciáticas, sacramentos ou clero. Todo fiel, porém, tem a obrigação de:

- rezar diariamente, jejuar 19 dias por ano, ficando sem comer ou beber do amanhecer até o pôr-do-sol,
- abster-se completamente de narcóticos, álcool ou qualquer substância que afete a mente,
- praticar a monogamia,
- obter o consentimento dos pais para casar-se e
- participar da festa dos Dezenove Dias no primeiro dia de cada mês do calendário Bahai.

Os crentes procuram criar juntos aos templos instituições assistenciais como um asilo de velhos, um orfanato e um hospital. Não há pregação nos templos, apenas a recitação das escrituras de todas as religiões.



Templo de culto Bahai em Haifa, Israel

A comunidade Bahai governa-se de acordo com os princípios gerais proclamados por Baha Allah e por meio de instituições criadas por ele e aperfeiçoadas por Abdul-Baha. As assembléias espirituais locais escolhem anualmente delegados que elegem uma assembléia nacional. As assembléias nacionais realizam periodicamente uma convenção internacional que elege o órgão governativo máximo, a Casa Universal de Justiça. Esta tem por incumbência aplicar as leis promulgadas por Baha Allah e legislar sobre assuntos não previstos nos textos sagrados. Sua sede localiza-se em Haifa, Israel, nas cercanias dos túmulos do Bab e Abdul-Baha e do túmulo de Baha Allah, em Bahji, perto de Acre. Os

principais templos Bahai encontram-se na Rússia (Isqabad) e nos Estados Unidos

Outro Consolador

João 14:16-17: E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Ajudador, para que fique convosco para sempre, a saber, o Espírito da verdade, o qual o mundo não pode receber; porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque ele habita convosco, e estará em vós.

Desde que Jesus pronunciou estas palavras, têm surgido muitos grupos religiosos reivindicando o cumprirnento dessa promessa. Por exemplo: os seguidores de Satya Sai Baba (um guru indiano) crêem que o Baba é o "outro Consolador". Igualmente, os adeptos da Fe' Bahai crêem que a promessa de Jesus cumpriu-se em Mirzá' Hunsayn' Ali (o Bahá'u'lláh).

Mas o outro consolador é o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade.

10.4. Hare Krishna

O Hare Krishna chama atenção pelos jovens adeptos que, de cabeças rapadas e roupas indianas, cantam e dançam nas ruas e pedem contribuições.

O movimento Hare Krishna, cujo nome oficial é Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna, é um ramo do hinduísmo, fundado nos Estados Unidos por A. C. Bhaktivedanta (Swa mi Prabhupada) em 1966. Reivindica uma linhagem de mestres espirituais que remont a a Caitanya (século XVI), tido como uma encarnação de Krishna.

Doutrina

Os devotos aceitam um sistema de quat ro castas no qual as posições são determinadas por aptidões e não pelo nascimento. Acreditam que as pessoas são almas da mais alta energia de Kris hna em corpo de maya, sua mais baixa, material e ilusória energia. Para obter paz e felicidade, devem:

- retomar a relação original com Krishna, por meio do bhakti-yoga;
- reconhecer em Krishna a mais alta expressão da divindade;
- cumprir as tarefas sem pensar em recompensas;
- submeter-se a Krishna e ao mestre espiritual, seu representante na Terra;
- evitar o jogo, bebida, carne e sexo ilícito.

Os templos do Hare Krishna são comunidades em que homens e mulheres solteiros vivem separados e os casais têm outros alojamentos. Cada templo se mantém com as contribuições e a venda de publicações da seita e é subordinado a uma comissão dirigente. Alguns membros têm o poder de mestres para iniciar novos membros e supervisionar a vida espiritual.

10.5. Jainismo

O jainismo foi originalmente - como o budismo, seu contemporâneo - um movimento de reforma dentro do hinduísm o. Tomou depois forma como religião independente e existe até os dias de hoje, com mais de dois milhões de adeptos na Índia.

Milenar religião e filosofia da Índia, o ja inismo foi criado no século VI a.C. por Vardhamana, conhecido como Mahavira (Grande Herói). Segundo alguns, contudo, o jainismo teria surgido dois séculos antes, com Parsvanatha, cujo título honorífico de "vencedor" (jaina ou jina, donde jainismo), também dado a Mahavira, teria sido a origem do nome do sistema. De qualquer forma, coube a Mahavira desenvolver a nova religião. Como Buda, ele pertencia à casta guerreira, na qual o movimento teve origem. Tanto o jainismo como o budismo reagiam contra as concepções existentes sobre a divindade e adotavam posição não-teísta, ensinando também que a libertação (moksha) dependia do esforço de cada um e não dos deuses. Ambos protes tavam também contra o regime de castas e os privilégios dos brâmanes.

Não acreditando em deuses, espíritos ou demônios, os jainistas adotam uma metafísica muito complexa e até contradi tória. Dualistas, afirmam que o universo está dividido em duas categorias últimas e eternas: os seres vivos ou almas (jiva) e as coisas inanimadas ou materiais (ajiva). Entre as últimas distinguem quatro categorias:

- matéria,
- movimento,
- repouso e
- tempo.

Já os seres vivos constituem uma combinação de alma e matéria, reunidas pelo karma (ação) e divididos em oito classes com inúmeras subdivisões. A salvação cons iste em liberar-se dos laços materiais e alcançar o nirvana. No jainismo o princípio do *ahimsa* (não fazer mal a nenhuma criatura) é mais rigoroso do que no budismo, pois entende como ser vivo também as pedras, o vento, a água etc.



Imagem colossal do santo jainista Bahubali

Em Sravana Belgola, no estado de Karnataka, Índia.

10.6. Meditação Transcendental

Movimento que consiste na prática de té cnicas de meditação com o objetivo de levar o praticante ao relaxamento pr ofundo. Busca aprimorar o bem-estar

interno, a vitalidade e a criatividade. Fundado pelo indiano Maharishi Mahesh Yogi, tornou-se popular no Ocidente na década de 1960.

No Livro 2 da Coleção A Bíblia do Reino, Oração A Fonte de Poder do Cristão, existe uma capítulo inteiro sobre a verdadeira Meditação do Cristão: meditar na Palavra de Deus.

10.7. Messiânica Mundial

Messias significa ungido. Esta conc epção se origina de Isaías, cognominado o profeta messiânico.

Foi fundada em 1935 e reconhecida oficialmente pelo governo japonês em agosto de 1947. Está sediada na cidade de Atami, Japão.

Doutrina

A IMM fundamenta-se no seu líder Meishu-Sama, o “ungido”.
É exclusivista: Só ela é que salva.
Citam a Bíblia somente quando isto serve a seus propósitos.
São politeístas (vários deuses).
São panteístas (Deus está em todas as coisas).
Oferecem oferendas a Deus.
O homem tem 3 espíritos: primário, secundário e o espírito guardião.
Prestam culto aos ancestrais.
A contribuição financeira à IMM elimina as máculas (pecados).

10.8. Rajneeshismo

Rajneesh, Bhagwan Shree (1931-1990)

Religioso indiano. Líder espiritual, guru de personalidades, conquistou adeptos em todo o mundo com uma doutrina que mesclava misticismo oriental, devoção pessoal e amor livre. Hostilizava as religiões estabelecidas. Deportado dos EUA em 1985, sob acusação de enriquecimento ilícito. Está mais para criminoso que líder religioso.

10.9. Seicho No-Iê

Fundada em 1o de maio de 1930 por Masaharu Taniguchi, no Japão, tendo como livro principal *Semei no Jisso* (Verdade da Vida), com mais de 40 volumes.

Revistas no Brasil: Fonte de Luz, ant igo Acendedor (500 mil exemplares por mês) e Pomba Branca para mulheres (120 mil exemplares).

Tem aproximadamente 2 milhões de seguidores e simpatizantes só no Brasil.

A atração principal são as curas milagrosas.

Doutrina

Nega a eficácia da obra redentora de Jesus e do valor de seu sangue para remissão de pecados, chegando a dizer que "se o pecado existisse realmente, nem todos os budas do Universo conseguiriam extingui-lo, nem mesmo a Cruz de Jesus Cristo conseguiria extingui-lo".

Identificam Deus com a criatura. Está no interior.

10.10. Sikhismo

Discípulos de dez mestres religiosos c onhecidos como os Dez Gurus, os sikhs crêem que se unirão a Deus após a transmigração de suas almas por várias existências.

Sikhismo é uma religião indiana que combina elementos da crença muçulmana e hinduísta. O Deus único dos sikhs, ou "discípulos", não admite representação. A prece, a obediência aos mandamentos, a repetição constante do nome de Deus e a leitura do livro sagrado Adi Granth (Primeiro livro) fazem parte da vida religiosa. Os sikhs vivem em regime de castas segundo diferenças étnicas: jats, ou tribos agrícolas, não-jats e mazahabis, ou intocáveis. A maioria dos sikhs reside no estado do Punjab, no norte da Índia, onde a seita foi fundada por Nanak Dev, o primeiro guru, no final do século XV.

Arjun, o quinto guru, compilou os e scritos dos gurus anteriores e fundou o principal santuário sikh, o Harimandir (Templo Dourado), em Amritsar, no século XVI. Arjun foi condenado à morte pelo imperador mogol Jahangir, o que deu início ao processo de militarização dos sikhs , que culminou sob o décimo guru, Gobind Rai, no século XVII. A disposição para a luta recebeu sanção religiosa quando Gobind criou uma nova fraternidade, que chamou de Khalsa (Pura), e deu a si mesmo e a todos os membros um sobrenome comum, Singh (leão). As mulheres receberam o sobrenome correspondente de Kaur (leoa). Gobind Singh, como passou a se chamar, perdeu em aç ão militar quase todos os seguidores, inclusive os quatro filhos e, pouc o antes de morrer assassinado em 1708, declarou extinta a sucessão de gurus.

Banda Singh Bahadur sucedeu a Gobind na liderança militar dos sikhs. Durante oito anos desafiou o poder dos mogóis e devastou grande parte da região leste do Punjab até ser capturado e, junto com 700 seguidores, executado em Delhi.



Procissão de fiéis sikhs

Na cidade indiana de Amristar

Por alguns anos os sikhs se mantiver am em relativa tranqüilidade. O estado sikh formou-se no início do século XIX sob Ranjit Singh, que reconstruiu o Harimandir. Com a morte de Ranjit, os britânicos deram início às guerras sikhs de 1845-1846 e 1848-1849, na fronteira do Punjab, que acabaram com a anexação desse território à Índia britânica.

Na segunda metade do século XIX, os sikhs do Punjab apoiaram o governo britânico. Uma das facções, o movimento Singh Sabha, chegou a lutar ao lado dos britânicos na primeira guerra mundial, mas o massacre de civis em Amritsar, em 1919, em que pereceram 400 indianos, os fez desistir da cooperação. Os sikhs aderiram em massa ao movimento de libertação liderado por Mohandas Gandhi.

Em 1947, com a saída dos britânicos, o subcontinente foi dividido em Índia e Paquistão e a população sikh do Punjab viu- se dividida pela fronteira entre os dois países. Cerca de 2,5 milhões de sikhs deixaram o Paquistão e se fixaram no leste do Punjab, de onde expulsaram os muçulmanos.

Nas décadas subseqüentes, os sikhs fizeram da região uma produtiva área agrícola. Extremistas que ambicionav am a formação de uma nação sikh autônoma no Punjab deram início a ações terroristas, o que gerou confronto com o governo indiano. O clímax do conflito foi o ataque ao Harimandir pelas forças indianas em junho de 1984 e, logo depois, o assassinato da primeira-ministra Indira Gandhi pelos sikhs. Desde ent ão, a comunidade sofre as conseqüências da luta entre sikhs extremistas e a repressão oficial.

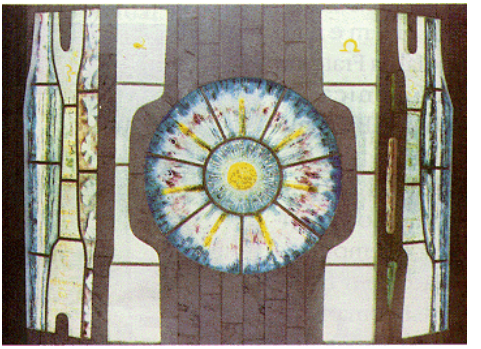
10.11. Tantrismo

Doutrina indiana que busca tanto a perfe ição espiritual quanto a satisfação dos desejos materiais. Floresceu do sécu lo VI ao XI, e exerceu grande influência

nos países vizinhos, sobretudo no Tibet, onde seu sistema de práticas esotéricas estendeu-se às seitas hindus, budistas e jainas.

Mandala

Mandala do templo da LBV em Brasília



A viagem ao centro da mandala é uma prática de meditação tântrica, enquanto na teoria psicanalítica de Jung simboliza o processo de individuação.

Mandala em sânscrito significa círculo. No tantrismo hinduísta e budista, é um diagrama simbólico, composto de círculos e quadrados concêntricos, empregado nos rituais sagrados e nas práticas de meditação.

A mandala é basicamente uma representação do universo, uma área consagrada que serve de receptáculo para os deuses e ponto coletor de forças universais. Quando o homem (microcosmo) penetra mentalmente no círculo mágico e avança rumo ao centro é, por analogia, guiado através dos processos cósmicos de desintegração e reintegração.

Religiões Espíritas

O homem não caminha para a morte mas para uma realização plena do corpo e do espírito.

11. Religiões Espíritas

11.1. Kardecismo ou Alto Espiritismo



A crença na sobrevivência do espírito após a morte do corpo físico e o princípio da reencarnação são as bases da doutrina conhecida como espiritismo, movimento religioso que surgiu na França e se expandiu pelo mundo, notadamente no Brasil.

O espiritismo como doutrina surgiu a partir da publicação, na França, de Le Livre des esprits (1857; O livro dos espíritos), de Allan Kardec, pseudônimo do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail.

Allan Kardec, na verdade Hippolyte Léon Denizard Rivail

Óleo sobre tela, de G. E. Bianchini

Origem

O fenômeno que determinou o surgimento do espiritismo moderno ocorreu em 1848, na pequena cidade de Hydesville, no estado americano de Nova York. Na casa da família metodista de John D. Fox, ouviam-se com freqüência fortes pancadas nas paredes e no teto do quarto das meninas Katherine e Margaretha. A primeira, aos nove anos de idade, resolv eu desafiar o invisível a reproduzir as pancadas que ela mesma daria. A prontidão das respostas - vindas do espírito de um homem que teria sido assassinado naquela casa - marcou o início da comunicação com os mortos. Foi nessa época que proliferaram, a princípio nos elegantes salões europeus, as chamadas mesas falantes ou giratórias.

Doutrina

Considerado a obra básica do espiritismo, o livro de Kardec codificava a doutrina espírita, que se resume em cinco pontos:

1. Existência de Deus

Como inteligência cósmica responsável pela criação e manutenção do universo.

2. Existência da Alma ou Espírito

Envolvido pelo perispírito, que conserva a memória mesmo após a morte e assegura a identidade individual de cada pessoa.

3. Lei da Reencarnação

Pela qual todas as criaturas retornam à vida terrena e vão, sucessivamente, evoluindo no plano intelectual e moral, enquanto expiam os erros do passado.

4. Lei da Pluralidade dos Mundos

Isto é, da existência de vários pl anos habitados, que oferecem um âmbito universal para a evolução do espírito.

5. Lei do Carma ou da Causalidade Moral

Pela qual se interligam as vidas sucessivas do espírito, dando-lhe destino condizente com os atos praticados.

A doutrina espírita não tem altares, cultos, sacerdotes ou rituais e não combate as outras religiões. Afirma que todos serão salvos, embora uns o sejam antes de outros, de acordo com a ev olução do espírito nas sucessivas encarnações. Seus preceitos morais pregam o amor ao próximo e a Deus, a caridade e o progresso contínuo do espírito humano.

As manifestações extra-sensoriais ou de paranormalidade estão intimamente associadas ao espiritismo. A referência mais antiga encontra-se no Velho Testamento, com o relato da visita de Saul à pitonisa ou médium de Endor, que materializou a presença do profeta Samuel (I Sam 28:7-19).

A mediunidade é um fenômeno importantíssimo, dentro do espiritismo. É uma faculdade por meio da qual o médium - pessoa dotada de elevada capacidade de percepção extra-sensorial - manifesta os mais diversos dotes, como vidência, clarividência, clariaudiência, levitação, telecinesia (movimentação e/ou transporte de objetos), psicografia, emissão de ectoplasma, curas e outros.

Espiritismo no Brasil

O Brasil é considerado o maior país espírita do mundo. Denominado kardecismo em homenagem a seu codificador, o espiritismo no Brasil começou em Salvador BA em 1865. A partir de 1877, foram fundadas as primeiras comunidades espíritas, como a Congregação Anjo Ismael, o Grupo Espírita Caridade e o Grupo Espírita Fraternidade. Em 1883, surgiu O Reformador, a mais antiga publicação espírita do Bras il, e no ano seguinte Augusto Elias da Silva fundou a Federação Espírita Brasileira, que adquiriu grande projeção na gestão de Adolfo Bezerra de Meneses Cavalcante, a partir de 1895. A Livraria da Federação, criada em 1897, é responsável pela edição, distribuição e divulgação da vasta literatura espírita. Ao lado da difusão da doutrina, as organizações

espíritas brasileiras realizam um amplo trabalho de assistência social e fraternidade humana, com manutenção de asilos e outras instituições.

Dentre os principais médiuns brasileiros destaca-se sobretudo a figura de Francisco Cândido Xavier, autor de centenas de obras psicografadas e realizador de um intenso trabalho espiritual. Além dele, ganhou notoriedade José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, que efetivava curas e cirurgias pela incorporação do espírito do médico alemão conhecido como Dr. Fritz. Outro grande divulgador da doutrina é Divaldo Pereira Franco.

Quem é o "Outro Consolador"[1]?

[1] Por Aldo Menezes do Instituto Cristão de Pesquisas



Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, dito Kardecista, afirmou que Jesus predisse o surgimento do Espiritismo, quando disse: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador para que fique convosco para sempre, o Espírito de verdade". (João 14: 16 e 17). Segundo Kardec, o "Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido". Será?

Afirmamos que o Espiritismo não é o "outro Consolador" prometido por Jesus, pois, ao contrário do que ensinou Kardec, a promessa do "outro Consolador" não se cumpriu com o lançamento d' O Livro dos Espíritos, em 18 de abril de 1857, na França, mas cumpriu-se em Jerusalém, na terceira década do primeiro século, apenas alguns dias após a Ascensão de Jesus.

Relata a Bíblia: "E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitantes judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu". O apóstolo Pedro disse a estes que o que estava acontecendo era o cumprimento das palavras de Jesus: "Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas. De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar". (At 2:1, 4,5, 33).

Objeção

Querendo desacreditar o relato bíblico, Kardec afirmou que o cumprimento da promessa não poderia ter sido no primeiro século, pois o Espírito Santo "nada lhes ensinou a mais do que Jesus havia ensinado", sendo assim, "não realizou o

que Jesus anunciara do outro Consolador". Ora, Jesus não disse que o "outro Consolador" ensinaria todas as coisas num piscar de olhos. Suas palavras a princípio eram transmitidas oralment e e, aos poucos, sob a orientação do Espírito Santo, foram relembradas e a ssentadas por escrito, surgindo assim o Novo Testamento.

Ensinando Coisas Novas

O Espírito Santo ensinou coisas aos discípulos que não foram ditas ou esclarecidas por Jesus, pois não era o momento. Veja esses exemplos:

1. Os gentios

Por muitos séculos, os judeus mantiv eram uma atitude inamistosa para com os gentios (ou: não judeus), achando que estes eram indignos de ser chamados povo de Deus. E no inicio da formação da Igreja Cristã, a maioria provinha do judaísmo, trazendo consigo tal concerto. Contudo, a começar pelo apóstolo Pedro, o Espírito Santo demonstr ou que "Deus não faz acepção de pessoas, mas, em cada nação, o homem que o teme e que faz a justiça lhe é aceitável". (At 10:34, 45).

2. Circuncisão

Deus havia firmado uma aliança com Abraão e, tanto ele como os seus descendentes masculinos deveriam ser circuncidados. Em resultado disso, os israelitas desprezavam os gentios, c hamando-os de "incircuncisos" (um termo pejorativo). Isso influenciou muitos judeus convertidos ao Cristianismo no sentido de exigir tal prática dos gentios, querendo, inclusive, que estes guardassem a Lei de Moisés com todos os seus estatutos a fim de serem salvos. Porém, o Espírito Santo, mediante os apóstolos, orientou a questão, deixando claro que os cristãos "incircuncisos" não precisar iam submeter-se a tal prática nem guardar todas as observâncias da Lei de Moisés.

Antes, a salvação, tanto de judeus quanto de gentios, viria pela fé em Jesus Cristo. Disse o Espírito Santo por meio do apóstolo Paulo: "Porque não é judeu aquele que o é por fora, nem é circuncisão aquela que o é por fora, na carne. Mas judeu é aquele que o é no intimo, e a sua circuncisão é a do coração". (At 10 a 15 e Rm 2:28, 29).

Conclusão

Fica evidente, então, que o Espírito Santo cumpriu aquilo que Jesus disse sobre o "outro Consolador".

Portanto, o Kardecismo mente ao afir mar o contrário, incorrendo em grave erro: o de identidade ideológica.

Também, além de querer assumir o lugar do Espírito Santo, o Kardecismo tentar mudar sua identidade, afirmando que o Espírito Santo é um conjunto ou "falange de espíritos superiores". A Bíb lia, porém, apresenta o Espírito Santo como uma pessoa, ou seja, um ser com atributos e características pessoais (João 16:13, 14). Ele é Deus, assim como o Pai e o Filho (Atos 5:3, 4).

Sendo, portanto, integrante da Trindade, possui todos os atributos próprios da Divindade:

onipotência (Jó 26:13; 33:4; Romanos 15:13, 19);
onisciência (I Coríntios 2: 10, 11; Ezequiel 11:5);
onipresença (Salmo 139:7-l0; João 14:17);
eternidade (Hebreus 9:14; Salmo 90:2)...

Samuel Apareceu a Saul[1]?

[1] Bíblia Vida Nova. Edições Vida Nova S/C. S ão Paulo (SP). 1980. Quarta Edição. (Notas do capítulo 28 de I Samuel).

I Samuel 28:1-20:

Vendo Saul o arraial dos filisteus, temeu e estremeceu muito o seu coração.

Pelo que consultou Saul ao Senhor, porém o Senhor não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas.

Então disse Saul aos seus servos: Buscai-me uma necromante, para que eu vá a ela e a consulte. Disseram-lhe os seus servos: Eis que em En-Dor há uma mulher que é necromante.

Então Saul se disfarçou, vestindo outros trajes; e foi ele com dois homens, e chegaram de noite à casa da mulher. Disse-lhe Saul: Peço-te que me adivinhes pela necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser.

A mulher lhe respondeu: Tu bem sabes o que Saul fez, como exterminou da terra os necromantes e os adivinhos; por que, então, me armas um laço à minha vida, para me fazeres morrer?

Saul, porém, lhe jurou pelo Senhor, dizendo: Como vive o Senhor, nenhum castigo te sobrevirá por isso.

A mulher então lhe perguntou: Quem te farei subir? Respondeu ele: Faze-me subir Samuel.

Vendo, pois, a mulher a Samuel, gritou em alta voz, e falou a Saul, dizendo: Por que me enganaste? pois tu mesmo és Saul.

Ao que o rei lhe disse: Não temas; que é que vês? Então a mulher respondeu a Saul: Vejo um deus que vem subindo de dentro da terra.

Perguntou-lhe ele: Como é a sua figura? E disse ela: Vem subindo um ancião, e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra, e lhe fez reverência.

Samuel disse a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me subir? Então disse Saul: Estou muito angustiado, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim, e já não me responde, nem por

intermédio dos profetas nem por sonhos; por isso te chamei, para que me faças saber o que hei de fazer.

Então disse Samuel: Por que, pois, me perguntas a mim, visto que o Senhor se tem desviado de ti, e se tem feito teu inimigo?

O Senhor te fez como por meu intermédio te disse; pois o Senhor rasgou o reino da tua mão, e o deu ao teu próximo, a Davi.

Porquanto não deste ouvidos à voz do Senhor, e não executaste e furor da sua ira contra Amaleque, por isso o Senhor te fez hoje isto.

E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus. Amanhã tu e teus filhos estareis comigo, e o Senhor entregará o arraial de Israel na mão dos filisteus.

Imediatamente Saul caiu estendido por terra, tomado de grande medo por causa das palavras de Samuel; e não houve força nele, porque nada havia comido todo aquele dia e toda aquela noite.

Os Argumentos para I Sm 28

Existem vários argumentos que justif icam a conclusão que apresentaremos no final deste trabalho. Antes, todavia, vamos aos argumentos:

1. Anjos e manifestações do bem vêm de cima

Normalmente que vem da terra é demônio e quem vem do céu é anjo ou o Senhor.

Em apocalipse: “Vi emergir da terra um anjo”. Quem foi? Foi a besta.

A médium pergunta a Saul quem é que ela deveria fazer subir. Isso pressupõe que esse “Samuel” estivesse lá embaixo.

O céu não está relacionado com este universo físico, portanto, não está em cima, nem embaixo. No entanto, para efeitos referenciais no tempo e no espaço, e para questões históricas, quem vem do céu, vem de cima. Quem vem do inferno, vem de baixo.

2. Quem relata são os servos de Saul

Os versos 7 e 8 advertem que quem contou a história foram os servos de Saul, porque:

- Saul morreu alguns dias depois.
- Ele mesmo não iria contar pois implicaria em abominação para si mesmo. Era proibido em Israel, consultar médiuns, e só depois da sua morte a história foi contada.
- Em 21:7 cita que normalmente os servos eram estrangeiros.

Quem relata o episódio são servos de Saul e estrangeiros em Israel. Outras passagens bíblicas são atribuídas a pess oas estranhas aos escritores da Bíblia. Os discursos dos amigos de Jó (42:7), as afirmações do autor debaixo do sol, (Ec 3:19; 5:18; 9:7,9-10...), a fala da mu lher de Tecoa (II Sm 14:2-21)... Palavras e conceitos humanos. É normal que pess oas como elas desconhecessem os propósitos e as verdades de Deus

3. A conclusão que era Samuel partiu de Saul

Quando Saul lhe perguntou sobre sua aparência, ela disse que era um velhinho, de cabeça branca, com capa tal, e descreveu a roupa de Samuel. A Bíblia diz que Saul então concluiu no verso 14, que era Samuel. Foi uma conclusão, foi uma interpretação subjet iva. Saul não viu nada, e sim a mulher que descreveu a cena, vindo ele a concluir, como costuma acontecer no Espiritismo.

4. Mas a pergunta é: seria de Deus o aparecimento de Samuel a Saul?

A resposta é Não, conforme confirma I Crônicas 10:13-14:

Assim morreu Saul por causa da sua infidelidade para com o Senhor, porque não havia guardado a Palavra do Senhor; e também porque buscou a adivinhadora para a consultar, e não buscou ao Senhor; pelo que ele o matou, e transferiu o reino a Davi, filho de Jessé.

5. Samuel falou a verdade?

Não. Mentiu. Dos 5 motivos este é o principal. Veja abaixo os motivos:

a. Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus, suicidou-se

No verso 19 de I Sm 28, vemos que ele mentiu quando disse que Saul seria entregue nas mãos dos filisteus. Comprovamos isso quando lemos no verso 4 do capítulo 31, pois lá não diz que Saul foi entregue nas mãos dos filisteus, mas narra o primeiro **exemplo de suicídio** na Bíblia.

I Samuel 31:10-12: Puseram as armas de Saul no templo de Astarote; e penduraram o seu corpo no muro de Bete-Sã.

Quando os moradores de Jabes-Gileade ouviram isso a respeito de Saul, isto é, o que os filisteus lhe tinham feito, todos os homens valorosos se levantaram e, caminhando a noite toda, tiraram e corpo de Saul e os corpos de seus filhos do muro de Bete-Sã; e voltando a Jabes, ali os queimaram.

Saul foi cremado pelos homens de Jabes-Gileade. Portanto **não foram os filisteus que o mataram, nem o sepultaram.** Na verdade a profecia falhou, e o próprio Saul fez questão de fazer a profecia falhar.

b. Nem todos os filhos de Saul foram mortos em seguida

Do mesmo modo esse "Samuel" predisse que **todos os filhos de Saul seriam mortos**, e isso não aconteceu, apenas tr ês, sendo Jônatas um deles, como está escrito em I Sm 31:8 e II Cr 10: 2-6. Outros três ficaram vivos. Veja II Sm 2:10.

Esse foi o primeiro filho de Saul que ficou vivo. Arnoni e Mefibosete, são os outros sobreviventes, citados em II Sm 21:8.

c. Saul não morreu no dia seguinte, mas 19 dias depois

A profecia deste pseudo-Samuel, falhou também, porque o verso 19 diz que **Saul ia morrer no dia seguinte, e ele morreu uns 19 dias depois.**

Lendo-se atentamente o capítulo inteiro de I Samuel 30, observa-se que esse fato é exatamente paralelo ao encontro de Saul com a médium. Com isso já eram passados três dias.

No verso 13, mais três dias ; no verso 17, mais um dia de luta. Com os 8 dias que Davi gastou para voltar, mais 2 dias registrados em II Sm 1:1, e mais 2 dias (o da necromante mais o da morte), chegamos à soma de 19 dias caindo, portanto, por terra a profecia do "pseudo-Samuel" que afirmara a Saul: **"Amanhã você vai estar comigo".**

d. Saul morreu e não foi estar junto com Samuel

A providência de Deus, que ia trazer juízo sobre Saul, fez todavia que o fato acontecesse 19 dias depois. Além disso, a profecia falhou também pelo fato de "Samuel" **ter dito a Saul que ele juntamente com os filhos estariam com ele no dia seguinte.**

Todavia, Samuel estava na presença de Deus, sendo assim, como estão Saul, que estava em pecado, morreria e iria para o mesmo lugar onde Samuel estava. Sabemos que um suicida está certamente condenado.

A menos que esse "Samuel" fosse um Samuel muito suspeito, que estivesse de boca aberta dizendo: *"Você nem imagina quem estará falando quando você chegar aqui e eu tirar a capa e a peruca branca..."*

e. Finalizando

Não há razão para pensar que não fosse o diabo.

Conclusão

Por que Os Espíritos Enganam?

Razões para que os espíritos (espíritas) enganem-nos que fazem o bem:

1. Desviar as pessoas da cruz de Cristo e da salvação pela fé.
2. Contradição

Os espíritas afirmam que Jesus é o espírito de luz mais evoluído que já passou pelo planeta. O espírito mais evoluído esteve "enganado" quando afirmou em sua doutrina, a parte mais fundamental dela, que os homens salvar-se-iam dos seus pecados, crendo na sua morte vicária na cruz do Calvário, quando na verdade, bastaria que, para obter a salvação, os homens praticassem boas obras e encarnassem algumas vezes.

É impossível saber se o que os espíritos ensinam é verdade. Se o maior espírito de luz, Jesus, enganou-se com relação à parte fundamental da sua doutrina, por que, então, os espíritos de menos luz, como Kardec, Chico Xavier, Dr. Fritz, estariam certos? Se Kardec estava certo e Cristo errado, então, Kardec tinha mais luz do que Cristo? Evidente que não.

A única razão porque penso que os espíritos ensinam e fazem o bem nas sessões de mesa branca é porque, assim, eles podem envenenar os homens bons que amam a vida e a sinceridade.

Matar, Roubar e Destruir

Observem: se um homem quer suicidar-se e eu o odeio, eu dou a ele veneno e ele o tomará. Mas, se eu odeio e quero matar um homem que ama a vida, então não posso lhe dar veneno, pois ele não o tomará. Nesse caso, precisarei armar uma estratégia para matá-lo. Terei que atrai-lo, fazendo-lhe o bem. Talvez até eu pudesse lhe oferecer um maravilhoso jantar e, aí, sim colocar veneno na sua comida sem que ele percebesse.

A macumba (baixo espiritismo) é o veneno para os que querem morrer, pois quem a ele recorre não está enganado. Lá não se faz sigilo sobre o mal que se tenciona fazer. Todavia, o espiritismo kardecista (alto espiritismo) é o jantar gostoso que se serve ao homem que ama a vida e que não deseja morrer. Ambas são estratégias do diabo para atingir pessoas diferentes. Com a macumba, ele oferece veneno aos desesperados. Com o espiritismo, um jantar envenenado aos bem-intencionados.

Portanto recorremos aqui à própria Bíblia para desmentir a possibilidade de alguém interpretar a passagem de I Samuel 28 de maneira espírita ou esotérica. O demônio por trás do manto e da peruca branca do pseudo-Samuel mentiu o tempo inteiro. A Bíblia provou isto. Se fosse o verdadeiro Samuel não mentiria. Era um profeta.

Este Samuel era um demônio! Como o é os demônios que "encarnam" em sessões espíritas. É chegada a hora de desmentirmos estes "espíritos" enganadores.

Como Evangelizar Espíritas

O Espiritismo trabalha justamente na área em que os homens são mais suscetíveis: a saudade.

Após se colocar os três fundamentos:

- Jesus é histórico,
- Ele ressuscitou e
- A Bíblia é a Palavra de Deus,

Peça que leiam o que a Bíblia diz sobre o espiritismo:

Deuteronômio 18:9-12: Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te dá, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos.

Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor, e é por causa destas abominações que o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti.

Deus não faz diferença entre a magia negra e o espiritismo kardecista.

Levítico 19:26,28,31:Não comereis coisa alguma com o sangue; não usareís de encantamentos, nem de agouros.

Não fareis lacerações na vossa carne pelos mortos; nem no vosso corpo imprimireis qualquer marca. Eu sou o Senhor.

Não vos voltareis para os que consultam os mortos nem para os feiticeiros; não os busqueis para não ficardes contaminados por eles. Eu sou o Senhor vosso Deus.

Outros versículos: Isaías 8:19, Zc 10:2, Ml 3:5, Atos 8:9, Atos 16:16, At 19:19-20, Gl 5:19-21, Ap 21:8 e 22:15.

Os Argumentos Finais

O espiritismo e a necromancia trabalham justamente na área em que os homens são mais suscetíveis: **a saudade**.

Imaginem um ser invisível que existe há milênios e que é muito mais inteligente do que Einstein. Além disso, imaginem que esse ser desenvolveu uma cultura científica, sendo, portanto, um sábio milenar. Em relação aos homens, ele poderia ser chamado de um psicólogo milenar. Assim são os **demônios**.

Por serem invisíveis, eles podem ver e estudar as pessoas sem serem vistos. Podem obter conhecimento durante anos e anos, já que não morrem. Podem guardar e computar dados e inform ações sobre qualquer homem, conhecendo detalhes de sua vida, talvez até melhor que os próprios homens.

E, por isso, não é difícil entender como conseguem parecer-se tanto com os seres humanos falecidos, se fazendo passar por eles, pois os conheciam intimamente.

Os anjos bons acampam-se ao nosso redor e nos livram (Sl 34:7, Mt 18:10, Lc 15:10...). Do mesmo modo os anjos decaídos acampam-se ao nosso redor e nos afligem. São no mínimo 2 secretários (1 bom e outro mau). Anotam tudo durante toda a nossa vida. Sabem de tudo. Quando morremos o anjo bom leva o nosso relatório-livro, diante de Deus, pelo qual seremos julgados (Ap 20:12). O anjo mau ou demônio, por sua vez, assume a nossa identidade e nos representa perante este mundo e os vivos, através dos médiuns, onde revela o nosso relatório com acerto e "autoridade". É por isto que Paulo fala da luta que temos com as "forças espirituais do mal".

Estes espíritos malignos são testados facilmente por nós crentes, por que não conseguem dizer que Jesus é o próprio Deus, e que se fez carne para destruir as obras do diabo.

I João 4:2: isto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;

Quem não confessa isto, não procede de Deus, mas do diabo.

11.2. Espiritismo ou Baixo Espiritismo

Veja Espiritismo Afro-Brasileiro e Vodu, Magia Negra e Cabala.

11.3. Legião da Boa Vontade (LBV)

Movimento ecumênico fundado por Alziro Zarur (1914-1979).

Embora não filiada à Federação Espírita Brasileira, aceita a ìdéia de Alziro Zarur, segundo a qual ele era a reencarnação de Kardec. Não crê que Cristo tivesse corpo real e humano, seguìndo a linha de pensamento de João Batista Roustaing.

Com uma pregação essencialmente espírita, o jornalista e radialista José de Paiva Netto, atual presidente da Legião da Boa Vontade, inaugurou em 21 de outubro de 1989, em Brasília, o Templo da Boa Vontade (TBV), símbolo maior do Ecumenismo Irrestrito. Irrestrito porque foi erigido também para os espíritos, conforme suas próprias palavras, que "a inda são invisíveis aos nossos olhos materiais, contudo existem".

A LBV é conhecida em todo o Brasil por seu assistencialismo, em vários níveis, desde creches, hospitais, alimentação, educação, ecologia...

Doutrina

A LBV subtrai de Jesus sua natureza humana, dizendo que Jesus possui apenas um corpo aparente ou fluídico, além de negar sua divindade, dizendo que ele "não é Deus e jamais afirmou que fosse Deus".

Um dos maiores movimentos sincréticos do Brasil, pois sua doutrina faz a união do espiritismo com esoterismo, religiões egipcías, religiões orientais

(islamismo, budismo, hinduísmo), judaísm o, cristianismo e outros movimentos filosóficos e científicos, não necessariamente religiosos.

Prega o ecumenismo em todos os níveis, para todas as religiões.

Negam a humanidade de Jesus e por conseguinte a Sua ressurreição.

Jesus também não é Deus.

Acreditam na reencarnação.

Não acreditam no grande Julgamento após a morte.

Não existe céu, nem anjos, e não existe inferno e nem tormentos.

A salvação é pelas obras.

11.4. Racionalismo Cristão

Fundado em 1910 por Luiz de Mattos. Luiz José de Mattos nasceu em Portugal, em 3/1/ 1860. É panteísta e fa la de Deus como "O Grande Foco", "Inteligência Universal". Possui templo s suntuosos em várias regiões de São Paulo.

11.5. Santo Daime

Sumário

Esta seita usa, durante seus rituai s, um alucinógeno que é um chá conhecido como *Ayauhasca* obtido pelo cozimento de um cipó e algumas outras plantas, todas obtidas da Amazônia. Segundo seus dirigentes o chá teria poderes para desvendar novos mundos a seus consumidores. A seita originou-se nos anos 20 no interior do Acre e foi batizada como Santo Daime.

Os seus dirigentes atuais são homens de passado duvidoso.

Na justiça existem grandes pacotes de processos levantados contra os Daimistas.

O número de seguidores que cometeram suicídio é muito grande.

Os daimistas administram este chá alucinógeno nas mamadeiras dos bebês e ao mesmo tempo engordam as denúncias de que, em seus rituais, muitas pessoas são levadas à loucura e à morte.

Enzima

A ayauhasca é uma criação espantosa da medicina indígena, uma combinação química deita pelos nat ivos a partir de dois vegetais. O psicobiologista Elisaldo Carlini, da Escola Paulista de medicina explica que o cipó, conhecido como jagupe, contém dimetiltriptamina, ou DMT, uma substância que, quando ingerida, produz fortes alterações mentais.

Ocorre que, uma das enzimas presente no intestino humano impede a absorção do DMT. A função do segundo ingrediente da ayauhasca, a planta conhecida como rainha é neutralizar essa enzima.

O DMT pode levar a vários estados de alteração mental, explica o médico Carlini. A pessoa pode entrar em delírio, ter alucinações ou apenas ilusões visuais.

No início de 1995, o Conselho Federal de Entorpecentes determinou que o chá não seja ministrado a menores de idade nem a portadores de qualquer forma de distúrbio mental. A primeira determinação é solenemente ignorada pelos daimistas. Quanta a segunda, não há nenhum controle a respeito da saúde mental dos que consomem o chá.

Mercado Negro

Os médicos concordam que a ayauhasca, quando tomada apenas durante a cerimônia, para atingir o transe espiritual, é inofensiva. Acontece que cada vez mais ela vem sendo usada indiscriminadam ente. Os grandes centros daimistas fabricam cerca de 8000 litros de chá por ano. Nos últimos tempos, até em centros de candomblé de Rio Branco pode-se ver gente consumindo ayauhasca. Muitas pessoas estão pirando com o Daime, largando a família, o trabalho, porque tomam a bebida sem acompanhamento espiritual, diz um veterano daimista de Rio Branco. Parte do chá produzido no país é exportada para os dez centros daimistas que hoje funcionam no exterior, na França, Espanha, Holanda e Finlândia. Teoricamente, ele deveria chegar a esses países de graça, ou em troca das pequenas doações mensais de 5 ou l0 reais que os adeptos do daime costumam destinar aos centros para cobrir os custos de produção. Sabe-se, no entanto, que a ayauhasca no exterior já; e comercializada no mercado negro, a 30 dólares o litro.

A aldeia do Céu do Mapiá reúne hoje (1996), cerca de 800 pessoas que vivem em regime comunitário. Está instalada dentro da Floresta Nacional Mapiá-Inauini, criada pelo governo Sarney em 1989 no sul do Amazonas. Lá os daimistas dedicam-se a atividades extrativistas, beneficiam frutas e castanhas, realizam seus cultos e, no dia-a-dia da comunidade, praticam o escambo com alimentos e serviços.

Messianismo

Não faltam testemunhos, porém, de que o Céu do Mapiá está longe de ser um paraíso. Um publicitário paulista que passou três anos no local diz que o espírito comunitário do Cefluris (União do vegetal) vale apenas para os habitantes mais humildes. Os mais esclarecidos formam uma classe dominante, que come melhor e tem acomodações mais confortáveis, afirma ele.. Um estudante gaúcho que há pouco tempo passou um período no Mapiá também voltou com má impressão. Há muita gente que está lá apenas para ficar doidona, e quem tem dinheiro vive muito melhor, ele diz. Possuem 3 núcleos na Itália e 1 no Rio.

Quem Fundou

A ayauhasca é usada tradicionalmente por vários grupos indígenas da Amazônia. Ela entrou no Santo Daime através do criador da seita, o agricultor Irineu Serra, morto em 1971 aos 79 anos. Ele próprio escreveu as centenas de hinos entoados nos cultos. Os hinos, que misturam o cristianismo e o espiritismo, falam de Deus e do amor, das virtudes do trabalho e da justiça. Juntos, formam um livro de mais de 300 páginas, cujos exemplares hoje costumam ser impressos na gráfica do Senado Federal como uma homenagem dos políticos do Acre aos eleitores daimistas. Sua maior concentração de fiéis vive num local da selva amazônica acessível apenas a barcos pequenos. Embora vivam quase como índios, muitos deles são agressos da classe média das grandes capitais brasileiras. Há também filhos de famílias ricas. Embalam sua fé com uma droga alucinógena, consumida fartamente até pelas crianças. Atraem artistas de sucesso e turistas estrangeiros. São comandados por um terrorista transformado em líder espiritual.

Basta assistir a uma cerimônia do Santo Daime para verificar como seus rituais podem facilmente induzir ao fanatismo. Portanto as obrigatórias roupas cerimoniais, chamadas de fardas, eles se reúnem no templo e chegam a passar doze horas seguidas dançando e cantando hinos religiosos. O ritmo da cerimônia é frenético, obsessivo. O combustível, tanto para empreender o mergulho espiritual quanto para suportar a maratona física, é a ayauhasca, o chá alucinógeno, consumido repetidamente durante o culto.

Crime Passional

O pai de Carlos Alberto, Luiz Macedo, publicitário e vice presidente do Jockey Clube do Rio de Janeiro conta que passou por um sufoco para tentar tirar o filho do Santo Daime. Ele estava a beira do fanatismo, sofreu uma lavagem cerebral, foi explorado, havia um cerco em volta do meu filho. Duvido que algum pai cujo filho tenha freqüentado o Santo Daime e tenha alguma palavra de simpatia pela seita. O padrinho Sebastião Mota, responsável pela introdução na seita do hábito hoje teoricamente abandonado, de acompanhar a beberagem da ayauhasca com cigarros de maconha batizada de <santa maria>. A Polícia Federal resolveu acabar com a festa, os policiais queimaram uma enorme plantação de maconha.

Pouco antes do episódio da maconha, seu ex-sócio no comércio de secos e molhados foi preso por tráfico de cocaína. E há vinte anos ele foi indiciado num processo de crime passional por ter matado e cortado os órgãos sexuais de um desafeto que andava tentando seduzir as mulheres da colônia. No julgamento, foi absolvido sob a tese de legítima defesa da honra.

O Céu do Mapiá é hoje freqüentado por turistas brasileiros e estrangeiros que buscam conforto espiritual ou apenas uma aventura exótica.

O cantor Eduardo Dusek guarda boas lembranças: O Daime é uma terapia natural, se parece com as viagens de regressão conduzidas pelos psiquiatras. Já a atriz Maitê Proença, que tomou ayauhasca até o sexto mês de gravidez de sua filha Maria, simplesmente se recusa a falar no assunto. Sua colega Lucélia

Santos, que chegou a ser a garota-propaganda do Santo Daime, também não abre a boca para avaliar sua passagem pela seita. O ator Raul Gazola , porém, que na época era casado com Lucélia, tem reclamações a fazer. Eles passaram a perna na Lucélia, que arrecadou 30.000 dólares para a seita e, quando foi ver, o dinheiro havia sumido, acusa Gazolla. O Santo Daime tem muita gente com fé, mas os que administram a seita só tem má fé. Freqüentadas e administradas por gente simples e humilde, que busca preserva r as tradições primitivas da seita. Nesses centros não há turistas, projetos comunitários, ou líderes messiânicos. Mas é outra a situação do grupo instalado. Tanto em Rio Branco quanto em Boca do Acre - cidadezinha que funciona como base para tomar as embarcações até o Mapiá.

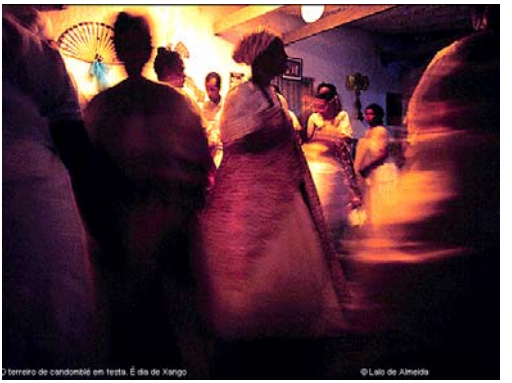
Espiritismo Afro-Brasileiro

Todos os dias Deus nos dá um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes. O instante mágico é o momento em que um .sim. ou um .não. pode mudar toda a nossa existência. Anônimo

12. Espiritismo Afro-Brasileiro

12.1. Candomblé[1]

[1] Por Sílvia Campolim - Revista Super Inte ressante com pequenos acréscimos de material da Barsa - ©Ency clopaedia Britannica do Brasil Publicaç ões Ltda. Para saber mais: A cara de Zumbi (SUPER Interessante número 11, ano 9)



Momento da Dança e do "Baixar" dos Espíritos

Os navios negreiros que chegaram entre os séculos XVI e XIX traziam m ais do que africanos para trabalhar com o escravos no Brasil Colônia. Em seus porões, viajava tam bém um a religião estranha aos portugueses.

Considerada feitiçaria pelos coloniz adores, ela se transform ou, pouco m ais de um século depois da abolição da escravatura, num a das religiões m ais populares do país.

Quem gosta de cachaça é Exu. Quem veste branco é Oxalá. Quem recebe oferendas em alguidares (vasos de ce râmica) são orixás. E quem adora os orixás são milhões de brasileiros. O candomblé, com seus batuques e danças, é uma festa. Com suas divindades geniosas , é a religião afro-brasileira mais influente do país.

Não existem estatísticas que dêem o número exato de fiéis. Os dados variam. Segundo o Suplemento sobre Participação Político-Social da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1988, 0,6% dos chefes de famí lia (ou cônjuges) seguiam cultos afro-brasileiros. Um levantamento do Institut o Gallup de Opinião Pública, no mesmo ano, indicou que candomblé ou umbanda era a religião de 1,5% da população. Isto significa 2,5 milhões de seguidores (1999).

São índices ridículos se comparados à multidão que lota as praias na passagem de ano, para homenagear Iemanjá, a orixá (deusa) dos mares e oceanos. Elisa Callaux, gerente de pes quisa do IBGE, explica por que, tradicionalmente, os índices dos institut os não refletem exatamente a realidade: "Os próprios fiéis evitam assumir, por medo do preconceito." Ela tem razão. A mais célebre mãe-de-santo do Brasil, Menininha do Gantois, falecida em 1986, declarou certa vez ao pesquisador do IBGE que era católica apostólica romana.

De seu lado, a Federação Nacional de Tradição e Cultura Afro-Brasileira (Fenatrab) desafia ostensivamente as cifr as oficiais e garante haver 70 milhões de brasileiros, direta ou indiretamente, ligados aos terreiros - seja como praticantes assíduos, seja como c lientes, que ocasionalmente pedem uma bênção ou um "serviço" ao mundo sobrenatural.

Você pode achar um exagero, e talvez seja mesmo, mas terreiro é o que não falta. Em 1980, num convênio da Prefeitura de Salvador com a Fundação Pró-Memória, o antropólogo Ordep Serra, da Universidade Federal da Bahia, concluiu um mapeamento dos terreiros existentes na região metropolitana de Salvador. Eram 1.200. "Hoje são muitos mais", assegura Serra.

Mais recentemente, o Instituto de Estudos da Religião (ISER) verificou que 81 novos centros "espíritas" (englobando cult os afro-brasileiros e kardecismo) haviam sido abertos no Grande Rio de Janeiro no ano de 1991, e que, em 1992, surgiram outros 83. O sociólogo R eginaldo Prandi, da Universidade de São Paulo, contou, em 1984, 19 500 terreiros registrados nos cartórios da capital paulista.

Onde tem terreiro, tem festa. Por isso, para levar você ao mundo do candomblé, Há necessidade de visitar uma festa no terreiro. Você conhecerá em detalhes um dos fenômenos mais impressionantes da civilização brasileira.

Canto e Dança



As cantigas do candomblé baiano

Ainda estão impregnadas de ritmos e melodias que atestam procedência africana[1]

[1] Foto da ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Paradigma dos cultos de origem africana em todo o país, o ritual do candomblé pode ser considerado, do ponto de vista musical, um oratório dançado. Cada entidade - orixá, exu ou erê - tem suas cantigas e suas danças específicas. O canto é puxado, em solo, pelo pai ou mãe-de-santo e é seguido por um coro em uníssono, formado pelos filhos-de-santo. Da cerimônia participam três instrumentos básicos: os atabaques, o agogô e o piano-de-cuia (aguê). A estes se acrescentam um adjá (no candomblé das nações do grupo jeje-nagô) e um caxixi (nos ritos do grupo angola-congo).

Tal como se encontra na Bahia, esse candomblé, que pode ser considerado mais ou menos ortodoxo, na realidade já se apresenta como um resumo de várias religiões trazidas pelos negros da África e in corpora ainda elementos ameríndios, do catolicismo popular e do espiritismo. O chamado Sincretismo.

O Barracão Está Pronto: a Festa Vai Começar

São nove horas da noite. Os tocadores de atabaque, chamados alabês, estão a postos em seus lugares. O público - cerca de 40 pessoas - aguarda em silêncio, acomodado em bancos rústicos de madeira. Os homens, na fileira à direita da porta. As mulheres, do lado esquerdo. Separados, para evitar um eventual namoro. Afinal, ali não é lugar para isso. Estamos num templo do candomblé, a Casa Branca, em Salvador, Bahia, o pioneiro do Brasil, fundado em 1830. A festa (que pode ser comparada a uma missa católica) vai homenagear Xangô, o deus do fogo e do trovão.

O barracão foi decorado durante toda a tarde. O teto de telha-vã foi escondido por bandeirolas brancas e vermelhas - as cores de Xangô. As paredes estão enfeitadas de flores e folhas de palmeira de dendê desfiadas. Vai começar o toque, como é chamada a festa de candomblé no Brasil. Ela é aberta a todos os orixás (deuses, que também podem ser chamados de santos) que quiserem homenagear Xangô.

O que o público vai assistir é parte de um ritual que começou horas antes. Na madrugada, os filhos-de-santo fizeram o sacrifício para o orixá homenageado. Nas primeiras horas da manhã, as filhas-de-santo prepararam a comida. Durante a tarde, foi feita a oferenda aos deuses, e Exu, o mensageiro entre os homens e os orixás, foi despachado. Entenda melhor essa preparação

O Calendário Litúrgico

Muitas festas não têm dia certo para acontecer. As festas normalmente estão associadas aos dias santos do catolicismo. Mas as datas podem variar de terreiro para terreiro, de acordo com a disponibilidade e as possibilidades da comunidade. De maneira geral, o que importa é comemorar o orixá na sua época.

As principais festas, ao longo do ano, são as seguintes:

Abril: Feijoada de Ogum e festa de Oxóssi (associado a São Sebastião), em qualquer dia.

Junho: Fogueiras de Xangô (associados a São João e São Pedro), dias 25 e 29.

Agosto: Festa para Obaluaiê (associado a São Lázaro e São Roque) e festa de Oxumaré (associado a São Bartolomeu), em qualquer dia.

Setembro: Começa um ciclo de festas chamado Águas de Oxalá, que pode seguir até dezembro. Festa de Erê, em homenagem aos espíritos infantis (associados a São Cosme e Damião). Festa das iabás (esposas de orixás) e festa de Xangô (associado a São Jerônimo), em qualquer dia.

Dezembro: Festas das iabás Iansã (Santa Bárbara), dia 4, Oxum e Iemanjá (associadas a Nossa Senhora da Conceição), dia 8. Iemanjá também é homenageada na passagem de ano.

Janeiro: Festa de Oxalá (coincide com a festa do Bonfim, em Salvador), no segundo domingo depois do dia de Reis, 6 de janeiro.

Quaresma: O encerramento do ano litúrgico acontece durante os quarenta dias que antecedem a Páscoa, com o Lorogun, em homenagem a Oxalá.

Ao Som dos Atabaques, o Santo "Baixa"

Fotografar uma festa de candomblé não é tão fácil. Na Casa Branca, é absolutamente proibido. Mas outros terreiros, como o ilê axé ajagonã obá-olá fadaká, em Cotia, região da grande São Paulo, são mais liberais. Nesta casa, podemos bater fotos da cerimônia em homenagem a Xangô. Mas com uma ressalva: a de jamais fotografar de frente um filho-de-santo com o orixá "incorporado".

A casa está cheia: 85 pessoas lotam o barracão. Os atabaques começam a "falar" com os deuses. Os orixás são invocados com cantigas próprias e os filhos-de-santo "entram na roda", um a um, na chamada ordem do xirê: primeiro, o filho de Ogum, seguido pelos filhos de Oxóssi, Obaluaiê e assim por diante.

Ao som do canto e da batida dos atabaques, cada integrante da roda entra em transe. O corpo estremece em convulsão, às vezes suavemente, outras vezes com violência. Agora, os filhos "incorporam" os orixás e dançam até que o pai-de-santo autorize, com um aceno, sua saída, para serem arrumados pelas camareiras, chamadas equedes. Logo depois, eles voltam ao barracão, vestindo roupas, colares e enfeites típicos de seu santo. Ao ouvir seu cântico, cada um começa a dançar sozinho uma coreografia que conta a origem do orixá "incorporado".

É quase meia-noite quando os atabaques tocam as cantigas de Oxalá, o criador dos homens. Saudado Oxalá, é hora da comunhão com os deuses: os pratos são servidos aos participantes da festa. O xirê chega ao fim.

Muitos vem a estes eventos sim plesmente pela refeição servida, pois em alguns casos é a única refeição que ele terá naquele dia.

Sem Música, Não Existe Cerimônia

Tudo acontece sob a batida de três atabaques

Os três atabaques que fazem soar o toque durante o ritual também são responsáveis pela convocação dos deuses.

O rum funciona como solista, marcando os passos da dança. Os outros dois, o rumpi e o ié, reforçam a marcação, reproduzindo as modulações da língua africana iorubá - uma língua cantada, como o sotaque baiano. Além dos atabaques, usam-se também o agogô e o xequerê.

São, ao todo, mais de quinze ritmos diferentes. Cada casa-de-santo tem até 500 cânticos. Segundo a fé dos praticantes, os versos e as frases rítmicas, repetidos incansavelmente, têm o poder de "captar" o mundo sobrenatural. Essa música sagrada só sai dos terreiros na época do carnaval, levada por grupos e blocos de rua, principalmente em Salvador, como Olodum ou Filhos de Gandhi .

As Divindades Têm Defeitos Humanos

Em qualquer terreiro, a entrada dos orixás na festa segue sempre a mesma seqüência da ordem do xirê (ordem de "entrada" dos orixás). Depois de despachar Exu, o primeiro a entrar na roda é Ogum, seguido de Oxóssi, Oba-Luaiê, Ossaim, Oxumaré, Xangô, Oxum, Iansã, Nanã, Iemanjá e Oxalá.

Segundo a tradição, os deuses do candombl é têm origem nos ancestrais dos clãs africanos, divinizados há mais de 5.000 anos. Acredita-se que tenham sido homens e mulheres capazes de manipul ar as forças da natureza, ou que trouxeram para o grupo os conhecimentos básicos para a sobrevivência, como a caça, o plantio, o uso de ervas na cura de doenças e a fabricação de ferramentas.

Os orixás estão longe de se parecer com os santos cristãos. Ao contrário, as divindades do candomblé têm caracterís ticas muito humanas: são vaidosos, temperamentais, briguentos, fortes, maternais ou ciumentos. Enfim, têm personalidade própria. Cada traço da personalidade é associado a um elemento da natureza e da sua cultura : o fogo, o ar, a água, a terra, as florestas e os instrumentos de ferro. Como os deuses das culturas antigas.

Na África Ocidental, existem mais de 200 orixás. Mas, na vinda dos escravos para o Brasil, grande parte dessa tradiç ão se perdeu. Hoje, o número de orixás conhecidos no país está reduzido a dezesseis. E, mesmo desse pequeno grupo, apenas doze são ainda cultuados: os outros quatro - Obá, Logunedé, Ewa e Irôco - raramente se "manifestam" nas festas e rituais.

Deuses e Homens sob o Mesmo Teto

O terreiro, ou casa-de-santo, é simultaneamente templo e morada. A vida cotidiana dos mortais mistura-se com os ri tuais dos orixás. A família-de-santo (a mãe ou o pai e os filhos-de-santo, não necessariamente parentes de sangue) divide os cômodos com os deuses.

A divisão do espaço, na Casa Branca, em Salvador, lembra os " *compounds*" africanos, ou *egbes* - antigas habitações coletivas dos clãs, usadas principalmente pelos povos de língua ior ubá. O cômodo principal é o barracão , o salão onde humanos e santos se encontram nas festas.

Por trás do barracão, há várias instalações comuns a uma residência: salas de jantar e de estar, cozinha e quartos - nem todos destinados aos mortais. Há os quartos-de-santo, onde ficam os pejis (altares) e os assentamentos (objetos e símbolos) dos orixás. Aí são feitas as oferendas. Na Casa Branca, os dois únicos orixás que têm quartos dentro da casa são Xangô e Oxalá.

O roncó é um quarto especial onde os abiãs (noviços) ficam recolhidos durante o processo de iniciação. Essa proximidade dos abiãs com os outros membros do terreiro é fundamental: é assi m que os iniciados entram em contato com os procedimentos rituais da casa. O fiel do candomblé aprende com os olhos e os ouvidos. Ele deve prestar atenção a tudo e não perguntar nada.

Os terreiros têm também uma área externa , onde estão as casas dos outros orixás. A de Exu, por exemplo, fica perto da porta de entrada.

Sucessão: Guerra à Vista

A sucessão numa casa-de-santo é sempre tumultuada: basta o pai-de-santo morrer para ter início uma verdadeira guerra entre orixás. Os filhos que não concordam com a indicação dos búzios costumam abandonar o terreiro e fundar sua própria casa. Foi assim que nasceu, no início do século, o Gantois - uma das casas mais conhecidas em Salvador. A partir da década de 70, mãe Menininha do Gantois se tornou conhecida no Brasil inteiro, cantada por compositores, como Dorival Caymmi e Caetano Veloso, e venerada por intelectuais, como Jorge Amado. Mãe Menininha morreu aos 92 anos de idade, em 1986. Deixou em seu lugar mãe Creusa.

Por Meses, o Noviço só Come Com as Mãos

Os filhos-de-santo são os sacerdotes dos orixás, da mesma forma como, na Igreja Católica, os padres são os r epresentantes de Deus. Nem todos, porém, são preparados para "receber" os santos. Existem:

- os que cuidam dos filhos-de-santo quando os orixás "baixam",
- os que sacrificam os animais,
- os que tocam os atabaques e
- os que preparam a comida.

Os búzios, usados como instrumento de adivinhação, é que vão dizer qual a função de cada um.

A entrada para essa hierarquia é a indicação do orixá. É o que se chama "bolar no santo ". A partir daí, o abiã (noviço) tem de se submeter aos rituais de iniciação - cerimônias do bori, orô e saídas de iaô.

Um recém-iniciado passa de um a seis meses vivendo dentro de severas restrições. É o tempo de quelê - o período em que o abiã usa um colar de contas justo ao pescoço. Enquanto usar o quelê, ele deve vestir branco, comer com as mãos e sentar-se só no chão. Estão proibi das as relações sexuais e os pratos que não sejam os de seu orixá.

Nem todos os terreiros seguem à risca todas as imposições. Mas pelo menos algumas têm de ser obedecidas: é parte do compromisso do abiã com seu orixá e seu pai ou mãe-de-santo. As obrigações não terminam por aí: o iniciado, que agora se chama iaô , terá de cumprir ainda três rituais - depois de um ano, três anos e sete anos -, com sacrifícios, toques e oferendas. Só depois ele pode se candidatar a ebômi, o degrau seguinte da hierarquia.

A Sabedoria da Morte e da Adivinhação

Como toda "religião", o candomblé tem sua maneira própria de encarar a morte. Segundo a crença, a alma vive no Orum, que corresponde, mais ou menos, ao céu dos católicos . Ela é imortal e faz várias passagens do Orum para

a vida terrena. Cada um tem controle sobre essas "viagens". Quem tem uma boa experiência em vida, pode escolher um destino melhor, na vinda seguinte.

Aqui na Terra, nada que se refira aos deuses e ao futuro pode ser dito sem a consulta ao ifá, ou seja o jogo de **búzios**, conchas usadas como oráculo. O ifá revela o orixá de cada um e orienta na solução de problemas.

O jogo usa dois caminhos: a aritmética e a intuição. Pela aritmética, é contado o número de conchas, abertas ou fechadas, combinadas duas a duas. Para interpretar todas as combinações possí veis dos búzios, o pai-de-santo conhece de cor 256 lendas que traduzem as mensagens dos deuses. Isso não é nada raro no candomblé, onde nada é escrito. Toda a sabedoria é transmitida oralmente.

No outro sistema de adivinhação, o intu itivo, o pai-de-santo estuda a posição dos búzios em relação a outros elementos na mesa, como uma moeda ou um copo d'água. Se o búzio cai perto da moeda, por exemplo, pode indicar que não há problemas com dinheiro. Mas é preciso estar preparado: os orixás vão "cobrar pela consulta" uma obrigação. Mãe Kutu, que foi formada pela Casa Branca e está montando seu próprio terreiro, diz: "Se não vai fazer a obrigação, é melhor nem perguntar aos búzios."

Reza Para o Santo Católico e Vela Para o Orixá

Existem diferentes tipos de candomblé no Brasil, cada um deles saído de uma nação. A palavra "nação" aqui não tem nada a ver com o conceito político e geográfico, mas com os grupos étnicos daqueles que foram trazidos da África como escravos. As diferenças aparecem principalmente na maneira de tocar os atabaques, na língua do culto e no nome dos orixás.

Os povos que mais influenciaram os quatro tipos de candomblé praticados no Brasil são os da língua iorubá. Os rit uais da Casa Branca, em Salvador, e da casa de Cotia, em São Paulo, descritos neste texto, pertencem ao tipo Queto.

A mistura com o catolicismo foi um a questão de sobrevivência. Para os colonizadores portugueses, as danças e os rituais africanos eram pura feitiçaria e deviam ser reprimidos. A saída, para os escravos, era rezar para um santo e acender a vela para um orixá. Foi assim que os santos católicos pegaram carona com os deuses africanos e passaram a ser associados a eles. A partir da década de 20, o espiritismo também entrou nos terreiros, criando a umbanda, com características bem diferentes.

Assim, o candomblé já se incorporou à alma brasileira. Tanto é que o país inteiro conhece o grito de felicidade - a saudação mágica que significa, em iorubá, energia vital e sagrada: Axé!

Da África ao Brasil, Uma Boa Mistura de Tipos

A principal diferença entre os vários tipos de candomblé é a origem étnica.

Candombé	Local	Descrição
Queto	Bahia	Chegou com os povos nagôs, que falam a língua iorubá
Xangô Pernambuco,	Paraíba, Alagoas e candomblé baiano	Xangô é também a denominação, em língua africana, do orixá jeje-nagô das tempestades, raios e trovões, cultuados em vários estados do Brasil. O ritmo do xangô é fortemente marcado por instrumentos percussivos. A dança se caracteriza pelo aspecto guerreiro, com os braços em ângulo reto e as mãos viradas para cima.
Tambor-de-mina	Maranhão	É o ritual angola-congo do candomblé, mesclado a outras sobrevivências litúrgicas, o tambor-de-mina ou tambor-de-crioulo caracteriza-se por uma série de cantos acompanhados por três tambores, uma cabaça e um triângulo de ferro.
Candomblé-de-caboclo	Salvador e municípios vizinhos	É uma espécie de candomblé nacionalizado, que toma por base a ortodoxia do candomblé jeje-nagô. Trata-se de exemplo nítido do sincretismo religioso popular no Brasil. Registram-se nele influências indígenas e mestiças.
Babaçuê	Belém PA	Versão local do rito jeje-nagô do candomblé baiano, o babaçuê se assemelha em muitos pontos ao candomblé-de-caboclo. Canta-se e dança-se ao ritmo de três abadãs (tambores), um xequeré (cabaça) e um xeque (c hocalho de folha-de-flandres). Os hinos denominam-se doutrinas e podem ser cantados em língua africana ou em português, segundo os espíritos com que se relacionam. Uma variedade desse rito, o batuque, tem suplantado o babaçuê nos dias atuais.
Pajelança Amazonas,	Pará, Piauí, Maranhão	As curas são levadas a efeito pelos pajés, verdadeiros xamãs indígenas. O instrumento básico de pajelança é o maracá, instrumento sagrado do pajé. As cerimônias acompanham-se sempre de cantos e danças para divertir os espíritos. Os cantos são melodias folclóricas conhec idas. As danças, exercícios mímicos, com rugidos e uivos imitativos dos animais invocados. Há inúmeras diferenças rituais entre uma pajelança e outra, sendo mais característica entre as rurais a pureza dos traços ameríndios, enquanto nas urbanas se registra uma mescla de elementos afróides, do catim bó, do espiritismo e do baixo catolicismo.
Catimbó	Em todo o Nordeste	Originária da magia branca européia, chegada via Portugal, aculturada com elementos negros, ameríndios, do espiritismo e do baixo catolicismo. Nele se registram cantos de linhas, mas sem nenhum instrumento musical nem bailado.

Candomblé não é umbanda

Umbanda é a mistura do candomblé com espiritismo (sincretismo).

	Deuses	Culto	Iniciação	Música
CANDOMBLÉ	Orixás de origem africana. Nenhum santo é superior ou inferior a outro. Não existe o Bem e o Mal, isoladamente.	Louvação aos orixás que "incorporam" nos fiéis, para fortalecer o axé (energia vital) que protege o terreiro e seus membros.	Condição essencial para participar do culto. O recolhimento dura de sete a 21 dias. O ritual envolve o sacrifício de animais, a oferenda de alimentos e a obediência a rígidos preceitos.	Cânticos em língua africana, acompanhados por três atabaques tocados por iniciados do sexo masculino.
UMBANDA	As entidades são agrupadas em hierarquia, que vai dos espíritos mais "baixos" (maus) aos mais "evoluídos" (bons).	Desenvolvimento espiritual dos médiuns que, quando "incorporam", dão passes e consultas.	Não é necessária. O recolhimento é de apenas um ou dois dias. O sacrifício de animais não é obrigatório. O batismo é feito com água do mar ou de cachoeira.	Cânticos em português, acompanhados por palmas e atabaques, tocados por fiéis de qualquer sexo.

Umbanda[1]

[1] ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Religião sincrética própria do estado do Rio de Janeiro, a umbanda é praticada em terreiros encabeçados por um pai ou mãe-de-santo, que preside às cerimônias, auxiliado por um cambono (acólito).

Os cânticos denominam-se pontos e, como no candomblé, têm a função de chamar o santo, que se incorpora nos filhos-de-santo, ou cavalos.

Correspondentes às nações do candomblé, as linhas de umbanda são diversas: linha do Congo, linha do Cabinda, linha da Costa. Como no candomblé, os orixás se comunicam diretamente com as pessoas em poucas oportunidades. Preferem fazê-lo por intermédio de entidades intermediárias, os pretos velhos.

Quem É Quem (e Quem Faz o Quê) na Hierarquia de uma Casa-de-Santo

Cada iniciado tem uma função dentro do terreiro. Nem todos "recebem" santo.

Abiã	Noviço, primeiro degrau da hierarquia. Após iniciado, será filho-de-santo.
Iaô	Filho-de-santo, segundo degrau na hierarquia. Podem ou não "receber" santo.
Ebômi	Terceiro degrau. Iaô que cumpriu as obrigações de sete anos. "Recebe" santo.
Iabassê	Quarto degrau. Não "recebe". É a responsável pela cozinha do terreiro.
Agibonã	Mãe criadeira. Também quarto degrau. Cuida dos iaôs durante o ritual de iniciação. Não "recebe" santo.
Ialaxé	Quinto degrau. Zela pelas oferendas e objetos de culto aos orixás. Não "recebe" santo.
Baba-quequerê e Iaquequerê	Sexto degrau. Pai ou mãe-pequena. "Recebe". Ajuda o pai ou mãe-de-santo no comando do terreiro.
Baba-lorixá e Ialorixá	Pai ou mãe-de-santo, chefe do terreiro, último degrau da hierarquia. "Recebe" santo e joga búzios.
Ajudantes sagrados	Pais e mães "terrenos" dos orixás ficam fora da hierarquia.
Ogã	Filho-de-santo que não "recebe". O Ogã pode ser Axogum ou Alabê, conforme sua tarefa.
Axogum	Ogã responsável pelo sacrifício de animais a serem ofertados aos orixás. Não "recebe" santo.
Alabê	Ogã tocador dos atabaques e instrumentos rituais. Não "recebe" santo.
Equede	Paralela ao Ogã. Não "recebe". Cuida dos orixás "incorporados" e de seus objetos.

As diversas fases da iniciação

Primeiro, o santo indica a pessoa a ser iniciada. Depois, é preciso cumprir outros três passos:

1. Bolar no santo

É o mesmo que cair no santo. Este é o sinal que indica a necessidade de iniciação de uma pessoa no candomblé. Acontece sem previsão, normalmente numa festa: durante a dança e os cânticos o orixá se "manifesta" no futuro filho-de-santo, que é agitado por tremores e sobr essaltos violentos. Quem já "bolou" conta que sentiu arrepios, calor, fraqueza e sensação de desmaio. Quando acorda no roncó (o quarto do terreiro reservado à pessoa que "bolou"), o abiã não consegue se lembrar de nada do que aconteceu.

2. O bori

É a cerimônia que reforça a ligação entre o orixá e o iniciado. O abiã se senta numa esteira, rodeado de alimentos secos, aves, velas e objetos de seu orixá. Ajudado pelos filhos já feitos, o pai ou a mãe-de-santo sacrifica aves. O sangue é usado para marcar o corpo do noviço e para banhar as oferendas ao orixá.

A cerimônia só termina quando as aves são servidas aos membros da família-de-santo. Depois do bori, o futuro filho-de-santo passa a assistir às cerimônias e

a preparar o enxoval (a roupa e os ader eços de seu orixá) para terminar a iniciação, com as saídas de iaô.

3. Orô

Confinado ao quarto de recolhimento (roncó), por 21 dias, o noviço conhece a hierarquia da casa, os preceitos, as or ações, os cânticos, a dança de seu orixá, os mitos e suas obrigações. Durante esse tempo ele toma infusões de ervas, que o deixam num estado de entorpecimento e "abrem espaço" na sua mente para o orixá. A cabeça é raspada e o crânio marcado com navalha: é por esses cortes que o orixá vai "entrar", quando for "incorporado". No final, o iniciado é "batizado" com sangue de um animal quadrúpede, sacrificado.

Os iaôs são apresentados à comunidade, como num baile de debutante

Na primeira saída, os iaôs vest em branco em homenagem a Oxalá, pai de todos. Saúdam o pai-de-santo, os atabaques e os pontos principais do barracão e vão-se embora. Na segunda saída, os iaôs voltam com roupas coloridas e a cabeça pintada , segundo seus orixás. Dançam e deixam o barracão, em seguida.

Na terceira saída, os orixás anuncia m oficialmente seus nomes. Os iaôs entram em transe e se retiram para vestir as roupas do santo "incorporado".

Os doze orixás mais cultuados no Brasil

Cada um deles tem o seu símbolo, o s eu dia da semana, suas vestimentas e cores próprias. Como os homens, são temperamentais.

Orixá	Quem é	Ele-mento	Perso-nali-dade	Símbolo	Dia	Colar	Roupa	Sacri-fício	Oferendas
Exu Orix	á mensageiro entre os homens e os deuses, guardião da porta da rua e das encruzilhadas. Só através dele é possível invocar os orixás.	fogo atrev	ido e agressiv o	ogó (um bastão adornad o com cabaças e búzios)	Seg v	ermelh o e preto	vermelh a e preta	bode e galo preto	farofa com dendê, feijão, inhame, água,mel e aguardente
Ogum	Deus da guerra, do fogo e da tecnologia. No Brasil é conhecido como deus guerreiro. Sabe trabalhar com metal e, sem sua proteção, o trabalho não pode ser proveitoso.	ferro espada		impacien te e obstinad o	Ter	azul-marinho	azul, verde escuro, vermelh o ou amarelo	galo e bode averm elhado s	feijoada, xinxim, inhame

Orixá	Quem é	Elemento	Personalidade	Símbolo	Dia	Colar	Roupa	Sacrifício	Oferendas
Oxóssi	Deus da caça. É o grande patrono do candomblé brasileiro.	florestas	intuitivo e emotivo	rabo de cavalo e chifre de boi	Qui	azul claro	azul ou verde claro	galo e bode avermelhados e porco	milho branco e amarelo, peixe de escamas, arroz, feijão e abóbora
Obaluaiê	Deus da peste, das doenças da pele e, atualmente, da AIDS. É o médico dos pobres.	terra	tímido e vingativo	xaxará (feixe de palha e búzios)	Seg	preto e vermelho ou vermelho branco e preto	vermelha e preta, coberta por palha	galo, pato, bode e porco	pipoca, feijão preto, farofa e milho, com muito dendê
Oxum	Deusa das águas doces (rios, fontes e lagos). É também deusa do ouro, da fecundidade, do jogo de búzios e do amor.	água	maternal e tranqüila	abebê (leque espelhado)	Sáb	amarelo ouro	amarelo ouro	cabra, galinha, pomba	milho branco, xinxim de galinha, ovos, peixes de água doce
Iansã	Deusa dos ventos e das tempestades. É a senhora dos raios e dona da alma dos mortos.	fogo	impulsiva e imprevisível	espada e rabo de cavalo (representando a realeza)	Qua	vermelho ou marrom escuro	vermelha	cabra e galinha	milho branco, arroz, feijão e acarajé
Ossaim	Deus das folhas e ervas medicinais. Conhece seus usos e as palavras mágicas (ofós) que despertam seus poderes.	matas	instável e emotivo	lança com pássaros na forma de leque e feixe de folhas	Qui	branco rajado de verde	branco e verde claro	galo e carneiro	feijão, arroz, milho vermelho e farofa de dendê
Nanã	Deusa da lama e do fundo dos rios, associada à fertilidade, à doença e à morte. É a orixá mais velha de todos e, por isso, muito respeitada.	terra	vingativa e mascarada	ibiri (cetro de palha e búzios)	Sáb	branco, azul e vermelho	branca e azul	cabra e galinha	milho branco, arroz, feijão, mel e dendê
Oxumaré	Deus da chuva e do arco-íris. É, ao mesmo tempo, de natureza masculina e feminina. Transporta a água entre o céu e a terra.	água	sensível e tranqüilo	cobra de metal	Qui	amarelo e verde	azul claro e verde claro	bode, galo e tatu	milho branco, acarajé, coco, mel, inhame e feijão com ovos

Orixá	Quem é	Elemento	Personalidade	Símbolo	Dia	Colar	Roupa	Sacrifício	Oferendas
Iemanjá	Considerada deusa dos mares e oceanos. É a mãe de todos os orixás e representada com seios volumosos, simbolizando a maternidade e a fecundidade.	água	maternal e tranqüila	leque e espada	Sáb	transparente, verde ou azul claro	branco e azul	porco, cabra e galinha	peixes do mar, arroz, milho, camarão com coco
Xangô	Deus do fogo e do trovão. Diz a tradição que foi rei de Oyó, cidade da Nigéria. É viril, violento e justiceiro. Castiga os mentirosos e protege advogados e juízes.	fogo	atrevido e prepotente	machado duplo (oxé)	Qua	branco e vermelho	branca e vermelha, com coroa de latão	galo, pato, carneiro e cágado	amalá (quiabo com camarão seco e dendê)
Oxalá	Deus da criação. É o orixá que criou os homens. Obstinado e independente, é representado de duas maneiras: Oxaguiã, jovem, e Oxalufã, velho.	ar	equilibrado e tolerante	oparoxó (cajado de alumínio com adornos)	Sex	branco	branca	cabra, galinha, pomba, pata e caracol	arroz, milho branco e massa de inhame

O Toque

É o mesmo que festa e se refere à batida dos atabaques, que convoca os orixás. A estrutura da cerimônia, chamada "ordem do xirê" (brincadeira, na língua iorubá), divide a festa em três partes. A primeira acontece à tarde, com o sacrifício, a oferenda e o padê de Exu. A segunda é a festa em si, à noite, na presença do público, quando os filhos-de-santo "incorporam" os orixás. E a terceira fase, o encerramento, com a roda de Oxalá, o deus criador do homem.

O Sacrifício

Acontece apenas diante dos membros da comunidade de santo e envolve no mínimo dois animais: um, de duas patas, para Exu, e outro, de quatro patas, macho ou fêmea, dependendo do sexo do orixá a ser homenageado. Quem realiza o sacrifício é o ogã axogum, um iniciado no candomblé especialmente preparado para isso. Os bichos são mortos com um golpe na nuca. Depois, a cabeça e os membros são cortados fora e o animal sacrificado vai sangrar até a última gota antes de ser destinado à oferenda.

A Oferenda

Depois do sacrifício, a moela, o fígado, o coração, os pés, as asas e a cabeça são separados e oferecidos ao orixá homenageado num vaso de barro, chamado *alguidar*. O sangue, recolhido numa quartinha de cerâmica (espécie de moringa), é derramado sobre o assentamento do santo, ou seja, o local onde ficam seus objetos e símbolos . As partes restantes são destinadas ao jantar oferecido aos orixás, ainda à tarde, e aos participantes, ao final da festa pública, à noite.

O Padê de Exu

Este é também um ritual fechado ao público. Significa despacho de Exu. É ele quem faz a ponte entre o mundo natural e o sobrenatural. Portanto, é ele quem convoca os orixás para a festa dos humanos. Para isso, é preciso agradá-lo, oferecendo comida (farofa com dendê, feijão ou inhame) e bebida (água, cachaça ou mel). As oferendas são lev adas para fora do barracão e a porta de entrada é batizada com a bebida, já que Exu é o guardião da entrada e das encruzilhadas (por isso é comum ver oferendas em esquinas nas ruas e em encruzilhadas nas estradas).

12.2. Quimbanda

Uma das principais seitas de macumba. Associada à prática da magia negra, opõe-se à umbanda.

12.3. Cultura Racional

Fundada por Manoel Jacintho Coelho em 1935, no Rio de Janeiro (Méier), mas divulgada a partir de 1970, quando alcançou fama nacional. Aceita a metempsicose (transmigração da alma até mesmo para seres inferiores - gatos, cachorros, insetos...).

Manoel é autor do livro *Universo em Desencanto*, uma coleção de livros que se apresenta quase como uma “bíblia” para eles. Desencanto: cada um no seu canto, cada um no seu lugar. Buscam com isto dar solução a tudo e a todos. É uma mistura de Espiritismo, Umbanda, Discos Voadores e Seres Extraterrestres.

Ocultismo e Seitas Secretas

Pobres mortais! Eles ainda não entenderam que enquanto tentarem alcançar Deus com as mãos, olhos e mentes nunca o encontrarão. Orígenes Telles

13. Ocultismo ou Seitas Secretas

Atos 4.12: Nenhum outro nome há no céu e entre os homens. Só Jesus é que está apto a nos salvar.

I Jo 5.12: Aquele que tem o Filho tem a vida, a vida eterna.

I Jo 5.10-11: Quem não crer no Filho não crê no testemunho de Deus.

Qualquer outra coisa é idolatria e não serve para nada, somente para aborrecer a Deus.

13.1. Rosa Cruz



Diploma da Ordem Rosa-Cruz

A ordem Rosa-Cruz combina elementos de ocultismo de diversas religiões, crenças e práticas da antiguidade: hermetismo egípcio, agnosticismo cristão, cabalismo judaico e alquimia.

Rosa-Cruz é uma fraternidade secreta que visa à aquisição de uma sabedoria esotérica. Seu nome deriva do símbolo da ordem, que combina as figuras da rosa e da cruz. A primeira menção histórica da sociedade data de 1614, quando foi publicado pela primeira vez o documento Fama fraternitatis (Repercussão da fraternidade), relato das viagens do cavaleiro alemão Christian Rosenkreuz que, segundo a tradição mais comum, fundou a organização na Idade Média.

Os símbolos e rituais contribuem para manter a coesão e a solidariedade entre os membros das sociedades secretas.

Origem

Supostamente nascido em 1378, Rosenkreuz teria vivido 106 anos. De acordo com o Fama fraternitatis, o cavaleiro adquiriu sua sabedoria secreta em viagens ao Egito, Arábia e Marrocos. De vo lta à Alemanha, instruiu três pessoas e, mais tarde, o número de discípulos chegou a oito, os quais seguiram para diferentes países. Os primeiros membros decidiram manter a ordem em segredo durante os cem primeiros anos. Hoje em dia se aceita que Rosenkreuz seja um personagem simbólico, cuja história for nece a explicação lendária para a origem da ordem.

Outras versões, no entanto, creditam a fundação da sociedade Rosa-Cruz a Paracelso, alquimista suíço que morreu em 1541. Embora não exista evidência

confiável da existência da ordem antes do século XVII, alguns estudiosos interpretam o impulso registrado nos séculos XVI e XVII apenas como uma renovação da doutrina, que teria origens muito mais remotas, no antigo Egito, ao tempo do faraó Aknaton, seu grande incentivador. Nesse período se deu o rompimento da tradição politeísta do império e se declarou a crença num Deus único. Ainda segundo essa versão, a ordem contaria entre seus seguidores nomes como os de Platão, Jesus, Fílon de Alexandria, Plotino e outros.

A Fédération Universelle des Ordres, Sociétés et Fraternités des Initiés, sediada na Europa, congrega e confirma as sociedades iniciáticas da Rosa-Cruz em âmbito mundial. No Rio de Janeiro RJ atua a Fraternidade Rosacruciana Antiga, fundada em 1933.

Doutrina

Escritos de pessoas da "fraternidade" descrevem que é muito pouco provável que Jesus tenha morrido na Cruz. Isto significa ir contra todo o Cristianismo. Se eles fossem mesmo uma fraternidade, deixariam de lado as críticas contra as religiões. Querendo desacreditar as religiões fica mais fácil convencer as pessoas para entrar em suas fileiras.

13.2. Maçonaria

A liberdade de pensamento e o racionalismo são princípios fundamentais da maçonaria, sociedade com adeptos em todo o mundo que em muitos países e diferentes épocas apoiaram as lutas pela independência e outros movimentos políticos progressistas, como a própria revolução francesa.

A maçonaria é uma instituição filosófica, filantrópica e evolucionista, que proclama a prevalência do espírito sobre a matéria e empenha-se no aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade. Proclama como princípios a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Reúne homens de crenças e opiniões diversas, mas não se identifica com nenhuma religião em particular. Em alguns ritos maçônicos, exige-se dos membros que professem a crença em Deus, embora algumas religiões proíbam seus fiéis de participarem da instituição.

Origem

As lojas maçônicas tiveram origem nas associações medievais dos pedreiros que construíam as catedrais. Esses pedreiros mantinham em segredo certos conhecimentos profissionais, e daí nasceu a crença nos "segredos maçônicos", que já a partir do século XVIII existiam apenas de maneira simbólica. Alguns de seus símbolos (martelo, colherão, avental etc.) ainda lembram a origem profissional da maçonaria, assim como a designação de Deus como Supremo Arquiteto do Universo. Os pedreiros medievais não se submetiam à autoridade dos bispos, e desse fato deriva a designação "pedreiros-livres" que se aplica aos membros da maçonaria.

A partir do século XVI, as associações de pedreiros-livres, na Inglaterra, passaram a admitir como membros honorários gente da nobreza, do clero anglicano, intelectuais e outros profi ssionais liberais, que logo chegaram a constituir a grande maioria dos membros. Em 1717 foi fundada a Grande Loja de Londres, modelo para as demais.

Doutrina - Ritos

A maçonaria é universal e internaci onal, mas as Grandes Lojas ou Orientes de cada país são independentes. Os ritos, que se formaram durante o século XVIII, também variam de um país para outro ou mes mo num mes mo país. Os membros do rito escocês, que domina as maçonarias inglesa, francesa e latino-americana, formam uma complexa sociedade com 33 graus de iniciação, que vão do aprendiz ao soberano-grande-inspetor-geral).

Outros ritos são menos complicados e têm menor número de graus, como o rito de York, o rito francês, o rito prussiano etc. Toda loja tem, pelo menos, o venerável mestre, dois vigilantes, o orador, o secretário, o companheiro e o aprendiz.

Na Cerimônia da Iniciação, na maçonaria, o candidato se apresenta conforme ilustração ao lado, dizendo que vem das trevas para a luz. Na realidade ele será conduzido para uma maior cegueira espiritual, pois o príncipe das trevas irá cegar os seus olhos para que não lhe resplandeça a luz do Evangelho da Glória de Cristo.

No Dicionário de Maçonaria," de Joaquim Gervásio de Figueiredo (33°), Jesus é visto simplesmente como mais um fundador de religião, ao lado de figuras mitológicas e ocultistas (Orfeu, He rnes, Trimegisto), o deus do Hinduísmo (Krishna), Maomé (profeta do Islamismo), entre outros.

Símbolos



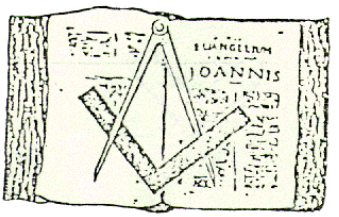
A Estrela Flamígera

A estrela de cinco pontas adotada na Maçonaria, remontaria ao pentalfa da escola do pensador jônico, Pitágoras, que, inclusive, era adepto da magia.

Essa estrela é chamada hominal por representar o ser humano em sua alta espiritualidade.

Compasso

Emblema da circunscrição, da precisão e da exatidão.



Esquadro

Emblema da perfeição (Conforme explicação oficial da maçonaria)

Observação: Alguns dos emblemas e símbolos apresentados pertencem ou são usados por várias Sociedades Secretas, outros são exclusivos.

Provavelmente os símbolos mais usados, mais comuns às diversas sociedades sejam os seguintes:

- Estrela de 5 pontas
- Pirâmide
- Olho

Encontramos estes sinais na maçonaria, 1ª Ordem dos Iluminados, em diversos ramos do espiritismo, na Bruxaria, na igreja de satanás etc.

Atuação política

No século XVIII, graças à ascensão da burguesia e à difusão das idéias iluministas, a maçonaria desenvolveu-se e adquiriu prestígio na Europa. Aliada aos movimentos liberais, procurou ma rcar sua presença efetiva nos grandes acontecimentos políticos. Na Améric a Latina, desempenhou papel decisivo nas lutas da independência e, no século XIX, nas lutas dos liberais contra os conservadores clericais, sobretudo no México, Colômbia e Chile.

Na Itália, os maçons participaram do movimento de unificação nacional da península (Risorgimento). Na Suíça, a Grande Loja Alpina defende desde 1847 os cantões protestantes contra a oposição dos cantões católicos. Também na Bélgica e na Espanha do século XIX os maçons combateram a influência da igreja. Foi na França, porém, que a maçonaria conquistou grande força política e de lá se irradiou para os países latinos. Seu período áureo começou depois de 1870, na III República. Infiltrada em todos os partidos políticos de centro, de esquerda e até de direita, a maçonaria fr ancesa dedicou-se a persistentes lutas contra a igreja, com as quais conseguiu a abolição do ensino religioso nas escolas, o divórcio, a expulsão das ordens e congregações (1902) e a separação de estado e igreja (1905). Só após a primeira guerra mundial a influência da maçonaria francesa começou a declinar . Em Portugal, as lojas maçônicas difundiram o pensamento liberal, propagaram os princípios da revolução francesa e, como a maçonaria francesa, combateram as ordens religiosas e o clero.

Maçonaria no Brasil

Há evidências da presença de maçons no Brasil desde o final do século XVIII, país em que o movimento assumiu as mesmas posições libertadoras que manifestara nas demais colônias americanas. A ideologia da inconfidência mineira coincidiu, de modo geral, com a da maçonaria da época. Quando se iniciou o ciclo das conspirações nor destinas, a rede de sociedades secretas formou a base das comunicações entre os núcleos de intelectuais influenciados pelas novas idéias européias.

Nas lutas pela independência, a maçonaria passou a ser o centro mais ativo do trabalho e propaganda emancipadora. Sua missão libertadora continuou até a república. A maçonaria brasileira foi r egida por mais de vinte constituições, a última das quais aprovada em 24 de junho de 1990. A federação, denominada Grande Oriente do Brasil, permanece como autoridade suprema da maçonaria simbólica (os três primeiros graus). Os demais graus estão sujeitos aos órgãos supremos dos diversos ritos, que devem permanecer em comunhão com o Grande Oriente.

Há, contudo, uma profunda distinção entre as lojas que seguem o Rito Escocês Antigo e Aceito, que enfatiza a existência de um Ser Supremo (o Supremo Arquiteto do Universo), com o primado do espírito sobre a matéria, e o rito francês moderno, de sete graus, prof essadamente laico e materialista. Além desses, há no Grande Oriente do Brasil os ritos York, Schroeder, adoniramita e brasileiro. Os membros dos ritos Yo rk, Schroeder e adoniramita reúnem-se em assembléias denominadas capítulos, enquanto as reuniões do rito brasileiro classificam-se hierarquicamente em capítulos, conselhos f ilosóficos, alt os colégios e supremo conclave.

13.3. Teosofia

A partir de diferentes fontes e prátic as, que vão do esoterismo ao hinduísmo, a teosofia busca conhecer a divindade e elevar o espírito humano até ela.

Teosofia é a denominação genérica dada a doutrinas que se caracterizam pela busca de um conhecimento de Deus e das coisas divinas a partir do aprofundamento da vida interior. Pretende obter tal conhecimento por via diferente daquela empregada pelos métodos racionalistas ou experimentais. Como sistema de pensamento sincréti co reúne, com base no hinduísmo e budismo, todas as religiões, a filosofia e as ciências, mas sem desprezar as aspirações místicas que se estendem pelas ciências ocultas.

A meta da especulação e prática teosófica é, em última análise, a substituição de todas as religiões pela abertura de horizontes místicos inexplorados, de modo a formular novas regras de conduta. Propõe-se a dar, mediante o exercício ascético, a meditação etc., uma sabedoria na adoção da conduta de vida que permita pôr em ação forças secret as e ignoradas da natureza humana, no que difere da teologia.

Origem

Como grupo organizado, a Sociedade Teosófica foi fundada em 1875 por Helena Petrovna Blavatski e Henry Steel Olcott. Seus fundadores haviam praticado o ocultismo e o espiritismo e se propuseram a formular a síntese das verdades esotéricas - ocultas - de todas as religiões. Ambos mudaram-se para a Índia e estabeleceram a sede de sua ordem em Adyar, perto de Madras.

Helena Blavatski publicou algumas obras, entre as quais:

- Isis Unveiled (1877; Ísis desvelada),

- The Secret Doctrine (1888; A doutrina secreta) e
- The Key to Theosophy (1889; A chave da teosofia).

Sua sucessora, Annie Besant, ao assumir a direção da Sociedade Teosófica, estimulou o renascimento dos valores do hinduísmo e proclamou Jiddu Krishnamurti como mestre universal. O movimento teosófico atual praticamente identifica-se com a Sociedade Teosófica.

O grupo americano, dirigido por William Q. Judge, separou-se do círculo original e conheceu novas secessões. O ramo europeu da Sociedade Teosófica foi dirigido por Rudolf Steiner, que se aproximou do cristianismo e criou a antroposofia, teoria que defende a existência de um mundo espiritual apenas acessível às faculdades superiores do conhecimento latentes em todo homem.

No Brasil

No Brasil, os teosofistas estão divididos em dois grupos: a Sociedade Teosófica do Brasil, fundada em 1919 e f iliada à Sociedade Teosófica Mundial e a Sociedade Teosófica Brasileira, criada em 1921, com sede em São Lourenço MG.

13.4. Parapsicologia

Fenômenos psíquicos que parecem escapar às leis conhecidas da natureza e do comportamento humano, estudados at é época recente apenas por correntes religiosas, metafísicas ou ocultistas, to rnaram-se, nos tempos modernos, objeto de um sistema teórico estruturado.

Parapsicologia é a disciplina que se propõe estudar fenômenos alheios à normalidade conhecida, ou paranormais. Como seu objeto não pode ser submetido aos métodos científicos, a par apsicologia é ou tende a se constituir como um ramo da psicologia. Sua primei ra tarefa consiste em demonstrar a existência de seu objeto e em delimitá-lo rigorosamente. Faz a crítica dos falsos fenômenos e comprova a autenticidade de outros que, apesar de apresentarem características perturbadoras, excepci onais ou aberrantes, são explicáveis por uma função psicológica conhecida. Esse s fenômenos são, assim, incorporados ao âmbito da psicologia geral, como há muito sucedeu com a hipnose. Outros fenômenos há que se consideram suscetíveis de vir a ser integrados na psicologia clássica, enquanto relacionados com uma função psicológica nova ou ainda não conhecida. Num segundo momento, cabe à parapsicologia destacar as funções psíquicas ligadas a esses fenômenos e estudá-las experimentalmente, com o objetivo de integrá-las ao sistema da psicologia científica. Tende, assim, a unir-se à psic ologia numa síntese que seria a futura psicologia completa.

De acordo com a divisão e simbologia consagradas no I Colóquio Internacional de Parapsicologia, os fenômenos que constituem objeto da parapsicologia, são:

(1) fenômenos que correspondem à percepç ão extra-sensorial, PES, ou em inglês, extra-sensory perception,(ESP); e

(2) fenômenos que correspondem à psicocinese, ou função PK.

A primeira dessas novas funções psic ológicas, a percepção extra-sensorial , abrange fenômenos de telepatia, de coincidência entre comportamentos ou estados psicológicos de dois indivíduos, inexplicável pelo acaso, por uma percepção sensorial ou por um raciocínio consciente ou inconsciente; e de clarividência, coincidência entre o estado psicofisiológico de um indivíduo ou seu comportamento e um acontecimento objetiv o, inexplicável pelo acaso, por uma percepção sensorial ou por um raciocínio consciente ou inconsciente.

A segunda função, a da influência paranormal do psiquismo sobre a matéria , refere-se sobretudo à psicocinese , coincidência entre o desejo e o pensamento de um indivíduo e um acontecimento objet ivo, inexplicável pelo acaso ou por uma ação mecânica. Essa segunda função, muito menos estudada que a primeira, é rejeitada por muitos parapsicólogos.

Métodos

No estudo dos fatos paranormais, a seleção de relatos, documentos e testemunhos relativos a estes é submetida a rigorosa crítica. Quanto à experimentação parapsicológica, fe ita segundo as regras do método experimental comum a todas as ciências, não pôde ainda ir além da observação destinada a comprovar uma hipótese. Não foi possível a experimentação entendida como produção artificial e voluntária do fenômeno, o que, segundo alguns, é suficiente para que a parapsicologia não possa ser considerada como ciência.

Os métodos usados na evidenciação dos fenômenos paranormais têm sido o qualitativo e o quantitativo.

Qualitativo

O primeiro tem base no critério de unidade e especificidade, e pode ser sintetizado na concepção de Henri Bergson, segundo a qual a comprovação de um só caso de informação extra-sensorial seria bastante para demonstrar a existência desse tipo de conhecimento, fosse qual fosse o número de ilusões e fraudes verificadas desde as origens da humanidade.

Quantitativo

O segundo método, quantitativo, es tatístico, marca o advento da parapsicologia moderna.

Existem várias categorias de testes parapsicológicos. Os testes de Rhine, utilizados na investigação da percepção extr a-sensorial, constam principalmente de maços de 25 cartas com cinco séries de cinco símbolos: cruz, estrela, quadrado, ondas, círculo (baralho de Zener). Foram depois propostas as cartas-relógio (clock-cards), que representam um mostrador e um ponteiro que indica a

hora. Esses testes podem ainda ser adaptados ao estudo da precognição e às experiências de psicocinese, ou ação do espírito sobre a matéria.

13.5. Esoterismo

Devemos Queimar Ídolos?

O episódio do bispo da Igreja Universal, chutando a estátua da Padroeira, traz à tona uma prática comum no meio evangélico: Devemos ou não queimar ídolos?

II Cr 15.16: O rei Asa depôs Maacá, sua mãe, para que não fosse mais rainha, porquanto ela fizera um abominável ídolo para servir de Asera, ao qual Asa derrubou e, despedaçando-o, o queimou junto ao ribeiro de Cedrom.

Sem entrar no mérito se está certo ou não o chute perante à televisão. Mas se é ídolo, é abominável perante o Senhor, e deve ser despedaçado como diz as Escrituras. Por todo o Brasil, pastores evangélicos quebram semanalmente imagens de santos católicos, ídolos espiritas e imagens de demônios.

Lista dos Esoterismos

(Astrologia, Vodu, Superstição, Adivinhação, Bruxaria, Feitiçaria, Magia Negra, Búzios, Demonologia, Cabala...). A maior parte destes termos está explicada no Glossário no final deste livro.

Quadro - Atividades Místicas e Tratamentos

Atividades Místicas e Tratamentos	
Pirâmide	Poder da Mente
Pró-vide Perfect-Liberty	
Nova Era	Yoga
Relaxamento Mental	Chakras
Parapsicologia Do-In	
Ação-Vida Minol-Rawer	
Hipnose Tai-chi-chuan	
Gnose Regressão	
Minerioterapia Cristais	
Cromoterapia Sintonia	
I Kebana	Florais de Bach
Acupuntura Acupressão	
Hidroginástica Aromaterapia	
Tratamento a base de ervas	Artes Marciais
Ufologia	

Apesar de alguns tratamentos destes terem parte da eficácia comprovada cientificamente, o problema maior é a filosofia envolvida na prática em si. Contra esta filosofia, normalmente anti Cristo, é que alertamos as pessoas para ficarem de sobreaviso.

A Força do Cristão

Os cristais e a pirâmide do cristão s ão as mãos levantadas para Deus. É a busca do auxílio que vem do Criador. Não adianta o uso de cristais energéticos, de amuletos, de patuás, de chakras, de mantras, de banhos com ervas, de vestir-se com cores apropriadas, usar a numerologia, tarô, búzios...

Adianta sim buscar o único Deus. Só Ele tem condições de operar milagres e nos curar. Só Ele tem condições de dar o que precisamos.

Vodu

Entre as manifestações religiosas da tradição afro-americana - macumba, candomblé e outros -, o vodu do Haiti transcendeu os círculos em que se desenvolve, uma vez que é explorado como recurso turístico no Haiti.

O vodu é um culto religioso popular de caráter sincrético. Incorpora aspectos do ritual católico-romano, datados da colonização francesa e originados de uma interpretação anômala dos ensinamentos derivados de um batismo muitas vezes

imposto, assim como elementos religiosos e mágicos africanos trazidos pelos escravos das etnias ioruba, fon e out ras. O termo deriva de vodun, "deus" ou "espírito" na língua dos fons. O culto to rnou-se espécie de religião oficial da comunidade camponesa do Haiti.

Embora os praticantes do vodu prof essem a crença num distante Deus supremo, as divindades efetivas são grande número de espíritos denominados Loa, que podem ser aparentados a santos católicos, ancestrais deificados ou deuses africanos. Muitos adeptos ur banos acreditam que os Loas podem ser benévolos, os Loas Rada, os quais se ligam aos indivíduos ou famílias como anjos da guarda, guias e protetores, ou me smo malévolos, os Loas Petro. Essas divindades comunicam-se com os fiéis por meio de sonhos ou deles tomam posse durante cerimônias rituais. A pr esença do espírito é revelada por um estado de transe numa dança estilizada ou por certas características especiais. Cada grupo de praticantes tem seu loca l para realizar as cerimônias, que envolvem cantos, toque de tambores, danç as, preces, preparo de alimentos e o sacrifício ritual de animais. O santuário ou houmfo é presidido por um hougan, celebrante masculino, ou mambo, sace rdotisa, que age como conselheiro, curandeiro e protetor.

Com o tempo, o vodu perdeu seus traços ancestrais e adotou caráter nacional, com a criação de formas típicas haitianas. Durante décadas a Igreja Católica condenou o vodu no Haiti, mas como essa crença se tornou a religião principal da maioria da população, no final do século XX os católicos resignaram-se à convivência com o culto.



As cerimônias de vodu

Assemelham-se aos cultos afro-brasileiros

Cabala

Muitos vêem a cabala, erroneamente, apenas como sistema de manipulações mágicas e m´siticas. Em certas épocas esse aspecto teve papel preponderante, mas a cabala nunca deixou de ser função de uma busca filosófica da compreensão de Deus, dos mistérios do universo e do destino do homem.

Cabala, além de seu sentido genérico de tr adição oral - as interpretações dos textos sagrados, expressos na torah shebeal pe (doutrina oral) - é um conjunto

de preceitos e especulações místico-esotér icas da filosofia religiosa judaica, sob a influência de outras doutrinas. Começou a cristalizar-se a partir do início da era cristã, definindo-se no século XIII como sistema filosófico-religioso. O pensamento judaico sempre foi interpre tativo dos textos bíblicos, deles procurando extrair significados oculto s. A cabala originou-se na kabalah (tradição), iluminada por um misticismo exacerbado que acabou por assumir o primeiro plano para ganhar os valores de um sistema conceitual.

Primórdios da Tradição

Data dos séculos I e II da era cristã a primeira manifestação da tradição cabalística: é o maasseh merkavah (história do carro), mencionado no livro de Enoque, uma das duas estruturas, junto com o maasseh bereshit (história da gênese), nas quais repousa toda a cabala. Esta é uma especulação sobre o mundo das coisas e sua criação. Aquela, um sistema metafísico que aponta os atributos divinos como causa de tudo.



Visão do carro de Ezequiel

Segundo Rafael, sobre a alegoria cabalística sobre a elevação da alma à procura de Deus (Palácio Pitti, Florença)

A merkavah, o carro celeste da visão do profeta Ezequiel, que percorre os sete céus através de inúmeros perigos, é uma alegoria da elevação da alma à procura de Deus. Essa gnose é oriunda do exílio na Babilônia, e seus cultores, aqueles que se dispunham à grande aventura, são chamados iordei merkavah.

Doutrina

Do século III ao século VI a especulação cabalística já dominava o pensamento judaico na Babilônia. Nessa época surgiu o Sefer ietzirah (Livro da criação), escrito em hebraico por autor desconhecido, que trata da origem do universo e das leis que o regem. Em um monólogo do patriarca Abraão revela-se a compreensão da natureza e de suas manifestações como emanações de Deus.

Os vários planos da criação formam dez esferas (sefirot). O espírito tornado Palavra (análogo ao Verbo) é a primeira esfera e, por meio do sopro, a segunda esfera, que dele emana, cria as demais através de combinações de letras e números: a água é a terceira, que produz a terra, o barro, as trevas, os elementos rudes; o fogo é a quarta; as seis últimas são os quatro pontos cardeais e os dois pólos.

O Sefer ietzirah já encerra a preocupação cabalística com a manipulação de letras e números na interpretação de signi ficados ocultos e na prática da magia. Os 32 caminhos místicos são constituídos pelas 22 letras do alfabeto hebraico e dez algarismos, que podem ser combinados e interpretados de três maneiras:

- *notarikon*, que cria significados ao tomar as palavras por acrósticos de expressões ocultas;
- *guematria*, que atribui valores numéricos às letras, estabelecendo analogia entre palavras de valores iguais e
- *temurah* ou permuta, que manipula palavras por anagramas.

Comentários sobre este assunto são os mesmos da análise do livro Código da Bíblia.

Como em toda a cabala, vários conceitos se fundem no Zohar (Sefer ha-zohar - Livro do esplendor): um panteí smo de influência neoplatônica, idéias nitidamente teístas, elementos de feitiç aria e demonologia medievais, linhas de exegese inspiradas pelo racionalismo judaico.

O Ser infinito ou Ein Sof, segundo o Zohar, difere do Deus-Criador das escrituras: é a substância, a causa imanent e, o princípio ativo e passivo de tudo. No Zohar, as dez esferas sefirot assumem uma imagem antropomórfica, formando a figura do Adam Kadmon: é o demiurgo, o criador da natureza. Essa imagem do Adam Kadmon corresponde à do homem perfeito que é o mensageiro de Deus, o messias.

Os pontos centrais da doutrina de Luria são os seguintes:

1. Tzimtzum (concentração)

Teoria segundo a qual o Ein Sof (ser infinito), em sua primeira emanação, realiza um movimento, contrário, de concentração em si mesmo, abrindo espaço para a emanação de seus atributos. O unive rso virá a ocupar, assim, um espaço que Deus abriu ao exilar-se de si mesmo.

2. Shevirat hakelim (quebra dos vasos)

É uma convulsão cósmica, que rompe os vasos que abrigavam as luzes das últimas sefirot. Essa quebra rompe as kelipot, que abrigavam as forças do mal, restaurando o equilíbrio e a harmonia do universo.

3. Partzufim (faces)

Com a quebra dos vasos, cada sefirah recebe nova orientação, tornando-se um reflexo próprio do semblante do Ein Sof, projetado no Adam Kadmon, o messias.

4. Tikun (conserto, restauração)

É a complementação do processo divino através da ação do homem. O cumprimento dos preceitos de Deus terminará o processo de restauração do universo e tudo será coroado com a vinda do messias. O ascetismo, a prática

piedosa, a dedicação ao rito e ao êxtase são alguns dos possíveis caminhos para tal.

5. Guilgul (rotação, transmigração)

A transmigração da alma é vista como a de uma única alma, a do Adam Kadmon, que encerra em si a de toda a humanidade.

A existência de uma alma coletiva dá a cada homem uma relação indissolúvel de causa-efeito com todos os homens. Seus pecados e seus méritos se refletirão no destino de todos. Derivada dessa teoria, a do dibuk explica a posse de um corpo vivo pela alma de um morto ou de um demônio.

Luria, conhecido como Haari Hakadosh (leão sagrado) ou simplesmente Haari, tornou-se um marco de transição entre a cabala especulativa e os movimentos de massa judaicos nela inspirados. Acentuando a importância do papel do homem no misticismo da cabala, abriu caminho para uma atitude mística ativa, que visa à busca e ao encontro da harmonia e da redenção.

Dados Históricos

A expulsão dos judeus da península ibérica em 1492 e a migração dos judeus espanhóis para a Palestina fizeram florescer na cidade de Safed, na Galiléia, um círculo influente de cabalistas. Arranc ados, pela perseguição, da contemplação filosófica e especulação mística, lançaram-se à ação, divulgando a cabala para as massas, que nela encontraram certa forma de esperança.

Sob essa influência surgiriam mais tarde movimentos como os dos falsos messias e o hassidismo. A tendência foi caracterizada pela busca do êxtase que leva a Deus e à libertação, e pela procura de um messias que redimiria o povo e o mundo. Foi em Safed que surgiram novas doutrinas, novas fórmulas de interpretação e novos conceitos míst icos. Dois cabalistas de Safed se destacaram e marcaram o movimento: Cordovero e Isaac Luria.

Moisés ben Jacob Cordovero, em sua obra principal, Pardes rimonin (Pomar de romãs), interpretou e explicou o Zohar, estabelecendo a diferença entre o panteísmo neoplatônico e o da cabala: "Deus é realidade, mas esta não é Deus." Explicou ainda a natureza da criação do universo e das sefirot. Sua atitude filosófica é condizente com a dos c abalistas contemplativos e puramente especulativos do período espanhol.

Ao contrário de Cordovero, Isaac Luria foi místico e visionário voltado para a cabala prática e ativa. Filósofo e profe ssor, só falava a seus discípulos, mas nada escreveu. Muitas obras no entanto fo ram escritas com base em idéias que lhe são atribuídas. Seus alunos encarr egaram-se de divulgar-lhe o pensamento, sobretudo Haim Vital, que escreveu os cinco volumes de Etz hachaim (Árvore da vida). Luria voltou-se para a contemplaç ão das forças naturais, onde via e ouvia o murmúrio das almas e a linguagem do espírito. A par de seus arroubos místicos, deixou teorias bem delineadas.

13.6. Xamanismo

A mais pura expressão do xamanismo se encontra entre povos do Ártico e da Ásia central, mas o fenômeno aparece também no Sudeste Asiático, na Oceania e mesmo entre povos indígenas da América do Norte.

Xamanismo é uma experiência místic a própria de religiões primitivas, centrada na pessoa do xamã (curandeiro ou feiticeiro), que se acredita capaz de curar e de se comunicar com os espírito s. Aparece em algumas religiões como ideologia principal e em outras como fenômeno suplementar. Seus poderes se devem à técnica do êxtase, que domina, e que consiste em poder abandonar o corpo quando em estado de transe.

O xamã exerce as funções de curandeiro, sacerdote e condutor de almas. Os povos que admitem o xamanismo acreditam que a doença é provocada pela perda da alma. Assim, o xamã deve de início descobrir onde se encontra a alma perdida ou seqüestrada por algum espírito do mal. Empreende, em seguida, uma difícil e perigosa viagem ao outro mundo para resgatar a alma e devolvê-la, saudável, ao corpo do enfermo.

O indivíduo pode se tornar xamã por decisão própria ou por escolha da comunidade - o que é raro - , por hereditariedade ou por vocação espontânea. O escolhido é preparado por um mestre que lhe ensina a técnica do êxtase, a genealogia e a mitologia da tribo, os nomes e as funções dos espíritos, os meios de cura, o domínio do fogo e o tratamento que deve dispensar aos deuses, aos demônios, às almas dos mortos e aos espíritos da natureza. Em geral, o xamanismo participa das religiões de povos que têm na caça a base de sua economia e acreditam na existência da alma da natureza e de animais, assim como na sobrevivência dos espíritos dos antepassados.



Xamã em Java, Indonésia

O Código da Bíblia

Pobres mortais! Eles ainda não entenderam que enquanto tentarem alcançar Deus com as mãos, olhos e mentes nunca o encontrarão. Orígenes Telles

14. O Código da Bíblia

Este texto não está perdido aqui. O moti vo de estarmos falando neste livro sobre O Código da Bíblia, é porque nos próximos meses e anos, muito se falará deste livro. Muitas profecias aparecer ão. Muitas interpretações serão apresentadas ao público. Isto poderá fazer com que pessoas se apavorem, desistam de estudar, desistam de trabalhar, sejam místicas, esotéricas. Religiões e seitas podem nascer destas interpretações, e é aí que precisamos alertar o povo de Deus para se manter sóbrio , moderado, aguardando os acontecimentos vigilantes, sem pânico.

14.1. Salmos

Salmos é o livro bíblico de louvor. Salmos é o livro de cânticos. Salmos é o livro de consolação e até, às vezes, o livro de ira. É um livro de testemunho e de oração. Fala de alegria no meio de tristezas, e de esperança no meio de desespero.

É singularmente apropriado, está claro, que um livro cujo tema é cântico de louvor seja, também, um livro de guerra, de luta, de sofrimento.

Foi o hinário de Israel e, em grande medida, tem sido o modelo para todos os demais hinários usados pelo povo de Deus através dos séculos. Os judeus chamam-no de “O Livro de Louvores”.

A palavra “salmos” (em hebraico *mizmer*), significa “cântic os”, provavelmente cânticos com acompanhamento instrumental (2461 versículos ao todo).

O mundo está em trevas, mas a luz das promessas de Deus ilumina continuamente o caminho (Salmo 42:7-8).

Mas a tradução do hebraico para qualquer outra língua, tira um pouco da beleza dos salmos. Isto porque boa parte deles foi montado formando rimas, formando desenhos eqüidistantes no papel, ou ainda tem uma estrutura numérica perfeita. Como o salmo 119.

Estrutura numérica

Toda a criação física de Deus está c heia de evidências de desígnio e ordem. Sua revelação escrita (muito superior à sua revelação natural), exibe evidências de ordem e estrutura. De quando em quando estas se apresentam em forma de padrões numéricos.

O mais óbvio padrão numérico é a divisão que o salmista faz em 22 estrofes de 8 versículos cada um. Essas estrofes são encabeçadas por uma das 22 letras do alfabeto hebraico. A primeira letra de cada versículo constitui a letra correspondente à sua estrofe. Assim, os oi to primeiros versículos começam com a letra *álefe*, os oito versículos seguintes, com *bete*, os oito que vêem depois com *guímel*, e assim por diante.

Propósitos e natureza do Salmo

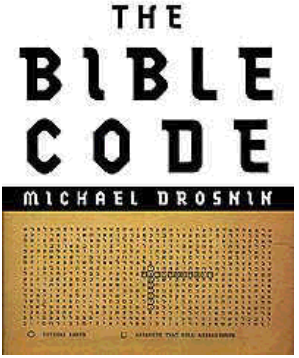
O Salmo assume um belo significado se for lido como uma espécie de diário espiritual, escrito em várias ocasiões durante a longa vida de um crente, alguém que tendo experimentado muitas e variadas circunstâncias da vida, descobriu que a Palavra de Deus é capaz de dar direção e vitória em todas as situações.

Letra	Resumo	Capítulo	Detalhe
Álefe	Convicção de pecado mediante a Palavra	1-8	Nos oito primeiros versículos o escritor reconhece que Deus reserva suas bênçãos para os que obedecem às suas leis. A seguir, afirma que ele, deveras, os abençoa.
Bete	Regeneração e vitória pela Palavra	9-16	Deus traz purificação e salvação mediante a sua Palavra. O restante desta estrofe acentua a alegria do crente novo, perdoados dos pecados e desejosos de crescer na graça mediante diligente estudo das Escrituras.
Guímel	Nutrição e crescimento por meio da Palavra	17-24	Desejai como meninos recém-nascidos, o puro leite espiritual, a fim de por ele crescerdes para a salvação (I Pe 2:2). Esta é a oração do crente novo nesta estrofe.
Dálete	Confissão de pecado e renovada vitória por meio da Palavra	25-32	O primeiro jorro de alegria e de vitória do novo convertido muitas vezes é seguido de uma súbita recaída no pecado e derrota, da qual ele deve ser restaurado pela confissão e abandono do pecado.
Hê	Contínua instrução na Palavra, para o verdadeiro crescimento do caráter	33-40	O homem piedoso não chega à maturidade espiritual
Vave	Dando testemunho da Palavra a outros	41-48	Conforme ordena Pedro, devemos estar sempre “preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós (I Pedro 3:15).
Zaine	Consolo no sofrimento, procedente da Palavra	49-56	Como acontece a toda gente, chegou uma hora de sofrimento ao salmista neste período. Mas a Palavra de Deus era sua própria resposta.
Hete	A comunhão dos crentes na Palavra	57-64	O peregrino necessita não só do consolo de Deus e de sua Palavra, mas também da comunhão de outros que fazem a mesma peregrinação.
Tete	Castigo que se segue à desobediência à Palavra	65-72	Quando alguém continua em desobediência aos ensinos bíblicos, talvez Deus force o arrependimento por meio de castigo.
Iode	Submissão à Palavra de Deus na aflição	73-80	
Cafe	Perseguição e livramento, mediante a Palavra	81-88	Nem todo sofrimento é castigo, e muitas vezes a testemunha fiel sofre verdadeira perseguição por causa da Palavra. Mas a própria Palavra é o consolo e libertador necessários.

Lâmede	Segurança da Palavra	89-96	Quando depositamos nossa confiança no Deus da Bíblia, não seguimos nenhum fogo-fátuo, mas a eterna palavra do Deus da criação.
Meme	Compreendendo a Palavra	97-104	"Quanto amo a tua lei! É a minha meditação todo o dia. ... Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. ... Que doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca" (vv. 97, 99,103).
Nune	Orientação pela Palavra	105-112	"Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos... Os teus testemunhos recebi-os por legado perpétuo, porque me constituem o prazer do coração" (vv. 105,111).
Sâmeque	Proteção pelas promessas de Deus na Palavra	113-120	Quanto mais poderoso o testemunho do crente, tanto mais poderosos e amargos se tornam seus inimigos. Mas a Palavra de Deus é suficiente para esta necessidade também. "Tu és o meu refúgio e o meu escudo; na tua palavra eu espero. ... Rejeitas, como escória, todos os ímpios da terra, por isso amo os teus testemunhos" (vv. 114, 119).
Aine	Obediência decidida à Palavra	121-128	
Pê	Luz e vitória pela Palavra	129-136	Toda a verdadeira instrução deve vir da Palavra de Deus.
Tsadê	Zelo pela verdade da Palavra de Deus	137-144	
Kôfe	Fé crescente na Palavra	145-152	O amor do crente e seu anseio pela Palavra deveriam continuar a crescer durante a sua vida. (vv. 147,152).
Reche	Livramento de todos os males pela Palavra	153-160	
Chine	Paz assentada pela Palavra	161-168	Embora as oposições e conflitos com os ímpios continuam durante a vida do crente, a Palavra dá crescente descanso e paz.
Tau	Salvação final pela Palavra	169-176	

A Bíblia é cheia destas particularidades. Mas agora descobriu-se que há algo mais.

14.2. O Código da Bíblia



Durante 3 mil anos, um código permaneceu oculto na Bíblia. Os evangélicos já sabiam que na Bíblia encontram respostas para tudo. Mas desconheciam que pode se encontrar o passado, o presente e o futuro na Bíblia.

Todos nós, ou pelo menos a grande maioria, sempre tivemos a Bíblia como a Palavra de Deus na Terra.

E se de repente você descobre que a Bíblia não passa de um Jogo "O Jogo da Vida". Para ser mais direto, Um Grande Caça Palavras tão complexo que nem as maiores mentes de todos tempos juntas poderiam decifrar, é algo (que se verdadeiro) seria quase inacreditável.

Mas isto pode ser verdade. Pelo menos é o que diz um grupo de cientistas que confirmaram estatisticamente que as palavras que aparecem no Código da Bíblia não aparecem por acaso.

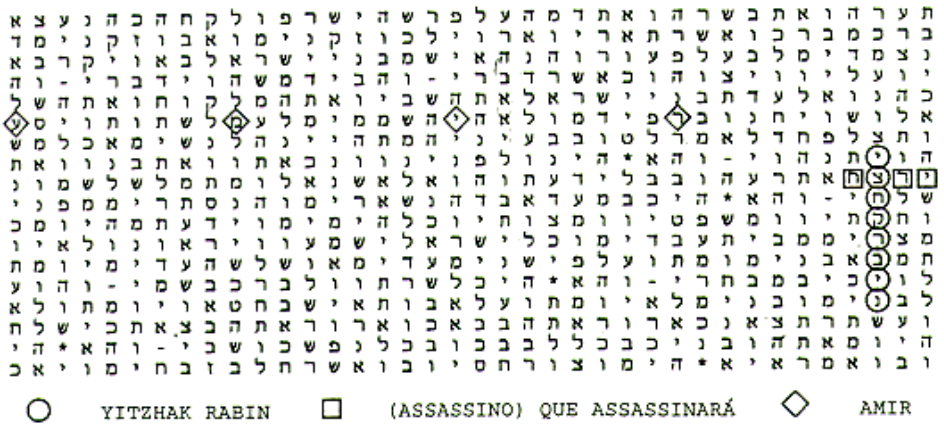
Isaac Newton

A tentativa de decifrar este código ve m de longa data: Sir Isaac Newton, o primeiro cientista moderno, aprendeu o hebraico e passou a metade de sua vida procurando descobrir o código que julgava mais importante que sua Teoria do Universo. John Maynard Keynes, maior economista do nosso século e biógrafo de Newton, ficou estupefato ao descobr ir manuscritos do grande físico que, ao invés de tratarem de astronomia e matemática, continham estudos de teologia esotérica!

Um rabino de Praga, H.M.D. Weissmandel , décadas atrás, também já havia intuído a existência do código: saltando de cinqüenta em cinqüenta letras, encontrou a palavra "torah" (lei) em cada um dos 5 livros. Entretanto, foi só com o auxílio do computador que se tornou possível inserir a palavra desejada e processar outros "saltos" (2 em 2, 3 em 3, 100 em 100 etc.). O sistema "rearruma" o texto em função dos saltos e a palavra inserida (ex: rabin) aparece acompanhada ou até cruzada de outras, em forma horizontal, vertical ou diagonal (ex: ano do assassinato, nome do assassino, etc.), em forma semelhante ao jogo "caça-palavras".

Este livro apresenta inúmeras predi ções, passadas e futuras. Caso não houvesse um código implícito, as c hances de se encontrar as combinações seriam de uma em centenas ou milhares. Aliás, o código foi aplicado em "Guerra e Paz", de Tolstói, e os resultados fo ram apenas normais, restringindo-se à lei normal das probabilidades.

Michael Drosnin, autor do Best-seller O Código da Bíblia, segundo ele através de um programa de computador, aparecem no texto bíblico, como num gigantesco problema de palavras cruzadas , nomes, fatos, datas exatas de acontecimentos Históricos.



Código da Bíblia

O Código da Bíblia encontra-se na versão original dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, em hebraico, mas é ecumênico, pois sua mensagem se dirige a todos. O texto Hebraico utilizado é o Massorético, que tem 304.805 letras nos 5 primeiros livros.



"No dia 1 de Setembro de 1994 voei para Israel e encontrei-me em Jerusalém com um amigo íntimo do primeiro-ministro Yitzhak Rabin, o poeta Chaim Guri. Dei-lhe uma carta que imediatamente entregou ao primeiro-ministro.
«Um matemático israelita descobriu na Bíblia um código oculto que

parece revelar os pormenores de acontecimentos que ocorreram milhares de anos depois de a Bíblia ter sido escrita», dizia na minha carta a Rabin.
«A razão porque falo disso é que a única vez que o seu nome completo - Yitzhak Rabin - aparece codificado na Bíblia as palavras 'assasino que assassinará' cruzam o seu nome.»
Em 4 de novembro de 1995 veio a terrível confirmação: um tiro nas costas dado por um homem que acreditava estar a desempenhar uma missão divina. A morte de Rabin foi a dramática confirmação da verdade do código da Bíblia, o texto oculto no Antigo Testamento que revela o futuro."

Na metade dos anos 80, um matemático israelense, Dr. Eliyahu Rips, um dos maiores especialistas mundiais em teoria de grupo (campo da matemática que está subjacente à física quântica) encont rou os primeiros sinais de um código que levaria os matemáticos a loucura.

Estes sinais foram comprovados por matemáticos de Harvard, Yale e da universidade hebraica.



Harold Gans é um decodificador sênior da secretíssima Agência de Segurança de Informações norte-americano. Ele acredita que o código da Bíblia era uma farsa ridícula. Escreveu seu próprio programa de computador e buscou as mesmas informações que os israelenses tinham encontrado, em relação a 32 grandes sábios, dos tempos bíblicos aos tempos modernos.

Tudo estava ali, as datas em que aqueles sábios tinham nascido e morrido estavam codificados junto com seus nomes.

Doron Witztum

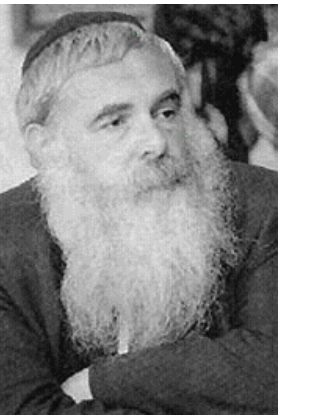
Um dos colaboradores do Dr. Eliyahu Rips

Gans não conseguia acreditar e numa experiência que durou 440 horas buscou novas informações no código da Bíblia, com resultados inexplicavelmente certos. Agora, além de nomes e datas, encontrou também os nomes das cidades de novos 32 nomes. Foram feitas experiências com versões da Bíblia em Inglês, Francês, Alemão mas nada encontraram.

Se jogo uma moeda 20 vezes e cai somente cara as 20 vezes, a probabilidade de ocorrer isto é de 1 em aprox. 1 milhão.

A probabilidade de ocorrer os 32 nomes com datas e nomes de cidades é de 1 vez em 10 milhões de vezes tentadas.

A Bíblia é como uma moeda viciada.



Dr. Eliyahu Rips

O Codificador Americano

Harold Gans, escreveu uma carta em 3 de junho de 1997, no endereço Internet http://www.pufor i.org/news/nws0620977.htm. Nesta carta ele confirma tudo o que foi dito no livro. Somente apresenta seu temor quanto a prever eventos futuros com O Código da Bíblia. Harold diz que "Não há nenhuma base científica ou matemática para tal declaração."

A possibilidade de combinações de palavras é muito grande (beira o infinito), e poderá ser tirado muita coisa além da verdade do Código quando se estiver prevendo o futuro, o que é perigoso.

Todavia a possibilidade de prever o futuro é a mesma de encontrar informações do passado como Hitler, Napoleão ou outros. Afinal estes personagens estavam no futuro quando o código foi criado. Portanto dizer que o código não prevê o futuro de nenhuma maneira também é infundado.

Yitzhak Rabin

No caso do nome *Yitzhak Rabin foram feitos s*altos de 1 a 10 mil e achou-se a palavra chave Yitzhak Rabin. O Salto apresentado era de 4772 letras. 64 fileiras de 4772 letras.

Aparece junto a palavra Assassino que assassinará e a data 5756 que inicia em setembro de 1995 e termina em setembro de 1996. Em 4 de Novembro de 1995. Aparece ainda o nome do Assassino: Amir e a cidade onde ocorrerá isto: Tel-Aviv.

Em outras experiências, ao todo mais de 1000, foram encontrados pelo código todos os líderes da Segunda Guerra Mundial.

Napoleão codificado junto da França, Waterloo e Elba.

A revolução comunista com locais e datas.

Todos os principais avanços da tecnologia moderna também parecem estar registrados com nome de inventores. Rádio, eletricidade, lâmpada, músicos...

Homem na Lua, Neil Armstrong, Nave Espacial, Um pequeno passo para o homem, um grande passo para a humanidade.

Hitler, Holocausto, Extermínio e apareceu bem encima do versículo:

Gn 6:13: Então disse Deus a Noé: O fim de toda carne é chegado perante mim; porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os destruirei juntamente com a terra.

Este foi apenas um mínimo de exemplos do que foi traduzido do Código da Bíblia. Encontraram mais de 1000 acont ecimentos mundiais codificados na Bíblia.

Guerra do Golfo

21 dias antes da guerra do golfo, o Dr. Eliyahu Rips previu seu início. Além disto apareceram as palavras Scud e Husseim.

Fogo no 3º dia de xefá - 18 de janeiro de 1991.

A guerra começou às 22 horas do dia 17 de janeiro de 1991 (1 dia antes), mas não devemos esquecer que para a Bíblia, o dia começa ao iniciar a noite e não após a meia-noite. Deus trabalha no calendário judaico.

Há uma Bíblia dentro da Bíblia

Os escritos de Nostradamus foram ac hados nas suas catacumbas e falam assim: "se a Estrela do Norte mudar de direção, o rei do sul guerreará com o rei do Leste..."

Isto é, de forma codificada que pode significar qualquer coisa em qualquer época.

Mas se a minha Bíblia fala algo mais, se dizem que existe um código dentro da Bíblia que utilizo no dia a dia, no mínimo tenho que dar um pouco de atenção.

Qual a probabilidade de alguém humano ter colocado estas informações? Nenhuma. Precisaria ter um computador muito potente na época.

Só Deus poder ter feito isto! Deus é o autor e está mostrando o final dos tempos aos seus filhos. O final dos tempos em que Jesus voltará.

Mas tenham certeza que Jesus está voltando, com código ou sem código. Os sinais descritos na Bíblia em Daniel , Isaías, nos Evangelhos e por todo o Apocalipse mostram isto.

Previsões

Prever o futuro com o Código da Bíblia é perigoso.

Eliyahuu Rips e Doron Witztum assim co mo Satinover concordam que utilizar o código para prever o futuro, no mínimo poderá trazer transtornos no futuro,

pois citam que destino não existe, uma vez que nós fazemos nosso destino, e portanto podemos o mudar.

Mas não pudemos deixar de lado algumas previsões do Código pelo livro de Michael Drosnin, algumas delas ocorreram, outras não.

Mas gostaria de falar de um dia em específico:

9 de Av

No dia 9 de Av os judeus fazem jejum o dia todo. Porque no Talmude está escrito que os espias da Terra Prometida do tempo de Moisés, voltaram com a resposta negativa (10 deles) em 9 de Av. E Deus amaldiçoou o povo de Israel neste dia pela sua falta de fé.

586 a.C.- Nabucodonosor destrói Jerusalém no dia 9 de Av.

70 d.C. - O general Tito destrói Jerusalém e mata 1 milhão de judeus, e 95 mil fogem para outras nações no dia 9 de Av.

1290 - Os judeus foram expulsos da Inglaterra no dia 9 de Av.

1492 - O judeus foram expulsos da Espanha no dia 9 de Av.

1942 - Foram inaugurados as câmaras de gás em Teblinka e os campos de concentração no dia 9 de Av.

A Europa será uma única nação com o Euro. O número de nações tem variado. Mas se ficarem 10, então se cumprirá a profecia das 10 nações de Apocalipse 13.

Israel tem 300 bombas nucleares que ao receber uma carga atômica, imediatamente enviará para a Lí bia, Síria, Líbano, Arábia, Jordânia, Irã, Turquia, Egito, Iraque (o mundo árabe e muçulmano).

No Código aparece o nome de quem vai apertar o botão: Assade, presidente da Síria (mas só se for o filho, porque o filho entrou este ano, 2003, na presidência do governo Sírio) - A Bíblia diz que o mal vem do Norte (Jeremias 6:22, 46:20).

As Colinas de Golan foram anexadas por Israel da Síria. O ódio entre eles perdura a muitos anos.

Previsão de Grandes Terremotos

- No Japão em Coke, em jan/1995, foram 6 mil mortos.
- Na China em 1976 foram 800 mil mortos, em Tang Sham.

O código confirmou estes.

Espera-se outros.

Terremoto em Los Angeles em 2010 - poderá extinguir a cidade do mapa.

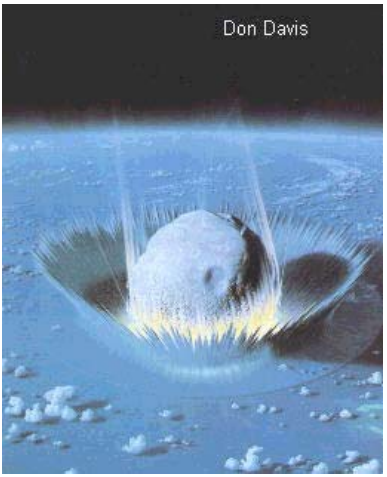
Previsão de Cometas, meteoros, restos de naves..??!!

Aparece: data predita para a humanidade. 2 grandes cometas:

2010 - angústia, terror, tristeza, trevas

2012 - Terra aniquilada, Eu o esfacelarei - diz o Senhor.

A ameaça dos asteróides



A Agência Espacial Americana, Nasa, está fazendo o reconhecimento de corpos menores que vagam pelo sistema solar, a fim de tentar calcular, com exatidão, a possibilidade de que algum deles, de diâmetro capaz de vencer a parede gravitacional, choque-se com a Terra. A agência pretende envolver um esforço internacional para mapear todos esses corpos, mais conhecidos como asteróides, nos próximos dez anos. Hoje estão mapeados cerca de 800 dos quais 180 oferecem risco. Isto é menos de 10% do total a ser mapeado. Calcula-se que haja cerca de 10 mil grandes corpos celestes errantes vagando pelo sistema solar, além de incontáveis objetos menores, que não oferecem qualquer risco.

Segundo conclusão resultante de um encontro de especialistas, realizado no fim de julho em Nova York e noticiado pelo jornal O Globo, a chance de acontecer o choque de um asteróide gigante com a Terra no próximo século é de quase 35%.

Em 1908, um pedaço de gelo de um cometa que passou perto da Terra com 300 mil toneladas atingiu a Sibéria (Rússia).

Devastou uma área de florestas de dezenas de quilômetros à sua volta. O choque foi sentido em Moscou, milhares de quilômetros de distância.

Ap 8:8-10 fala da 2ª e 3ª trombeta

Montanha pegando fogo e caindo no mar, estrela ardendo como tocha e caindo nos rios da Terra (absinto).

Mas para os fiéis a Deus, temos os Salmo 91:7: *1000 cairão ao teu lado e 10000 à tua direita mas tu não será atingido*.

Jesus no Código da Bíblia

Procuraram por Jesus no Código e encontraram:

O Meu nome é Jesus, eu sou o Messias.

Mas os judeus dizem: Yeshua (Jesus) es tá cheio nas Escrituras. Quero ver aparecer Jesus Nazareno.

Não acharam na Torah, mas acharam em Isaías. Mais precisamente em Isaías 53 - **O meu nome é Jesus Nazareno**, e aparece ainda **Pôncio Pilatos**, aparece as 3 Marias (mãe de Jesus, Madalena e a tia de Jesus), alguns discípulos, Sepulcro, Domingo de Manhã.

Com isto, muitos judeus estão se convertendo ao Cristianismo.

O Código mostra que a Bíblia não tinha razão, a Bíblia TEM razão.

Livro Selado

Dn 12:1-4: Naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo; e haverá um tempo de tribulação, qual nunca houve, desde que existiu nação até aquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro.

E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.

Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que converterem a muitos para a justiça, como as estrelas sempre e eternamente.

Tu, porém, Daniel, cerra as palavras e sela o livro, até o fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará.

Ap 5:1-5: Vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, bem selado com sete selos.

Vi também um anjo forte, clamando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de romper os seus selos?

E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele.

E eu chorava muito, porque não fora achado ninguém digno de abrir o livro nem de olhar para ele.

E disse-me um dentre os anciãos: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e romper os sete selos.

Isaías 29:10-18: Porque o Senhor derramou sobre vós um espírito de profundo sono, e fechou os vossos olhos, os profetas; e vendou as vossas cabeças, os videntes.

Pelo que toda visão vos é como as palavras dum livro selado que se dá ao que sabe ler, dizendo: Ora lê isto; e ele responde: Não posso, porque está selado.

Ou dá-se o livro ao que não sabe ler, dizendo: Ora lê isto; e ele responde: Não sei ler.

Por isso o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas tem afastado para longe de mim o seu coração, e o seu temor para comigo consiste em mandamentos de homens, aprendidos de cor; portanto eis que continuarei a fazer uma obra maravilhosa com este povo, sim uma obra maravilhosa e um assombro; e a sabedoria dos seus sábios perecerá, e o entendimento dos seus entendidos se esconderá.

Ai dos que escondem profundamente o seu propósito do Senhor, e fazem as suas obras às escuras, e dizem: Quem nos vê? e quem nos conhece?

Vós tudo perverteis! Acaso o oleiro há de ser reputado como barro, de modo que a obra diga do seu artífice: Ele não me fez [1] ; e o vaso formado diga de quem o formou: Ele não tem entendimento?

Porventura dentro ainda de muito pouco tempo não se converterá o Líbano em campo fértil? e o campo fértil não se reputará por um bosque?

Naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro, e dentre a escuridão e dentre as trevas os olhos dos cegos a verão.

[1] Muitos cientistas têm afirmado que Deus não existe, e que todos os seres vivos e o planeta foram formados por evolução (teoria de Darwin). Isto começou somente no século passado, e é mais uma prova que as últimas coisas estão se cumprindo. Somos os vasos e estamos dizendo ao oleiro (Deus) que Ele não nos fez, evoluímos ao acaso.

O livro selado que falam estas passagens pode ser o Código da Bíblia, não podendo ser aberto no tempo de Isaac Newton ou de Weissmandel, porque ainda não tinha sido inventado o computador. Isto é, a Ciência ainda não tinha se multiplicado.

Um sábio do século XVIII, um homem chamado Genius de Vilna escreveu: " **A regra é que tudo o que foi, tudo o que é e tudo o que será, até o fim dos tempos, está incluído na Torah da primeira à última palavra. E não só num sentido geral, mas nos detalhes de cada espécie e de cada um individualmente, com detalhes dos detalhes de tudo o que lhe aconteceu desde o dia de seu nascimento até sua morte.**"

A Bíblia é Um Banco de Dados Interativo

A Crítica

Precisamos ser racionais e não emocionais nesta descoberta. Para isto precisamos de mais análise e mais respostas. Eis uma série de perguntas que precisam ser respondidas para este caso.

Precisamos Responder Algumas Perguntas:

Não há nenhum limite ao número de códigos que podemos achar na Torah?

Podemos achar qualquer coisa que queiramos com o código? Por que sim ou por que não? Se não, que características do código fariam isto parecer pouco provável?

Como validar as reivindicações e testes feitos em vários outros livros sobre os códigos?

Tais códigos podem ser usados para predizer o futuro? Por que ou por que não? Qual o perigo de isto afetar significativamente este futuro?

No código está a verificação que prova que aquele Jesus é o Messias? Outros nomes aparecem também como Messias?

Há mensagens secretas ou conhecimento esotérico nos códigos?

Os códigos têm qualquer coisa a ver com Numerologia Bíblica ou o Cabala?

Qualquer código significante foi também achado no Novo Testamento Grego?

O que dá a certeza que só a Torah contém códigos significantes?

Se um autor apresenta códigos clar amente coincidentes como inverossímil (pouco prováveis de serem verdadeiros), nós deveríamos invalidar e perder tudo o que está escrito no livro O Código da Bíblia?

Devemos só considerar as ocorrências de um código que tenham saltos (intervalos entre letras) pequenos?

Onde eu poderia adquirir mais informação sobre os códigos?

Quais suas preocupações quanto às pessoas de opiniões semelhantes à minha com relação aos códigos da Bíblia?

Outro problema do livro, é que Drosnin afirma que a Bíblia hebraica não apresenta diferença entre as versões hebraicas. Talvez isto valha mais para os 5 primeiros livros, o Pentateuco, do texto Massorético. Mas há pequenas variações de ortografia. E há palavras mudadas, mas que não determinam uma mudança no significado do texto. Portanto há versões que não são completamente iguais.. E uma letra acrescentada ou retirada pode fazer com que a seqüência eqüidistante não seja mais encontrada.

Precisamos ainda esperar e analisar se o que o código previu para os próximos anos se cumpra. Isto será determinante para a credibilidade do código.

Glossário

Alquimia	Escola místico-ocultista surgi da nos primeiros séculos depois de Cristo. A alquimia ficou conhecida porque seus praticantes diziam-se capazes de transformar metais comuns em ouro.
Antropomorfismo	Tão antigo quanto o homem e sua cria tividade, o antropomorfismo está na história de todas as religiões, das artes e das técnicas, revelando em tudo o que o homem cria o reflexo dele próprio, parcial ou totalmente identificado. Antropomorfismo é a tendência a atribuir ou imprimir propriedades e feições humanas a seres, obras, objetos imaginados ou criados pelo homem . Pode-se dizer que esse ou aquele animal ostenta, ou adquiriu, aparência humana, mas não se poderá dizer, corretamente, que é antropomórfico. Antropomórficos são com toda certeza muitos deuses - senão todos - , fetiches, imagens, esculturas, representações literárias, casas, veículos e outras máquinas. Em sentido estrito, antropomorfismo é questão importante nas teologias judaica e cristã, pelo freqüente uso bíblico de repr esentações antropomórficas de Deus (a mão de Deus, o dedo de Deus, a sabedoria divina, sua ira, suas paixões - especialmente no Velho Testamento) para os principais exegetas, com o fim de tornar a divindade mais acessível a s eus adoradores. Curiosamente as traduções gregas, de influência filosófica e raci onalista, substituíram muitas dessas passagens por perífrases (rodeio de palav ras). O antropomorfismo se mostra indissociável do próprio comportamento religioso, como de tudo aquilo em que o homem se afirma e se projeta.
Ascetismo	O termo deriva do grego askeo, "exercitar", "treinar". Procedimento metódico de renúncia e austeridade corporal, bas eado na negação de desejos físicos ou psicológicos. Empregado para o progresso da virtude e o aperfeiçoamento espiritual. A doutrina dualista defendida pelo neoplatônico Plotino, que identifica o espírito com o bem e a matéria com o mal, expressa na verdade um sentimento antiquíssimo. Ao longo da história, as re ligiões, em sua maioria, tiveram em comum a tendência para incluir a negação do prazer e dos desejos entre os caminhos do enriquecimento espiritual. Variantes do ascetismo nas principais religiões O ascetismo assume grande variedade de formas, do jejum à autoflagelação, pois existem incontáveis maneiras de se reprimirem as paixões e os instintos do corpo. Assim, seriam variedades de ascetismo o celibato, a rejeição dos bens materiais ou a provocação de dor. O cristianismo revelou tendências ascéticas quase desde seu início. Primeiro surgiram no Oriente os eremitas e as figuras de são Clemente e são João Crisóstomo. Mais tarde, no Ocidente, as obras de santo A gostinho e são Bento definiram o ideal ascético na alta Idade Média, que chegou a extremos em certas comunidades monásticas onde os monges sírios, por exemplo, se encerravam em celas estreitíssimas e evitavam qualquer movimento. A Bíblia não dita nenhuma norma de ascetismo, mas o anseio de santidade justifica o desprezo da carne e da riqueza, tendo inspirado o celibato, a pobreza e o jejum como meios de purificação da alma. Conseqüência disso foi o aparecimento de ordens religiosas como a dos franciscanos, que praticaram um ascetismo naturalista. As convulsões que assolaram a Eur opa a partir do século XIII trouxeram consigo um grande desejo de penitência e mortificação. Apareceram as flagelações e os cilícios. Depois da Reforma, surgiu no catolicismo um ascetismo místico que já não pretendia ser caminho da perfeição, mas meio de chegar à identificação com Deus. O Concí lio de Trento (1545-1563) provocou o aparecimento de um ascetismo de férrea disciplina, exemplificado nos Exercícios

	espirituais, de santo Inácio de Loyola. No protestantismo não foram comuns as práticas ascéticas extremadas, mas os ideais de austeridade e renúncia estiveram presentes em muitas de suas comunidades. Junto com o cristianismo, o budismo é a religião que mais importância dá ao ascetismo, isso porque na doutrina de Buda o sofrimento está intimamente ligado ao desejo. Os monges budistas, porém, evitam um ascetismo extremo, já que consideram ser este, na verdade, outro modo de ceder aos desejos. No hinduísmo e no islamismo as práticas ascéticas são, em geral, de tipo moderado, baseadas na austeridade e na contemplação espiritual.
Auto-conhecimento	É um processo conhecido no esoterismo em que o indivíduo busca uma interiorização. Isso é feito através da meditação, olhando para dentro de si mesmo, questionando-se até alcançar um estágio superior, onde o psíquico entra em funcionamento, liberando o "estágio de consciência", quando pode entrar em contato com seres de outras dimensões ou a "canalização".
Avatar	É um nome originário da Índia, atribuído a homens especialmente "iluminados", com muita sabedoria, que de tempos em tempos aparecem na Terra para ensinarem os homens a evoluir espiritualmente. Buda é um exemplo de avatar, assim como consideram o próprio Jesus.
Chacras	São os pontos sensíveis do corpo onde, esotericamente, acredita-se estarem localizados os centros de energia da pessoa. Através dos chacras fazem tratamento preventivo das doenças e cura m males emocionais ou espirituais. O tratamento constitui no "alinhamento" desses pontos reequilibrando as energias individuais. Os chacras são constituídos por sete pontos Coronário (situado na testa) - Intuição - (acima das sobrancelhas) - Laríngio cardíaco - plexo solar (acima do umbigo) - umbilical e básico (região da púbis).
Cisma	Comunhão, confissão, credo, denominação, escola e heterodoxia são termos usados para designar as facções ou doutrinas que se originam de dissensões religiosas. Diversamente da heresia - erro contumaz sobre a fé, de caráter doutrinário ou ideológico - e da apostasia - abandono dos princípios religiosos - o cisma afeta diretamente a estrutura hierárquica de uma igreja. Cisma é o movimento separatista no interior de uma igreja (ou ainda religião ou denominação - congregação eclesiástica), que pode dar origem a novas correntes religiosas ou a seitas. Em quase todas as grandes religiões verificaram-se movimentos cismáticos ou divisionistas. No budismo, ao iniciar-se a era cristã, um cisma deu origem ao grupo mahayana, em oposição ao hinayana, tradicional. No islamismo, os sunitas e os xiitas disputam a ortodoxia, e grande número de grupos políticos, sociais, racionalistas e místicos se originaram de outros cismas. Já o judaísmo, apesar de suas correntes ortodoxa, conservadora e renovadora, não apresenta cisma de caráter radical. No cristianismo, além de numerosas cisões de caráter territorial ou doutrinário relativamente restritas, dois cismas modificaram profundamente a história da igreja: o cisma do Oriente, ou bizantino, e o grande cisma do Ocidente. 1. Cisma Fociano O primeiro, também denominado de cisma fociano, ocorreu em 1054, devido às divergências políticas e culturais entre gregos e latinos. Esses desacordos, que se acentuaram a partir da divisão do Império Romano, no século IV, agravaram-se com o cesari-papismo (infalibilidade papal) dos imperadores gregos e com a posição assumida pelo bispo de Constantinopla, que equiparou sua investidura à do bispo de Roma. O movimento cismático teve início no ano 858, com a deposição de Inácio, patriarca de Constantinopla, e sua substituição por Fócio, que, com o apoio do imperador de Bizâncio, proibiu no Oriente o rito latino. Num concílio realizado em 867, em Constantinopla, a igreja do Ocidente foi considerada herética e o papa excomungado. Houve uma reconciliação em 920, mas o conflito reacendeu-se em 1024, quando o papa João XIX recusou independência à igreja de Constantinopla. Em 1054, depois que o patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário, ordenou o

	fechamento das igrejas de rito latino, ele e o papa Leão IX se excomungaram mutuamente. O distanciamento entre as duas ig rejas aumentou com os choques entre Bizâncio e os países ocidentais, motivados pelas cruzadas. Doze tentativas de unificação fracassaram. Importante passo com vistas à reaproximação foi dado em 1968, durante as comemorações do 19 centenário da morte de são Marcos, que a igreja de Alexandria, ou copta ortodoxa, venera como seu fundador. A Igreja Católica restituiu então parte das relíqui as do evangelista, conservadas na basílica a ele dedicada em Veneza, e o papa Paulo VI e o patriarca Cirilo VI assinaram documentos em que reafirmavam seus es forços pela reunificação. Uma das maiores da África, a igreja de Alexandria é a igreja nacional do Egito e congrega cerca de 98% dos cristãos daquele país. 2. Grande Cisma O segundo grande cisma da história da Igreja Católica ocorreu em 1378, quando a sede do papado voltou a Roma, depois de permanecer por setenta anos na cidade francesa de Avignon. Com a morte, no mesmo ano, do papa Gregório XI, responsável pela transferência, os romanos exigiram a eleição de um papa italiano e forçaram a escolha de Urbano VI. Os cardeais dos outros países, apoiados pela França, Escócia e Castela, consideraram a escolha nula e elegeram Clemente VII, que voltou a Avignon. Com a morte de Urbano VI e Clemente VII, novos pontífices foram eleitos e a divisão prosseguiu. O ci sma só teve fim em 1417, com a eleição de Martinho V, que obteve apoio unânime. O grande cisma do Ocidente enfraqueceu a autoridade política e religio sa do papado e constituiu o prelúdio da Reforma, ocorrida no início do século XVI, quando se constituíram as igrejas protestantes, que contestaram a autori dade do papa e se separaram da igreja de Roma.
Cristais	São pedras formadas por terem pass ado por intenso calor no interior da Terra, chamada pressão tectônica. Isso faz com que as pedras fiquem transparentes e de várias cores e diversos ti pos. Esotericamente, acredita -se que os cristais tem o poder de emanar energia que cura, traz bons fluídos e evita as más radiações porque elas também armazenam energia ruim.
Cromoterapia[1] [1] Jehozadak A. Pereira	Tratamento de doenças através das cores. Segundo os esotéricos, a cromoterapia (o uso da cor para fins curati vos) é talvez uma das primeiras formas conhecidas de terapia, desempenhando hoje um papel cada vez mais importante no campo da medicina complementar e alternativa. A Cromoteriapia atua naquilo que os es otéricos chamam de "aura" (que significa "brisa ligeira", "sopro"), uma lu z invisível que envolve o corpo vivo e tem propriedades como cores, intensidade, grandeza, movimento, pureza, poder (variáveis de acordo com o estado de consci ência e o nível de vida mental). A aura também é chamada de "cor" ou "pele" da alma, envolvendo-a, protegendo-a, conferindo-lhe sensibilidade e permitindo a passagem das correntes universais e trocas entre a alma humana e a de todas as criaturas, inclusive das estrelas. Afirma-se também que essa aura traz t odas as informações das vidas passadas dos indivíduo, que afetariam seu "carma" (a lei da causa e do efeito). Ela apresenta cores que se modificam constantemente de acordo com o estado de espírito e nível de bem-estar, assim como dependo do grau de evolução da alma. É possível encontrar em algumas livrari as evangélicas livros que tratam desse assunto, impondo-nos um novo padrão, querendo nos fazer pensar que serão úteis para nós. Um exemplo disso é o livro Los Colores de la Personalidad, do Dr. Roger Birkman – em espanhol – Editorial Caribe, onde o autor usa como pretexto o argumento de que seus estudos servem para pelo menos uma dúzia de grandes empresas americanas, na análise da persona lidade dos seus funcionários, como se isso habilitasse para nosso uso as práticas da cromoterapia. É notório que tal prática não encontra parâmetros bíblicos. Também é interessante notar como se procuram modos e meios de levar cristãos ao engano e a práticas nocivas e largamente utilizadas pela Nova

	Era e pelo esoterismo. Portanto a cromoterapia não nos serve em absoluto! Uma das características marcantes de livros do tipo citado é a ausência total da bibliografia, o que não acontece nos livros esotéricos, ou seja, os livros ditos da luz escondem a origem, enquanto que os livros mundanos não se acanham em divulgar as suas origens, e mesmo a bibliografia. Outro fato notório é que os autores desses livros ditos evangélicos pensam que podem "santificar" tais práticas, ou ainda dizer-nos que sejamos seus imitadores, como eles são do esoterismo, da Nova Era, das práticas advindas dos espiritualismo etc. A Bíblia, contudo, nos manda ser imitadores de Cristo (1ª Coríntios 11:1; 4:16). O melhor a fazer é crer, esperar no Senhor e ficar com o que nos diz Efésios 5:6-14, e reconhecer que a única cor que nos serve de fato e de direito é o vermelho carmesim do sangue de Jesus Cristo (Efésios 1:7; Apocalipse 1:5), pelo qual fomos lavados e remidos. Que o Senhor Jesus Cristo nos ajude e nos proteja de todas as ciladas que procura nos armar o inimigo.
Cruz Ansata ou Tau	Conhecida também como Cruz Egípcia, pois aparecia em relevo nas tumbas e sarcófagos dos faraós. Acompanhavam também as divindades e era representada pela parte superior da haste vertical, logo após a horizontal, por uma forma arredondada, lembrando uma pêra.
Cruz Suástica	É um dos mais conhecidos símbolos do esoterismo por ter sido utilizada por Hitler, ficando conhecida como "cruz gamada". É um símbolo muito antigo e já reverenciada na Índia há cerca de 3000 anos a.C. como amuleto capaz de afastar os maus fluídos. É conhecida em todo o mundo e foi adotada por Hitler por acreditar que atraía sorte.
Demonologia	Nome genérico dos estudos sobre os entes sobrenaturais, benfazejos ou maléficos. Na teologia cristã, designa apenas o estudo dos espíritos malignos. Ao contrário do que muitos imaginam, demonologia (do grego daimon, "divindade", "gênio", "espírito supra-humano", e logia, "ciência") não é exclusivamente o estudo dos espíritos malignos. Essa acepção prevalece na teologia cristã; em outras tradições metafísicas a demonologia estuda todos os entes sobrenaturais, supra-humanos mas abaixo de Deus, sejam eles benfazejos (fazem o bem) ou malfazejos (fazem o mal).
Dogma	Desde seu uso mais remoto, nos textos das Escrituras e na antiguidade clássica e pré-clássica, a palavra dogma está ligada à idéia de afirmação indiscutível. Ao longo do tempo, o termo passou por uma mudança substancial de significado e passou a designar os conceitos religiosos dos quais deriva a doutrina. Dogma é o termo da religião cristã - especialmente do catolicismo - que designa a afirmação de caráter doutrinário definida e transmitida pela igreja como revelação de Deus. O dogma, portanto, representa uma verdade fundamental e imutável, dada aos cristãos para crerem, como norma imposta por decreto. É vedado crer de outro modo. Num sentido mais genérico, dogma é um ponto fundamental e indiscutível de qualquer doutrina ou sistema. Alguns ramos da filosofia e da cultura se serviram do termo dogma para designar metaforicamente (por vezes mesmo pejorativamente) os princípios básicos não demonstráveis de uma teoria. Na esfera propriamente religiosa, pode-se dizer que tanto o cristianismo como o islamismo, o judaísmo e o budismo estabeleceram textos sagrados e interpretações mais ou menos oficiais, dos quais as diversas seitas constituem divergências. Foi a expressão de certas idéias básicas na forma de verdades inalteráveis que pôde, em tantos casos, garantir a unidade, apesar da difusão dessas religiões para contextos culturais e históricos diferentes dos de seus fundadores. Dogma no Cristianismo A transmissão apostólica dos ensinamentos de Jesus iniciou-se logo após sua

	morte e a difusão do cristianismo fora da Palestina logo provocou o surgimento de controvérsias a respeito da doutri na, despertadas pela ocorrência de discrepâncias, distorções e proliferação de interpretações. O esforço por preservar a unidade da nova religião exigiu que se estabelecesse de modo inequívoco os termos da mensagem original de Jesus e suas legítimas interpretações doutrinárias. Nos primeiros concílios provinciais e ecumênicos, realizados com propósito unificador, não havia a instituição eclesi ástica do dogma. Posteriormente, ao longo da Idade Média, a igreja elaborou de modo ma is minucioso a distinção entre os diversos graus da autoridade por ela exercida em questões de doutrina - desde simples explicações da palavra de Deus, passando por orientações gerais, até a plena formulação de uma verdade revelada e absoluta. É esse o grau mais forte de autoridade que Tomás de Aquino entendia como próprio do princípio do dogma e foi a partir de então (século XIII) que ele se consolidou. Dogma na Igreja Católica Apostólica Romana A elaboração do conceito se completou no século XVIII e o Concílio Vaticano I (1869-1870) determinou explicitamente que os sentidos originais dos dogmas sagrados não deveriam ser abandonados sob pretexto de melhor compreensão dos ensinamentos, sob pena de incorrer-se em anátema. Nesse mesmo concílio, a autoridade para decretar dogmas foi transferida do "consenso da igreja" para a pessoa do sumo pontífice, o que deu ori gem ao princípio conhecido como da infalibilidade papal. A partir do Concílio Vaticano II, no entanto, delineou-se outra tendência, em que a orientação doutrinária se faz por instruções pastorais, sem definições dogmáticas e anátemas. A concepção da Igreja Católica do Orient e a respeito do dogma é semelhante à do catolicismo romano, mas só se reconhece a autoridade das decisões dos primeiros sete concílios (com especia l importância conferida ao credo niceno, definido no Concílio de Nicéia, em 325). A infalibilidade papal, ou de qualquer outra pessoa ou instituição, não é reconhecida. Dogma e protestantismo A infalibilidade papal, assim como a dos concílios, é negada pela Igreja Anglicana e demais igrejas protestantes. Embora a doutrina dos primeiros concílios ecumênicos seja aceita, o ensinamento da igreja é despido de todo caráter impositivo. A grande questão teológica e filosófica relacionada à aceitação ou rejeição do dogma é a da possibilidade de expressar em termos humanos e imperfeitos as verdades divinas eternas e transcendentes. A teologia católica definiu o problema do "desenvolvimento do dogma": a mensagem divina estaria dada, de uma vez por todas, por meio da pessoa, vida e palavras de Jesus Cristo (que é o que a maioria das igrejas protestantes acredita).
Druidas	Eram sacerdotes da antiga civ ilização Celta, na região da Gália, conquistada pelos romanos em sua expansão imperialista . É uma religião esotérica, que dizem ter estreita ligação com o bramanismo, budismo e outras religiões orientais.
Dualismo	Coube a René Descartes estabelecer a doutrina dualista no campo da filosofia, e foi Christian von Wolff quem primeiro utilizou o conceito em sua concepção moderna. Dualismo é o sistema filosófico ou doutrina que admite, como explicação primeira do mundo e da vida, a existência de dois princípios, de duas substâncias ou duas realidades irredutíveis entre si, in conciliáveis, incapazes de síntese final ou de recíproca subordinação. Na acepção filosófica moderna, refere-se à dualidade de corpo e espírito como entidades inconfundíveis e irredutíveis, em oposição ao monismo. No sentido religioso e ético, são cla ssificadas como dualistas as religiões ou doutrinas que admitem uma divindade criadora positiva, princípio de todo bem, e outra, que se lhe opõe, destruidora, negativa, princípio do mal, sempre em luta com

	o bem. Incluem-se aí o masdeísmo, os escritos morais de Plutarco (45-127), o gnosticismo e o maniqueísmo. Ainda em sentido religioso, e metafísico, é dualista a filosofia pitagórica, com suas dicotomias entre o perfeito e o imperfeito, o limitado e o ilimitado, o masculino e o feminino et c., como elementos de ex plicação da criação do mundo e de seu movimento. Na teoria do conhecimento, são dualis tas as doutrinas que distinguem, como irredutíveis, o sujeito e o objeto (como no kantismo), a consciência e o ser, o eu e o não-eu, como realidades irredutíveis. Do ponto de vista ético, são dualistas as teorias que distinguem como inconciliáveis o bem e o mal, a liberdade e a necessidade, o dever e a inclinação, como acontece com o estoicismo e com a moral kantiana. A oposição entre dualismo e monismo não pode ser tomada como marco definitivo e radical nas concepções filosófica s. Não só há os sistemas ecléticos, e os que admitem mais de dois princípios, como ainda os que superam a oposição, sem lhe reconhecer o erro radical da outra teoria.
Esoterismo	É uma palavra derivada de esotér ico, que no grego quer dizer interior. Na Grécia antiga, era a qualificação dada nas e scolas dos filósofos às suas doutrinas secretas, reservadas apenas aos alunos matriculados. É que, na época, os filósofos costumavam ensinar nas praças seus conhecimentos apenas superficialmente. Os que desejassem se aprofundar, tinham que freqüentar as escolas, que eram o sustento desses sábios. Hoje a palavra passou a denominar toda doutrina secreta (oculta), assim como os mistérios do espírito e do Universo em geral.
Espiritualismo É	a denominação genérica de doutrinas religiosas ou filosóficas para as quais a essência da realidade é o espírito, entendido quer como substância psíquica, consciência universal, pensamento puro, liberdade irrestrita, vontade absoluta ou divindade todo-poderosa. O espírito é então a realidade primordial, o bem supremo, a fonte de todos os valores e o unificador das consciências finitas. Transcende a natureza material, que se reduz à aparência sensível ou manifestação da substância imaterial, infinita.
Florais de Bach	É um sistema de medicação através de flores. O processo foi descoberto e desenvolvido pelo médico Edward G. Bach (1886-1936).
Ginseng	Palavra que em coreano significa "planta-homem". Segundo a lenda, suas raízes tinham a forma de um hom em. É uma planta de grandes poderes medicinais, utilizando-se também para fabricação de produtos de toalete (shampoo, sabonete...).
Gnomos	Palavra inventada pelo médico alquimista Paracelso (1493-1541), para denominar anões disformes e sobrenaturai s que, segundo os esoteristas judeus, residiam no seio da Terra. Hoje, são vistos como seres protetores da natureza e os esoteristas garantem que realmente existem.
Hermetismo	Conjunto de conhecimentos esotéricos relativos à esfera cósmica, em oposição à esfera divina ou espiritual. Abrange em sentido estrito astr ologia, alquimia e magia.
Hidroterapia	Tratamento medicinal atravé s da água. É usada de diversas formas e temperaturas, dependendo do mal a ser tratado.
Holística	Palavra originada do grego "Holikós ", que significa uma expressão comum a várias línguas. Por isso, passou para a Nova Era para denominar aquilo que é global, amplo, comum a todas as pessoas.
Hórus	Deus solar do antigo Egito, filho de Ísis e Osíris, representado com o corpo de homem e cabeça de falcão.
I Ching	Trata-se de um método de adivinhação surgido na China. O consulente formula a pergunta, em seguida joga três varetas ou três moedas, seis vezes seguidas. As combinações formam o hexagrama da per gunta, que será identificado no livro do mesmo nome.
Ísis	Deusa egípcia, esposa de Osíris e mãe de Hórus, formando os três principais

	deuses do Egito antigo.
Lúcifer	Palavra originada do latim "Luci e Fero s" que significa "portador da luz". O mais belo dos anjos que se rebelaram contra Deus.
Macrocosmo	Refere-se ao mundo exterior que nos cerca. O nosso mundo interior é o microcosmo. Esotericamente, ambos tem que estar em perfeita harmonia para que o homem viva em paz e saudável.
Mandala	Palavra que ficou muito conhecida por ter sido nome de novela de televisão. Origina-se da língua sânscrita, que significa "círculo", pois era a forma geométrica, aliada a outras, usada pelos povos do antigo Oriente para viajarem ao próprio "eu" e expressarem o contato do ser humano com as energias divinas.
Medicina Alternativa	Muito em moda nesses novos tempos, trata-se de uma forma nova de tratamento de doenças e a ressurreição de antigos métodos, ervas e medicamentos. A cromoterapia, as florais, a hidroterapia, voltar a andar descalço, o uso de ervas medicinais, aliment ação balanceada além de muitos outros sistemas.
Metempsicose	O mesmo que reencarnação, crenç a de que, ao morrer o homem, seu espírito volta a animar o corpo de outro bebê. O retorno é determinado para que a pessoa possa ir "progredindo", pagando pecados de vidas anteriores através da caridade, até atingir um estágio superior e não voltar a reencarnar-se.
Misticismo	Doutrina religiosa ou filosófi ca, segundo a qual a perfeição consiste numa espécie de contemplação, que chega até o êxtase e une misteriosamente o homem à divindade. Hoje, a palavra é usada para designar a pessoa que tem tendência para acreditar no sobrenatural ou grande devoção religiosa.
Mônada	Significa, esotericamente, a unidade perfeita que compreende o espírito e a matéria sem separação e constitui o própr io Deus. Leibniz, filósofo alemão (1646-1716), definiu como substância simples, invisível, que entra na composição de todos os seres.
Musicoterapia	Tratamento de determinados distúrbios orgânicos e mentais através da música. O processo se desenvolve por meio de combinação de notas e conforme o estado psíquico do paciente. Diz-se que se sintoniza, corpo e espírito numa só freqüência.
Nominalismo	Uma das principais tendências f ilosóficas da Idade Média, o nominalismo, contrário ao realismo e ao conceitualismo, rejeitou o pensamento alcançado por abstrações e abriu caminho para o espíri to de observação e a vulgarização da pesquisa indutiva. O nominalismo é uma doutrina segundo a qual as idéias gerais, como gêneros ou espécies, não passam de simples nomes, sem realidade fora do espírito ou da mente. A única realidade são os indiví duos e os objetos individualmente considerados. Desse modo, o universal (ou a idéia) não existe por si: é mero nome, vocábulo com significado geral, mas sem conteúdo concreto (ou existência independente), que só reside no individual e no particular. Em seu retrospecto histórico da doutrina nominalista, Leibniz afirmava que, para os partidários do nominalismo, só existem, além das subs tâncias singulares, os nomes puros e, desse modo, a realidade das coisas abstratas e universais é eliminada.
Numerologia	No esoterismo, tornou-se o es tudo dos números, correlacionando-os às letras através de tabelas, sendo a mais antiga cr iada pelos caldeus. A mais utilizada é a de Pitágoras, considerado o pai da numerologia moderna.
Oráculo	No mundo pagão das antigas civilizaç ões, eram as respostas que os deuses davam aos fiéis que os consultavam nos templos. Tratavam-se de uma sentença inspirada, com autoridade e, por isso mesmo, considerada infalível.
Osíris	Deus supremo do antigo Egito. Há uma interessante observação a respeito desse deus. Ele morria e ressuscitava todos os anos, mantendo acesa a chama da esperança da ressurreição em seus fiéis. Os esoteristas aproveitam-se desse fato para considerar a ressurreição de Cristo como mito, já que Osíris não passava de crendice dos egípcios.
Pã	Deus campestre da antiga Grécia, metade homem e metade bode.

	Esotericamente, é símbolo do espírito vital e fecundante da natureza e dos instintos primários ou elementais.
Paganismo	A cristianização da sociedade romana após o edito de Milão, no ano 313, fez com que a religião politeísta tradicional ficasse restrita às pequenas aldeias rurais (pagus). Desde então os cristãos chamaram pagãos aos que conservavam o politeísmo. Em seu verdadeiro sentido, o termo paganismo designa as religiões politeístas - em especial a grega e a romana - e seu modelo cultural, ainda que eventualmente tenha sido aplicado a qualquer religião não-cristã. O termo pagão surgiu nos últimos tempos do Império Romano, mas o conceito em que se baseia provém do judaísmo. Os hebreus estabeleciam uma nítida divisão entre o povo eleito por Deus, e os gentios, que posteriormente seriam denominados pagãos. A distinção não era étnica ou política, mas fundamentalmente religiosa. Os gentios eram "os povos que não conhecem Iavé". O povo de Israel era o depositário das promessas de Deus, mas as nações poderiam também alcançar essas promessas com o ingresso na comunidade religiosa de Israel. O judaísmo alexandrino foi particularmente aberto nesse sentido, como mostra a tradução grega da Bíblia. Os primeiros cristãos herdaram dos judeus a idéia de que a salvação estava reservada aos que pertenciam ao povo de Deus mas, na medida em que se estenderam pela Anatólia, Grécia e Roma, acentuaram o sentido religioso dessa pertinência. "Os que são pela fé, são filhos de Abraão" escreveu aos gálatas Paulo, que se proclamava apóstolo dos gentios, enviado para evangelizar as nações - porque os caminhos de Deus levariam à salvação final de todas elas, reunidas com Israel no povo de Deus. Por extensão, o termo paganismo se aplica também ao estilo de vida dos que não aceitam a existência de Deus único, cujo paradigma pode ser a sociedade greco-romana e, de certo modo, a renascentista. Essa "religião dos pagãos" - segundo a expressão do historiador hispânico Paulo Orosio (século V) - caracteriza-se por conceber deuses segundo o padrão humano, sujeitos às mesmas vicissitudes e paixões, sem coerência teológica ou norma moral. No Brasil, tradicionalmente, chama-se pagão aquele que não foi batizado.
Polaridade	Conceito esotérico de que tudo é dual, tem dois pólos, positivo e negativo, havendo semelhantes e antagônicos. Representa um dos princípios fundamentais do hermetismo.
Ptah	Divindade egípcia, construtor do mundo e dispensador da vida. É simbolizado por um escaravelho, uma espécie de besouro.
Radiestesia	É a energia emanada da Terra em locais onde possivelmente hajam minerais, fazendo vibrar a sua superfície. Veio daí a crença de se procurar água e outros minerais através de uma forquilha, cuja ponta vibra quando encontra líquidos ou minerais nos lençóis subterrâneos. No esoterismo, a crença é de que nós também emitimos essas vibrações, surgindo a medicina através da captação dessas ondas radiestésicas.
Runas	Sistema advinhatório composto por 24 pedras com sinais gráficos. Conforme as pedras vão sendo jogadas formam palavras, que são decifradas através de um livro que contém os significados. É um sistema que ficou perdido durante mais de 500 anos, sendo agora "ressuscitado" pela Nova Era. Foi criado pelos vikings, habitantes da região onde hoje situa-se a Dinamarca, por volta do terceiro ou quarto século depois de Cristo.
Sátiro	Mitologia greco-romana. Eram gênios dos bosques caracterizados pela forte sensualidade. Simbolizavam diversas modalidades dos primitivos cultos às forças da natureza.
Seth	Divindade egípcia. Deus das trevas, gênio do mal em todas as suas formas, irmão e assassino de Osíris. Simboliza a noite, tanto na forma da escuridão como um tempo de repouso.
Shamballa	Cidade mitológica subterrânea onde acreditavam habitar os "governantes

	secretos da Terra". Esotericamente, essa crença é defendida por muitos como verdade absoluta.
Shiva	Deus do bramanismo que formava ao lado de Brama e Vishnu a trindade suprema do hinduísmo. Era responsável pela fecundidade da terra e dos homens.
Sibila	Vidente ou profetiza que, na Grécia antiga, era inspirada por Apolo. Esotericamente, representa a mulher dotada de intuição e de natureza mais sensível que o homem.
Simbologia	Originalmente, significa estudo dos símbolos. No esoterismo refere-se a um sistema de símbolos que procura exprimir as afinidades secretas das coisas com a nossa alma.
Sincretismo	Plutarco cunhou o termo "sincretismo" para designar a união das cidades cretenses contra inimigos comuns (o prefixo grego syn significa união). Erasmo de Rotterdam empregou a palavra quando sugeriu a criação de uma confederação humanista para enfrentar os perigos a que a Reforma e a Contra-Reforma expunham seus trabalhos. No século XIX, a história comparada das religiões designou como sincréticos, em tom pejorativo, cultos híbridos, associados a estágios de decadência das civilizações. Sincretismo é a fusão de crenças e práticas religiosas distintas, particularmente freqüente no período helenístico. O gnosticismo, sistema religioso dualista que incorporou elementos dos mistérios orientais, do judaísmo, do cristianismo e dos conceitos filosófico-religiosos dos gregos, é um típico resultado de sincretismo. A fusão de culturas decorrente das conquistas de Alexandre o Grande (século IV a.C.) e seus sucessores e da criação do Império Romano resultaram em forte tendência ao sincretismo religioso. O cristianismo, mesmo sofrendo influências de outras religiões, quase sempre se manifestou contrário aos sincretismos. Mesmo o movimento liderado pelo teólogo alemão George Calixtus, no século XVII, com o fim de reunificar as igrejas protestantes, foi desencorajado pela ortodoxia cristã. O sincretismo prospera mais facilmente em religiões politeístas, que não resistem à ampliação do próprio panteão. Ocorre também em religiões a serviço de estados imperialistas que desenvolvem uma atitude de tolerância na relação com os povos submetidos. Tal foi o caso da antiga Roma, que trocava deuses com os povos vencidos para promover uma melhor aceitação de seu domínio. Outro fator favorável é a sólida estruturação cultural do povo dominado, que consegue, por meio da resistência, interferir nas instituições dominantes. É o caso dos antigos gregos, que introduziram a própria mitologia na religião romana. No Brasil, a palavra sincretismo designa particularmente a fusão do catolicismo com os cultos politeístas de origem africana. A umbanda é a típica religião sincrética afro-brasileira, e incorpora também elementos das religiões indígenas.
Síndrome	Conjunto de sintomas, insuficiente por si só para caracterizar uma doença.
Sínodo	Assembléia dos representantes da comunidade cristã, eleitos ou nomeados segundo vários critérios e convocados para consultas ou para tomar decisões. Instituição típica das igrejas cristãs.
Tarô	Sistema advinhatório oriundo do Egito antigo, há cerca de 2400 anos.

Bibliografia

1. **A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo. Edições Paulinas. 1993.
2. **Bíblia Nova Versão Internacional.** São Paulo. Editora Vida. 2000.
3. **Bíblia com Ajudas Adicionais.** São Paulo. Editora Alfalit. 1999.
4. **Bíblia de Estudo Pentecostal.** Estados Unidos. Editora CPAD. 1995.
5. **Bíblia de Referência Thompson.** São Paulo. Editora Vida. 1992.
6. **Bíblia Revisada de Acordo com os Melhores Textos em Hebraico e Grego.** Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, 1991.
7. **Bíblia Vida Nova .** São Paulo, Editora Vida Nova, 1982 .
8. **Bíblia SHEDD.** São Paulo, Editora Vida Nova, 1998 .
9. **Bíblia Viva.** São Paulo, Editora Mundo Cristão, 1994.
10. **Bíblia Comparada Multimídia** com as Bíblias NVI, NTLH, Viv a, RC, RA, RCFiel, Inglês KJV, Grego, Hebraico) do programa EasiSlides Brasil versão beta do site **www.easislides.com.br**.
11. **Bíblia Soft versão 3**. Publisoft Publicações Informatizadas.
12. **Bíblia On Line SBB** versão 1.0 e 2.0 - Sociedade Bíblica do Brasil.
13. **Logos Bible** Software version 1.6f - Logos Research Systems, Inc.
14. **Rainbow Study Bible For Windows** version 1.0 - Rainbow Studies, Inc.
15. **Bible Compton's New Media**.
16. **Bíblia Interativa em CD-Rom da Editora Vida Nova**.
17. **Bíblia Mundo Bíblico** da Igreja Adventista.
18. Foi consultado muitas **Bíblias Informatizadas** (ao todo mais de 60 versões diferentes de Bíblias em várias línguas e mais de 2.000 fotos, algumas delas apresentadas neste livro e outras disponível no **DVD A Bíblia do Reino**).
19. **Enciclopédia Eletrônica Barsa**, ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., São Paulo, 1998.
20. *Boyer, O. S.* **Pequena Enciclopédia Bíblica.** São Paulo/SP. Editora Vida. 1978. 21ª Edição - 1994.
21. *Buckland, A. R & William s, Lukyn.* **Dicionário Bíblico Universal.** Flórida, EUA. Editora Vida. 1981. 8ª Edição, 1994.
22. *Davidson, F.* **O Novo Comentário da Bíblia.** Londres/Inglaterra, 1953. Edições Vida Nova.
23. *Davis, John D.* **Dicionário da Bíblia.** Tradução do Rev. J. R. Carvalho Braga. 9 ª edição. Rio de Janeiro. Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), 1983.
24. **CD-ROM da revista SuperInteressante, 10 anos de revista,** São Paulo, Editora Abril, 1997.
25. **Enciclopédias Eletrônicas Abril 1997,** Editora Abril, e as enciclopédias americanas **Grolier e Compton's**.
26. Site www.teologiapelainternet.com.br/ebooks com mais de 2000 livros.

27. Abraão de Almeida. **Babilônia, Ontem e Hoje**. Editora CPAD. Rio de Janeiro (RJ), 1984.
28. Caio Fábio D'Araújo Filho. **Espiritismo Segundo o Evangelho**. Editora Abba Press Editora e Divulgadora Cultural Ltda. São Paulo (SP).
29. Caio Fábio D'Araújo Filho. **Nos Bastidores dos Espíritos**. 83 páginas. Editora Betânia S/C. Belo Horizonte (MG).
30. Dave Breese. **Conheça as Marcas das Seitas.** Editora Fiel. São José dos Campos (SP).
31. Dr. Jeffrey Satinover. **A Verdade Por Trás do Código da Bíblia.** Editora Pensamento. São Paulo (SP), 1997.
32. Earle E. Cairns. **O Cristianismo Através dos Séculos.** Editora Vida Nova. São Paulo (SP), 1992.
33. Instituto Cristão de Pesquisas. **Revista Ano 2 N. 1. Defesa da Fé.** ICP. Jundiaí (SP), 1998.
34. Josh McDowell e Don Stewart. **Entendendo as Religiões Não Cristãs.** Editora Candeia. São Paulo (SP), 1992.
35. Josh McDowell e Don Stewart. **Entendendo as Religiões Seculares.** Editora Candeia. São Paulo (SP), 1993.
36. Marco André. **Nova Era O que é? De onde Vem? O que Pretende?** Editora Betânia. Venda Nova (MG), 1992.
37. Michael Drosnin. **O Código da Bíblia.** Editora Cultriz. São Paulo (SP), 1997.
38. Natanael Rinaldi, Paulo Romeiro. **Desmascarando as Seitas.** Editora CPAD, 1996, Rio de Janeiro (RJ).
39. Nelson Agnoletto. **Caminhos Tortuosos.** São Paulo. Editora Quadrangular. 1995.
40. Neuza Itioka. **Os Deuses da Umbanda.** ABU Editora. São Paulo (SP), 1990.
41. Paulo Romeiro. **Evangélicos em Crise.** São Paulo.Mundo Cristão. 1995.
42. **Revista Seitas e Heresias.** Editora Quadrangular. São Paulo (SP).
43. Russeil Chandler. **Compreendendo a Nova Era.** Los Angeles Times. Editora Bom Pastor. São Paulo (SP), 1993.
44. S.V. Milton. **Os Perigos Ocultos da Nova Era.** Paranavaí (PR). Editora S.V. Milton. Nov/1992.
45. S.V. Milton. **Os Símbolos da Nova Era.** Editora SV Milton. Paranavaí (PR), 1993.
46. Tim Dowley - Editor. **Atlas Vida Nova.** Editora Vida Nova. São Paulo (SP), 1998.
47. Walter Martin**. O Império das Seitas, vols 1 a 4.** Editora Betânia. Venda Nova (MG), 1992.

Coleção A Bíblia do Reino

Seitas e Religiões

Livro 14

Combater a falsa religião, não é necessariamente combater o ser humano, pois por mais mundano que venha ser, o homem é digno de respeito e amor (João 3:16).

O que nós não podemos aceitar são as práticas que os mesmos executam.

O próprio Jesus combatia as falsas religiões, os conceitos errados e os costumes falhos: *Mt 16:6 - "Vede, acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus".*

E Jesus alerta-nos como alertou a eles: *Mt 22:29 - "Errais, não conhecendo as escrituras nem o poder de Deus".* O homem muitas vezes, faz seu próprio conceito sobre determinado assunto e se diz "ILUMINADO".

Jesus odiava as falsas doutrinas. Pois não serviam para salvação, nem para edificação, e ainda colocam o homem na mais completa perdição.

O homem criou um caminho e perdeu-se nele, caminho que Deus jamais percorrerá, pois os caminhos de Deus são diferentes dos caminhos da humanidade (Isaías 55:8).

Grande parte das epístolas de Paulo tratam de doutrinas Bíblicas, que vinham sendo substituídas por conceitos humanos, por práticas fraudulentas e falsos mandamentos, não levando em conta, nem em consideração o plano e o propósito de Deus.

Sobre o Autor



Reverendo Edson de Almeida e Franzen

Com a graça de Deus tem utilizado nas Igrejas sua experiência de Engenheiro, Professor e Consultor de Informática.

Edson de Almeida e Franzen, nascido em 1960, é casado com Sandra Regina Lacerda Franzen, pai de Felipe, Ricardo, Heinz Eduardo e Sara. Edson é professor desde 1978, engenheiro agrônomo e pastor auxiliar em tempo integral desde 1995.

O professor Edson Franzen tem dedicado sua vida a escrever e ao ensino, acreditando ser este o caminho da libertação espiritual e material das pessoas. É webminister da Igreja Virtual Evangélica - **www.nbz.com.br/igrejavirtual** e criador do site **www.teologiapelainternet.com.br**.

Atividades Profissionais - Resumo

- Engenheiro Agrônomo desde 1985, formado pela UFPr.
- Pós Graduado em Processamento de Dados em 1990 pelo Instituto SPEI de Curitiba.
- Formado em Teologia pelo Instituto Teológico Quadrangular de Curitiba (PR) em 1978 e 1982.
- Analista de Sistemas, Programador Sênior, Webmaster e criador da loja virtual : **www.nbz.com.br/loja**.
- Atua na Informática desde 1985. É consultor sênior.
- Como consultor atuou em mais de 35 empresas.
- Pastor Auxiliar em tempo integral desde 1995.
- Ministro do Evangelho desde o ano 2000.
- Especialista em Marketing Empresarial e Político.
- Proprietário da **Net Brazil** Soluções de Internet: **www.nbz.com.br** e do site de sistemas para as igrejas **www.easislides.com.br**.
- Ex-professor da Faculdade de Plácido e Silva (Microinformática e Administração de CPD), do Colégio SPEI (Microinformática e Linguagens de Programação), de outros colégios e cursos livres, inclusive do SENAC e do curso de suplência de Informática no colégio OPET (Banco de dados, Lógica, Fundamentos).
- Ministra cursos teológicos, cursos agroecológicos, cursos administrativos e de Informática.
- Escritor e editor alternativo de revistas, jornais e livros, onde já escreveu e/ou editou 36 livros e dezenas de apostilas, revistas e jornais em vários municípios, veja em: **www.litoral.inf.br** e **www.cerroazul.tur.br**.

Email: webminister@nbz.com.br
Skype: edsonfranzen
FaceBook, MySpace e Orkut:
- procure por Edson Franzen
Fone Tim: (41) 9634-4435
Fone Oi BrT: (41) 8486-2264

TEOLOGIA PELA INTERNET

www.teologiapelainternet.com.br

Coleção A Bíblia do Reino

Curso: Formação de Liderança e Ministério Cristão - FLMC